Huélinton Cassiano Riva

Proposta de dicionário Onomasiológico de Expressões Idiomáticas

1910001338

HUÉLINTON CASSIANO RIVA

PROPOSTA DE DICIONÁRIO ONOMASIOLÓGICO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Análise Lingüística)

Orientadora: Prof ª Dr ª Claudia Maria Xatara

São José do Rio Preto

2004

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP
BIBLIOTECA
S. J. Rio Preto

T. 4338/05

80106005

f413
R616p

04/03/2005
Doação
R$ 32,00
Autor(a)
076/2005
52/05

Riva, Huélinton Cassiano.
Proposta de dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas / Huélinton Cassiano Riva – São José do Rio Preto : [s.n.], 2004
188 f. ; 30 cm.

Orientador: Claudia Maria Xatara

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Lexicografia. 2. Fraseologia. 3. Expressões idiomáticas. 4. Onomasiologia. I. Xatara, Claudia Maria. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'374

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof ª Dr ª Claudia Maria Xatara

Prof ª Dr ª Claudia Zavaglia

Prof ª Dr ª Eliane Roncolatto

Suplentes

Prof ª Dr ª Marilei Amadeu Sabino

Prof Dr Oto Araújo Vale

A minha mãe Cleuza
e a meu pai Heládio *(in memoriam)*

AGRADECIMENTO

A Deus, pela imensidão de seu amor.

A minha querida mãe Cleuza que, além de ter me trazido à vida e me ensinado a dar os primeiros passos, ainda hoje procura me indicar que os melhores caminhos são aqueles que podem me levar à felicidade.

Ao meu pai Heládio, eterno exemplo de coragem, força, inteligência e obstinação.

A minha orientadora, Prof ª Dr ª Claudia Xatara, por ter puxado minhas orelhas quando necessário, por ter passado a mão em minha cabeça nos momentos de fraqueza e, em especial, por ter estendido a mão quando precisei.

A minha família e aos meus verdadeiros amigos, que sempre me entenderam e incentivaram.

À Prof ª Dr ª Claudia Zavaglia, por sua contribuição, desde o início de minha graduação até o degrau que alcanço com esse trabalho.

À Prof ª Dr ª Eliane Roncolatto, por sua valiosa colaboração no III Seminário de Estudos Lingüísticos e na defesa da dissertação.

À Prof ª Dr ª Marilei Amadeu Sabino, pelo auxílio no Exame de Qualificação, especialmente por suas indicações para a melhor finalização do meu trabalho.

À Prof ª Dr ª Rosa Maria da Silva, por chamar minha atenção para os detalhes a serem esmiuçados na conclusão adequada de minha pesquisa.

Ao Prof º Dr º Francisco da Silva Borba, por autorizar o uso do Laboratório de Lexicografia da Unesp de Araraquara, imprescindível para esta pesquisa .

À FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo, pelo financiamento do projeto.

Os limites de minha linguagem
são os limites do meu mundo.

Ludwig Wittgenstein
(DUALIBI, p.122)

Definir é cercar com um muro de palavras
um terreno baldio de idéias.

Samuel Butler
(DUALIBI, p.127)

SUMÁRIO

Resumo 08

0. Introdução 09

1. As expressões idiomáticas 12

1.1. Considerações acerca da Fraseologia 12
1.2. Conceituação de expressão idiomática 16
1.2.1. Conotação 16
1.2.2. Cristalização 19
1.2.3. Indecomponibilidade 21
1.3. Tipologia das expressões idiomáticas 24
1.3.1. Natureza estrutural 25
1.3.2. Casos especiais 25

2. Os dicionários 28

2.1. Os dicionários de língua monolíngües 30
2.2. Os dicionários de língua bilíngües 31
2.3. Os dicionários especiais monolíngües ou bilíngües 33
2.3.1. Os dicionários históricos 34
2.3.2. Os dicionários terminológicos 34
2.3.3. Os dicionários onomasiológicos 35

3. A onomasiologia 39

4. Material e métodos 46

4.1. Organização macro e microestrutural 46

4.1.1. Macroestrutura 47
4.1.2. Microestrutura 48
4.2. Levantamento dos idiomatismos e respectivos conceitos 52
4.3. Homogeneização dos conceitos 54
4.4. Relações de significação dos dez pares de conceitos 56
4.5. Concordâncias em córpus eletrônicos 59
4.6. O Laboratório de Lexicografia da UNESP 60
4.7. Procedimentos de busca 62
4.8. Concordâncias na Internet 65

5. Protótipo de dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas 68

amor x ódio 69
beleza x feiúra 74
confiança x traição 80
conhecimento x ignorância 86
coragem x medo 95
felicidade x infortúnio 100
rapidez x lentidão 107
riqueza x pobreza 115
serenidade x agressividade 124
sucesso x fracasso 141

6. Análise dos resultados 148

6.1. A importância das concordâncias para a significação dos idiomatismos 148
6.2. A tipologia textual das concordâncias selecionadas 149
6.3. Aspectos pragmáticos dos idiomatismos 151
6.4. Elementos recorrentes na constituição dos idiomatismos 152

7. Considerações Finais 160

Referências bibliográficas 161

Referências bibliográficas das concordâncias 164

Bibliografia 174

Fontes do *PIP* 177

Anexo 180

Abstract 188

RESUMO

Neste trabalho, propomo-nos a contribuir com os estudos fraseológicos, apresentando um modelo de dicionário de expressões idiomáticas (EIs) do português do Brasil sob uma perspectiva onomasiológica, uma vez que já existem no mercado obras lexicográficas que dão tratamento semasiológico às EIs, inventariando o maior número possível de idiomatismos, tão abundantes na língua oral e escrita. Julgamos, pois, importante indicar as relações analógicas ou sinonímicas existentes entre os diferentes idiomatismos que se referem a um mesmo conceito. Assim, decidimos selecionar os vinte conceitos mais produtivos em português, do ponto de vista fraseológico. Tais conceitos foram, ainda, dispostos dicotomicamente, a saber: 1. amor / ódio; 2. beleza / feiúra; 3. confiança / traição; 4. conhecimento / ignorância; 5. coragem / medo; 6. felicidade / infortúnio; 7. rapidez / lentidão; 8. riqueza / pobreza; 9. serenidade / agressividade; 10. sucesso / fracasso. E pudemos observar que, embora muitas expressões relacionadas a um mesmo conceito sejam basicamente sinônimas, as EIs possuem nuanças diferenciadoras que regem o seu uso. Esse dado foi demonstrado por meio de concordâncias extraídas de córpus eletrônicos, sobretudo com a finalidade de elucidar a informação apresentada na definição que propusemos para cada EI, legitimando-a.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicologia, Fraseologia, idiomatismo, onomasiologia.

INTRODUÇÃO

Entendemos a Fraseologia como a ciência que estuda um conjunto de unidades lexicais, sejam lexias simples, sejam complexas, com particularidades expressivas. Porém, dentre todas as construções fraseológicas possíveis, analisaremos apenas as expressões idiomáticas (EIs).

Optamos pelo estudo das expressões idiomáticas, ou idiomatismos, para darmos continuidade às nossas pesquisas anteriores, feitas durante a graduação, e por percebermos que se trata de um tema que admite inúmeros desdobramentos no que concerne à sua organização em obras lexicográficas ou nas relações que as EIs estabelecem entre si.

Podemos ressaltar ainda que as EIs estão no grupo das lexias complexas mais empregadas na linguagem cotidiana. Para os brasileiros, especificamente, as dificuldades no uso dos idiomatismos se concentram nas diferenças lingüísticas regionais, pois diferentes estados da federação podem apresentar grande número de variantes, seja na comunicação, seja no ensino ou na aprendizagem do português. Para o estrangeiro, ou mesmo para as crianças no início da aprendizagem da própria língua materna, o maior problema está na dificuldade de decodificar o sentido conotativo da EI.

Nossa opção foi utilizar o percurso onomasiológico para propor um dicionário especial de idiomatismos da língua portuguesa, porque julgamos importante apresentar as relações existentes entre as diferentes expressões que se referem a um mesmo conceito ou as relações de sinonímia existentes entre elas.

Esclarecemos que o ponto de partida para a pesquisa dessas EIs foi o *PIP*, *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões* (XATARA e OLIVEIRA, 2002), que traz aproximadamente 6.900 idiomatismos do português traduzidos para o francês.

Primeiramente, contudo, foi preciso um embasamento teórico em três áreas: Lexicografia, Lexicologia e Fraseologia. No que diz respeito à Lexicografia, as EIs podem ser um importante objeto a ser discutido por poderem constituir um tipo de dicionário especial. No que concerne à Lexicologia, vemos que os idiomatismos são abordados em questões relativas às unidades lexicais de uso comum e freqüente. No caso da Fraseologia, a área que estuda a grande diversidade das combinações de palavras, dentre as quais se destacam os idiomatismos.

Nosso trabalho divide-se em três capítulos teóricos, um referente à metodologia, um que consiste no dicionário proposto e um que contém a análise dos resultados obtidos na pesquisa, além das considerações finais.

No capítulo 1, tratamos, *a priori*, dos fundamentos da Fraseologia. Em seguida, baseados nesses estudos, definimos os critérios que norteiam a caracterização e identificação das EIs, como a conotação, cristalização e indecomponibilidade, e apresentamos também a tipologia das EIs, mais especificamente as características concernentes à sua natureza estrutural e alguns casos especiais.

Para iniciarmos o capítulo 2, tratamos de alguns pontos sobre a Lexicografia, a Lexicologia e o léxico, seguidos de comentários sobre a tipologia das obras lexicográficas, sobretudo destacando sua implicação com os idiomatismos e nossa proposta de um dicionário especial onomasiológico.

A onomasiologia, cerne do exercício lexicográfico a que nos propomos, constitui as preocupações do capítulo 3, em que mostramos a diferença existente entre a organização de um dicionário semasiológico e de uma obra onomasiológica. Demonstramos, então, que o percurso que escolhemos é útil por disponibilizar ao consulente, seja ele um consulente comum à procura dos significados das expressões, seja ele um interessado em saber buscar as possíveis analogias entre EIs, as inter-relações existentes entre expressões consideradas sinônimas ou que dividem, ao menos em parte, o mesmo campo semântico.

No capítulo 4, procuramos detalhar como são apresentados os idiomatismos em nosso protótipo de dicionário, no que concerne à organização da macro e da microestrutura. Em seguida, estabelecemos os conceitos aos quais cada idiomatismo inventariado pelo *PIP* se refere, chegando, após uma homogeneização, a 1.100 conceitos.

A fim de bem delimitar o campo desta pesquisa, decidimos selecionar apenas 10 pares de conceitos priorizando sua abrangência, ou seja, trata-se de pares de conceitos que reportam uma grande quantidade de idiomatismos. Os conceitos, considerados mais abrangentes são: 1. amor / ódio; 2. beleza / feiúra; 3. confiança / traição; 4. conhecimento / ignorância; 5. coragem / medo; 6. felicidade / infortúnio; 7. rapidez / lentidão; 8. riqueza / pobreza; 9. serenidade / agressividade; 10. sucesso / fracasso;

Ainda neste mesmo capítulo discorremos sobre as relações de significação existentes entre os pares de conceitos alistados, fundamentadas em concordâncias coletadas

em córpus[1] eletrônicos da base de dados do Laboratório de Lexicografia da Unesp de Araraquara e da Internet. O capítulo 5 consiste nos resultados do modelo de dicionário propriamente dito, com um conjunto de EIs dispostas onomasiologicamente, definidas e contextualizadas. Trata-se, portanto, do resultado final que perseguimos como objetivo primordial e que oferece os elementos para a análise lexicológica realizada no último capítulo.

No capítulo 6, portanto, relatamos nossas observações sobre a importância das concordâncias para se esclarecer a significação dos idiomatismos, a tipologia textual das concordâncias selecionadas e os aspectos pragmáticos dos idiomatismos.

Finalmente, pudemos concluir que, além de pertinente e relevante considerar as EIs por meio da onomasiologia, a empreitada é de fato cientificamente factível e a contribuição aos usuários, gratificante.

[1] Nossa escolha pela forma aportuguesada 'córpus' (singular e plural), em detrimento do latinismo '*corpus*' (singular) e '*corpora*' (plural), tem respaldo na opção por essa variante defendida por lingüistas consagrados, presentes no III Encontro de Corpora realizado na Unicamp, em novembro de 2003, como Francisco Borba (Unesp), Stella Tagnin (FFLCH, Usp) e Charlotte Galves (Unicamp) etc., e também pela computóloga Sandra Aluísio (ICMC, Usp/São Carlos) [Conferir em: http:www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb].

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

1. As Expressões Idiomáticas

É importante, primeiramente, delimitarmos a unidade lexical de que vamos tratar, as expressões idiomáticas (EIs) ou idiomatismos. Para tanto, reconhecemos sua natureza como um determinado tipo de lexia complexa resultante de uma combinação restrita, que se situa no universo lexical da língua geral e, em termos mais específicos, no universo dos fraseologismos. Propomos a seguir um detalhamento dessas observações iniciais.

1.1. Considerações acerca da Fraseologia

Como se sabe os estudos de Saussure foram publicados postumamente (SAUSSURE, 1970), mas ele já apontava para a existência de 'combinações não-livres', as quais foram chamadas de 'agrupamentos'. Tais sintagmas eram compostos por mais uma unidade consecutiva que estabeleciam um encadeamento de caráter linear. Esses sintagmas podiam corresponder a palavras, a grupos de palavras, a lexias complexas de qualquer dimensão ou espécie.

Bally (1961), por sua vez, relata as particularidades dessas combinações, dizendo que, para uma análise mais apurada da evolução de uma língua, é fundamental observarmos seu uso no cotidiano e seu modo de falar. Afirma ainda que é comum, na linguagem coloquial a presença de um grande número de expressões formadas por uma combinação estável, na qual uma decomposição semântica revela-se contrária ao pensamento lógico do falante. Assim, foi Bally quem primeiro atentou para a existência de expressões fixas e de combinação estável, fato que proporcionou uma maior e melhor delimitação dos objetos de estudo abarcados pela Fraseologia.

A fim de destinar um domínio dentro da Lexicologia, que se ocupasse especialmente de tais expressões, Bally (op. cit.) institui os primeiros passos da Fraseologia, subdividida em Fraseologia popular, para estudar os idiomatismos, gírias, provérbios e afins, e em Fraseologia técnico-científica, que agrupou as expressões terminológicas (XATARA, 1998).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Alvarez (2000) leva-nos a compreender a Fraseologia como um ramo da Lingüística que tem por objeto de estudo a análise de combinações de palavras que formam novas unidades lexicais ou que têm o caráter de expressões fixas.

Na verdade, ainda hoje o termo Fraseologia não é aceito consensualmente. Alguns lingüistas consideram unidades fraseológicas apenas os idiomatismos, como *deitar e rolar*, *pagar um mico* ou *viver no bem-bom*, ao passo que a maioria deles inclui nesse ramo da Lexicologia, os provérbios, como *Cuidado com o homem que não fala e com o cão que não ladra* ou *Vingança é um prato que se come frio,* as locuções, como *ainda assim* ou *desde que* e as gírias como *dar mancada* ou *tirar onda.*

Neste trabalho, entendemos Fraseologia como a ciência que estuda um conjunto de unidades lexicais, sejam lexias simples, sejam complexas, com particularidades expressivas. Porém, dentre todas as construções fraseológicas possíveis, analisaremos apenas as expressões idiomáticas (EIs).

Para Biderman (2001, p. 173), as EIs são combinatórias de lexemas que o uso consagrou numa determinada seqüência, ou seja, desconsiderando suas partes como unidades semânticas e cujo significado não se dá na simples somatória dessas partes. Os significados literais podem, em boa parte dos casos, ajudar a entender o significado conotativo da expressão. Não se deve, portanto, levar em consideração o sentido individual de cada parte constituinte de uma EI, porém é importante se atentar para os casos nos quais partes do idiomatismo direcionam seu uso.

A lexia complexa *rato de biblioteca,* por exemplo, refere-se àquele que faz uso freqüente de bibliotecas, pois o *rato*, 'animal roedor', é um animal que fica em lugares escondidos e que se aproveita desses locais para, silenciosamente, encontrar comida. Há, portanto, uma interpretação conotativa que considera a referência denotativa de parte da EI para alcançar o sentido metafórico buscado.

Não se trata apenas de um aglomerado de idiossincrasias lexicais, mas de combinações convencionais de relações sintático-semânticas regulares (CORBIN, 1983; TAGNIN, 1988). Há casos, por exemplo, de EIs que são cristalizadas no imperativo como *calma, Bete!* e que não podem ser modificadas. Assim como há EIs que são cristalizadas com o verbo no presente ou no passado, como em *a porta da rua é serventia da casa* ou *o gato comeu sua língua.* Constatamos, assim, que existem idiomatismos dos mais variados tipos e, por esse motivo, apresentamos mais à frente, no item 1.3., uma descrição tipológica de EIs

presentes na língua portuguesa do Brasil, no que concerne à sua natureza estrutural e em alguns casos peculiares.

De acordo com Tristá (1988), as EIs são, em sua maioria, combinações de palavras que, devido ao seu constante uso, perdem o sentido denotativo de cada um de seus termos constituintes e adquirem um sentido global conotativo. Há casos da coexistência de ambos os sentidos, ou seja, o denotativo e o conotativo, que serão identificados a partir do contexto em que estão inseridos.

O sentido conotativo é uma das características mais marcantes de um idiomatismo, por exemplo, quando se diz *pegar fogo*, pode-se entender a expressão tanto pelo seu sentido denotativo, ou seja, a descrição do fenômeno que consiste no desprendimento de calor e luz produzidos pela combustão, o ato de queimar, incendiar, como pelo conotativo, que se refere ao conceito 'agressividade' e significa causar estardalhaço, confusão; refere-se ao ato de discutir determinado assunto ou à troca de ofensas.

Segundo Tagnin (1989), a convencionalidade é definida como aquilo que é aceito de comum acordo e pelo uso e que pode ser encontrada em diversos níveis como o sintático, o semântico, o pragmático etc. Salienta ainda que, para um aprendiz que se preocupa com o conhecimento apenas das regras sintáticas e do léxico da língua, ater-se apenas a uma leitura composicional permitirá que ele só conheça parte do idioma, deixando de lado especialmente a idiomaticidade, um dos aspectos da convencionalidade.

Uma EI seria, pois, uma lexia complexa com sentido conotativo, cristalizada pela tradição cultural e que é indecomponível no que diz respeito às restritas possibilidades de substituição que podem ser feitas entre seus termos constituintes (XATARA, 1998).

Esclarecemos, ainda, que a opção pelo termo *lexia complexa* ao invés de 'palavra' foi feita porque este último é muito amplo e ambígüo em Lexicologia. E seguimos a definição de lexia dada por Greimas e Courtés (1979):

> unidades de conteúdo (...) que poderiam ser definidas, paradigmaticamente, por sua possibilidade de substituição interior de uma classe de lexemas dados (...) e sintagmaticamente, por sua espécie de recursividade léxica, podendo as unidades de nível hierarquicamente superior ser reproduzidas no nível lexemático. (p. 254)

Em análise realizada por Falcão (2002), constata-se, entretanto, que nem sempre lexias complexas, cristalizadas e indecomponíveis podem ser consideradas idiomatismos. Há expressões que, apesar de serem fixas e cristalizadas, não possuem sentido

conotativo e, por isso, não são idiomáticas. É o caso dos ditados ou das expressões terminológicas. Os ditados porque "apresentam elementos não-conotados em uma forma menos sentenciosa e menos elegante, referindo-se a casos da vida expressos a partir de 'impulsos afetivos'", por exemplo, *se queres cedo engordar, coma com fome e beba devagar* (p. 16, XATARA e OLIVEIRA, 2002). E as expressões terminológicas porque são fixas e indecomponíveis mas não têm sentido conotativo, como se pode observar na expressão, *sistema extrapiramidal*, que, de acordo com Houaiss (2001), é o nome dado ao conjunto das estruturas do sistema nervoso central que tomam parte no controle da postura do corpo e dos movimentos.

As EIs, por serem lexias complexas, são unidades funcionais significativas do discurso constituídas por seqüências estereotipadas de lexemas. Exemplo disso é a EI *viciado em trabalho*, que nada mais é do que a tradução do termo da língua inglesa *workaholic* e que equivale a um idiomatismo em nossa língua, em que o sentido conotativo de 'viciado', estereótipo daquele que faz uso abusivo de algo, é visto como algo ruim em nossa cultura. Há em 'viciado', portanto, um sentido conotativo determinado a partir da imagem que surgiu como resultado do processo de abstração da realidade na leitura da unidade.

Embora as línguas disponham de meios para expressar objetivamente os acontecimentos, os sentimentos, as idéias etc., as EIs originam-se da vontade do falante de comunicar experiências de maneira mais expressiva, por meio de combinatórias inusitadas. Quando o falante necessita ou deseja ser mais emotivo, ele busca na língua meios para apelar para os sentimentos do interlocutor a fim de persuadi-lo.

Quando o falante deseja despertar o cômico, o irônico, ou quando quer transmitir uma carga emotiva intensa de ódio ou felicidade, então as EIs são usadas como um recurso excelente. Por exemplo, para enfatizar um estado exacerbado de nervosismo, um falante pode optar pelo idiomatismo *espumar de raiva* em detrimento de sua paráfrase 'enervar-se', enfatizando, assim, a intensidade do sentimento de raiva que ele descreve. No caso de pretender ser irônico com seu interlocutor, um falante do português do Brasil pode utilizar a EI *falar a voz da verdade*, ao invés de simplesmente qualificar de 'presunçoso', aquele que se supõe melhor, mais bonito, superior ou mais inteligente.

Devido à grande quantidade de lexias complexas presentes em nossa língua e a minuciosidade e precisão que deve ter o empreendimento lexicográfico, convém aprofundar a conceituação de EI, o que faremos no próximo item.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

1.2. Conceituação de expressão idiomática

Para a realização de um dicionário de EIs procuramos, *a priori*, definir quais as lexias complexas que podem ser identificadas como idiomatismos e para isso, consideramos as seguintes características fundamentais: conotação, cristalização e indecomponibilidade. Todas essas características são intrínsecas à formação dos idiomatismos e, por isso, merecem detalhamento.

1.2.1. Conotação

Um idiomatismo aponta uma representação figurada da realidade, como um meio de caracterização pitoresca do que se pretende expressar. Assim, ainda que uma expressão também possa ser interpretada denotativamente, como é o caso de *quebrar o galho*, *abrir o olho, sujar as mãos,* haverá sempre a produção de um efeito especial, com a transferência do sentido denotativo para o conotativo.

Outros exemplos: *abrir a torneira* pode se relacionar ao conceito 'infortúnio', com o sentido de chorar, ou significar literalmente que um indivíduo *abriu a torneira*. O mesmo acontece com a EI *puxar o tapete*, pois é perfeitamente possível se referir, denotativamente, ao ato de puxar ou arrastar um tapete e, conotativamente, referir-se à 'traição'.

Podemos afirmar, pois, que para uma expressão poder ser considerada idiomática, seu significado dependerá dessa transferência de sentido para um âmbito semântico que não é o do objeto designado por ela. Por isso, de acordo com Pottier (1987), coexistem em uma EI ao menos dois empregos da mesma lexia, o que justifica seu sentido metafórico. Também para Greimas (1960), a cada segmento da cadeia lexemática, convenciona-se a atribuição de um significado segundo, ou pelo menos um primeiro nível de abstração, que constitui a transferência de significado de um lugar semântico a outro, sem que o significante sofra alteração.

Para Roncolatto (2001), "a conotação é, sem dúvida, uma característica primordial das expressões idiomáticas. (...) As expressões idiomáticas são frutos de um processo metafórico de criação." (p. 16 e 17)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Assim, se tomarmos a EI *dançar conforme a música*, não podemos apresentar seu significado partindo dos significados individuais de seus termos pois, se o fizermos, não teremos o sentido conotativo referente à expressão como um todo. 'Dançar' seria executar movimentos corporais de maneira ritmada, em geral, ao som de uma música; bailar (FERREIRA, 1999), e 'música' seria a arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido ou qualquer composição musical. Há ainda o sentido figurado, contemplado em Ferreira (op. cit.) que descreve música como qualquer conjunto de sons. Portanto, para a compreensão do idiomatismo desejado, é necessário haver o deslocamento, para um nível abstrato, da imagem a que se refere à EI.

Poderíamos apresentar, então, para a EI citada, o seguinte significado: adaptar-se à situação e às conveniências do momento, e seria suficientemente esclarecedor o seguinte contexto: "Estou ansioso para correr e está tudo preparado. Particularmente, eu também não queria que fosse mudada a data agora, mas temos que *dançar conforme a música*.", concordância que se refere ao primeiro adiamento do Campeonato Brasileiro de Rally e que foi retirada de um texto do site:

http://www3.chevrolet.com.br/portalgm/noticias/fev_04/noticias_1602_gm2.jsp

Xatara (1998) nos propõe uma subdivisão quanto ao grau de conotação de um idiomatismo, que é variável e que pode ser analisado com base na busca mais detalhada pelo significado de cada termo da EI e, em seguida, pelo significado dos termos em conjunto.

As EIs podem ser, portanto:

I) fortemente conotativas: nesse caso, a interpretação literal é pouco provável ou há uma conotação muito marcada por fatos históricos na etimologia do idiomatismo.

Em virtude da impossibilidade de concretização, na realidade extralingüística, da idéia transmitida pela EI, podemos dizer que o idiomatismo fortemente conotativo é aquele em que, devido ao seu alto grau de metaforização, há a impossibilidade de recuperação, ou criação, da imagem à qual ele se refere.

Em uma análise das partes constituintes da EI *filhote de cruz-credo*, por exemplo, não há reconstituição denotativa possível entre 'filhote' (natural, originário; cria de animal; filho pequeno ou muito novo) e 'cruz-credo' (oração cristã em latim que sintetiza os dogmas essenciais do catolicismo), embora 'cruz-credo' já conste nos principais dicionários de nossa língua, como uma das acepções do verbete *credo*, designando uma interjeição que exprima espanto ou aversão.

No caso da EI *jogar (lançar) pérolas aos porcos*, que faz, em seu uso atual, remissão direta ao conceito 'desperdício', o alto grau de metaforização deve-se ao seu significado original, cuja referência está na Bíblia (1962), mais especificamente no evangelho de São Mateus, capítulo 7, versículo 6: "Não dê aos cães o que é santo; *nem lanceis aos porcos as vossas pérolas*, para que não suceda que eles lhes ponham os pés em cima e, tornando-se contra vós, vos despedacem" (p. 1145).

Embora as EIs utilizadas na Bíblia, ou ao menos parte delas, possam em seu uso contemporâneo não aludem aos contextos da época ou às interpretações bíblicas, são consideradas fortemente conotativas por causa das referências às quais remetem e que podem ser percebidas em estudos mais detalhados das Sagradas Escrituras.

Na recuperação dessas metáforas não há consenso. No exemplo citado, há aqueles que dizem que 'pérolas' refere-se ao 'Reino dos Céus' e que 'porcos' refere-se aos 'judeus'. Em contrapartida, há historiadores que crêem que os 'porcos' seriam 'os romanos'. Podemos concluir que idiomatismos que se referem a metáforas advindas da Bíblia, mesmo que estas não sejam retomadas em seu uso contemporâneo, possuem uma conotação muito forte.

Como nos diz Aichele (2000):

> (...) o texto bíblico fornece elementos sobre a história, a linguagem, a retórica, o poder, como também, questões políticas (gênero, religião, raça, sexualidade, classe) que ocupam atualmente grande parte das discussões acadêmicas. (p. 12)

II) fracamente conotativas: nos casos em que a conotação da EI é construída pela soma entre componentes de significação denotativa, semanticamente presentes, e outros de significação conotativa.

É o que acontece com as lexias *custar os olhos da cara, rápido como um foguete* ou *viver de papo para o ar*, uma vez que se referem denotativamente a idéias de fato manifestadas nas expressões: temos respectivamente o sentido denotativo de 'custar', 'rápido' e 'viver', o que entretanto não anula o sentido conotativo dos complementos dessas três unidades léxicas.

Quanto à questão dos graus de conotação, Roncolatto (1996) e Alvarez (2000) preferem utilizar os termos *transparência* e *opacidade*. Para a primeira autora, a

idiomaticidade relaciona-se à opacidade da expressão, ou seja, uma unidade lexical é idiomática quando é fixa e não transparente. Para a segunda:

> Em português, como em outras línguas (...), os fraseologismos são unidades lexicais múltiplas que apresentam vários graus de transparência semântica que vão de uma maior transparência a uma total opacidade. (...) Desta forma, acredita-se que a proporção de termos opacos e transparentes, assim como a freqüência relativa das diferentes formas de motivação podem proporcionar valiosos critérios para a classificação dos termos nas línguas, aspecto esse esboçado por Saussure, que distinguiu dois gêneros de idiomatismos: o lexicológico onde predominam as palavras opacas, e o gramatical, que prefere os termos motivados. (p. 70)

1.2.2. Cristalização

O elenco de EIs de uma comunidade lingüística encontra-se em sua memória coletiva, em nível individual e social, como *modo de dizer* tradicional. E, para que uma lexia complexa possa, então, ser identificada como EI, é necessário que seu uso seja, ou tenha sido, freqüente por um considerável número de pessoas, processo este que denominamos 'cristalização'.

Considerando como lexicalização "a transformação de um sintagma constituído de morfemas livres em um sintagma fixo (ou lexia), comutável, do ponto de vista paradigmático, no interior de uma classe lexemática" (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p.254), podemos afirmar que a freqüência do emprego de uma EI pela comunidade de falantes é o fator responsável pelo processo de lexicalização de um idiomatismo (XATARA, 1998).

Concordamos assim com Rios (2004) que nos diz:

> (...) em um primeiro momento, podemos pensar que as conotações idiomáticas são criadas na fala. No entanto, nesse momento, elas são apenas uma realização do sistema como outra qualquer. Essas realizações no plano da fala só passarão a constituir EIs quando passarem para o plano da norma, isto é, quando passarem para o dizer tradicional, comum e constante da língua. Daí uma das características obrigatórias das EIs: sua cristalização. (p. 45)

Há uma consagração ou cristalização não apenas da forma do idiomatismo mas também de seu significado. Porém, são inúmeras as EIs que, consagradas em uma determinada forma, podem ter mais de um significado dentro de uma mesma comunidade



lingüística. É o caso da EI *botar pra fora* que, dependendo do contexto no qual está inserida, pode significar desabafar, expor a opinião, ou despedir alguém (SERRA E GURGEL, 1995).

Podem coexistir, ainda, significados diversos em comunidades lingüísticas diferentes nas quais se fala o mesmo idioma. É comum se observar esse caso nos idiomatismos que se originaram de gírias e que, por vezes, difundem-se com mais de um significado. São, portanto, considerados idiomatismos regionais quando não atingem o âmbito nacional. Enquanto *ser fim-de-festa* refere-se, em quase todo o Brasil, ao indivíduo que costuma sair de reuniões sociais ou festas apenas quando estas terminam, *sair no lixo* é a EI de mesmo sentido, utilizada apenas na Bahia (Cf. www.colpolmil.com.br/downloads/ pesquisa/portugues/trab_181.doc).

A consagração do uso de uma EI pela tradição cultural da comunidade lingüística em que ela se encontra é imprescindível para que o idiomatismo seja considerado como tal. Dessa forma, podemos afirmar que, ao menos em um primeiro nível de abstração, existe estabilidade na significação de uma EI.

Sobre a dinamicidade das EIs, Alvarez (2000) nos diz que,

> (...) as expressões idiomáticas refletem o lado dinâmico da língua, a sua adaptação constante às necessidades comunicacionais do momento, tanto que podem desaparecer logo depois de seu surgimento, se bem que muitas ficam e se incorporam ao inventário lexical da língua. (...) São precisamente as mudanças que ocorrem na ordem social que influem no envelhecimento dos fraseologismos que são quase sempre efêmeros (...) (p. 73)

A significação conotativa primária que se refere à EI *vestir o paletó de madeira* é 'morrer' e assim, podemos dizer que essa significação é fixa, pois não há a possibilidade de a expressão possuir o sentido metafórico que não o apresentado.

Em outras palavras, acreditamos que de fato os significados de qualquer que seja o item lexical não têm estabilidade ou fixidez diacrônicas, ou seja, na evolução semântica de uma língua, também as EIs podem mudar de significado, perder ou acrescentar significações. Sincronicamente esse fenômeno não ocorre. Os significados são convencionalizados socialmente e não individualmente.

Assim, podemos entender que, embora existam diversas EIs relacionadas ao conceito universal de morte, como, por exemplo, *bater as botas*, *dormir o sono eterno, passar dessa para uma melhor*, para essas não há possibilidade de outro emprego que não aquele

com o sentido de 'morrer', mesmo que as imagens que cada uma possui sobre a morte sejam particulares.

Para Xatara (1994),

> (...) o obscurecimento de seus elementos formadores manifesta a espessura simbólica e metafórica de uma linguagem que é condensada, presente por toda parte, embora discretamente. Nessa linguagem aflora o inconsciente, em que os significantes, desprovidos de seu sentido próprio, agem confusamente por sua própria conta. A EI é, assim, o lugar em que o discurso se faz língua, em que o social se faz símbolo. (p.129)

1.2.3. Indecomponibilidade

Podemos afirmar que as EIs constituem lexias complexas indecomponíveis, de distribuição única ou limitada, pois as partes que as constituem não se dissociam sem prejuízo na interpretação semântica, a qual, como já dissemos, não pode ser calculada com base nos significados individuais de seus componentes.

Para que certas lexias complexas possam ser consideradas idiomáticas, é necessário que elas constituam uma combinatória fechada, ou seja, que substituições por associação paradigmática somente ocorram em restritas possibilidades (Xatara, 1998). Exemplificando, a EI *achar-se o centro do universo* oferece algumas possibilidades de variação dos termos que a constitui, e que só são possíveis porque não comprometem o sentido conotativo do idiomatismo. Pode-se substituir o verbo 'achar-se' por 'sentir-se', dependendo do contexto em que se aplica a expressão; pode-se, ainda, substituir 'centro' por 'umbigo', e 'universo' por 'mundo'. Em todos esses casos não há perda no sentido da EI, ou seja, o da descrição do indivíduo que acredita ter maior importância que outros.

Nos casos de possíveis distribuições, há escalas de variabilidade que correspondem a graus de cristalização (XATARA, 1994). Depende desse grau de cristalização a possibilidade de esses elementos aceitarem variações, do tempo verbal e da modalidade de asserção (Ele *se fez de desentendido.* / *...vai se fazer de...*); do modo e da pessoa do verbo (É provável que ele *se faça de desentendido.* / Quando *nos fizermos de desentendidos...*); do artigo (Ela *armou o* [*um; maior*] *barraco.*); do possessivo (Não deixou de *jogar seu charme.* / Eu *joguei meu charme.*), além da inserção de advérbios (O negócio *não vai* [*muito*] *bem das pernas* / Antes da festa, ele [*já*] *estava* [*meio*] *alto.*); e permutas lexicais (Ele *é esperto como um esquilo* [*rato*; *serelepe*]).

Se por um lado é viável a inserção de alguns elementos em uma construção idiomática, sem prejuízos para seu sentido, principalmente nos casos em que apenas o eixo sintagmático muda e não há variação e comprometimento da idiomaticidade da expressão, por outro, essas variações podem ocorrer apenas com determinadas EIs, que são mais ou menos recorrentes dependendo da interferência de fatores extralingüísticos.

Mesmo em se tratando de EIs que apresentam o traço da indecomponibilidade, algumas variações podem ocorrer para atender a necessidades sintáticas que correspondem a adquações textuais e para atender a necessidades estilísticas. Ilustrando o primeiro caso, temos uma EI com variação do pronome possessivo (*jogar meu* [*seu*] *charme*), e o segundo caso, uma EI com demonstração de grande expressividade (*armar o maior barraco*).

Assim, há outras EIs que não admitem tais variações, como, por exemplo, *passar a faixa*, que não pode ter, entre seus termos, nem acréscimos, nem tampouco substituições, sem que acarrete prejuízo semântico para o entendimento da expressão. Se disséssemos: "O diretor não resistiu às pressões da oposição e *passou a faixa* verde e amarela", certamente causaríamos estranheza no ouvinte por termos acrescentado os adjetivos *verde* e *amarelo* ao idiomatismo. Nesse caso o significado da EI, que é deixar um cargo, ficaria seriamente comprometido, fato este que comprova que há indecomponibilidade e variações das EIs apenas em casos específicos e com determinadas partes constituites do idiomatismo.

Cabe acrescentar ainda, que é muito comum haver a ruptura da idiomaticidade com fins estilísticos e, nesse caso, as variações são aceitas quando permitem que o interlocutor compreenda, além do significado conotativo primeiro do idiomatismo, em que se observa seu núcleo semântico fixo, as alterações propositais que o levam a uma significação outra, também passível de ser captada pelos usuários da língua.

Essas alterações são largamente utilizadas pela imprensa e pela publicidade, tanto de caráter humorístico quanto dramático, com o intuito de chamar a atenção do interlocutor para, de alguma maneira, persuadi-lo.

A revista Veja, de 25 de junho de 2003, por exemplo, traz em sua reportagem de capa, o seguinte subtítulo "A vida fora do armário". Para que o leitor da revista compreenda a lexicalização distorcida, é necessário que ele saiba que a expressão *sair do armário* significa assumir a homossexualidade ou, mais precisamente, tornar pública sua orientação sexual. No caso, a revista disponibilizou ao leitor ainda um segundo subtítulo que

proporciona a compreensão do primeiro, que é o seguinte, "conflitos existenciais e desafios cotidianos dos que tiveram coragem de *assumir a homossexualidade*."

Embora não caiba aqui nos atermos aos reais propósitos da alteração do idiomatismo citado, podemos salientar que a opção por uma EI promoveu, como já dissemos, uma comunicação muito mais expressiva na descrição do tema central da reportagem e, além disso, possibilitou a utilização de uma gama maior de opções de recursos gráficos para o enriquecimento da matéria de capa. Foi usada, na capa, a imagem de uma fechadura, dando ao leitor a impressão de que ele está observando dois rapazes abraçados, pelo buraco da fechadura, ou seja, mostra-nos como é *a vida fora do armário* daqueles que assumiram ser homossexuais.

Em outra edição da revista Veja, de 22 de janeiro de 2003, vê-se a EI *ninguém quer largar o osso*. Embora, nesse caso, não tenha havido uma alteração do idiomatismo, observamos que não são poucos os casos em que as EIs são a opção para grandes matérias jornalísticas. Novamente a revista Veja disponibilizou aos leitores, como subtítulo, para a melhor compreensão do idiomatismo, uma paráfrase, "Os militares e juízes fazem pressão para *manter* aposentadorias *privilegiadas*."

Nota-se, como diz Alvarez (2000), que algumas variações fraseológicas podem 'violar' ou não o sentido da expressão, dependendo do caso. É bom atentarmos para que uma substituição ou inserção de um termo não comprometa o sentido geral do idiomatismo.

É impossível, pois, interpolarem-se, em uma EI de distribuição única, elementos que lhe são alheios, por exemplo, *cair do cavalo* [*branco*], *de pernas* [*torneadas*] *para o ar*, *com cara de quem comeu* [*muito*] *e não gostou* [*de nada*] etc.

Muitas vezes, por se tratar de modificações para a criação de trocadilhos ou expressões de caráter humorístico, não há comprometimento em sua significação, porém é necessário que, para se compreender esse segundo grau de dificuldade, conheçamos a EI na forma primitiva e original.

Se em uma propaganda de automóveis, por exemplo, tivéssemos o *slogan* "*não é preciso recarregar nunca a bateria*" só conseguiríamos entender o trocadilho se conhecêssemos tanto o sentido denotativo da expressão, o da necessidade de se recarregar ou trocar a bateria de um carro, quanto o seu sentido conotativo, o de recuperar a energia gasta. Portanto, embora a EI tenha sido deformada para tornar-se um *slogan*, não houve comprometimento do sentido conotativo.

Vemos, portanto, que a cristalização de uma EI na memória coletiva dos falantes de uma língua garante seu automatismo, mas isso não leva seu receptor a pensar em sua interpretação: é a criatividade do falante ou escritor a responsável para que o idiomatismo seja aplicado em um contexto claro que permita a compreensão de seu sentido idiomático.

Convém ressaltar, ainda, que os idiomatismos são estruturas que têm a verdade do discurso idiomático assegurada pelo seu saber implícito. Nem a situação, nem o contexto responsabilizam-se, individualmente, pelo estabelecimento de um significado outro que faz de uma expressão qualquer uma EI (ALVAREZ, 2000).

Por fim, o freqüente emprego dos idiomatismos evidencia que a linguagem coloquial é permeada por recursos imagéticos vindos da subjetividade, criatividade e herança cultural do homem. Prova disso é, por exemplo, a recente publicação do *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões francês-português / português-francês*, de Xatara e Oliveira (2002). Devido a sua ampla ocorrência no uso cotidiano da língua (fala, literatura, mídia etc.), é indispensável que se faça um estudo sistemático das construções e dos elementos lexicais constituintes dos idiomatismos. O desenvolvimento de abordagens morfossintáticas e semânticas desses fraseologismos permitirá, pois, dentre outras conquistas, alimentar programas computacionais que tratam do processamento da linguagem natural e da tradução automática.

Visto que os estudos fraseológicos vêm adquirindo cada vez mais importância, tanto do ponto de vista prático, no ensino/aprendizagem de línguas e elaboração de dicionários, como do teórico, na investigação das regras léxicas, semânticas e gramaticais concernentes a unidades lexicais dessa natureza, apresentamos, a seguir, uma análise tipológica dos idiomatismos considerando critérios correspondentes aos aspectos morfossintáticos e semânticos das EIs da língua portuguesa do Brasil.

1.3. Tipologia das expressões idiomáticas

Constatamos, como Xatara (1998), que as EIs agrupam-se por subtipos, seja por semelhanças estruturais, seja por identidade de relações semânticas.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

1.3.1. Natureza estrutural

No que concerne à natureza morfossintática, que ratifica o princípio da complexidade lexical, identificamos EIs verbais, nominais, adjetivas, adverbiais e frasais. Verifiquemos alguns exemplos dessas estruturas:

a) sintagmas verbais: *caçar encrenca*; *gelar até a alma*; *ser boa pinta* etc. E podem ocorrer EIs elípticas nas quais não se explicita um dos elementos do sintagma frasal: *saber (...) por alto* ou *tomar todas (...)*.

b) sintagmas nominais: *cabeça de bagre*; *lobo do mar* etc.

c) sintagmas de função adjetiva com ou sem construções paralelas: *altos e baixos* ou *de cara*, por exemplo.

d) sintagmas de função adverbial: *ser rápido e rasteiro* etc.

e) sintagmas frasais, em geral, exclamativos: *é a mesma história de sempre!; e eu com isso?* etc.

Na verdade, o mapeamento completo de todas as estruturas morfossintáticas dos idiomatismos, assim como de outras unidades fraseológicas, é imprescindível à elaboração de léxicos computacionais - segmento de grande interesse nas pesquisas lingüísticas da atualidade -, para que finalmente estes incluam as lexias complexas com maior abrangência (VALE, 2001).

1.3.2. Casos especiais

Consideramos, abaixo, alguns tipos de EIs em razão de sua alta freqüência no português do Brasil contemporâneo:

a) EIs alusivas

São aquelas em que há a necessidade de uma incursão de conhecimentos enciclopédicos para que se esclareça sua significação e o fato ou a personagem a que se refere o idiomatismo: *ser como São Tomé*, que se relaciona ao conceito de 'incredulidade', reporta-se ao acontecimento relatado na Bíblia (1962, Evangelho de São João, capítulo 20, versículos 24 e 25), quando São Tomé questiona a ressurreição de Jesus:

> 24 - Porém Tomé, um dos doze que se chama Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus; 25 - Disseram-lhe pois os outros discípulos: Nós vimos o Senhor. Mas ele lhes disse: Eu, se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos, e se não meter o meu dedo no lugar dos cravos, e se não meter minha mão no seu lado, não hei de crer. (p. 1272)

Esse mesmo fato gerou também a EI *ver pra crer*.

Outro exemplo de idiomatismo alusivo à Bíblia é *dar (levar, receber, ser como) beijo de* Judas. O apóstolo, cognominado Iscariote, identifica Jesus, em meio aos apóstolos e soldados, desferindo-lhe um beijo e indicando sua traição.

Há, entre outras referências na Bíblia (op. cit.), o evangelho de São Mateus, capítulo 26, versículos 47, 48 e 49:

> 47 - Estando ele ainda falando, eis que chega Judas, um dos doze, e com ele uma grande multidão de gente com espadas e varapaus, que eram os ministros enviados pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo; 48 - Ora o traidor tinha-lhes dado este sinal, dizendo: Aquele a quem eu *der um ósculo*, esse é que é: prendei-o; 49 - E chegando-se logo a Jesus lhe disse: Deus te salve, Mestre. E *deu-lhe um ósculo*. (p.1172)

b) EIs análogas

São as EIs aparentemente semelhantes, mas que possuem significações distintas: *pôr em dia*, que se refere ao ato 'confabular' ou 'fofocar' e *pôr em xeque*, referente ao conceito 'questionar'ou 'desafiar'.

c) EIs apreciativas

São, em geral, idiomatismos com sentido pejorativo. Exemplo, *parecer um robô*, EI que descreve justamente o oposto ao conceito 'agilidade'; *olho de peixe morto* é um

outro exemplo de EI com sentido depreciativo, pois se refere à feiúra ou à inexpressividade dos olhos de alguém.

d) EIs comparativas

São as EIs que têm como núcleo a comparação, tendo em sua estrutura propriedades adjetivas ou verbais e elementos comparativos: *belo como um príncipe*, que se refere ao conceito 'beleza', utilizando-se da imagem de 'príncipe' como ideal de beleza; ou *liso como sabonete*, que se relaciona à 'destreza', na referência à imagem da dificuldade de se prender um sabonete nas mãos.

e) EIs deformadas

É o caso de expressões que representam trocadilhos ou modificações. No português do Brasil há vários casos de deformação pelo uso, um exemplo disso é a EI *ficar ruço* que se refere a 'adversidade', 'complicação', 'raiva', mas que pode ser encontrada, em alguns dicionários, na forma *ficar russo (de raiva)*.

f) EIs hiperbólicas

São as EIs que apresentam valor expressivo e afetivo, geralmente absurdo e exagerado. Por exemplo, a EI *matar cachorro a grito* descreve, com exagero, a situação dificultosa em que um indivíduo se encontra. Observamos ainda no grupo das EIs hiperbólicas, a existências de idiomatismos de matrizes comparativas, porém de direções contrárias, como *a passos largos*, referente a 'rapidez', em contraposição à EI *a passos de tartaruga*, que se refere à 'lentidão'.

g) EIs irônicas

Trata-se de um dos efeitos de sentido da antífrase, procedimento expressivo determinado pelo contrário do que se diz. A EI *fino como sal grosso* é irônica porque descreve propositadamente a falta de bons-modos e de fineza. Essa modalidade de EI fica evidente principalmente pela presença da comparação que revela significado contrário.

h) EIs negativas

São as expressões usadas exclusivamente na forma negativa, sendo impossível passar para a afirmativa, como é o caso de *não acertar uma*, que se refere à falta de destreza, ou *não dar a mínima*, referente à falta de importância dada ou recebida por alguém a algo. Em ambas, não há possibilidade de uma inversão para uma asserção afirmativa.

i) EIs situacionais

São as EIs utilizadas em um contexto social determinado ou desencadeadas por uma situação específica, notadamente usadas em designações de ameaças ou provocações. Por exemplo, *é a vovozinha!*, usada no revide a uma provocação ou insulto.

Com base nas observações levantadas, no que diz respeito à conceituação de EI e à tipologia dos idiomatismos da língua portuguesa do Brasil, preocupar-nos-emos agora com a maneira como os lexicógrafos - descritores por excelência do léxico de uma língua - recortam e apresentam as EIs nos dicionários de português. Esse é o tema de nosso próximo capítulo.

2. Os Dicionários

A Lexicologia é o estudo científico do léxico na língua e a Lexicografia é a ciência que aborda a descrição do léxico nos dicionários. Porém, apesar da evidente diferença, há grande inter-relação entre esses dois ramos de pesquisa.

Cabe ao lexicólogo fornecer os instrumentos de análise do léxico para a constituição de dicionários. O lexicógrafo deve possuir uma concepção teórica do conjunto lexical sobre o qual trabalha para, assim, ter condições de poder selecionar o que pretende descrever. Um dicionário é representativo de uma língua, ou de uma parte específica dela e, portanto, nunca tratará do léxico total.

O léxico constitui-se em um tesouro de signos lingüísticos que registram o conhecimento de uma comunidade lingüística sobre o mundo. Portanto, as unidades lexicais alistadas em um dicionário são o testemunho real de uma dada cultura (BIDERMAN, 1992).

No entanto, ainda hoje o dicionário é visto na sociedade apenas como uma obra normativa e que prescreve regras lingüísticas a serem seguidas. Trata-se de um equívoco, porque uma obra lexicográfica tem essencialmente o papel de descrever e registrar o léxico, podendo ser utilizada como referência de uso.

O dicionário, de maneira geral, é um produto cultural destinado ao consumo. Devido à sua função social, Biderman (op.cit) defende que o dicionário deveria ser obrigatório sobretudo na escola, já que é importantíssimo se ampliar o vocabulário de qualquer pessoa, ou simplesmente oferecer-lhe recursos para a utilização adequada do vocabulário apreendido.

A lexicógrafa conclui que um dicionário é importante porque dá a chance a qualquer indivíduo de enriquecer o próprio vocabulário, estruturá-lo de maneira que possa estabelecer redes de significação que subjazem ao léxico de sua língua e, assim, dar a chance de que ele se aproprie do mais poderoso instrumento de poder, que é a língua.

A respeito de sua composição estrutural, de acordo com Silva (2002),

> (...) um dicionário é uma obra que tem uma arquitetura especial. Organiza-se, diferentemente dos outros textos, em estruturas verticais e horizontais. À estrutura vertical dá-se o nome de macroestrutura ou nomenclatura e a horizontal é denominada de microestrutura. (p. 30)

unesp

A seguir, apresentaremos alguns comentários sobre a tipologia das obras lexicográficas, sobretudo destacando sua implicação com os idiomatismos.

Em primeiro lugar, os *dicionários* considerados *padrão da língua* ou *dicionários de uso da língua* são os que englobam vários dicionários da língua geral, em sua maioria ordenados alfabética e semasiologicamente, tais como:

2.1. **Os dicionários de língua monolíngües**

Os *dicionários de língua monolíngües* (DLMs) são caracterizados por inventariar unidades pertencentes a uma mesma língua. O léxico total de uma língua, como já dissemos, jamais poderá ser estruturado em um dicionário, embora existam os *tesauros* cujo objetivo é aproximar-se dessa descrição totalizadora. É sempre preciso, pois, para os DLMs, selecionar as entradas, por critérios significativos, como, por exemplo a freqüência, para que a obra seja exeqüível.

Entre outras informações, um dicionário de língua se ocupa da descrição e do uso das palavras que constituem uma língua e, apesar disso, há a possibilidade de que se apresente nele informações enciclopédicas, já que o léxico é o responsável por registrar o conhecimento de mundo baseado em um enfoque essencialmente lingüístico.

Nos DLMs, é comum haver discussões sobre a inclusão ou não de novas lexias ou de novas acepções para as já existentes. O que ocorre é que muitos neologismos têm vida efêmera e podem cair em desuso muito antes do que se imagina. Há, porém, muitos casos em que eles passam a ser usados constantemente e que acabam por se tornar parte do léxico.

O que deve realmente ser alistado em um dicionário de língua? Apenas com uma análise mais apurada de cada neologismo poder-se-á especificar quais deles devem ser incluídos em um DLM. Critérios como freqüência e cristalização podem ser levados em conta.

Como há, obrigatoriamente, uma restrição no recorte que um dicionário de língua faz de seu léxico por diversas razões, até mesmo por normas e interesses editoriais, as unidades complexas, especialmente as conotativas, aparecem em maior quantidade e com maior precisão em dicionários especiais.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Nos DLMs os idiomatismos são incluídos em sua microestrutura e não em sua nomenclatura, por se tratar de uma obra que se preocupa essencialmente com a língua geral. É o caso do '*Houaiss*' (2001), no qual podemos encontrar um grande número de idiomatismos, mas não como entradas.

A busca por EI em DLMs deve ser feita, em geral, buscando-se por uma palavra-chave presente no idiomatismo. No verbete 'pão', por exemplo, encontramos tanto *pão dos anjos* como *pão da alma* referindo-se à eucaristia e outras EIs como *pão, pão, queijo, queijo*, que significa fazer algo sem rodeios ou subterfúgios, *a pão e laranja*, que significa estar na miséria, ou ainda, *tirar o pão da boca de (alguém)*, com sentido de privar dos meios de subsistência.

Pode-se constatar que, no caso do idiomatismo *a pão e laranja,* buscamos pela palavra-chave 'pão', pois, se buscássemos por 'laranja' não encontraríamos a EI já que ela possui duas palavras-chave e priorizou-se a primeira. É importante ressaltar ainda que, para se descrever o estado de miséria, o idiomatismo usado com mais freqüência na atualidade é *a pão e água.*

O mesmo problema ocorre com a EI *botar a boca no mundo* ou *no trombone,* que poderia fazer parte de ambos os verbetes de suas palavras-chave 'boca', 'mundo' ou 'trombone'. No '*Aurélio*' (1999) a EI está em 'boca' e não em 'mundo' ou 'trombone', o que dificulta ou atrasa a busca do consulente, como se pode constatar,

> (...) **Boca da noite.** O princípio da noite, o anoitecer. **Boca da serra.** *Bras., S.* Desfiladeiro ou garganta que dá acesso ao planalto. **Boca do sertão.** *Bras., SP.* Cidade ou simples povoado que antecede uma região desbravada. **Boca do estômago.** *Pop.* Parte externa e anterior do corpo, correspondente à cárdia. **À boca pequena.** Em voz baixa, às caladas, em surdina, em segredo. **Bater boca.** *Bras.* Discutir, altercar. **Botar a boca no mundo.** Dar gritos, gritar, bradar. **De boca.** Sem comprovação por escrito; oralmente. **De boca aberta.** Muito surpreendido, espantado, pasmado. (FERREIRA, p. 212)

2.2. **Os dicionários de língua bilíngües**

Os *dicionários de língua bilíngües* (DLBs) foram os primeiros objetos de trabalho da Lexicografia e surgiram no início da Renascença. Em nossa língua, o primeiro de que se teve notícia foi o Vocabulário alfabético latim-português, no século XII, por volta de

1170. É importante citarmos também a obra pioneira de Jerônimo Cardoso, de 1569/70, um dicionário latino-lusitano e lusitano-latino.

Esses dicionários normalmente recorrem à sinonímia interlingüística e podem ser: a) *unidirecionais*, ou seja, concebidos unicamente como dicionários de decodificação, o que revela uma utilização passiva do dicionário pelo usuário, levando o desconhecido ao conhecido; ou de codificação, o que representa a utilização ativa do dicionário, pois se parte de itens da língua-fonte para substituir seus equivalentes desconhecidos da língua-alvo; b) *bidirecionais*, quando o usuário pode se valer indiferentemente de quaisquer dessas funções.

No caso dos *unidirecionais*, encontram-se informações que podem sanar uma dúvida de maneira passiva, por exemplo, para um substantivo como *noite* poder-se-á encontrar, em francês, *temps qui s'écoule entre le coucher et le lever du soleil* ou seja, *período de tempo compreendido entre o pôr-do-sol e seu nascimento, no dia seguinte*. Também se encontram informações que representam a utilização ativa de um dicionário, ainda com o mesmo exemplo, o substantivo *noite*, poder-se-á encontrar o substantivo equivalente em francês *nuit*. No caso dos *bidirecionais* há as duas ocorrências ao mesmo tempo.

Os DLBs estabelecem, dentro do possível, uma relação de equivalência entre dois córpus de línguas diversas, sem organizar o universo semântico do idioma e sem dar acesso à significação. Quanto à obra de Azevedo (1988), mais especificamente, à sua direção português-francês, podemos constatar que, em muitos casos, não foram apresentadas informações de caráter semântico para elucidar também dúvidas quanto à significação da entrada, como, por exemplo, o caso do verbo *bailar*, em que se apresenta apenas o seu equivalente em língua estrangeira "*v. i.* [verbo intransitivo] *danser. // fig.* [figurado] *osciller, trembler. // v. t.*[verbo transitivo] *danser*".

Como não há completa superposição de áreas semânticas entre palavras de línguas diferentes, o usuário de um dicionário desse tipo deveria estar ciente de que, na maioria das vezes, um dos equivalentes contemplados equivale apenas em parte ao seu correspondente em outra língua. Quanto à direção francês-português da obra de Azevedo (1988), podemos constatar que para o verbo *danser* são apresentados muitos equivalentes como "*v.i.* [verbo intransitivo] *dançar. // por anal.*[por analogia] *dançar, pular, saltar // fig.* [figurado] *notre coeur danse de joie, o nosso coração palpita de alegria*". Embora saibamos que dançar, pular e saltar, dividam apenas parte de sua significação, em uma análise mais

precisa constatamos que o acréscimo de mais informações, além das referentes à equivalência, acabam complementando o sentido do verbete, pelo fato de haver, como já dissemos, casos em que ocorre o cruzamento parcial dos campos semânticos.

Ainda no DLB de Azevedo (1988), direção português-francês, podemos verificar a presença de muitas EIs e assim, encontrar, como parte da entrada *gato*, os idiomatismos *fazer gato e sapato de alguém* ou *passar como um gato sobre as brasas*. No entanto, a obra não apresenta a EI *como cão e gato*, ainda usada nos dias de hoje e que aparece no substantivo *chat* [gato] do mesmo DLB de Azevedo, na direção francês-português. A entrada *chat* é bem maior que a entrada *gato* e, por isso, apresenta maior número de acepções e de idiomatismos relativos a esse animal e que poderiam muito bem ser incluídos na direção português-francês.

Assim, um dicionário de língua bilíngüe ideal seria aquele que apresentasse o léxico de duas línguas com base em regras sintáticas (distribucionais e transformacionais), semânticas e pragmáticas (contextuais e situacionais).

2.3. **Os dicionários especiais monolíngües ou bilíngües**

E, por fim, falemos dos *dicionários especiais monolingües* (DEMs) ou *bilíngües* (DEBs), que lidam com um recorte especial e determinado da língua portuguesa. Há no mercado brasileiro muitas obras desse tipo publicadas, como é o caso do *Dicionário de gíria*, de Serra e Gurgel (1995) ou o *Dicionário de falsos cognatos*, de Xatara e Oliveira (1995).

Os dicionários especiais são dicionários de língua, tanto monolíngües quanto bilíngües, que apresentam unidades lexicais selecionadas por algumas de suas especificidades, e os dicionários de especialidade tratam de peculiaridades da língua abrangendo classificações técnicas e científicas e linguagens especiais (BOUTIN-QUESNEL, 1985).

Dentre todos os tipos de dicionários que abordamos, o objeto de nosso trabalho são os *dicionários monolíngües*, sejam os de língua geral, sejam os especiais, em verbetes em que ambos pretendem explicar uma linguagem 'especial' - os idiomatismos - com uma metalinguagem 'geral'.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Como, muitas vezes, os dicionários de língua geral não contemplam todas as especificidades da língua, é nos dicionários especiais que encontramos, de maneira mais completa, unidades lexicais especiais como provérbios, expressões idiomáticas, neologismos, gírias, falsos cognatos etc. É imprescindível, pois, o aperfeiçoamento dos estudos lexicológicos para que essas obras lexicográficas se enriqueçam e se desenvolvam de maneira mais científica.

2.3.1. **Os dicionários históricos**

Um dos tipos de DEM ou DEB é o *dicionário histórico* (DH), que pode ser monolíngüe ou bilíngüe, e se subdivide em vários tipos. Alguns se baseiam em vocabulários e em línguas determinadas em certa época histórica. São muito úteis na leitura de obras datadas e consagradas em épocas anteriores à nossa e também em pesquisas sobre etimologia, que se preocupam em buscar a origem das palavras.

Os DH são obras de referência que versam sobre a história das palavras de uma língua com base numa documentação que abarca todo o seu desenvolvimento.

2.3.2. **Os dicionários terminológicos**

Temos, ainda, os *dicionários terminológicos ou de especialidade* (DTs), que lidam com um vocabulário técnico específico de uma área. Atualmente eles se multiplicam cada vez mais devido à rápida e crescente especialização de certas áreas da ciência, bem como o acelerado processo de subdivisão dessas áreas. Na nomenclatura dos DTs, é muito freqüente nos depararmos com lexias complexas como entradas, mas se trata sempre de fraseologismos terminológicos.

Em uma obra como o *Dicionário de química* (BARBOSA, 2000), podemos encontrar expressões cristalizadas e fixas mas que são aplicáveis apenas em uma área específica, como a expressão *sistema com anéis condensados*, por exemplo, que em química significa a classe de compostos que contém dois ou mais anéis benzênicos ou como ocorre no *Dicionário de comunicação* (RABAÇA; BARBOSA, 1987) em que a expressão, *diretor de*



segunda unidade, não é idiomática por se tratar de uma expressão de um vocabulário específico e por possuir apenas o sentido denotativo:

> Diretor encarregado da realização de cenas de menor importância, nas quais, em geral, não há participação de atores. Essas cenas (paisagens, trânsito etc.) são geralmente utilizadas para dar *continuidade à trama*. Função exercida, comumente, pelo *diretor de fotografia* ou pelo *operador de câmera*. (p. 208)

Nesta pesquisa, não trataremos, entretanto, desse tipo de dicionário, cuja elaboração cabe ao terminólogo, ainda que muitas vezes os lexicógrafos voltem-se para a terminologia, assim como os tradutores. Estes, aliás, acabam se enveredando também para a produção de DLBs.

2.3.3. **Os dicionários onomasiológicos**

E, por fim, há os *dicionários onomasiológicos* (DO), também chamados de *dicionários ideológicos* ou *analógicos*. Desde a época do Renascimento, o tipo de ordenação das listas de palavras era alfabético, porém a organização das palavras-entrada pode seguir muitos outros critérios de classificação, contanto que haja coerência e uniformidade para que o trabalho seja passível de ser consultado com clareza.

O DO, ao invés de optar pela organização alfabética, é organizado onomasiologicamente, ou seja, pelos conceitos, de acordo com campos semânticos. Um bom exemplo desse tipo de dicionário é o *Dicionário analógico da língua portuguesa*, do Padre Carlos Spitzer (1936).

Há ainda obras mais atuais existentes no mercado, como é o caso do *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões* (XATARA e OLIVEIRA, 2002).

A perspectiva adotada pelas autoras para a apresentação da terceira parte do dicionário, a de 'palavrões', é onomasiológica pois, "os termos relacionados em cada campo léxico apresentam traços de semelhança entre si, embora possam pertencer a normas ou registros lingüísticos diferentes" (p. 275).

Há, na obra de Xatara e Oliveira, uma divisão dos 'palavrões' em oito campos léxicos erótico-obscenos: 1. *A relação sexual*; 2. *As fases da relação sexual*; 3. *Os parceiros*; 4. *Os órgãos genitais*; 5. *As principais zonas erógenas*; 6. *As posições*; 7. *Outras práticas*

sexuais; 8. *A prostituição* e uma subdivisão mais específica em cada um dos campos léxicos citados, como, por exemplo, no segundo campo, em que *As fases da relação sexual*, subdividem-se em *A excitação; O orgasmo; O coito interrompido; A impotência e a frigidez.*

Como há, no final da obra, um índice remissivo para a busca dos palavrões, pode-se, além de ter a dúvida sanada quanto à correspondência em francês ou em português, estabelecer as possíveis relações existentes entre uma palavra e outra. Ao buscarmos, no índice remissivo, pelo verbete 'volúpia', nos é indicado que este faz parte do campo *A excitação*, que faz parte do grupo *2. As fases da relação sexual*, e que se pode usar muitos outros termos para designar o mesmo ato, tanto em português, como no caso de *aceso, apetite sexual, a ponto de bala, aquecimento* etc., quanto em francês, *affriander un homme, affrioler, aiguillon de chair, aimer le cotillon* etc.

No *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa* (BIVAR, 1948) podemos observar a minuciosidade com que os coordenadores apresentam a obra, no que concerne à parte analógica do dicionário (segunda parte), logo na 'Nota dos Coordenadores' observa-se:

> Pela sua orgânica especial e pela extensão dos elementos que reúne, constitui este dicionário inteira novidade entre nós, e destina-se a preencher uma lacuna que desde há muito se faz sentir em Portugal. (...) Acentuamos, no entanto, que não houve da parte do autor a preocupação de apresentar uma sistematização filosófica ou científica, mas antes uma classificação prática, acessível ao maior número de pessoas e, por isso mesmo, de fácil compreensão. (p. XI)

Seguido à 'Nota dos Coordenadores', há um interessante modelo para a consulta tanto do dicionário analógico, não tão comum na época, quanto do dicionário geral,

> (...) Pretende-se conhecer a palavra que define *medo doentio de atravessar pontes*. a) No dicionário analógico ou no texto procura-se o capítulo "Sentimentos e Qualidade do Homem", e neste os grupos de *Medo* com os nº 4787 a 4794. Aí, correspondente ao nº 4792, há o grupo *Fobias* que, para *receio mórbido de atravessar pontes*, dá a palavra *gefirofobia*. b) No dicionário geral, a seguir à definição de qualquer palavra que designe *medo, fobia* ou idéia afim, encontra-se o nº 4792 ou outro muito próximo que permite chegar ao grupo das *fobias*. (p. XIII)

Nossa proposta de dicionário onomasiológico de EIs consiste em um recorte do léxico da língua portuguesa, pois optamos por levantar apenas os idiomatismos que serão

agrupados por conceitos e oferecerão ao leitor uma busca que inter-relaciona as expressões consideradas sinônimas ou que dividem parte de sua significação.

3. A ONOMASIOLOGIA

De acordo com Babini (2001), o termo onomasiologia foi usado pela primeira vez por A. Zauner em um estudo, nas línguas românicas, dos nomes das partes do corpo humano. Babini (op. cit.) apresenta o verbete de Vittorio Bertoldi, responsável pelos artigos concernentes à lingüística, sobre onomasiologia, constante da *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*, de 1935. Pela definição de Bertoldi, a onomasiologia é entendida como um aspecto particular de busca lingüística que, partindo de uma idéia determinada, examina os vários modos com os quais foi encontrada uma expressão na língua.

Baseado em Saussure (1970), Ullmann (1964) propôs o conhecido triângulo que relaciona a 'coisa', o 'sentido' e o 'nome'. No caso em que se considera a unidade lexical composta por forma e conteúdo, este esquema mostra que a significação liga o nome (a forma) ao conceito. O nome liga-se à coisa por meio do conceito. Há porém, o caminho inverso, em que a designação vai do conceito ao nome (à forma), ou seja, o conceito é designado por diferentes nomes (diferentes formas).

Esse triângulo de Ullmann (op. cit.), apresentado já há muitos anos atrás, permite-nos compreender, principalmente, a interdependência existente entre a semasiologia e a onomasiologia. A significação que parte da forma (nome) para chegar ao conceito e a designação que parte do conceito para chegar à forma (nome).

Sobre essa interdependência, Baldinger (1966) propõe que "a posição no campo semasiológico determina ao mesmo tempo a posição no campo onomasiológico" (p. 26) e, por isso, o ideal seria representá-la por dois triângulos diferentes, para ilustrar que um dicionário de estrutura partindo da forma alfabética e outro partindo do conceito têm sua importância e, por vezes, se complementam.

Posteriormente Heger (1965) criticou Baldinger (op. cit.) por ter mudado o sentido primário do triângulo de Ullmann (op. cit.) e propôs o também já conhecido trapézio, que tem a vantagem de não desfazer a unidade do signo lingüístico (conjunto de significações ligadas a um mesmo monema). Trata-se de uma nova apresentação geométrica que não altera os resultados das pesquisas realizadas até então.



Para Baldinger (1966),

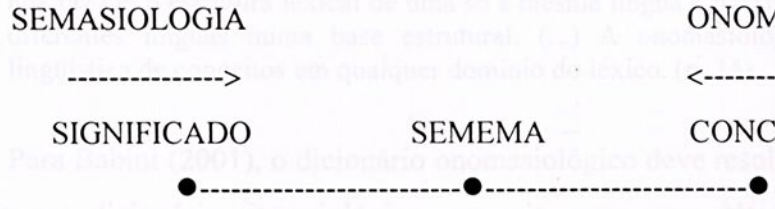
> A onomasiologia estuda igualmente uma estrutura, isto é, as posições recíprocas das diferentes designações e por isto reconhecemos, como no caso da estrutura semasiológica, um centro de um ou de diversos pólos com um campo objetivo, afetivo ou misto ao seu redor. (p. 26)

Esclarece, ainda, que:

> A estrutura semasiológica (ou campo semasiológico) define-se como um grupo de sememas (=significações) ligado a um só significado que, por sua vez, se liga por consubstancialidade quantitativa a um só monema (mas ligado freqüentemente a diferentes sistemas conceptuais). A estrutura onomasiológica (ou campo onomasiológico) define-se como um conjunto de sememas (=significações) ligado a um só conceito - que é determinado por sua posição num sistema conceptual - mas, fazendo parte de diferentes significados, ligados por consubstancialidade quantitativa a diferentes monemas. (p. 33)

Baldinger (op. cit.) explica que a estrutura onomasiológica, diferentemente da semasiológica, que é baseada na polissemia, baseia-se nas relações sinonímicas, pois adota a perspectiva daquele que fala, "daquele que deve escolher entre diferentes meios de expressão" (p. 30). Já a semasiologia prefere a perspectiva daquele que ouve, ou seja, o próprio interlocutor deve determinar, dentre todas as significações possíveis de uma unidade lexical, a que ele entende como resposta à sua dúvida.

Segundo o esquema de Heger (1965), o ponto de partida do percurso semasiológico é o significado de um monema (unidade mínima dotada de significado), enquanto que no percurso onomasiológico acontece o inverso, pois se parte dos conceitos ou semas para encontrar os diferentes monemas:



Pottier (1992) nos propõe um interessante modelo do processo gerativo da enunciação, segundo o qual o ponto de vista se situa no enunciador (ou emissor) na direção onomasiológica, em que se vai da intenção de dizer ao enunciado, ao contrário da direção semasiológica, que vai do enunciado à sua interpretação.

O enunciador tem, então, como ponto de partida o mundo referencial. Na medida em que intenciona dizer algo, ele começa a conceitualizar sua intenção. Essa conceitualização deve ser posta em signos por meio de um processo de semiotização. A essa passagem, da conceitualização à semiotização, o autor chama de fenômeno de designação, fenômenos nos quais se estabelecem relações entre o mundo referencial e os sistemas de línguas naturais. E a enunciação é, como se vê, a passagem das virtualidades da língua ao discurso realizado.

Sousa (1995) entende que a onomasiologia parte de uma noção, um objeto determinado, e se propõe a estudar comparativamente os caminhos que essa noção seguiu até chegar a uma palavra ou expressão. Processo semelhante ocorre quando lidamos com grupos homogêneos de noções (como partes do corpo, relações de parentesco, hierarquias militares etc.) presumindo que dentro de cada grupo, as mudanças de significação se produzam com freqüência e produzam certos caracteres comuns.

No que se refere ao dicionário onomasiológico, que parte de conceitos e de determinadas matérias para indicar o termo que corresponde a eles, em virtude das relações mútuas existentes entre esses conceitos, muitas vezes é denominado dicionário de conceitos, dicionário de matérias, dicionário analógico ou dicionário ideológico.

A onomasiologia refere-se a aspectos ligados à denominação, pois parte da idéia ao signo, e os estudos sobre a onomasiologia desenvolveram-se principalmente no domínio das línguas românicas. Nesses estudos, o ponto de partida era, geralmente, o latim, que serviu para definir as noções utilizadas para comparar as diferentes línguas românicas.

Acerca da produção de um dicionário onomasiológico, Baldinger (1966) nos diz,

> (...) a onomasiologia (em combinação com a evolução estrutural sobre o plano dos conceitos, sugerida sobretudo por Coseriu) que promete realmente resultados novos. Ela nos faz ver a estrutura lexical de uma só e mesma língua e possibilita a comparação entre diferentes línguas numa base estrutural. (...) A onomasiologia estuda a realização lingüística de conceitos em qualquer domínio do léxico. (p. 34)

Para Babini (2001), o dicionário onomasiológico deve resolver o problema inverso daquele de um dicionário semasiológico, ou seja, para uma idéia (noção ou conceito) conhecida, procura-se a unidade lexical ou termo que a exprima. Um dicionário onomasiológico, ou de perspectiva onomasiológica, é portanto, um repertório no qual se pode passar da idéia (noção ou conceito) à unidade lexical.

Embora os dicionários conceituais, como são os onomasiológicos, não sejam tão abundantes quanto os dicionários formais, há que se ressaltar que ocupam um lugar muito



importante no quadro dos repertórios lexicográficos, justamente por oferecerem informações de um viés oposto ao das obras semasiológicas.

Babini (2001) analisa o *Dictionnaire Onomasiologique des Langues Romanes* de Henry Vernay e mostra que o autor se propõe a elaborar um repertório lexical, comparando as diferentes línguas românicas de um ponto de vista sincrônico e utilizando-se de um método onomasiológico e não somente de um trabalho etimológico.

Segundo Babini (op. cit.), não há apenas um mecanismo para se elaborar uma obra de expressão onomasiológica, pois ele pode variar e assumir diferentes formas dependendo do repertório a ser tratado. Em outras palavras, no que diz respeito ao percurso que permite encontrar uma unidade lexical ou terminológica com base em seu conteúdo semântico (idéia ou noção), o autor afirma que há seis possibilidades de escolha e que também podem ser usadas simultaneamente: a) pelo sistema nocional ou plano de classificação das idéias (conceitos) apresentando-os no início das obras; b) pela classificação sistemática das entradas; c) pelo conteúdo semântico das entradas; d) pela sinonímia; e) pela antonímia; f) pela analogia.

No caso desta pesquisa, propusemos adotar um percurso que sistematize os idiomatismos por meio de um sistema nocional, já que adotamos um plano de classificação, com vistas a agrupar as EIs ao redor de dez pares de conceitos opostos entre si como, por exemplo, 'beleza' e 'feiúra', 'sucesso' e 'fracasso'. Somente após a seleção dos conceitos representados por um número significativo de idiomatismos, partimos para a organização do dicionário onomasiológico.

Assim, no nível na macroestrutura podemos constatar a freqüência de determinada unidade lexical e decidir sobre sua inserção ou não no dicionário. Dentro da microestrutura de um dicionário podemos encontrar, dependendo do tipo de obra que se está consultando, a transcrição fonética ou pronúncia, a etimologia, as propriedades sintáticas, as acepções, as restrições de uso, as colocações, entre outras.

Sempre que possível, tanto a macro quanto a microestrutura devem tentar abranger todos os percursos onomasiológicos apresentados anteriormente por Babini (op. cit.). Por isso, é preciso realizar um grande trabalho de sistematização do léxico de uma língua ou de um vocabulário de um determinado domínio.

A fim de analisarmos uma obra lexicográfica que revela o percurso onomasiológico, tomemos como exemplo o *Dicionário analógico da língua portuguesa*, do

Padre Carlos Spitzer, produzido em 1936. Constatamos que, embora tenha sido idealizado na primeira metade do século XX, houve uma grande preocupação quanto à coerência na apresentação das entradas, 688 no total, para que existisse uniformidade na obra que foi organizada analogicamente.

Para ratificar essa preocupação com a coerência na produção de um dicionário, Spitzer (1936) nos diz que:

> (...) é próprio do sábio e do filósofo abarcar os conceitos gerais duma multidão de coisas reduzindo tudo à mais rigorosa síntese, para logo, espraiando-se, selecionar e dividir, e tornar depois a agrupar as partes em torno das novas divisões, até esgotar todos os meios disponíveis e próprios para a realização do objetivo escolhido. (p. 7)

O autor da obra traz um interessante "Plano de Classificação" (p. 11), no qual apresenta "todo o vasto e complexo mundo das idéias, reduzindo-as e sintetizando-as no estreito âmbito das categorias filosóficas" (p. 7); em seguida reduz as seções em idéias gerais e finalmente agrupa as palavras e locuções de nossa língua.

Spitzer (op cit.) esclarece que se propôs a colecionar as palavras e locuções da língua, não as dicionarizando alfabeticamente, mas partindo das palavras para as idéias, associando-as pela ligação ideológica e partindo das idéias para as palavras e locuções. Acrescenta também que a obra teve a finalidade de apresentar "a palavra ou locução que se ignora ou que fugiu da memória e não dar a explicação ou sentido da palavra ou locução. Para esse fim existem os dicionários comuns." (p. 8)

Familiarizar-se com o "Plano de Classificação" (p. 11), da obra de Spitzer, facilita a pesquisa e faz com que o leitor assimile as associações existentes entre as seis classes apresentadas (I - Relações abstratas; II - Espaço; III - Matéria; IV - Faculdade cognoscitiva; V - Faculdade volitiva e VI - Faculdade afetiva), e os 688 subgrupos referentes a essas seis classes. O autor ainda subdivide os 688 subgrupos em substantivos (S.), adjetivos (A.), e verbos (V.) para que o consulente apresse sua consulta procurando também pela categoria gramatical.

Outro aspecto muito interessante da obra do Padre Carlos Spitzer é que, embora datada de 1936, abarca muitas EIs e as relaciona com os grupos e as classes apresentadas, mostrando-nos que o percurso onomasiológico é muito importante quando a dúvida não se restringe à busca de uma paráfrase ou de um sinônimo.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Por exemplo, as EIs *ser da mesma farinha* (atualmente *ser farinha do mesmo saco* tem maior freqüência), *ser pau da mesma ginjeijra,* ou *ser da mesma panelinha* estão dentro da categoria *verbo* (V), dentro da subdivisão *Igualdade na espécie* (15), que integra a *Seção II* (Relação), que faz parte da *Classe I,* a de *Palavras que exprimem relações abstratas*. (p. 13)

É importante observar, contudo, que essa obra pode não apresentar determinada EI como é usada nos dias de hoje, mas trata-se de um inventário feito de maneira muito apurada e moderna para seu tempo.

Assim, o consulente que procurava sanar sua dúvida acerca do significado da EI *ser da mesma farinha* ainda encontrava outras EIs equivalentes e fazia a escolha quanto à melhor significação da expressão, com sinônimos apresentados também na subdivisão *Igualdade de espécie*. Observe-se como foram apresentadas as EIs citadas no dicionário em questão:

> 15. **Igualdade na espécie - S.** (substantivo) igualdade, uniformidade, conformidade, homogeneidade, homologia, concordância, consonância, harmonia; **V.** (verbo) concordar, harmonizar-se, convir, conformar, igualar, homologar, *são da mesma panelinha*, *são paus da mesma ginjeira*, estar parelho, fazer parelha, correr parelhas, emparelhar, *ser da mesma farinha*, espécie, casta, raça; **A.** conformidade, igual, uniforme, homogêneo, homólogo, harmônico, de uma peça, da mesma massa, cré com cré, lé com lé; tal ou qual, uma espécie de. (p. 30)

Quanto às EIs especificamente, há no mercado inúmeras obras lexicográficas que dão tratamento semasiológico a essas unidades fraseológicas. Assim, idiomatismos que têm o mesmo significado geralmente não são inter-relacionados. Por exemplo, as EIs *bater as botas*, *dormir o sono eterno e fazer viagem sem chapéu* que significam 'morrer' são apresentadas em diferentes entradas e, seja pela ordem alfabética da primeira palavra, seja pela palavra-chave da expressão, ficam distante umas das outras.

Nos dicionários orientados pelo processo da semasiologia, o consulente tem por objetivo apenas sanar sua dúvida com relação ao significado do idiomatismo apresentado. Para um tradutor, porém, o maior interesse é encontrar uma EI na sua língua-alvo que se aproxime do idiomatismo da língua-fonte e, no caso desse tipo de dicionário, não há como estabelecer essas relações.

Justamente a recuperação dessa rede semântica é uma das vantagens de um dicionário onomasiológico, pois a onomasiologia dispõe as EIs o redor de um mesmo conceito, como 'sucesso', por exemplo, e evidencia as relações existentes entre elas. Assim,

as especificações estilísticas dos idiomatismos de significação correlata estarão dispostas dentro de cada verbete, como parte das nuanças diferenciadoras que regem o uso dos idiomatismos.

Tanto a EI *comer o pão que o diabo amassou* quanto *sofrer como um condenado*, significam 'sofrer' e poderiam ser agrupadas nesse conceito. Em sua busca, além de o consulente chegar à informação desejada com relação ao significado do idiomatismo ele ainda encontraria uma gama de informações que certamente enriqueceriam sua consulta.

Em um dicionário de língua geral, de percurso semasiológico, como é o caso da maioria dos dicionários que estão atualmente no mercado, encontrar uma EI pode ser um trabalho árduo. Quando a obra prefere contemplar o idiomatismo por uma de suas palavras-chave fica difícil saber em que verbete encontrá-lo, pois há expressões que não possuem apenas uma palavra-chave, como é o caso de *estar com um nó na garganta*; portanto, nesse exemplo, em qual entrada deveríamos procurar a EI? Buscando em *nó* ou em *garganta*? Além disso, quando encontramos a EI procurada não temos a chance de relacioná-la a outras EIs que, em muitos casos, poderiam ajudar no esclarecimento da dúvida ou até substituí-la, se o interesse fosse encontrar um idiomatismo sinônimo ou um equivalente mais próximo ao procurado.

Câmara Jr. (1981), trata da onomasiologia como um método de pesquisa que consiste em reunir as expressões existentes em uma língua para traduzir determinada noção. Com isso, parte-se de significados, capazes de ter expressão lingüística, para se chegar a formas lingüísticas.

Embora muitas EIs sejam sinônimas por terem basicamente o mesmo significado, atentamos para as nuanças que diferenciam uma da outra e, assim, pudemos constatar que o uso é regido por essas sutis diferenças. Por exemplo, embora as EIs, *ser mão fechada, ser seguro, avarento como um turco,* sejam usadas para caracterizar a 'sovinice', elas possuem diferenças que determinam seu uso. Em *ser mão fechada*, há a referência ao ato de segurar e reter o dinheiro nas mãos, além de manter uma relação de antonímia com a EI *ser mão aberta*, enquanto que *ser seguro* não tem sentido pejorativo e faz referência àquele que controla seus gastos e é econômico. Já na EI *avarento como um turco* há uma marca cultural no que se refere a 'turco', relacionado, no Brasil, à sovinice.

Para Caramori (2000),

> As expressões idiomáticas comportam-se como se estivessem em uma roda (roda temática), de mãos dadas: *virar uma fera* pode parecer mais assustador do que *ficar uma arara*, mas, em determinados contextos, elas serão facilmente intercambiáveis. Mais arriscado ainda é dizer até onde vão os semas de cada uma delas que se comportam como laranjas nas mãos de um malabarista, ora agarro um deles, ora todos, ora deixo-os em movimento (*ficar de bico calado*, ora em silêncio, ora em segredo, ora silêncio e segredo). (p. 66)

Podemos concluir que o agrupamento onomasiológico proposto dos idiomatismos que apresentaremos certamente virá a ser muito útil ao consulente, seja ele um consulente comum à procura dos significados das expressões, seja ele um interessado em saber qual expressão melhor se encaixa na resposta à sua dúvida.

Um dicionário de idiomatismos da língua portuguesa do Brasil em uma perspectiva onomasiológica é extremamente útil por facilitar que se estabeleçam as relações analógicas intralinguais existentes entre os idiomatismos. É, pois, por meio dessas relações analógicas que noções de um mesmo domínio poderão ser agrupadas em conceitos.

4. MATERIAL E MÉTODOS

Propomo-nos apresentar um protótipo de dicionário onomasiológico abrangendo alguns conceitos. Para se chegar ao número de 630 entradas e 1250 idiomatismos da língua portuguesa do Brasil (pois muitas entradas incluem diversas outras expressões variantes), analisamos aproximadamente 6.900 EIs inventariadas pelo *PIP,* ou seja, pelo *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões francês-português / português-francês* (XATARA; OLIVEIRA, 2002). Ressalte-se que este dicionário se valeu de 39 outros dicionários, especiais ou gerais (V. "**Fontes do *PIP***", na **Bibliografia**), mas além das EIs constantes nesse dicionário, acrescentamos também outras tantas de que nos lembramos. Em seguida relacionamos cada um delas a um conceito. Finalmente, selecionamos 20 conceitos, ou melhor, 10 pares de conceitos opostos entre si, que revelaram maior número de EIs.

Sobre essa seleção, é importante enfatizar que se trata de um recorte do número total de conceitos para que a pesquisa fosse exeqüível e há pares de conceitos que não possuem uma relação de perfeita antonímia, como é o caso do terceiro par: 'confiança / traição'. A opção por 'traição' em detrimento de 'desconfiança' deveu-se à maior representatividade quantitativa de idiomatismos referentes mais propriamente ao conceito de 'traição'. Mas, em um trabalho mais amplo, que abranja, senão a totalidade, ao menos o grupo dos conceitos mais recorrentes em EIs da língua portuguesa do Brasil, não haverá necessidade de se priorizar pares dicotômicos.

Uma vez então definidos os conceitos, recolhemos todas as expressões correlacionadas. Constituímos, assim, uma significativa amostragem do que seria um *Dicionário Onomasiológico de Expressões Idiomáticas do Português do Brasil.*

4.1. Organização macro e microestrutural

A natureza da obra lexicográfica - semasiológica ou onomasiológica - é estabelecida pela adoção de um determinado tipo de macroestrutura, sobretudo no que diz

respeito a sua nomenclatura ou conjunto das entradas. e de microestrutura, isto é, o conjunto de informações.

4.1.1. Macroestrutura

A organização onomasiológica proposta permite-nos oferecer ao consulente uma busca diferenciada, que possibilita a apresentação das analogias existentes entre determinados grupos de EIs. A onomasiologia é, portanto, útil, tanto por disponibilizar o significado das expressões, como as relações analógicas que idiomatismos de um mesmo domínio podem apresentar ao serem agrupados em grupos conceituais.

Para Caramori (2000), no que concerne à organização onomasiológica de um dicionário, não há uma classificação, ou "pirâmide", que agrupe todos os conceitos de uma língua, pois também é subjetiva a divisão conceitual do mundo.

Nosso trabalho apresentará os 20 conceitos selecionados em 10 pares dicotômicos. Cada par priorizará primeiramente o conceito de caráter positivo e, logo em seguida, o de caráter negativo. Além disso, apresentaremos os pares de conceitos ordenados alfabeticamente pelo primeiro conceito de cada par, ou seja, apenas levaremos em conta a ordenação alfabética dos conceitos de caráter positivo: amor, beleza, confiança, conhecimento, coragem, felicidade, rapidez, riqueza, serenidade e sucesso. A distribuição dos conceitos será feita, portanto, da seguinte maneira:

1. amor / ódio;
2. beleza / feiúra;
3. confiança / traição.
4. conhecimento / ignorância;
5. coragem / medo;
6. felicidade / infortúnio;
7. rapidez / lentidão;
8. riqueza / pobreza;
9. serenidade / agressividade;
10. sucesso / fracasso;

Com relação às EIs referentes a esses 10 pares de conceitos, todas serão apresentadas, para facilitar a busca do consulente, seguindo a ordenação alfabética, ou seja, os idiomatismos relativos ao conceito 'agressividade' estarão dispostos por ordem alfabética das letras, desconsiderando os espaçamentos em branco e as variantes apresentadas entre parênteses: *estar atravessado na garganta, estar (ficar) de mal, estar (continuar, entrar, ficar, permanecer etc.) na lista negra.*

4.1.2. Microestrutura

Sobre a microestrutura de um dicionário, Rey-Debove (1971) mostra-nos que se trata de um conjunto de informações ordenadas que se seguem à entrada, correspondendo a uma estrutura, ou código, aplicável a qualquer entrada.

A estrutura básica da microestrutura do dicionário que ora propomos é a seguinte:

a) **conceito** (em negrito, para que o consulente atente à significação principal das EIs que fazem parte desse conceito);

b) *entrada* (em itálico, para destacar o idiomatismo alistado). É importante ressaltar aqui os diferentes tipos de variantes idiomáticas e sua importância na formação da microestrutura:

b.1) as variantes de uma EI constam na mesma entrada, entre parênteses. Mas apenas para os idiomatismos comprovadamente freqüentes, isto é, para os que apresentaram ocorrência nos córpus eletrônicos pesquisados, registramos as respectivas concordâncias.

Por exemplo, para o idiomatismo *como a palma da minha (dela, dele, sua etc.) mão* há uma sem-número de ocorrências nos córpus pesquisados, já para sua variante *como as linhas da minha (dela, dele, sua) mão,* embora também relativa ao conceito 'conhecimento', não ocorreu nas bases textuais e, por isso, não foi registrada conseqüentemente nenhuma concordância para ser apresentada na mesma entrada. Já os idiomatismos sinônimos *acelerar o passo* e *apertar o passo* são igualmente freqüentes e apresentam suas concordâncias introduzidas pelo símbolo "♦":

> *acelerar (apertar) o passo* → significando 'apressar-se', o idiomatismo refere-se ao movimento progressivo da velocidade. ♦ Assim que conseguir cumprir o básico em relação à mão-de-obra, inclusive nas fábricas de São Leopoldo e Guarulhos, a Taurus planeja *acelerar o passo* no treinamento dos funcionários. (EX) ♦ Felipe saiu atrás e nós atrás de Felipe. Ela não queria nada, *apertou o passo* e entrou em casa, na quadra seguinte. (RO)

b.2) há idiomatismos muito produtivos para cujas variantes, embora bastante usuais, não apresentamos concordâncias em função de sua excessiva possibilidade paradigmática. Nesses casos, a EI apresentada na entrada é a que consta na concordância e as variantes são citadas entre parênteses, em ordem alfabética. Trata-se de variantes formais com componentes diferentes.

Por exemplo, a EI *passar num pau*, relativa ao conceito 'rapidez', admite uma grande variabilidade de verbos pois é um caso de distribuição verbal restrita e não única. Por esse motivo, constam entre parênteses alguns daqueles que podem ser usados em substituição a *passar*. Esse idiomatismo, portanto, apresenta-se da seguinte maneira:

> *passar (andar, chegar, correr, entrar, ir etc.) num pau* → usa-se 'pau' para descrever movimento em alta velocidade. ♦ (...) mas, ao contrário do japonês... fiquei quieta pois não tive como ir ate o motorista e mostrar o dedo, já ele *passou num pau* danado com o carro (...) (SAN-i)

Poder-se-ia questionar se, nesse caso, a EI não deveria se resumir a apenas uma de suas partes, ou seja, *num pau*. Há de se reiterar, contudo, que não se pode justapor qualquer verbo à *num pau* (tratar [?] (alguém) *num pau*, sentir [?] *num pau*, pensar [?] *num pau*), pois desestabilizaríamos o sentido cristalizado de 'rapidez' e atribuiríamos outros tantos. Na verdade, estaríamos diante de uma falha na segmentação do idiomatismo.

b.3) há ainda, na apresentação das variantes de certos idiomatismos, sugestões para possíveis inserções de unidades que mantêm entre si uma relação virtual de possibilidade de inclusão, sem comprometimento do sentido da EI. Trata-se de variantes formais, com inclusão de componentes.

Como exemplo, temos a EI *cada um para um canto*, relativa ao conceito 'agressividade'. Tal idiomatismo tanto pode ser usado em sua forma mais reduzida (*cada um para um canto*), como nas formas em que há a inserção de outros componentes (*cada um*

virado para um lado; *cada um para seu canto* etc.), as quais devem ser analisados historicamente para se verificar se houve exclusão ou inclusão em sua formação idiomática (XATARA, 1998). Esse idiomatismo, portanto, apresenta-se da seguinte maneira:

> *cada um virado para um (seu) canto (lado)* → refere-se à indisposição existente entre duas pessoas. ♦ Mário e Marisa se deitam, *cada um virado para seu canto*. Estão de mal. Por motivo frívolo, mas estão de mal. E, se estão de mal, é bico seco...! (CLE-i)

c) → (seta, para indicar as nuanças do idiomatismo apresentado)

d) nuança (contendo informações semânticas concernentes ao idiomatismo da entrada e ressaltando sutis diferenças de sentido entre os outros idiomatismos também relacionados ao mesmo conceito, o que orienta o consulente quanto ao uso)

e) EI na concordância (a ocorrência de uma EI na concordância é indicada em itálico, para destacá-la). A concordância do idiomatismo *dar a palavra de honra*, relativo ao conceito 'confiança', é apresentada da seguinte maneira: ♦ Eu prometo, *dou minha palavra de honra* que não toco num fio de cabelo de teu garoto. Só quero ir lá buscar minha filha. (REI)

f) SIGLA (em maiúsculas, disponibilizando ao usuário a referência bibliográfica da concordância apresentada). Tais referências foram, uma parte, retiradas *ipsis litteris* de Borba (2002), outra, das próprias obras que não aparecem na dicionário do autor citado, e o restante, como aquelas que reportam a endereços eletrônicos, foram extraídas da Internet (V. **Referências Bibliográficas das Concordâncias**).

Constam, por exemplo, para o idiomatismo *passar (alguém) para trás*, relativo a 'traição', a concordância "♦ – Não quero *te passar pra trás*, não! A troco de quê? / R: – Guardo, não... Vamo pro posto... (TGG)". A sigla entre parênteses "TGG" refere-se, de acordo com o Laboratório de Lexicografia da Unesp de Araraquara, ao "Teatro de G. Guarnieri. São Paulo, Hucitec, 1988. Texto para TV".

Nos casos em que a concordância de uma EI foi encontrada na Internet, apresentamos uma sigla, também em letras maiúsculas, acrescida de hífen ("-") e da letra "i", para indicar o endereço eletrônico no qual se pode encontrar tal concordância. Por exemplo, para o idiomatismo *puxar o tapete*, relativo ao conceito 'traição', encontramos na Internet, a

concordância: "Aliás, é importante que esse interesse não dê a idéia de que se está querendo passar por cima de outros ou '*puxar o tapete*' de alguém.". Assim, estabelecemos a sigla ETD-i, que se refere ao site "estado.estadao.com.br/jornal/suplem/fem/99/04/24/fe03.html" também disposto em ordem alfabética nas Referências Bibliográficas das Concordâncias.

Para ilustrar nossas escolhas, no que concerne à microestrutura deste dicionário, tomamos como exemplos alguns idiomatismos referentes ao conceito 'conhecimento'. Podemos assim, demonstrar o modo como será apresentado o conceito seguido das EIs e variantes, com as devidas nuanças, concordâncias, e referências bibliográficas.

conhecimento

abrir a cabeça → idiomatismo usado nos casos em que há referência à aquisição ou ampliação do conhecimento, ou ao esclarecimento de determinada informação. ♦ Vendi atabalhoadamente minha parte na empresa, construí uma casa em Itapecerica da Serra e comecei a fazer projetos de comunicação com um sócio, que me ajudaram muito a *abrir a cabeça*. (EX)

a cabeça não é só para separar as orelhas → é muito comum o uso de 'cabeça' para dizer que um indivíduo possui ou não 'conhecimento'. Nesse caso há referência ao membro do corpo humano 'cabeça' como centro do intelecto, da memória, da compreensão. ♦ Como, louco? / Acontece que eu nunca fui atrás dessa história de crise de energia, irmão. / A mim ninguém engana. Pensa que esta *cabeça é só pra separar as orelhas*? (AVL)

alcançar (abrir, ampliar) (os) horizontes → 'horizontes', mais comumente usado no plural, é a representação dos limites do campo do pensamento, da consciência ou da memória. ♦ Além de servir eficazmente para que as vocações se revelem, desde que permite *alcançar horizontes* mais amplos e luminosos, e pôr-nos em relação com as manifestações das Artes, (...) (COR-O)

com conhecimento de causa → é comum o uso de tal idiomatismo para descrever o domínio de assunto, competência, experiência ou abalizamento, mesmo em casos em que não há tanta sapiência ou certeza nas informações. ♦ E eu posso dizer isso *com conhecimento de causa*. Lembro-me de que no tempo de ginásio (...) (NOV)

4.2. Levantamento dos idiomatismos e respectivos conceitos

Estabelecemos todos os conceitos veiculados por idiomatismo e chegamos a um total de 1.100 (V. **Anexo**). A determinação de um conceito para cada EI baseou-se em orientações colhidas de todos os dicionários consultados e de diversos informantes, falantes do português e usuários comuns da língua, como professores, amigos, parentes, estudantes, vizinhos, jovens etc.

O mais curioso desse levantamento foi a constatação de um número maior de EIs que exprimem a negatividade do homem e de seu comportamento, como desvios de caráter, sentimentos ruins, preconceitos, má conduta, em relação ao número de EIs que expressam seu lado positivo. Assim, são abundantes as EIs relativas à coibição, proibição, ironia (provocando efeito contrário ao esperado), nocividade, prejuízo etc., por se tratarem de idiomatismos de caráter eufemístico, já que é muito habitual ao usuário de uma língua lançar mão de locuções que suavizem ou minimizem o efeito conotativo de uma idéia de acepção menos agradável, mais grosseira ou mais tabuística.

Para 'agressividade', por exemplo, levantamos mais de 110 EIs, enquanto que para 'serenidade', por volta de 20. Para o conceito de 'sobriedade' encontramos bem poucas EIs, como *controlar o vício, estar em abstinência, estar limpo, estar livre da maldita, ficar são, parar de beber,* enquanto que para o conceito 'embriaguez', encontramos inúmeros idiomatismos: *afogar as mágoas; andar trançando (as pernas); bêbado como um cacho, - gambá; beber como uma esponja, - um funil, - um odre, - um porco, - um tonel; beber um gole; bom de copo; chamar Jesus de Genésio; chapar o globo; com a cabeça rodando, - zunindo; com álcool na(s) veia(s), - um grão na asa; curar bebedeira com mais álcool; cuspir fogo; dar uma molhada na garganta; deixar a razão no fundo do copo; deixar de fogo; encharcado como uma esponja; encher a cara, - a lata; entortar o caneco; estar chumbado, - de fogo, - de pileque, - de porre, - mamado, - um pouco alto; ficar chapado; lei seca; mais uma!; mamar na garrafa; meio alto; molhar a garganta, - a goela, - o bico; não conseguir fazer o quatro; parecer que bebe; passar da conta, - da medida; porre de encontro; pra lá de Bagdá; sem condições para nada; ser bebum, - um boca-de-litro, - chegado numa garrafa, - um esponja, - um mata-borrão, - um pau-d'água, - um pé-de-cana, - num copo; só não beber (tomar) água de bateria, - chumbo derretido, - beber água; sóbrio como uma vaca, - um gambá; ter bafo de onça, - de tigre, - de urso; tomar no gargalo; - todas, - um fogueirão, - um*

porre, - um trago, - uma dose a mais, - umas doses; trançando as pernas; um pouco alegrinho, - pouco alto; ver dobrado; virar o copo (numa só golada).

O mesmo ocorre com o par dicotômico 'morrer' / 'viver', em que há muito mais idiomatismos que se referem ao conceito de 'morte', e a seus subconceitos como 'assassinato', 'caixão', 'cemitério', 'enterro', 'suicídio' etc., do que ao conceito de 'vida', e a seus subconceitos, como 'começo', 'infância', 'jovialidade', 'nascimento', 'origem' etc. Isso ocorre, talvez, porque a morte na cultura ocidental é vista sob uma ótica negativa e, por isso, é comum o surgimento de idiomatismos eufemísticos, ao passo que para o nascimento e a vida não haja a necessidade de eufemismos para descrevê-los. Ou talvez porque existam várias colocações cristalizadas ou expressões terminológicas que se desdobram e geram EIs.

Para exemplificar, temos certas colocações que utilizam o conceito 'morte' para descreverem determinadas circunstâncias, como *morte natural*, que designa aquela que ocorre naturalmente, *morte por causa externa,* que se refere àquela provocada por acidente ou violência, ou ainda, *morte súbita*, a morte inesperada. Como se vê, não existem expressões com vieses positivos opostos a essas idéias. Para o conceito 'morte', portanto, encontramos as seguintes EIs: *a gente (o corpo) não vale (mesmo) nada; a pés juntos; a sete palmos abaixo (debaixo) da terra; abotoar o paletó; acabar de matar; alma penada; banhado num mar de sangue; bater as botas, - a caçuleta, - a canastra, - com o rabo na cerca, - trinta e um (sete); com a boca cheia de formigas; cortar o fio da vida; cortar o pescoço; dar com as dez, - com o cotovelo na cerca, - o couro às varas, - o último suspiro, - um fim em (alguém); descer à morada de Plutão; dobrar o cabo (da Boa Esperança), - os sinos; dormir o sono dos justos, - eterno, - do esquecimento; dos males o menor!; em seu leito de morte; encher a barriga do corvo; encomendar a alma de (alguém); envergar a espinha; esperar a sua hora, - a boa hora; espichar a canela; estar à morte, - com os pés (um pé) na cova, - no céu, - no paraíso; esticar a canela; estourar os miolos; fazer viagem sem chapéu; fechar o paletó; furado como uma peneira; golpe duro (para esse pobre coração); grande viagem; haver um cadáver entre eles; ir fazer tijolo; - para a cidade dos pés juntos, - para os anjinhos, - para o (os quintos do) inferno, - para o beleléu, - a cidade dos pés juntos, - para o buraco, - parar nos cafundós-do-judas; levar (alguém) para o túmulo; matar como um animal; meter balas em (alguém); morrer aos montes, - como um justo, - como um passarinho, - de barriga vazia, - de morte natural, - de velho; não pertencer mais a esse mundo; nas últimas; pagar sua dívida à natureza; passar desta para melhor, - fogo (em alguém); pensar que chegou sua hora; pôr fim aos seus dias; pra cadeira elétrica!; pra forca!; queima de arquivo; reino dos mortos;*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

sem flores, nem coroa; ter os dias contados; última morada; últimas homenagens; últimos momentos de (alguém); vala comum; vestir o paletó (pijama) de madeira; virar pó; entre outros. Já para o conceito 'vida' encontramos, *conhecer o mundo; com o coração batendo; dar sinal de vida; ir vivendo; levar a vida; primeira infância; ver a luz do dia; vir à luz (do mundo), - ao mundo* etc.

Achamos por bem apresentar esses dois pares (sobriedade/embriaguez; vida/morte) para ilustrar bem a característica idiomática de dar um tom pitoresco preferencialmente à descrição de aspectos humanos negativos. Não optamos por alistá-los em nosso dicionário, justamente porque a freqüência das EIs referentes aos conceitos positivos de cada par, "sobriedade" e "vida", constatada na busca por concordâncias, é muito reduzida.

Somente por meio do percurso onomasiológico, portanto, pudemos levantar as observações concernes tanto à regularidade e constância de alguns elementos constitutivos das EIs, como às diferenças e semelhanças daquelas agrupadas em um conceito.

4.3. Homogeneização dos conceitos

Na relação dos 1.100 conceitos levantados, preocupamo-nos, primeiramente, em priorizar os verbos como conceitos. Para EIs que se referiam a substantivos como 'aceitação', ou a adjetivos, como 'aceitável', optamos pelo verbo 'aceitar', pois dessa maneira evitamos possíveis desdobramentos para um número muito elevado de conceitos e também, porque o verbo consegue abarcar os idiomatismos concernentes tanto ao substantivo, quanto ao adjetivo.

O mesmo ocorre para conceitos como 'comida' ou 'alimentação' (*pão* [nosso] *de cada dia; fruto do trabalho* etc.) ou 'gula' (*guloso como um frade; comer por dez* etc.), em que priorizamos o verbo 'comer' por identificar além das EIs citadas, aquelas referentes ao ato de comer (*fazer uma boquinha; forrar o estômago* etc.).

Houve, contudo, a preservação dos substantivos em posição inicial quando se mostraram mais abrangentes que certos verbos ou adjetivos. É o caso do conceito 'medo', para o qual encontramos um número maior de idiomatismos (*morrer de medo; assustado como um coelho; ficar branco; ter cagaço, - frio na barriga; tremer na base* etc.), do que para o verbo 'amedrontar-se'. Justifica-se, desse modo, também o levantamento de substantivos como conceitos.

Além disso, em determinadas EIs, nem os verbos e tampouco os substantivos, pertencentes a uma mesma família, puderam ser excluídos, por não haver a possibilidade de agrupamentos. É o caso de EIs do tipo *estar esgotado; não ter mais pernas; pedir água, - arrego; sem fôlego* etc., optamos por tomar um verbo como conceito, no caso 'cansar-se', pois se trata de estar fadigado e, para as EIs, *de encher o saco; debaixo do sol quente; ser (um) mala (sem alça); não terminar nunca* etc., optamos por tomar o substantivo 'cansativo' como conceito, pois descreve aquele ou aquilo que cansa, que é fatigante. Nesse caso, preservarmos ambos os conceitos por não haver possibilidade de definirmos com precisão qual deles é mais recorrente ou abrangente.

Quando os idiomatismos referem-se a cores, optamos por apresentá-los como conceitos, 'vermelho' para a EI *cor de carne* ou 'branco' para as EIs *como cal, - um alemão*. O mesmo ocorre com conceitos que se referem ao corpo humano e que permaneceram alistados individualmente. Para a EI *ter a cabeça redonda como uma bola*, permaneceu o conceito 'cabeça', para *cabelo de espiga de milho*, 'cabelo', para *massa cinzenta*, 'cérebro', para *dente de coelho*, dente, para *cara de lua cheia*, 'rosto', entre muitos outros.

Nos casos em que os conceitos, independentes de serem verbos, substantivos ou adjetivos, mantinham relação de sinonímia, optamos pelo mais usual. Optamos pelo conceito 'acabar', em detrimento de 'finalizar' ou 'terminar', para EIs como *reduzir a zero; virar sorvete; na reta final; último combate; chega de diz-que-diz-que* etc. Da mesma forma optamos por 'começar' e eliminamos 'iniciar'; optamos por 'atenuar', ao invés de 'suavizar'.

Para os idiomatismos cristalizados na forma imperativa, como *boca de siri!,* ou *calma, Bete!,* consideramos mais apropriado não agrupá-los como sendo referentes ao conceito 'ordenar', e sim, analisá-los, individualmente, e buscarmos os seus núcleos semânticos. Chegamos assim, ao conceito 'calar (-se)' para a primeira EI e 'serenidade' para a segunda.

Outra importante particularidade levantada é a do caso dos verbos pronominais. Questionamos, a princípio, se deveríamos preservar ou retirar da listagem aqueles que podem ser agrupados por um verbo da mesma família, como é o caso de 'comprometer', que pode ser transitivo direto, com o significado de prejudicar alguém, ou pronominal, que significa se obrigar por compromisso ou responsabilizar-se. Assim, a opção foi manter ambos na listagem de conceitos (V. Anexo), com o auxílio dos parênteses, indicando a possibilidade de mais de um sentido para o conceito, como em 'comprometer (-se)', 'demitir (-se)', 'exercitar (-se)' etc. Posteriormente, em uma pesquisa mais ampla dos

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

idiomatismos brasileiros na perspectiva onomasiológica, apresentaremos cada um desses conceitos e suas respectivas EIs como um conjunto distinto.

Ainda no mesmo caso, optamos por manter a forma pronominal, sem os parênteses, quando não há outra significação além da reflexiva, por exemplo, 'equivocar-se', 'esforçar-se', 'lavar-se' etc.

Convém relatarmos, também, que evitamos considerar os advérbios como conceitos. Para idiomatismos como *à primeira vista*; *é agora ou nunca*; *na hora*; *nem antes, nem depois* etc., optamos pelo conceito 'imediatismo' ao invés dos advérbios de tempo 'já' ou 'agora'.

E, para concluirmos, tomamos como conceitos, como já dissemos, alguns adjetivos por considerá-los mais adequados na relação que possuem com alguns idiomatismos e em casos em que um agrupamento por um verbo ou substantivo não abrangesse as EIs que se referem diretamente à qualificação de algo ou alguém. Como exemplo temos o adjetivo 'caro', ou seja, que custa um preço alto, como é o caso dos idiomatismos, *a peso (preço) de ouro; custar os olhos da cara; de valor; doer no bolso; os olhos da cara; salgado como bacalhau; ter um preço salgado; valer quanto pesa* etc. O mesmo ocorre com o adjetivo 'barato', ou seja, de preço baixo, referente às EIs, *a preço de banana, - troco de nada; por uma bagatela, - uma ninharia; pelo menor preço, - baixo custo; ter saído barato; vender por um prato de lentilhas* etc.

Acreditamos que a rigorosa observação de todas essas peculiaridades permitirá, em pesquisas futuras, elaborar um trabalho mais amplo e que venha a contemplar o maior número possível de EIs, apresentando de modo mais completo como os idiomatismos se organizam dentro de nossa língua.

4.4. Relações de significação dos dez pares de conceitos

Para que pudéssemos realizar satisfatoriamente um agrupamento dos idiomatismos em torno dos dez pares de conceitos com os quais propusemos trabalhar, foi necessário dar precisão aos conceitos para se delimitar adequadamente cada significação e, assim, chegarmos primeiramente às relações de sinonímia existentes entre os conceitos, para depois apresentarmos as relações entre os idiomatismos agrupados em cada conceito.

Para o conceito 'serenidade', as várias definições foram encontradas em dicionários da língua portuguesa do Brasil, ressaltam que se trata de uma qualidade atribuída àqueles que estão ou são serenos, tranqüilos, sossegados, calmos etc. Nossa opção por 'serenidade', em detrimento de 'tranqüilidade' ou 'calma', também muito usuais em nossa língua, se deve ao fato de que esses dois últimos não abarcam todos os idiomatismos que levantamos.

O mesmo ocorre com o idiomatismo *ter a cabeça no lugar*, que significa ser centrado e que pode, ao menos em parte, referir-se à 'serenidade', contudo esse idiomatismo não pode ser relacionado ao conceito 'calma', já que não se trata de uma EI usada para caracterizar o indivíduo que está calmo. Portanto, priorizamos 'serenidade' porque este, além de reunir os idiomatismos que descrevem sua designação essencial, abarca ainda os referentes à 'calma' (*acalmar os ânimos*) e à 'tranqüilidade' (*não esquentar* [*muito*] *a cuca* [*cabeça*]) etc.

É importante ressaltar que as opções pelos dez conceitos foram feitas pensando na abrangência dos respectivos conceitos e de seus opostos. Ainda com relação ao conceito 'serenidade', constatamos que há a possibilidade do uso do conceito oposto 'agressividade', muito mais abrangente do que os conceitos 'agitação', 'ansiedade' e outros que são conceitos opostos à 'tranqüilidade' ou 'calma'.

O conceito 'agressividade' foi escolhido devido à grande gama de EIs que abarca em sua definição por descrever a qualidade, caráter ou condição do agressivo. Assim, podemos agrupar nesse conjunto, subconceitos como 'agressão' (*com o olho roxo*); 'agressor' (*de dar medo*; *pavio curto*); 'confusão' (*começar o quebra-pau*; *sair um arranca-rabo*); 'discussão' (*bater boca*; *lavar a roupa suja*); 'provocação' (*caçar encrenca*; *chamar pra brigar*); 'agressão verbal' (*chamar de tudo quanto é nome*) etc. O mesmo não seria possível se tivéssemos decidido, ao invés disso, por um dos subconceitos citados para ocupar o lugar de conceito principal.

Vale a pena destacar que, em uma projeto de dicionário onomasiológico que se proponha a englobar todos os conceitos relacionados aos idiomatismos mais freqüentes da fraseologia brasileira (tema a ser explorado em nosso doutorado), vários subconceitos poderão ascender à categoria de conceito.

A seguir, apresentaremos as definições que cerceiam cada um dos 20 conceitos escolhidos e, ainda, os subconceitos que podem ser considerados como partes que integram a significação dos conceitos principais:

a) **amor**: refere-se ao sentimento de atração afetiva ou física existente entre pessoas, devido à afinidade. Manifestação da afeição por outro, baseada em admiração, benevolência ou interesses comuns. Engloba os subconceitos 'afinidade', 'afeição', 'carinho', 'sentimentalismo', 'sexo'; *em opos.* ódio.

b) **ódio**: refere-se ao sentimento de grande aversão por outra pessoa que pode ou não ser motivado por: medo, raiva, injúria. Reúne os subconceitos 'antipatia', 'inimizade', 'raiva'; *em opos.* amor.

c) **beleza**: refere-se à qualidade atribuída para se descrever o que é belo ou a manifestação característica do belo. Abrange os subconceitos 'bem-vestido', 'forma-física'; *em opos.* feiúra.

d) **feiúra**: refere-se à manifestação ou traço de feiúra ou à qualidade de feio, fealdade. Engloba os subconceitos 'forma física', 'mal vestido'; *em opos.* beleza.

e) **confiança**: refere-se à retidão, à crença na probidade moral, na sinceridade; ato de dar crédito. Abarca os subconceitos 'crença', 'segredo'; *em opos.* traição.

f) **traição**: quebra de expectativa ou fidelidade por meio de ato pérfido; infidelidade no amor, na amizade. Engloba os subconceitos 'falsidade', 'infidelidade'; *em opos.* confiança.

g) **conhecimento**: refere-se ao ato de apreender intelectualmente, à cognição, à percepção, ao domínio, prático ou teórico, de determinado assunto. Abarca os subconceitos 'compreensão', 'esperteza', 'estudo', 'inteligência', 'sabedoria'; *em opos.* ignorância.

h) **ignorância**: conceito que se refere ao estado daquele que não possui conhecimento, em virtude da falta de estudos, experiência ou prática. Reúne os subconceitos 'desconhecimento', 'estupidez', 'inabilidade', 'incompreensão'; *em opos.* conhecimento.

i) **coragem**: qualidade daquele que possui bravura, ou forte moral, diante de situações de perigo, risco. Abarca o subconceito 'bravura'; *em opos.* medo.

j) **medo**: conceito que se refere ao temor irracional ou fundamentado. Preocupação em relação a algo ou situação desagradável. Engloba o subconceito 'assustar(se)'; *em opos.* coragem.

l) **felicidade**: refere-se ao estado de bem-estar ou de consciência feliz, satisfação, contentamento. Reúne os subconceitos 'alegria', 'otimismo'; *em opos.* infortúnio.

m) **infortúnio**: conceito que se refere à sensação de mal-estar, frente à adversidade ou ao sentimento de tristeza. Abrange os subconceitos 'pessimismo', 'desventura', 'tristeza'; *em opos.* felicidade.

n) **rapidez**: qualidade daquele quem é ágil, rápido, veloz. Abrange os subconceitos 'agilidade, 'apressar(se)', 'celeridade', 'ligeireza', 'veloz'; *em opos.* lentidão.

o) **lentidão**: qualidade daquele que é lento ou não possui agilidade, rapidez. Falta de dinamicidade. Engloba o subconceito 'morosidade'; *em opos*. rapidez.

p) **riqueza**: refere-se à grande quantidade de bens materiais, dinheiro ou posses. Engloba os subconceitos 'dinheiro', 'luxo'; *em opos.* pobreza.

q) **pobreza**: conceito que se refere à falta daquilo que é necessário à subsistência, que revela dificuldade financeira ou falta de dinheiro. Abrange os subconceitos 'penúria', 'miséria'; *em opos.* riqueza.

r) **serenidade**: conceito que se refere à qualidade daqueles que são ou estão serenos, calmos, plácidos, tranqüilos. Abarca os subconceitos 'calma', 'paciência', 'tranqüilidade'; *em opos.* agressividade.

s) **agressividade**: refere-se à qualidade, caráter ou condição do agressivo ou à sua disposição para agredir ou para provocar. Abrange os subconceitos 'agredir', 'agressão (verbal)', 'agressor', 'confusão', 'discussão', 'maltrato', 'provocação'; e*m opos.* serenidade.

t) **sucesso**: êxito, triunfo ou bom resultado. Pessoa ou coisa vitoriosa, popular. Abarca os subconceitos 'fama', 'popularidade'; *em opos.* fracasso.

u) **fracasso**: falta de êxito, malogro, derrota. Reúne os subconceitos 'dificuldade', 'perda', 'problema'; *em opos.* sucesso.

4.5. Concordâncias em córpus eletrônicos

Após a reestruturação dos 20 conceitos selecionados, que prioriza tanto a abrangência de cada um deles como suas relações com os subconceitos que abarcam, demos prosseguimento ao projeto buscando por concordâncias em córpus eletrônicos.

O termo córpus, a priori, começou a ser utilizado pela Estatística Léxica, em um levantamento feito por estudiosos de uma grande quantidade de palavras, a fim de se

estudar sua distribuição na língua e no discurso, para uma análise quantitativa. Atualmente, entende-se por córpus "o conjunto de dados lingüísticos que serve como matéria prima para a pesquisa e análise lingüística" (BIDERMAN, 1984, p. 137).

Sobre a importância de um córpus na pesquisa lexicográfica, Biderman (2001) nos diz que:

> Os lingüistas constataram a importância de consultar um *corpus* para testar hipóteses ou fornecer evidências na pesquisa lingüística. Por isso, pouco a pouco, começou a febre da construção de imensos *corpora* das mais diversas línguas modernas e antigas. (...) O *corpus* veio possibilitar um confronto entre a teoria e os dados empíricos da língua. De fato, o *corpus* pode mostrar como funciona uma língua natural em escala reduzida. (p. 78)

Por esse motivo, pretendemos, por meio do uso de córpus eletrônicos, apresentar um recorte de co-textos que pode, além de trazer ao consulente de nosso protótipo de dicionário o real contexto de uma expressão, elucidar a informação apresentada na definição, legitimando-a.

Sobre a relevância das concordâncias, também tratadas por alguns autores como abonações, concordamos com Rey-Debove (1984) ao dizer que elas têm primordialmente a capacidade de mostrar um sentido que eventualmente não está bem captado pela definição, ou seja, as abonações servem para mostrar uma palavra ou expressão em funcionamento, complementando a definição.

A concordância não é, pois, uma frase, ou enunciado, criado pelo lexicógrafo para ilustrar a definição, mas uma "citação" complementar de uma referência cultural. São trechos de textos de autores da língua pesquisada em que ocorrem as palavras e são usadas para complementarem a informação trazida na definição, em um uso real.

4.6. O Laboratório de Lexicografia da Unesp

O córpus eletrônico que nos dispusemos a utilizar para a busca de concordâncias das EIs levantadas foi aquele existente no Laboratório de Lexicografia (LL), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), do câmpus de Araraquara, Estado de São Paulo.

Vale lembrar que os idiomatismos alistados foram selecionados e agrupados em torno dos 10 pares dicotômicos considerados os mais abrangentes da fraseologia brasileira, pela quantidade de EIs que abarcam em uma pesquisa como a nossa.

No LL da Unesp de Araraquara foram encontradas aproximadamente 75% das concordâncias dos idiomatismos alistados. Os outros 25% restantes foram buscados na Internet por meio da utilização de motores de busca, como o www.google.com.br e o www.yahoo.com.br, priorizando, em ambos, a busca avançada, que possibilita localizar o idiomatismo como um todo, e não por cada uma das palavras que o constitui.

Esse LL conta, atualmente, com mais de 200 milhões de ocorrências de palavras, divididas em literaturas romanesca, dramática, técnica, jornalística, de oratória e de propaganda.

Trata-se do maior córpus eletrônico do Brasil e abrange toda uma sorte de textos escritos nos últimos 50 anos, salvo para determinados tipos de literatura, cujos textos inseridos retrocedem a mais ou menos o ano de 1500.

O *software* utilizado nas buscas da base de dados textuais da Unesp de Araraquara é o Folio VIEWS©, que proporciona uma pesquisa essencialmente simples do que realmente interessa às pesquisas em córpus eletrônicos desse tipo. O programa também é muito satisfatório por permitir a recuperação dos dados incluídos no córpus e por disponibilizar o recorte de ocorrências nos textos cadastrados, o que inclui textos mais recentes.

Por conta disso não foram poucas as pesquisas de ordem lingüística que utilizaram esse programa para catalogação de córpus, e que resultaram em trabalhos já editados, como é o caso do *Dicionário de usos do português* (BORBA, 2002). Essa base de dados, contudo, no momento da concepção desse dicionário, contava ainda com somente 77 milhões de ocorrências.

Tanto o LL, que sempre é atualizado com a inclusão e disponibilização de obras para consultas, dos mais variados gêneros de literatura, quanto a Internet, que além de abranger um sem-número de informações, é alimentada com novas informações a todo instante, são de grande valia para pesquisas lingüísticas, em trabalhos das mais variadas linhas, pois proporcionam o estudo das línguas no uso real.

Pretendemos apresentar, assim, as particularidades concernentes à busca de idiomatismos nos córpus citados, pois, por se tratarem de lexias complexas, foi preciso muito

jogo de cintura e uma avaliação criteriosa de cada concordância para que não contemplássemos aquelas que não traziam de fato EIs.

4.7. Procedimentos de busca

O *software* Folio VIEWS©, usado na coleta de ocorrências que fazem parte do córpus do LL da Unesp, é de fácil manipulação e, por isso, possibilita uma busca simples e muito abrangente.

O programa pede que busquemos por palavras ou expressões colocando-as entre aspas (“ ”), para que seja feito um recorte no número de ocorrências e torne o trabalho exeqüível.

Caso a busca por um idiomatismo seja feita sem o uso das aspas, as ocorrências alistadas serão das palavras constituintes de uma EI, ou seja, os co-textos serão concernentes aos significados individuais de cada palavra do idiomatismo.

Ao buscarmos, por exemplo, pela EI *a passos largos*, que se refere ao conceito ‘rapidez’, sem fazermos uso das aspas, o programa nos apresentará uma quantidade gigantesca de ocorrências, por considerar os significados individuais dos elementos de tal EI, de “a”, de “passos” e de “largos”. Contudo, por meio do uso das aspas, a procura é por ocorrências do idiomatismo como um todo, no caso *a passos largos.* Esse recurso direciona adequadamente a busca pelas ocorrências que nos intressam.

Portanto, para tal EI, pudemos encontrar diversas ocorrências que garantem sua classificação como idiomatismo freqüente, dentre as quais selecionamos:

> **rapidez:** *a passos largos (de gigante)* → pela imagem de enormes passadas chega-se ao deslocamento ligeiro. ♦ O Brasil, que está evoluindo *a passos largos* para ingressar na esfera dos países desenvolvidos, deve precaver-se contra a evidência de suas fraquezas. (VIS) ♦ Passou e hoje ficaram as trilhas por onde seus pés andavam *a passos de gigante* garimpando e descendo o "mar de morros" marginal do Paraíba do Sul. (FN)

Outra característica peculiar do programa é a determinação da quantidade de palavras que circundam a ocorrência a ser pesquisada, na formatação do tipo de pesquisa a ser feita em seu banco de dados. Optamos por um recorte de co-textos de 10 palavras anteriores e

10 palavras posteriores à EI buscada. Assim, já numa primeira busca pudemos observar se na concordância havia a ocorrência de uma expressão realmente idiomática ou não.

Para a expressão *cuspir na cara*, por exemplo, encontramos a seguinte ocorrência, extraída da obra *O Matador*, de Patrícia Melo:

> **agressividade:** *cuspir na cara* → Um homem para matar, aquilo me incomodava. O pau não queria entrar, ele cuspiu na boceta dela. *Cuspiu na cara* também, enquanto gozava. O Dr. Carvalho me deu uma fotografia dele. (OMT)

Como se pode observar, não se trata de um idiomatismo porque o sentido da EI é denotativo. Quando esse recorte não era, porém, suficiente para uma análise da expressão, precisamos clicar no trecho apresentado pelo programa a fim de lermos a expressão inserida em um recorte maior de co-textos. Vale lembrar que o alvo da busca sempre aparece destacado, em negrito e, assim, chegamos a:

> **agressividade:** *cuspir na cara* → essa expressão pode tanto ser usada para expressar um indivíduo extremamente grosseiro e que maltrata as pessoas como o ato de ofender alguém. ♦ Quem é que vai dar um jeito nestes paulinhos vilhenas da vida, que vivem a *cuspir na cara* dos fotógrafos? (TRNU-i)

Após a identificação de uma ocorrência como idiomatismo, buscávamos o contexto e selecionávamos a concordância levando em consideração sua suficiência para contextualizar a EI e complementar a informação da definição. Em geral, os idiomatismos não precisaram das 20 palavras (10 de cada lado) para ratificar a significação da EI apresentada.

Para a EI *só ter olhos para (alguém),* referente ao conceito 'amor', não era suficiente apresentarmos apenas as 10 palavras anteriores à EI ("olha para ela com cara de garoto safado, mas ela *só tem olhos para Leleco*"), tampouco as 10 posteriores, que sequer se referiam ao idiomatismo.

Assim, clicamos na EI, em negrito, e com uma apreciação minuciosa concluímos que um número maior de palavras antecedentes a este idiomatismo é que poderiam ilustrar de modo satisfatório sua significação:

> **amor:** *só ter olhos para (alguém)* → usa-se para descrever o envolvimento amoroso de um indivíduo; 'só ter olhos' refere-se à idéia de que o amor faz com que um indivíduo não se sinta atraído por ninguém que não seja a pessoa amada. ♦ Candonga dança com Zé Gato, bem apertados, Juriti é tirada por

> Gaspar, que olha para ela com cara de garoto safado, mas ela *só tem olhos para* Leleco (...) (FO)

Na busca propriamente dita, decidimos procurar as expressões, *a priori*, em sua forma cristalizada e, portanto, mais usual. Dado que a maior parte dos idiomatismos alistados são verbais, procuramos buscá-los na forma infinitiva.

As buscas por concordâncias para as EIs como *não esquentar (muito) a cuca (cabeça)* ou *quebrar (baixar) o pau*, a primeira referente ao conceito 'serenidade' e a segunda à 'agressividade', foram realizadas e as expressões facilmente localizadas no infinitivo.

Dessa forma admitimos a possibilidade, tanto de mudança do substantivo (*não esquentar a cabeça*), da inserção de elementos que não comprometem a idiomaticidade da expressão (*não esquentar* [*muito*] *a cuca*), quanto da permuta de um determinado verbo (*quebrar* [*baixar*] *o pau*).

As concordâncias para os exemplos citados foram as seguintes:

> **serenidade** *não esquentar (muito) a cuca (cabeça)* → usa-se mais freqüentemente no imperativo; indica um pedido de calma; tranqüilidade para lidar com determinada situação em que haja conturbação. ♦ – Mas ele explicou isso na reunião, menina. Você não se lembra?... / – Isso tudo é fogo de palha... *Não esquente a cuca* não. Já já ele se cansa... (ORM)

> **agressividade:** *quebrar (baixar) o pau* → usa-se 'quebrar' para indicar agressão física ou confusão, em associação com 'pau' significa bater, brigar, confusão, discussão etc. ♦ – O Estado está com dois repórteres. Já *quebrou o* maior *pau*. / – E agora, como é que está? / – Tranqüilo. Mas pode *quebrar o pau* de novo. (AF) ♦ *Baixo o pau* em todo mundo para que dance conforme a minha música. Pau no nobre, pau no padre.(CID)

Assim, disponibilizamos ao consulente o uso do idiomatismo com o verbo na forma infinitiva, além de suas possíveis variações, com mudanças de tempo, número e gênero.

Nos casos em que o idiomatismo aparece nas ocorrências em tempos verbais diferentes, preservamos a entrada no infinitivo e apresentamos a EI da maneira em que está registrada nos textos dos córpus.

Para a EI *encher-se de coragem*, referente ao conceito 'coragem', encontramos a seguinte concordância:

> **coragem:** *encher-se de coragem* → usa-se para descrever o momento em que o indivíduo enfrenta situação considerada complicada ou alguém com mais

> força ou poder. ♦ O coração de Clarissa bate com mais força. Agora, sim, é Amaro. Vem de chapéu na mão, ar cansado, cabeça pendida, passos lentos. Clarissa *se enche de coragem*. (CLAR)

Após a busca no córpus do LL, em que encontramos concordâncias, como já dissemos, para 75% dos idiomatismos alistados, decidimos não desconsiderarmos os outros 25% restantes. Partimos, então, da premissa de que a própria Internet pode ser considerada um grande córpus e utilizamos alguns motores de busca na coleta de outras concordâncias.

4.8. Concordâncias na Internet

Embora as informações encontradas na Internet não sejam, em sua totalidade, de fontes fidedignas e, além disso, contenham imprecisões e mesmo erros ortográficos, não poderíamos desconsiderar a importância desse meio nas pesquisas lingüísticas que priorizam grandes córpus para sua realização, como é o caso de nosso trabalho.

Percebemos, portanto, que determinados idiomatismos, apesar de muito usuais, não estavam contemplados no córpus do LL da Unesp de Araraquara. Provavelmente esse fato se dá por se tratar de um córpus que reúna textos necessariamente escritos. Ao contrário, na Internet, embora também se trate de textos escritos, verifica-se uma grande quantidade de textos que apresenta características da oralidade, para causar efeito, ou parecer, a transcrição de textos falados. Essa tentativa de retratar a realidade da fala cotidiana também pôde ser observada nos diálogos de personagens de obras literárias, em textos de roteiros de filmes, de telenovelas, ou mesmo de peças teatrais, do LL.

Encontramos, por exemplo, a concordância para a EI *com o (um) olho roxo*, referente ao conceito 'agressividade', em um diálogo entre as personagens da telenovela *Mandala*, escrita por Dias Gomes e veiculada na Rede Globo de Televisão, em que as falas aparecem separadas por barras ("/"):

> **agressividade:** *com o (um) olho roxo* → ♦ Gerson nota que Creonte está com um hematoma no rosto. / P: – Chi! Creonte tá com um olho roxo... Te acertaram? (MD).

Outro exemplo é a EI *xingar (alguém) de tudo quanto é nome*, também referente ao conceito 'agressividade', para a qual encontramos uma concordância adequada, no LL, proveniente de um texto teatral da peça de Gianfrancesco Guarnieri, "Eles não usam black-tie".

> **agressividade:** *xingar (chamar) de tudo quanto é nome* → agressão verbal em que não se pode definir com precisão o vocabulário insultuoso ou injurioso usado no destrato de alguém. ♦ – Tem um porém... / – Tião: Qual ? / Jesuíno: – Se a greve for certa, o pessoá vai *xingá* a gente *de tudo quanto é nome*! (EN).

Para ilustrarmos os casos de EIs de grande ocorrência em nossa língua, e que não estavam contempladas em textos do LL, tomemos o exemplo do idiomatismo *botar chifre em (alguém)*. Embora tenhamos recorrido à mudança do verbo (de *botar* para colocar, *meter*, *pôr* etc.), à mudança dos tempos verbais (para *botou*, *põe*, *mete*, *colocaram* [- *chifre*] etc.), e até mesmo à redução do idiomatismo à palavra *chifre*, não encontramos nenhuma concordância que apresentasse a EI citada, tampouco alguma de suas variantes, no LL e, por isso, achamos por bem a busca em outros córpus.

Por meio da Internet, pudemos confirmar a grande ocorrência de tal idiomatismo, contemplado em algumas centenas de textos. Selecionamos uma concordância do site "capricho.abril.com.br/especiais/ depoimentos/depoimento15.html".

> **traição:** *botar (pôr, meter) chifre (os cornos) em (alguém)* → refere-se mais precisamente à prática do adultério, à traição em relacionamentos; usa-se tal idiomatismo com o cornear em referência ao ato de ferir com os cornos, nesse caso o de prejudicar um relacionamento ou quebrar o compromisso. ♦ Soube da aposta na mesma hora, uma amiga me contou: o Paulo tinha apostado com alguns meninos que ia *botar chifre no meu namorado*. (CAP-i)

Há que se ressaltar que na busca por concordâncias na Internet, preocupamo-nos em apresentar, além do trecho de texto a ser utilizado em nosso dicionário, o endereço eletrônico a que se refere à citação. Nossa coleta por concordâncias na Internet priorizou, novamente, textos em que se pôde confirmar que determinada expressão buscada é um idiomatismo.

Na maioria das vezes, ao utilizar os motores de busca como o www.google.com.br e o www.yahoo.com.br, foi preciso que, além de digitar a EI a ser pesquisada no campo concernente à pesquisa avançada, grande facilitador na busca por lexias

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

complexas, e escolher o idioma português, observássemos os endereços alistados em que apareciam as ocorrências, analisando-os um a um, para encontrar o trecho que melhor ilustrasse a EI. Em seguida, foi necessário adentrar nos endereços correspondentes e realizar um recorte adequado do trecho do texto que deveria figurar no dicionário como sendo a concordância mais elucidativa da EI em questão.

5. Protótipo de Dicionário Onomasiológico de Expressões Idiomáticas

amor x ódio

beleza x feiúra

confiança x traição

conhecimento x ignorância

coragem x medo

felicidade x infortúnio

rapidez x lentidão

riqueza x pobreza

serenidade x agressividade

sucesso x fracasso

AMOR X ÓDIO

amor :

calar (escutar, falar, ouvir, perceber etc.) a voz do coração → significa sufocar a intuição proveniente do sentimento amoroso; dependendo do verbo com o qual é usado o idiomatismo, como *escutar* ou *falar*, indica a demonstração de sensibilidade amorosa; usa-se nos casos em que um indivíduo segue seu desejo ou intuição em um relacionamento. ♦ Quem poderá em vão *calar* / a *voz do coração*? / se o amor quiser partir / num dia de manhã sem avisar (FNS)

chegar (alcançar, levar, trazer etc.) até o (ao) coração → descreve a situação na qual um indivíduo consegue sensibilizar outrem; significa convencer por meio do amor ou da sensibilidade. ♦ Mãe: Acho que já te pegaram. É tarde! você *chegou até o coração* deles. Aquela mísera estátua das leis, no centro da cidade. Agora você deve esperar. (CCI)

corda e caçamba → usa-se para descrever relacionamentos que parecem ser ideais, em referência à ligação denotativa dos objetos 'corda' e 'caçamba', ou seja, nos quais há afinidade perfeita entre os parceiros; o mesmo ocorre com os substantivos 'tampa' e 'panela' e 'unha' e 'carne'. ♦ Ele, um homem. Ela, uma mulher. Entre eles, o amor. Unha e carne, *corda e caçamba* (NAV-i) .

de (todo) coração → usa-se para indicar algo feito com amor, apreço, carinho, dedicação; 'coração' é uma imagem muito usada para expressar conotativamente o sentimento amoroso; 'de todo' pode significar tanto abundância quanto totalidade. ♦ João da Preta não insistiu, que conhecia de sobejo José de Arimatéia: *de coração* e convivência, mas homem de prosa reduzida, reservado por demais. (CHA) ♦ Procurei ser fiel ao espírito de humildade, que *de todo coração* desejo atingir. Foi assim que me pacifiquei e resisti ao desejo de arrancar as primeiras folhas deste caderno (...) (BPN)

dois pombinhos → usa-se os vários tipos de relações entre animais de mesma espécie, como no caso da forma diminutiva 'pombinho', para descrever um relacionamento amoroso, considerado equilibrado, entre duas pessoas; expressa afeto. ♦ Quarenta anos de casados. *Dois pombinhos*, que ainda agora arrulharam na festança de Los Angeles. E passearam românticos de barco. (BPN)

encontrar (achar, buscar, conhecer, ser etc.) a (minha, sua, tua etc.) alma gêmea → é usado comumente para descrever um relacionamento equilibrado e amoroso; refere-se à possibilidade de se encontrar um(a) parceiro(a) ideal ou perfeito. ♦ Descuidada, confiante, sentia-se protegida porque ele era muito parecido com ela (como sempre, escamoteava-se o fato de que aquilo era uma defesa), acreditava que o amava por causa disso – "*encontrei minha alma gêmea*". (AF)

estar assim com (alguém) → idiomatismo que sempre vem acompanhado da gesticulação, caracterizada pelo esfregar dos dois dedos indicadores das mãos, para indicar que duas

pessoas estão envolvidas afetivamente ou com intimidade. ♦ (...) você não tem idéia do quanto. É maravilhoso ele *estar assim com você*...estou muito feliz. (APX-i)

falar ao coração → 'falar' a uma parte do corpo humano, tão marcada pela conotação amorosa, como é o caso de coração, significa expressar o sentimento amoroso por meio da sensibilização; ♦ Goiana muito me *fala ao coração* como terra de nascimento de meu pai. É uma cidade com fisionomia própria, de engenhos, açudes e povo tradicionalista e alegre. (TA-O)

fazer amor → embora essa expressão signifique manter relações sexuais, faz alusão à presença de alguma forma de afeto, que vai além da atração física. ♦ Ele estudaria, esperando que a mulher saísse do banho, com suas pernas gorduchas e brancas. Então, iriam para a cama *fazer amor*. (SE)

formar uma bela dupla → refere-se ao relacionamento entre duas pessoas em que prepondera a sintonia e o equilíbrio típicos das mais variadas formações de duplas (de amigos, de trabalho, de cúmplices etc.); pode ser usado de maneira irônica. ♦ "Tragédia é com ela, latim é com você. Vocês *formam uma bela dupla*, sabe?" (ACM)

fruto do amor → refere-se ao nascimento de um bebê em conseqüência de um relacionamento amoroso entre um homem e uma mulher. ♦ – Lancei uma maldição, Habacuc. Oh, sim, invoquei Lilith e lancei uma maldição aqui, neste lugar, ser algum adquirirá vida, a menos que seja *fruto do amor* de um homem e de uma mulher. (CEN)

ir direto ao coração → diz-se do indivíduo que toca a sensibilidade de outrem; descreve aquele que sensibiliza, ao expressar seu amor, sem embromação. ♦ Clarice era assim *ia direto ao coração* das palavras e dos sentimentos. Conhecia a linha reta para ser sincera. (PAO)

no fundo do coração → 'coração' é a imagem mais usual para a expressão do sentimento amoroso; tal idiomatismo significa amar com sinceridade, ou expressar o amor carinhosamente, tocar o íntimo de alguém. ♦ Sou o primeiro solitário do mundo. Depois, achar, *no fundo do coração*, que não é bom estar só. (VES)

no roça-roça → refere-se aos bailes populares, comuns na região nordestina brasileira; usa-se essa expressão para descrever tanto o envolvimento de ordem amorosa quanto sexual, existente entre duas pessoas. ♦ Fomos tomar banho e ainda faltava muito tempo do corno do marido dela chegar. Lá no banheiro, *no roça-roça* dos nossos corpos (...) (COE-i)

o amor e um barraco (uma cabana) → refere-se à possibilidade de se encontrar a felicidade e a estabilidade em relacionamentos, baseando-se apenas no amor e deixando em segundo plano a situação sócio-econômica. ♦ No pagode do Reunidos, o cantor, de cavaquinho, atacou o estribilho de sua autoria: – "Liberdade é você, *o* nosso *amor e um barraco* para nos aquecer." (ECR)

ser a mulher (o homem) da sua vida → usa-se comumente nas situações em que um parceiro descreve seu par por um viés apaixonado, por vezes uma idealização. ♦ Abasteceu a pensão de peixe por algum tempo, até que conheceu aquela que *seria a mulher de sua vida*. (BB)



ser como tampa e panela → usa-se 'tampa e panela' para descrever os relacionamentos que parecem ser ideais por existir afinidade entre os parceiros; daí a referência à combinação entre 'tampa' e 'panela', objetos que devem se encaixar perfeitamente; o mesmo ocorre com 'corda' e 'caçamba' e 'unha' e 'carne'. ♦ Mais que isso, ao ver pais se separando, sendo os nossos ou de amigos, nos perguntamos: se eles *eram tampa e panela*, porque se separaram? (MON-i)

ser como um irmão → relaciona-se ao amor incondicional que um indivíduo sente por outrem, comparado ao amor fraterno. ♦ Figueiredo: - É verdade, o Montanha *é como um irmão* para mim. / Folha: - General, e a liberdade de imprensa? (FSP)

só ter olhos para (alguém) → caracteriza o envolvimento amoroso de um indivíduo; 'só ter olhos' refere-se à idéia de que o amor faz com que um indivíduo não se sinta atraído por ninguém que não seja a pessoa amada. ♦ Candonga dança com Zé Gato, bem apertados, Juriti é tirada por Gaspar, que olha para ela com cara de garoto safado, mas ela *só tem olhos para* Leleco (...) (FO)

ter bom coração → descreve o indivíduo que possui uma personalidade calcada no amor e na bondade. ♦ Por que você falou daquele jeito, como se tivesse ódio dentro de você? Eu sei que você é boa, eu sei que você *tem bom coração*. Para quê aquilo tudo? (GE)

trazer (andar, continuar, levar, tocar etc.) no coração → 'coração' é uma imagem freqüente na expressão do sentimento amoroso, nesse caso significa reservar um lugar especial, marcado por afeto e apreço, a alguém. ♦ Na verdade, ele não tinha posses, nem emprego, nem nada, tinha chegado à estância com uma bombacha, remendada um pedaço de carne seca e uma boina esfarrapada. Mas *trazia no coração* - seu grande tesouro - aquele mesmo ardor do joão-de-barro (...) (G)

triângulo amoroso → refere-se aos relacionamentos amorosos entre três pessoas que, em geral, é marcado pela falta de reciprocidade de uma das partes do 'triângulo'. ♦ Sem maiores abalos, e pelas costas de um Basílio já de si abúlico e que se transformava a olhos vistos num composto de cerveja e toicinho, fundassem um *triângulo amoroso* que Xavier considerava, de antemão, inaceitável: (...) (CON)

unha e carne → novamente se recorre a imagens que fazem referência à harmonia existente entre dois indivíduos; usa-se 'unha e carne' para descrever os relacionamentos que parecem ser ideais, ou seja, nos quais há afinidade perfeita entre os parceiros; o mesmo acontece com *corda e caçamba* e *tampa e panela*. ♦ Elas são muito amigas (*unha e carne*, diria eu!). Eu represento o amor filial. (CORU-i)

ódio :

com cara de poucos amigos → refere-se à expressão facial tanto do indivíduo mal-humorado como daquele que inspira antipatia. ♦ Profissional, recolhendo os instrumentos *com cara de-poucos amigos*, Lula interrompeu: – Chega, deixa Ele em paz agora. Muito Deus na boca de ladrão, não presta! (ECR)

cortar relações com (alguém) → usa-se em casos de rompimento das relações com alguém por conta de algum tipo de divergência. ♦ (...) depois confessou que falou aquilo só para se vingar, mas o tiro saiu pela culatra, o Pierre ficou com inveja, sentiu-se humilhado, *cortou relações com ele*. (CAV)

em pé de guerra (briga) com (alguém) → descreve relações divergentes nas quais predominam o ódio ou a rivalidade. ♦ Com os palestinos dos territórios ocupados *em pé de guerra* e os "seus" próprios árabes excepcionalmente mobilizados, Israel passou a enfrentar, ainda, as pressões internacionais, desencadeadas pela dureza na repressão aos protestos. (VEJ)

estar atravessado na garganta → expressão empregada para descrever a aversão que um indivíduo sente por alguém ou por algo, motivada por algum acontecimento negativo. ♦ Saddam Hussein *estava*, a longos oito anos, *atravessado na garganta* dos republicanos, que ainda tiveram que esperar mais dois anos em decorrência do atentado de 11 de setembro de 2001 (...) (UFP-i)

estar (ficar) de mal → descreve uma pontual situação de inimizade por conta de divergências não muito intensas. ♦ Enfim, tenho todos os motivos para me orgulhar de meu corrupião; e devia estar contente. Mas a verdade é muito outra. Há um pequeno drama de família, *estamos de mal*. (AID)

estar (continuar, entrar, ficar, permanecer etc.) na lista negra → caracteriza o indivíduo, ou o conjunto de pessoas, com o qual se evita qualquer contato, por se ter revelado indigno de apreço. ♦ Entrou a querer-me bem devido ao papel moderador que eu exercia junto ao Ministério do Exterior, na aplicação das leis de guerra, no caso de uma indústria de sua firma, que *estava na lista negra* (...) (EM)

estar de relações estremecidas (cortadas) com (alguém) → idiomatismo utilizado para a descrição de uma indisposição, por divergência, existente entre pessoas que se relacionavam. ♦ Não tenho nada contra Frank, inclusive até gosto dele, mas *estávamos de relações estremecidas*, talvez não fosse uma hora boa para ele vir. (T)

fechar a cara → é freqüente o uso de 'cara' em referência ao humor de um indivíduo; significa tanto mostrar-se agressivo como ficar mal-humorado por conta de decepção ou raiva. ♦ – É a melhor tática; disse Pepão, metendo-se na conversa. / – *Fechar a cara*, ameaçar. / – Não, Pepão; pode falhar. O nosso amigo não tem jeito de *fechar a cara*, acho mesmo que nunca fechou. (JT)

inimigo público número um → indica relação de ódio existente entre pessoas ou grupos antagônicos; refere-se ao indivíduo que constitui ameaça à ordem social. ♦ (...) com seus quarenta e dois anos, sua pele clara, seus cabelos castanhos; é um Gandhi cabeludo, um Martin Luther King branco, um *inimigo público número um* para os poderosos, um zorro para os desesperados (...) (GRE)

meu (nosso, seu, teu etc.) santo não bate com o de (alguém) → usa-se para descrever uma relação de antipatia ou inimizade; esse idiomatismo recorre à imagem do 'santo' para enfatizar que, embora alguns indivíduos possuam qualidades, eles podem causar repulso ou

aversão pelo outro. ♦ Você já deve ter dito ou escutado: "*Meu santo não bate com o daquela pessoa*". Na verdade é a sua sensibilidade que detecta o gênio contrário de alguém. (ESO-i)

não dar para engolir → descreve a aversão a algo ou a alguém, em alusão à repulsa a algum tipo de alimento; significa não suportar. ♦ Acho que todo mundo deve respeitar os direitos dos outros, mas você ultrapassou os limites e *não deu pra engolir*!!! (CEN-i)

não me desce (vai) → outro idiomatismo que se usa para descrever a aversão por algo ou alguém ou para descrever o sentimento de intolerância; aqui se recorre à imagem do verbo 'engolir', que também significa ser obrigado a suportar, tolerar. ♦ Sou gaúcho, admiro pra caramba o Tarso Genro, mas esta filha dele realmente *não me desce*. (OBI-i) ♦ Frade: – Juro a Deus que não te entendo! E este hábito *não me vai*? / Diabo: – Gentil padre mundanal, a Belzebu vos encomendo! (NEA-i)

não poder nem ver (algo/alguém) → descreve a profusão de sentimentos negativos, como antipatia, aversão, intolerância, ódio etc. ♦ P: – O que foi? Tá louco? / P: – Tava só vendo! / P: – *Cigarro não pode nem ver*! Está impaciente, olhando o relógio, quando aparece Verônica. (UNM)

não poder ver (alguém) nem pintado (de ouro) → refere-se à grande aversão de um indivíduo por outro, mesmo que este possua, ou venha a possuir, qualidades e venturas. ♦ Três viagens de ida, três viagens de volta. Ia tudo muito bem, até que o Quinzinho Brito, *aquele um* que Germano *não podia ver nem pintado*, mas que na época era de muita amizade, entrou na história. (ID)

nunca (não) ir com a cara de (alguém) → emprega-se para descrever a antipatia que um indivíduo tem por algo ou alguém; significa antipatia. ♦ Eu nunca o apreciei muito, *nunca fui com a cara desses Sampaios*! O pai, um metido por força de dinheiro; a mãe (fez uma careta) é aquilo... (VB)

olhar (andar, continuar, ficar, viver etc.) de cara feia → é freqüente o uso de 'cara feia' em analogia ao mal-humor de um indivíduo; refere-se à expressão facial do indivíduo mal-humorado. ♦ Quem *olha* para ele *de cara feia* diz qualquer coisa ou dá uma vaiazinha modesta, ele enfia o nariz dentro dos carros para bater boca com o motorista, vai para debaixo das janelas xingar as donas de casa. (GZT)

olhar de atravessado → indica o ato de olhar de través, que indica tanto desconfiança quanto antipatia. ♦ De pé, com a perna esquerda dobrada e apoiada na direita à altura do joelho, escorado na vara de ferrão posta verticalmente no solo, o carreiro *olhava de atravessado* a mulher matraqueante e suarenta. (VER)

pedir (querer) a cabeça de (alguém) → faz alusão ao antigo método de punição que consistia em decaptar alguém, como é o caso da guilhotina; descreve o desejo de punir ou capturar alguém, revelando um ódio exacerbado. ♦ Genoino diz que partidos da base aliada não podem *pedir a cabeça de ministros* Presidente do PT, no entanto, afirmou que líderes poderão expressar opiniões (EPT-i)



BELEZA X FEIÚRA

beleza :

acabar de (parecer que) sair de um salão de beleza → utiliza-se para descrever aquele que constantemente está bem vestido e arrumado. ♦ A prefeita Marta Suplicy, que está sempre dando a idéia de que *acaba de sair de um salão de beleza*, impôs um aumento de 17,5% (...) (TRB-i)

belo (bonito, lindo) como o dia → usa-se na comparação com o 'dia' ou outras imagens consideradas belas, para a descrição elogiosa de um indivíduo. ♦ Um rapaz de cerca de treze anos, encantador, *belo como o dia*, sempre vestido com um fado de marinheiro. (PLU-i)

belo (bonito, lindo) como um (bicho de) deus → emprega-se a comparação de um indivíduo com 'deus' para ressaltar suas qualidades físicas; é freqüente ainda a referência às belezas advindas das criações divinas, como é o caso de 'bicho de deus'. ♦ Alcibíades: (gesticulando, embriagado) para falar de amor é preciso louvar Sócrates! Ele parece um sátiro, mas é *belo como um deus*! (TEG) ♦ – É inteiro. ...Não, é roncolho. Mas *bonito como um bicho de Deus*! ... / – É só de longe, seu Major. De perto, ele é de cor mais trivial. (SA)

belo (bonito, lindo) como um príncipe → em analogia com príncipe, filho primogênito do rei, usa-se esse idiomatismo na descrição do indivíduo que se veste bem, possui maneiras finas e distintas. ♦ *Belo como um príncipe* / Ou um astro de cinema / Vi-te ontem, teu aniversário / No teu círculo de amizades (...) (SEC-i)

bem feito de corpo → refere-se ao corpo considerado bonito e harmonioso, mais especificamente à aparência física do indivíduo; usa-se na descrição da forma física do corpo de alguém; o idiomatismo oposto, *mal feito de corpo*, refere-se à 'feiúra'. ♦ Algum gabava o *bem feito de corpo* de uma das moças que dançavam. A conversa apreciável do Joaquim Leal se passava baixinho, de um pra um, com medido sossego, ele noticiando o aumento de seus negócios. (COB)

bonito (belo, lindo) como uma pintura → usa-se para designar pessoa, animal ou qualquer coisa que se julgue muito bonita, digna de ser pintada, retratada. ♦ Sexy para mim é o não-clichê. Ele era um cara bonito. Muito *bonito*. *Como uma pintura*. Plasticamente bonito. (CHE-i)

bonito (belo, lindo) como um doutor → 'doutor' refere-se ao profissional da Medicina ou do Direito, tido, em nossa cultura, como elegante, inteligente etc.; usa-se na comparação com alguém que se crê belo. ♦ O senhor fala *bonito como um doutor*, palavra. (Leva a mão à cabeça do Homem e afaga-lhe os cabelos.) É irresistível... (FAN)

bonito de doer (morrer) → usa-se comumente no caso de extrema beleza de algo ou alguém; 'de doer' ou 'de morrer' significam, entre outras coisas, excesso, abundância. ♦ Outras

mulheres já haviam demonstrado desejá-lo muito, mas nunca nenhuma soubera falar-lhe com a desbocada franqueza daquela mulata *bonita de doer*, com os olhos verdes no rosto castanho escuro. (ASS)

como noiva (madrinha, noivo, padrinho) em dia de casamento → refere-se à maneira elegante com que um indivíduo está vestido, analogamente aos trajes usados em cerimônias matrimoniais. ♦ (...) profeta garante que Deus não se esqueceu da sua cidade em ruínas e vai voltar a fazer dela uma cidade bela e cheia de vida, *como uma noiva em dia de casamento* (...)" (NATA-i)

com roupa de missa (de sair) → descreve o indivíduo bem vestido, em alusão ao hábito de escolher uma vestimenta especial para sair à diversão, passeio etc., ou mesmo para ir à missa. ♦ Já na rua que subia para o cemitério, o vai e vem do povo, falante, *com roupa de missa,* passando e parando nas barracas de guloseimas, bebidas, velas (...) (MAUR-i) ♦ - Por que você está *com roupa de sair*, então? Fernanda pára de guardar as coisas na caixa, caminha até o marido e o abraça. (EMOV-i)

com tudo em cima → indica a aparência de alguém que se julga estar em boa forma física; aquele que não aparenta a idade que possui. ♦ Tem um estúdio na Vila Madalena, se a gente ensaiar tudo antes, chegar lá *com tudo em cima*, hum, acho, especulava, cofiando a barba. (CAV)

de belo porte → usa-se para a descrição do aspecto do corpo humano, no que concerne à altura, elegância, postura, simetria. ♦ Dava-se que via o desacostumado, mas de uma forma a parecer ele em tudo igual ao que ela esperava que fosse: um cavaleiro *de belo porte*, agora mais do que na hora da chegada (CL)

de encher os olhos → é comum a referência aos 'olhos' para descrição da beleza física; o que se julga agradável, aprazível de ser visto. ♦ João alugara pasto para os animais e procurava se ambientar em palestras com gente do arraial sobre a compra de fazendola, pois tendo pouco recurso não almejava fazenda *de encher os olhos*. (VB)

de parar o trânsito → designa o indivíduo que chama a atenção devido à grande beleza; em alusão àquele capaz de causar impacto por gerar grande admiração. ♦ Aos 25 anos, uma gata *de parar o trânsito*... A bela moça na foto da carteira de identidade é Mariângela Loureiro Gaspar, magérrima (...) (PIC-i)

estar conservado (enxuto) → emprega-se esse idiomatismo na descrição de alguém que aparenta ter menos idade do que realmente possui; refere-se ao fato de se conservar uma aparência física mais jovem. ♦ Embora velho, é vários anos mais moço do que Melchior. *Está conservado* e tem o aspecto de uma pessoa sensata e tranqüila (...) (VP) ♦ Douglas emagreceu 14 quilos. *Está enxuto*, astral lá em cima e jogando um voleibol de primeiríssima qualidade. (AN-i)

lindo de morrer → usa-se para descrição de um indivíduo que causa forte impressão, devido a sua grande beleza; atualmente, no Brasil, quando a imagem de 'morrer' é negativa para um indivíduo, há a substituição por 'viver'. ♦ (...) eu lá dentro, apavorada, ao mesmo tempo

que olhava pelo vidro e achava o Beto um sujeito *lindo de morrer*, sonhava ele entrando e me violentando. (BE)

parecer que tem (passaram) mel → diz-se daquele que atrai com muita freqüência a atenção das pessoas por conta de sua beleza; refere-se à atração que o mel exerce sobre determinados tipos de insetos ou aves; usa-se ainda para indivíduos que têm sorte também em outros âmbitos. ♦ Se na adolescência as mulheres fugiam dele como do capeta, hoje o Beto *parece que tem mel*. (COP-i)

parecer uma estrela (um artista, um astro) de cinema → usa-se para designar o indivíduo de grande beleza, em analogia com o glamour e o *status* que envolvem o meio artístico. ♦ Fiz uma capa especial com uma fotografia de Linda em que ela *parece uma estrela de cinema* dos anos 40, tipo Laureen Bacall ou uma qualquer dos filmes (...) (BEA-i) ♦ O que você acha das pessoas que não apresentam nenhum problema físico e fazem cirurgias apenas para *parecer um artista* de cinema, aplicam silicone para (...) (LAGO-i)

porte de rainha → assim como o idiomatismo *belo como um príncipe*, há a referência à nobreza, nesse caso, à mulher oficial do rei; tais analogias referem-se ao comportamento, à altivez, elegância, postura, vestimenta etc., dos nobres. ♦ Daí a pouco Damião tomava a ouvi-los, trazidos por uma rajada mais fresca, e outra vez a imagem da nochê, cercada pelas noviches vestidas de branco, lhe refluía à consciência, magra, direita, *porte de rainha*, a cabeça começando a branquear. (TS)

ser a visão do inferno → esse idiomatismo é usado para descrever, de maneira pejorativa, algo ou alguém sem beleza, que é considerado feio, repugnante; daí a alusão à imagem de 'inferno'. ♦ Pior companhia ele não poderia ter... Imagine Hebe Camargo cantando pagode!? *É a visão do inferno*!!! Fica o registro e o meu pesar! (CHOR-i)

ser um chuchu (chuchuzinho) → esse idiomatismo descreve tanto o indivíduo muito bonito como aquele gentil, encantador ou muito educado; é freqüente o uso da forma diminutiva para demonstrar carinho. ♦ Aquele cara ou aquela gatinha que você sempre quis se declarando e dizendo que você *é um chuchu*? (CHA-i)

ser um colírio para os olhos → 'colírio' é o líquido aplicado nos olhos com o propósito de tratar problemas oculares; refere-se à agradável sensação que algo ou alguém de boa aparência pode proporcionar. ♦ Se é feminina a maioria do público das novelas, porque não lhe oferecer um *colírio para os olhos*, um pedaço de mau caminho? (VEJ)

ser um pão (de mel, doce etc.) → usa-se para descrever além da beleza de um indivíduo, sua bondade, boa-educação, doçura, refinamento etc.; é raro seu uso para descrição de mulheres. ♦ Ah! Com dedicatória... / Meu filhinho, encosta nele que é o Ben Silver! Ele *é um pão*! (RV)

ser um pedaço de mau caminho → atualmente se usa para descrever a beleza de alguém; porém pode descrever a atração física por pessoa de mau caráter. ♦ Comungou na Páscoa, graças ao Capelão do batalhão, Zaurinha dançou com ele no clube, *ser um pedaço de mau caminho* e caminho do céu, sestrosa que era um doce. (DM)

tal qual (belo, bonito, lindo) (como) menino Jesus → faz-se a analogia com 'Jesus', tido para o cristianismo como um homem belo, em analogia com indivíduo considerado belo. ♦ De quando em quando ouvia-se uma voz, sussurando: - Gente, é *tal qual o Menino Jesus*. (JT)

ter (ser) boa pinta → 'pinta' significa, entre outras coisas, aspecto externo de algo ou de alguém; aparência; fisionomia; descreve aquele considerado belo; em grupos machistas é comum o uso desse idiomatismo na descrição da beleza masculina, feita por um outro homem, evitando-se assim, adjetivos como belo, bonito, lindo etc. ♦ O Zé afinal *tem boa pinta*. Podia arranjar coisa melhor. Os velhos protestavam: Muito bonita, muito boa, muito inteligente! (MRF)

vestir(-se) como um dândi → 'dândi' é o indivíduo que se preocupa exageradamente com sua aparência; refere-se ao modo elegante e requintado na maneira de um indivíduo se vestir. ♦ Será que ele sabe lutar? G então me aparece *vestido como um dândi*, em roupas caríssimas e delicadas. Eu disse: isto é uma guerra, não uma festa. (MAN)

feiúra :

abrir a porta do cemitério → emprega-se para descrever tanto um indivíduo como um grupo de indivíduos muito feios, de aparência desagradável em alusão ao terreno em que se enterram e guardam cadáveres humanos. ♦ Abri o gás, se mandar, ir embora. *Abriràm a porta do cemitério*! Lá vem mulher feia! (KHO-i)

cão chupando manga → nesse idiomatismo 'cão' refere-se ao diabo, tido como uma figura de grande feiúra; recorre-se à imagem do diabo alimentando-se de manga, ou seja, da fruta que, devido à sua viscosidade, lambuza o redor da boca; descreve o indivíduo muito feio ou sujo; ♦ Você se sente feia (o)? O *cão chupando manga*? Parece que nasceu do avesso? Seus problemas de complexidade e inferioridade acabaram-se. (QUER-i)

com cara de cavalo → indica a feiúra do indivíduo que possui o rosto alongado e fino ou a cabeça grande, por isso a analogia com cavalo. ♦ Entrei no VIP (muito chique) e me deparei com um sujeito *com cara de cavalo*, que reconheci como sendo o filho mais novo de Marília Gabriela (...) (PEL-i)

com cara de defunto → utiliza-se para descrever o indivíduo de aspecto feio e pálido, geralmente com olheiras, devido a traços de seu rosto. ♦ FC: – Bem, Dona Coquinha, como está a sua saúde? / – D. Coquinha: Ataúde, que ataúde meu filho? Tá me achando *com cara de defunto*? (FIL-i)

de dar medo → emprega-se 'medo' para caracterizar algo ou alguém assustador, aterrorizador, em analogia com 'feiúra'; refere-se à fealdade excessiva que causa mal-estar ou repugnância. ♦ Eram três marginais *de dar medo*, não tanto pela enorme folha corrida, mas pelo ar de revolta que estampavam no rosto. (ECR)

de quebrar o espelho → recorre-se normalmente à analogia entre 'espelho' e a imagem da beleza; nesse caso há referência ao ato de se quebrar um espelho por conta de excessiva

feiúra; o verbo 'quebrar' transforma o sentido 'beleza' em 'feiúra'. ♦ (...) *de quebrar o espelho*. Inglesas só perdem para afegãs entre as mais feias. (MAI-i)

de queimar o filme → expressão utilizada para descrever uma situação vexatória ou o indivíduo fora dos padrões de beleza; faz alusão ao filme fotográfico queimado que, ao ser revelado, apresenta imagens distorcidas. ♦ Clélio, que também é professor, está vestido com uma fantasia *de queimar o filme*, que é composta por uma blusa e uma saia com rolos de filmes (...) (EQUI-i)

feio como a peste (fome, necessidade) → usa-se a alusão a doenças, fome, miséria para descrever o indivíduo que se encontra em estado deplorável ou situação de necessidade. ♦ Cunhambebe, líder indígena do século 16 que tinha 14 mulheres, era "*feio como a peste*", media 2 metros (...) (EST-i) ♦ Um caixeiro-viajante, indivíduo *feio como a necessidade*, mas supinamente pretensioso e pedante, chegando a uma vila, apeou-se à porta da hospedaria (...) (NED-i) ♦ Morava numa fazenda nos arredores de Vila de São João um colono de péssima aparência, era *feio como a fome*, branco avermelhado, de pele cheia de calombos (...) (DESV-i)

feio como noite de trovões (tempestade) → é comum o uso do adjetivo 'feio' para se descrever fenômenos climáticos como chuvas ou tempestades, como *temporal feio*, *o tempo está feio* etc. ♦ Fechar as portas, que soltam os touros. Feijão é que escora a casa. Feio como a necessidade. *Feio como uma noite de trovões*. Feio no corpo, bonito na alma. (KCR-i)

feio como o capeta (cão, diabo, demônio, demo etc.) → comparação com a imagem do 'capeta' ou 'diabo' revela grande fealdade. ♦ Mesmo tendo dinheiro suficiente, por exemplo, é cleptomaníaco; mesmo sendo *feio como o capeta*, é um garanhão mal-caráter (...) (POL-i) ♦ Você é *feio como o cão*, não é como Collor, não é inteligente, como EU, não tem jeitinho mineiro, como Itamar (...) (INU-i)

feio como uma trombada de caminhões (no escuro) → esse idiomatismo recorre à imagem desastrosa resultante de acidente entre veículos de grande porte; usa-se para a descrição de algum acontecimento ou mesmo de um indivíduo de horrível aparência. ♦ Poderíamos até dizer que Deus não fora muito generoso com ela, era *feia como uma trombada de caminhões*. (ANJ-i)

feio de doer → diz-se do indivíduo excessivamente feio, em analogia à sensação desagradável provocada pelo que se considera sem beleza. ♦ Também o bicho era feio mesmo; *feio de doer*. Até Dona Clara se assustara quando a fera parou à sua frente, roncou forte e fez mungangas, pedindo dinheiro. (CR)

filhote de cruz-credo → pode-se usar 'cruz-credo' na expressão de espanto e daí surge a analogia com feiúra; trata-se de alguém tão feio a ponto de causar espanto. ♦ Mulher precisa de muito saçarico ao pé do ouvido para liberar geral. Aí está a grande vantagem do *filhote de cruz-credo* com relação ao homem bonito. (ORU-i)

filhote de urubu (gambá) → usa-se a analogia com a feiúra de animais que possuem características ou aspectos repugnantes, como é o caso do gambá, que exala odor

desagradável, ou urubu, que se alimenta de carne em putrefação. ♦ O moço bêbado, bafo espantante. Ele era gente de fora e mais feio que *filhote de urubu* cagado. (VAN-i)

mal feito de corpo → emprega-se na descrição de um indivíduo que se julga não possuir boa aparência física; refere-se especialmente à forma física fora do padrão de beleza; o idiomatismo oposto, *bem feito de corpo*, refere-se à 'beleza'. ♦ Alterado assim o nome primitivo, logo se deriva do seu flanco o adjetivo aribuzado, que significa, *mal feito de corpo*, de ombros caídos, passo gigante (...) (JAN-i)

parecer que está (nasceu) do avesso → para a designação do indivíduo feio, muitas vezes se recorre aos órgãos fisiológicos do corpo humano. ♦ E se você é uma mocréia e seu namorado *parece que tá do avesso* também pode. (MADO-i) ♦ Pode me tirar uma dúvida? Você nasceu assim mesmo ou *nasceu do avesso*? (BRUN-i)

raimunda, feia de cara e boa de bunda → descreve exclusivamente mulheres que possuem o corpo bonito, ou mais precisamente as nádegas, mas que têm o rosto feio. ♦ De repente, a gente vê um bumbum cruel, se entusiasma, faz qualquer barulho para ver o rosto da fera, quando ela vira, é batizada na hora: *raimunda, feia de cara e boa de bunda*. (FOLH-i)

ser o rascunho do mapa do inferno (do avesso) (com as pontas queimadas) → descreve um indivíduo de aparência excessivamente ruim, em analogia com a imagem negativa de 'inferno', lugar de martírio e sofrimento; ao acrescentar 'do avesso' ou 'com as pontas queimadas' o usuário do idiomatismo pretende ser mais enfático quanto à feiúra de alguém. ♦ (...) é só olhar pra filha dela: uns dez anos atrás a menina *era o rascunho do mapa do inferno*, hoje virou um mulherão... (HUM-i)

ser uma mocréia (bruaca) → designa exclusivamente mulheres muito feias ou velhas; aquelas que não estão no padrão de beleza. ♦ Ah, a propósito: eu posso até *ser uma mocréia* ridícula, mas não sou eu que perco meu precioso tempo criticando um site duma pessoa que eu jamais vi na vida. (ANON-i)

CONFIANÇA X TRAIÇÃO

confiança :

aceitar (acreditar, crer) como se fosse o evangelho (a bíblia) → refere-se à doutrina cristã, às palavras proferidas por Cristo, nas quais se deve acreditar piamente. ♦ Dois minutos depois, outra pessoa pode falar a mesma coisa e nós, imediatamente, *aceitamos como se fosse o Evangelho*. (HEA-i)

acima de qualquer suspeita → designa algo ou alguém em quem se tem total confiança, que não suscita sequer suspeita. ♦ Fez com a mão um sinal solene que queria dizer: um cidadão honesto, íntegro, *acima de qualquer suspeita*. (TV)

acreditar na palavra → a palavra, no sentido de declaração, também pode servir como garantia em determinadas situações, por isso o idiomatismo revela que se está convencido da veracidade de um fato apenas por ter sido afirmado por alguém de confiança. ♦ V: – O senhor *acredita na palavra* do profeta? / É: – O que foi que o Profeta falou? / V: – Patrão, disse que essa peste é castigo e que a gente só se livra dele quando descobrir quem foi... (TGG)

apostar tudo em (algo/alguém) → apostar pressupõe acreditar em algo ou em alguém, mesmo sem plena certeza; significa ter confiança, garantir, asseverar. ♦ O Vitor tem uma puta explosão!!!... Como eu disse... pura vantagem... ...Adoro o Vand mas *aposto tudo no Vitor*... (FISI-i)

a toda prova → essa expressão significa que algo demonstrado por um indivíduo é extremamente sincero e duradouro; inquestionável. ♦ Orgulhava-se pois da sua arte não de furtar, mas de roubar. E Concetta era de uma fidelidade *a toda prova*. (IS)

boa fé → refere-se à asseveração de algum fato, com credibilidade. ♦ Mais por sinceridade e *boa fé* do que por gabolice, o braço de Chico Gongo alteou-se, único, dentre os demais presentes, que, escabriados ou escolados, não ousaram pôr as mangas de fora. (PFV-R)

cá entre nós → revela que a informação apresentada deve ficar apenas entre determinadas pessoas de um grupo; usa-se para pedir segredo. ♦ Apesar de tudo isso, muito *cá entre nós*: "Ishtar" é uma comédia bastante agradável, a qual se assiste com prazer. (OIM-i)

confiar no seu taco → para descrever o indivíduo que acredita em si mesmo; refere-se à habilidade ou destreza em determinadas atividades esportivas; diz-se daquele que tem autoconfiança. ♦ As lideranças da empresa devem *confiar no seu taco* e a auto-estima deve ser coletiva, esse é o diferencial. (FINA-i)

dar a palavra (de honra) → a palavra, no sentido de declaração, também pode servir como garantia em determinadas situações, por isso o idiomatismo 'dar a palavra' significa 'garantir'. ♦ Eu prometo, *dou minha palavra* que não toco num fio de cabelo de teu garoto.



Só quero ir lá buscar minha filha. (REI) ♦ (...) deputado *deu a palavra de honra* que não sabia de nenhum interesse da Câmara pelo edifício que comprou. (OEST-i)

dar a prova → exprime o ato de demonstrar a verdade de algo a alguém; refere-se ao ato de garantir ou provar a veracidade. ♦ O mesmo Senado que teve a competência de votar o impeachment, que vem assumindo algumas posições, inclusive, vanguardeiras em relação à outra Casa, neste momento *deu a prova* de uma imensa maturidade. (SI-O)

dar fé → usa-se essa expressão com o sentido de garantir que algo é verdadeiro tanto na terminologia jurídica quanto no sentido metafórico. ♦ Bem, aí termina a operação da operação. Até aqui, eu, Carlos Heitor Cony, brasileiro, vacinado, etc., testemunho e *dou fé* do que vi e ouvi em pleno gozo da pouca e problemática razão de que disponho. (MAN)

fazer (ter, ser) boca-de-siri → emprega-se como exclamação, para se pedir segredo absoluto sobre determinada revelação ou fato; sugere discrição, reserva. ♦ P: Fica tranqüila... *Fiz boca de siri* pros velhos... Só queria te prevenir de uma coisa: a turma da praia manja esse cara. Ele é lelé da cuca. (MD)

jurar pela alma de (alguém) → refere-se a juramento, compromisso ou promessa que, para se ter confiabilidade, oferece-se como garantia a própria paz do espírito, em 'jurar pela minha (própria, sua etc.) alma', ou a de alguém já falecido. ♦ Besta esse controle de qualidade, pois mesmo se fosse levado um ano depois do irmão gêmeo, o Humberto podia *jurar pela alma da mãe e do pai mortinhos* (...) (AJO-i)

macacos me mordam se → idiomatismo frasal que denota garantia de uma informação em determinada situação; asserveração, certeza, precisão. ♦ Chaves: – *Macacos me mordam se* aquele não é o Barrabás! / Barrabás: – Em carne e osso. (OM)

moça (rapaz) de família → diz-se daquela ou daquele que é recatado, ideal para um relacionamento, ou para descrever um indivíduo em quem se pode confiar. ♦ (...) mas o padre velho, em vez de fazer igual aos outros do seu tempo, e escolher *moça de família*, como tantos que chegavam a trazer uma prima para casa, vestida de noiva, dando assim origem a uma família que podia não ser legal mas era respeitável. (BP)

palavra de rei → analogia à declaração de um rei, de valor inconteste. ♦ – Palavra, Seu Gutemberg? / – *Palavra de rei*, Juquinha. / – De rei não, de Roldão, é mais segura, Seu Gutemberg. (S)

pôr a mão no fogo → significa não ter dúvida da integridade, competência e caráter de (alguém), ou seja, garantir pela confiança; em referência ao ato de pôr a mão no fogo e não se queimar, não se frustrar, não se decepcionar pela confiabilidade de um indivíduo. ♦ Outro jornalista que ele diz *pôr a mão no fogo* para comprovar a honestidade é Oldemário Touguinhó, referindo-se ao repórter do Jornal do Brasil (...) (RI)

quero que Deus me cegue, - morrer seco → essa expressão é usada quando se confirma a veracidade ou confiança em algo ou alguém, em contrapartida, oferece-se algo como garantia; nesses casos, a visão ou a própria vida. ♦ Nair: Sob a minha palavra de honra e *quero que Deus me cegue* se minto! / Glorinha: Tua família sabe? (PERD-i)

ser (alguém) de palavra → refere-se exclusivamente a pessoas; tal idiomatismo significa comprometer-se, ser responsável, nos casos em que é preciso garantir a confiabilidade de um indivíduo. ♦ – O senhor *é um homem de palavra*, coisa rara em nossos dias. Aqui está o combinado; disse e entregou, feliz, a quantia amealhada em moedas e notas amassadas. (XA)

ser o braço direito de (alguém) → usa-se para descrever o indivíduo em quem muito se confia e que se apresenta com resignação; pode ser usado ainda com sentido pejorativo de 'cúmplice'. ♦ Disse conhecer as pessoas envolvidas por motivos de trabalho, já que *era o braço direito do prefeito* nos assuntos relativos a madeireira. (OEP)

traição :

botar (pôr, meter) chifre (os cornos) em (alguém) → refere-se mais precisamente à prática do adultério, à traição em relacionamentos; usa-se com o verbo cornear em referência ao ato de ferir com os cornos, nesse caso, o de prejudicar um relacionamento ou quebrar o compromisso. ♦ Soube da aposta na mesma hora, uma amiga me contou: o Paulo tinha apostado com alguns meninos que ia *botar chifre no meu namorado*. (CAP-i)

chorar lágrimas de crocodilo → designa a falsidade de um indivíduo ao chorar ou se lamentar por algo ou por alguém; tal idiomatismo pode ser explicado pelo fato de o animal, ao ingerir alimento, faz forte pressão sobre o céu da boca, comprimindo as glândulas lacrimais. Por esta razão, cientificamente observada, parece que o crocodilo chora, enquanto devora a sua presa. ♦ Um grande sáurio arrasta-se no chão mas nunca no tempo. Os pequenos *choraram lágrimas de crocodilo* pelo fim do progenitor. (TMOR-i)

dar outras (umas, suas) escapadas (escapadela) → descreve a traição em relacionamentos entre duas pessoas; refere-se à infidelidade ou ao ato de quebrar um compromisso com (alguém), por isso a presença do verbo 'escapar'. ♦ Não se sabe quantas vezes e em que noites (se durante os bailes ou se em fugas avulsas durante a semana) eles *deram outras escapadas* para a graminha. (ETR)

dar o (um) beijo de judas → a expressão significa dar um beijo, ou demonstrar qualquer outro tipo de afeto, imbuído em falsidade, dissimulação; refere-se ao beijo dado pelo apóstolo Judas em Jesus Cristo, que o indicou aos soldados. ♦ *Dar o beijo de Judas*, o beijo da traição, tornou-se tanto mais vil e odioso devido ao fato de um ato de amor fraternal ter sido usado como ato de deslealdade (...) (CAPC-i)

dar um bicudo (chute, pontapé) no traseiro → usa-se para descrever os mais variados tipos de traição, incluindo o ato de dispensar alguém; são comuns as analogias com partes posteriores do corpo humano, como costas, traseiro etc. ♦ (...) depois *dá um bicudo no traseiro* dos amigos que te ajudam e finalmente se apaixona não por uma, como qualquer criatura normal e descente, dar um golpe mortal (...) (LC)

enfeitar a testa (cabeça) de (alguém) → o enfeite seria os chifres, relacionando-se tanto à traição do próprio cônjuge, namorado etc. como de outra pessoa; a analogia é feita com

verbo cornear, ou seja, ao ato de ferir com os cornos; trata-se de uma variante de *botar (pôr, meter) chifre (os cornos) em (alguém)*. ♦ Ficou claro que ela veio para o Rio só para *enfeitar a testa do marido* dela. De vez em quando nós trocamos e-mails, mas ela nunca mais voltou ao Rio. (HLI-i)

golpe sujo → refere-se à traição e, por conseqüência, à frustração proveniente de um golpe, numa alusão ao ato de golpear em uma disputa desonesta. ♦ Ou melhor, serviu para a dissimulação, para a covardia, para o *golpe sujo*. Como se isso justificasse a quebra da palavra, a traição, a covardia (...) (ONE-i)

jogar (alguém) aos (na cova) leões → emprega-se para descrever uma traição inesperada, de alto risco, como se a pessoa traída tivesse que enfrentar 'leões'; em analogia com antigos castigos nos quais homens tinham que enfrentar leões em arenas. ♦ (...) compara esta perseguição àquela sofrida pelos primeiros cristãos, "com a diferença de que os de agora não são *jogados aos leões*, mas ao interior do vasto Gulag". (FA)

ninho de cobras (ratos) → utiliza-se a imagem da 'cobra', análoga à traição, porque esse animal ataca quando menos se espera; 'rato' também simboliza o traidor, a pessoa de má índole; 'ninho' refere-se a um grupo de pessoas, ditas traiçoeiras ou fofoqueiras, reunidas. ♦ Renato Mendes (Fábio Assunção) e Laura (Cláudia Abreu) encabeçam o *ninho de cobras* da novela. A ambição deles é tamanha, que roubam até as cenas. (ODIA-i) ♦ Outro jornalista do Rio, que não quis se identificar, afirmou que o comitê é um "*ninho de ratos*". (RI)

passar a perna (uma rasteira) em (alguém) → refere-se ao golpe em que se mete um pé ou uma perna por entre as de alguém para o derrubar; usa-se para descrever o ato de trair a confiança de alguém; dar um golpe, enganar, ludibriar, lograr; derrotar por meios astuciosos ou velhacos. ♦ Talvez ele também esteja querendo *passar a perna em vocês*... (Segurando Henrique pelo braço) Vamos! Vai rir na viagem dessa cambada de trouxas... (OAQ) ♦ Parece que o mundo lhe *passara uma rasteira*, o obrigando a purgar um pecado que não tinha. (OSD)

passar para o outro lado → refere-se ao ato de mudar de opinião, traindo a confiança depositada em si, e aliar-se ao grupo de opinião oposta. ♦ "O Curió *passou para o outro lado*", lamentava-se um agente da Polícia Federal, naqueles dias, em Serra Pelada. De fato, o ex-agente do SNI não deixava por menos em seu novo papel. (FSP)

passar (alguém) pra trás → esse idiomatismo pode ser usado para descrever os mais variados tipos de traição em que a pessoa traída fica em desvantagem ou em uma situação desfavorável. ♦ – Não quero *te passar pra trás*, não! A troco de quê? / R: – Guardo, não... Vamo pro posto... (TGG)

passar por cima de (alguém) → indica enganar alguém a ponto de desrespeitá-lo e tirando-lhe vantagens; pode ser usada com o sentido de não dar importância a algo ou alguém. ♦ Nem Lima, nem Marinho, nem o diabo iriam *passar por cima dele*. Rebolassem e se esforçassem e se torcessem na mesa. (MPB)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

preparar (dar, oferecer, receber, ser etc.) um presente de grego → usa-se para descrever tanto a traição por meio de infiltração como um presente ou oferta que traz prejuízo ou aborrecimento a quem o recebe; é uma alusão ao fato histórico em que os gregos presenteiam seus inimigos com o famoso cavalo-de-tróia e, assim, acabam inserindo seus soldados em área inimiga. ♦ Movido por tal desejo Júpiter *preparou um "presente de grego"* para Prometeu. ... Mas, a bem da verdade, também andam doidos para *receber um presente de grego*. (BOOK-i)

pular a (o muro) cerca → usa-se para descrever a traição de cônjuge ou namorado; a 'cerca' e o 'muro' representam o obstáculo para a consumação da traição, em alusão ao quintal da(o) vizinha(o), ao limite imposto em um relacionamento. ♦ Veja como Luciana Gimenez fez o roqueiro Mick Jagger cair na tentação e *pular a cerca* (...) (POS-i) ♦ Ela não se importava e eu era quase uma criança. Agora, olhando disfarçadamente a nova vizinha, eu ficava pensando como seria bom *pular o muro* outra vez. (REL-i)

puxar a escada → usa-se para descrever a traição de amigo, colega, grupo de pessoas etc., sendo bastante desagradável um tombo de 'escada'. ♦ Para complicar ainda mais a situação, os aliados externos e mentores da política neoliberal resolveram também *puxar a escada* e deixar Fernando Henrique (...) (DIN-i)

puxar o tapete de (alguém) → utiliza-se para descrever tanto a traição de cônjuge como a de amigo, colega de trabalho, grupo de pessoas etc.; descreve o golpe moral, em geral proveniente de traição, ingratidão ou decepção; a imagem do 'tapete' refere-se ao tombo que se pode levar se o mesmo for puxado por alguém. ♦ Aliás, é importante que esse interesse não dê a idéia de que se está querendo passar por cima de outros ou "*puxar o tapete*" de alguém. (ETD-i)

quebrar a palavra (promessa) → usa-se para descrever o rompimento de um contrato, transgressão de regulamento, norma etc.; violação. ♦ Como se isso justificasse a *quebra da palavra*, a traição, a covardia (...) (ONE-i) ♦ Se *quebrar a promessa*, você vai ficar conhecendo as três grandes torturas chinesas. Contudo, naquela noite, ele não conseguiu dormir. (HUMO-i)

ser (como) um judas → refere-se a Judas, o discípulo que indicou aos soldados quem seria Jesus Cristo e que, por isso, passou a ser lembrado por sua traição; tal referência pode ser confirmada no capítulo 26, nos versículos 47, 48 e 49 do evangelho de São Mateus; tal idiomatismo é usado para designar alguém em quem não e pode confiar. ♦ F: – *É um judas* mesmo. Está vendo, Gertrudes? Já ouviu, Pedro Ivo? Aqui com essas conversas de fazer acordo, sabendo que na mesma hora estavam pondo fogo em meus canaviais. (GCC)

ser (como) uma cobra (caninana, jararaca, serpente, sucuri etc.) → emprega-se a imagem da 'cobra', ou de algumas de suas espécies, em analogia à 'traição', pois esse animal é símbolo de todo ataque inesperado, de todo golpe de má-fé. ♦ Cuidado, moço, por você ter uma cobra entre as pernas cai na condição de ser displicente diante da própria serpente. Ela *é uma cobra* de avental. (SECR-i) ♦ Depois de internar a mulher, que *é uma jararaca*, o maridão pergunta para o médico: - E aí, doutor... ela vai ficar boa? (ALOD-i)



ser (dar, levar) uma punhalada (facada) nas costas (no coração) de (alguém) → é comum o uso de tais imagens em analogia à 'traição'; usa-se para descrever o golpe moral profundo, em geral, proveniente de traição, ingratidão ou decepção. ♦ Esse tiro *é uma punhalada nas minhas costas*. A coisa foi crescendo, ele sentia que estava cercado. (FSP)

ser (dar, levar) um golpe baixo → refere-se à traição, à quebra da confiança ou expectativa depositada em alguém, numa alusão a um golpe em disputa desonesta. ♦ *Foi um golpe baixo* no amor próprio da humanidade; foi uma afronta psicológica que, segundo Freud, veio a se somar à biológica representada pela teoria evolucionista de Darwin (...) (PS)

virar a casaca → relaciona-se tanto à mudança de partido, time, opinião, traição como ao comportamento dissimulado de um indivíduo, numa alusão a paletós que podem ser usados dos dois lados. ♦ Para Teixeirinha, logicamente, não era negócio *virar casaca*, todavia viu-se obrigado a se passar de armas e bagagens para os Amantes das Flores (...) (MRF)

CONHECIMENTO X IGNORÂNCIA

conhecimento :

abrir a cabeça → idiomatismo usado nos casos em que há referência à aquisição ou ampliação do conhecimento ou, à elucidação de alguma dúvida. ♦ Vendi atabalhoadamente minha parte na empresa, construí uma casa em Itapecerica da Serra e comecei a fazer projetos de comunicação com um sócio, que me ajudaram muito a *abrir a cabeça*. (EX)

a cabeça não é só (apenas) para separar as orelhas → é muito comum o uso de 'cabeça' para dizer que um indivíduo possui ou não 'conhecimento'; nesse caso há referência à parte do corpo humano 'cabeça' como centro do intelecto, da memória, da compreensão; essa expressão admite inúmeras variações. ♦ – Como, louco? / – Acontece que eu nunca fui atrás dessa história de crise de energia, irmão. / – A mim ninguém engana. Pensa que *esta cabeça é só pra separar as orelhas*? (AVL)

alcançar (abrir, ampliar) (os) horizontes → 'horizontes' é a representação dos limites do campo do pensamento, da consciência ou da memória; signifca aumentar o conhecimento. ♦ Além de servir eficazmente para que as vocações se revelem, desde que permite *alcançar horizontes* mais amplos e luminosos, e pôr-nos em relação com as manifestações das Artes, (…) (COR-O)

com conhecimento de causa → descreve o domínio de um assunto, competência, experiência ou abalizamento, mesmo em casos em que não há garantia ou certeza nas informações apresentadas. ♦ E eu posso dizer isso com *conhecimento de causa*. Lembro-me de que no tempo de ginásio (...) (NOV)

conhecer (saber) como a palma (as linhas) da mão → comparação idiomática utilizada para dizer que se conhece completamente algo, alguém ou algum lugar especificamente; ♦ – O que eu quero é seguir imediatamente para Andaraí. E virando-se para Ricardo: – Você *conhece* o caminho? / – *Como a palma da minha mão*. (ALE)

como um profeta → para se descrever 'inteligência' recorre-se a imagens consideradas de grande sabedoria, como é o caso de 'profeta', aquele que anunciava os desígnios divinos. ♦ Apesar dessa sensação que perpassa o livro, não se imagine este elegante e ainda jovial professor triestino *como um profeta* colérico a dar lições (...) (JTE-i)

conhecer a máquina → usa-se 'máquina' como a descrição do conjunto dos poderes públicos, das leis e dos funcionários encarregados de executá-las; significa conhecer muito bem o sistema ao qual pertence um profissional. ♦ Quero *conhecer a máquina* e ver, em função de nossos projetos, o que vamos operar", disse, acentuando que será necessário "adaptar" a administração ao projeto e à estratégia do Governo petista. (JC)

conhecer a toada → refere-se ao conhecimento adquirido pelo que se ouviu dizer; nesse caso significa conhecer bem o que se diz por aí. ♦ – Tínhamos carrilhão na terra. Outro dia, indo

a passar por uma rua, ouço uns sons alegres e animados. *Conhecia a toada*, mas não lembrava a letra. (CCE-i)

conhecer as manhas (macetes) → usa-se para descrever habilidade, destreza, talento na maneira de proceder de um indivíduo. ♦ *Conhece as manhas* dele e assim pode ser que dê um jeito nisso. Sai. Joaquim tranca rapidamente a porta, que dá para a rua. (PEL) ♦ É melhor aturar essa bichona, a gente já *conhece os macetes* dele. É mais mole chuveirar. (AB)

conhecer (saber) de cor e salteado → 'de cor' significa ter na memória; pode ser usado para descrever um indivíduo que possui grande conhecimento sobre determinado assunto ou fato. ♦ Tenho que olhar pras mesmas caras que eu *conheço de cor e salteado*! E olho, e olho, e vocês me cansam, não agüento mais e sinto falta das festas lá de casa. (MPF)

conhecer como um doutor → emprega-se 'doutor' tanto para o profissional da medicina como para aquele que concluiu o doutorado; refere-se ao conhecimento adquirido que ambos possuem por conta dos anos de estudo. ♦ *Conhece* coisas *como um doutor*! Manda um pedaço no clube! Tem uma tatuagem no peito para fechar o corpo! (MRF)

conhecer de ponta a ponta → usa-se para descrever o conhecimento, entendimento completo de algo ou alguém; conhecer do começo ao fim. ♦ Ele nos *conhece de ponta a ponta*, pois foi ele que nos formou: "Antes mesmo de te formar no ventre materno, Eu te conheci..." (SVDB-i)

conhecer os bastidores → expressão usada para dizer que um indivíduo conhece o que não está ao alcance de todos, o lado oculto de algo; a intimidade. ♦ Afinal, além de *conhecer os bastidores* do profissionalismo, ele coordena uma das escolinhas de futebol comunitário da Prefeitura (...) (GAE-i)

dar uma (de) lavada → descreve o fato de um indivíduo se sobressair ou vencer os outros por meio de seu conhecimento. ♦ Felizmente, seus companheiros do tribunal regional eleitoral *deram uma lavada* de cinco votos a favor de Fernando Henrique Cardoso (...) (SC)

entender do babado (baralhado) → idiomatismo que ressalta a destreza ou habilidade de alguém em um assunto específico; usa-se ainda 'entender do babado' para se referir ao homossexualismo: diz-se daquele que é homossexual. ♦ (...) na popularidade de Arquivo X (Jeanne escreveu também The Science of X-Files, ainda não disponível no Brasil), a autora *entende do babado*: ensinou astronomia (...) (STAR-i)

entender do riscado → utiliza-se para descrever a habilidade de um indivíduo no trato de determinado assunto ou atividade; ser competente em determinada coisa. ♦ O sujeito, que dava mostra de *entender do riscado*, concordou: – Do modo falado pelo coronel, só podia de ser mesmo a tal serpentona do mar. (CL)

estar (saber, ter) na ponta da língua → usa-se para o indivíduo que, por meio de conhecimento prévio, sabe discorrer sobre determinado assunto, ou que possui resposta para questão determinada. ♦ O texto *estava na ponta da língua*, eu ia falar, mas a-

empregada entrou com a bandeja de café, era outra empregada, cadê aquela mocinha que trabalhava aqui? (OMT)

ler (conhecer, saber) de trás pra diante (frente), – de frente pra trás → diz-se daquele que conhece muito bem algo; refere-se ao conhecimento aprofundado sobre algo ou à habilidade de adquirir conhecimento rapidamente por meio da leitura. ♦ Quando Gumercindo chegava ao escritório, às oito e meia, já tinha *lido de trás para diante* e de diante para trás o Jornal dos Esportes e, pelo dia a dentro, não tinha outro assunto senão o conteúdo da rósea folha. (MRF)

mais sábio do que os acontecimentos (fatos) → diz-se daquele que se crê ter um conhecimento acima do considerado normal ou do que pode ser provado; pode designar o indivíduo soberbo. ♦ Se, porém, o considerarmos, não como um profeta, mas como um conselheiro de príncipes e povos, ele foi *mais sábio do que os acontecimentos*. (TA)

memória (cabeça) invejável → designa o indivíduo que possui boa memória ou grande conhecimento; é comum o uso de 'cabeça' em analogia ao 'conhecimento'. ♦ Possuía, além disso, uma *memória invejável*: todo um passado convivido com as pessoas da cidade e do seu país pulsava através da fala caudalosa de uma voz troante, açoitando o silêncio do quarteirão inteiro. (REL)

não nascer ontem → significa ter experiência em determinado assunto, saber lidar com determinadas questões por conta da experiência adquirida. ♦ "Não é preciso nos dar uma aula, Freitas. *Ninguém* aqui *nasceu ontem*." (AGO)

nascer sabendo → refere-se a uma habilidade nata de um indivíduo; significa que o indivíduo tem muito conhecimento, embora possa indicar arrogância ou altivez. ♦ Josué *nasceu sabendo* contar histórias para a infância. Calunga, Tesouro de Dom José, Bicho do Circo, Cabeça de Ouro são histórias de simplicidade, feitas em dose exata do surpreendente e do maravilhoso (...) (COR-O)

saber (ter) na ponta dos dedos (da língua) → indica o indivíduo que tem conhecimento aprofundado sobre determinado assunto ou que tem habilidade para determinadas atividades. ♦ Guinga: a genialidade simples *na ponta dos dedos*. Em entrevista a CliqueMusic, o compositor fala sobre seu quinto disco, Cine Baronesa (...) (CLQ-i)

ser (muito) brilhante → diz-se daquele que possui admirável capacidade intelectual ou que possui grande criatividade, inventividade. ♦ Regina Fischer falava 8 idiomas. Ela *era brilhante* mas paranóica, um psiquiatra determinou em 1943. (CLX-i)

ser cê-dê-efe (cu-de-ferro) → 'cdf' são as iniciais de 'cu-de-ferro'; usa-se para descrever o estudante que apresenta extrema aplicação, mais ou menos obcecada, nas atividades e afazeres escolares; aquele que tem bons conhecimentos; a opção pela sigla, em detrimento da significação, é feita para evitar o uso de vocabulário chulo. ♦ Marga: – Mas você *é cdf*, não tem senso de humor. Anita Garibaldi fracassada! Agora eu não. Eu quero viver em cidade com muitas escadas rolantes... também. Tudo rolando, rolando! Pra frente! (MPF) ♦ As luzes do cinema acendiam, eu olhava os cartazes, quando ela passou, cadernos debaixo do braço. Vivia cheia de cadernos, o tempo inteiro, e nem por isso *era cu-de-ferro*. (BPN)



ser um crânio → assim como 'cabeça', é comum o uso de 'crânio' em alusão à inteligência de um indivíduo; diz-se daquele dotado de destreza, perspicácia. ♦ Dr. Fifinho recolocou Vasconcelos no trono da sua admiração: – *é um crânio*! um cabra sarado! um bicho de visão! (DM)

ser um poço de sabedoria → usa-se para descrever o indivíduo que acumula muitos conhecimentos, grande erudição; pode ser empregada ironicamente, porém o sentido é outro e passa a significar 'presunção'. ♦ (...) de quem eram aqueles livros e, sendo informado de que o autor estava ali à sua frente, exclamou parvo de espanto: "Mas então *é* um *poço de sabedoria*!". (ESD-i)

ser um sabe-tudo → referência àquele que tem vasta experiência em algo, grande conhecimento em áreas diversas; tal expressão, quando usada com verbos pronominais, como 'achar-se', indica prepotência, soberba; esse sentido é reforçado com a inclusão da palavra 'senhor' antes de 'sabe-tudo'. ♦ Se suas dicas e esclarecimentos ajudarem a guiar os usuários, você acumula pontos e terá seu nome no ranking. Quero *ser um sabe-tudo*! (PESC-i)

ser um sabichão → emprega-se para fazer menção a alguém que domina muitos assuntos ou um assunto em profundidade; pejorativamente, é usado com ironia para descrever aquele que se considera grande sábio ou que julga saber muito, porém, ao invés disso, trata-se de um indivíduo ignorante. ♦ Mas aqui pra nós, este tal de Lawrence pra mim *é um sabichão*. Agora, eu tive dois colegas na escola de Direito que passavam-no para trás fácil, fácil. (IC)

surra de língua → descreve o conhecimento de um indivíduo exposto por meio de suas palavras; usa-se ainda na repreensão de alguém por meio da explanação de experiências adquiridas. ♦ E depois de parir uma pedra, nada como uma *surra de língua*. Primeiro da minha mãe. Porque ela diz que sou um doce quando quero, mas ainda assim continuo áspera. (TER-i)

ter alguma coisa (algo) na cabeça → expressão freqüente para descrever um indivíduo que possui uma inteligência relativamente boa. ♦ – Ele *tem alguma coisa na cabeça* que não quer dizer. / R: – É. Talvez você tenha razão. Quando Tereza voltar, vou à seção conversar com o enfermeiro. OAQ)

ter autoridade para falar do assunto (de algo) → diz-se daquele que tem competência comprovada para falar sobre algo, com uma alusão às diversas autoridades especializadas em suas áreas, como a judiciária, por exemplo. ♦ Os quesitos avaliados são criatividade, espírito carnavalesco, irreverência e inteligência. Um dos jurados do evento *tem autoridade para falar do assunto*. (TRBU-i)

ignorância :

burro carregado de ouro (relíquias) → usa-se para descrever o indivíduo que não usufrui de seus bens materiais de maneira adequada ou inteligente. ♦ Disse Felipe de Macedônia que

uma fortaleza resistia tudo menos a um *burro carregado de ouro* e o grande capitão Gonzalo de Córdoba demonstra ter gasto cerca de 200 mil ducados em frades (...) (FI)

burro chucro → 'chucro' pode designar, entre outras coisas, aquele que não possui habilidade no desempenho de uma tarefa; é utilizado pejorativamente para descrever quem não é dotado de conhecimentos. ♦ Não estou induzindo você a tornar-se um ausente na sociedade, um *burro chucro*, que não sabe sequer quem é o prefeito eleito. (BRV-i)

burro como uma porta → usa-se a comparação com um objeto inanimado para designar o indivíduo com pouco conhecimento. ♦ D. Afonso VI (1643-1693) era um bom garfo e um bom copo, como aliás todos os Braganças, mas *burro como uma porta*, indolente (...) (CNP-i)

burro empacado → 'empacar' significa parar, estacar, não progredir; trata-se de atitude própria dos eqüinos; usa-se para comparações com indivíduos teimosos e ignorantes. ♦ Era grande e forte; logo disparou para o fundo, eu rodava a carretilha para um lado, ele puxava a linha para o outro; no que ele cansava um pouco, eu fazia força, ele vinha vindo a contragosto como um *burro empacado*, depois ganhava distância outra vez. (AID)

cabeça de melão (pudim) → 'cabeça' é uma referência freqüente tanto em analogia com 'conhecimento' quanto com 'ignorância', por se tratar do centro do intelecto do ser humano; indica o indivíduo muito ignorante ou que não tem boa memória; em alusão ao interior semi-oco do 'melão' e à consistência cremosa do pudim. ♦ (...) meu caminho - completamente embasbacado, é óbvio - para pegar um mísero copo com água, resumindo-me à minha ignorância de "*cabeça de melão*",(...) (SOP-i) ♦ (...) que gosta mesmo de você e que vai saber te dar valor e te fazer feliz, mas as coisas não dependem só dele, então vê se colabora, né sua *cabeça de pudim*! (LUDM-i)

cabeça dura → a alusão à 'cabeça' pode significar 'conhecimento', nesse caso porém, indica ausência de conhecimento; pode pressupor intransigência ou teimosia. ♦ O menino tem uma *cabeça dura*, não aprende nada. É francamente pancada. Uma de suas manias é dizer nomes feios. (BPN)

cabeça oca → esse idiomatismo refere-se àqueles desprovidos de conhecimento, sendo atribuído a 'cabeça' valor negativo; alude, no caso de 'oca', ao vazio. ♦ (...) quando almoçou num barzinho da Rua Sete de Abril, e o estômago e as pernas agora o lembravam, a *cabeça oca*, os braços náufragos, sim, não viera do Rio de Janeiro para ganhar a luta, o acerto, desafiar e perder (...) (CAV)

conhecer pouco mais do que o abc → 'abc' refere-se ao alfabeto, que se pressupõe ser conhecido por todos; usa-se tal idiomatismo para descrever o indivíduo pouco instruído ou que não sabe o mínimo; também é comum a variante *não conhecer (saber) (nem) o abc.* ♦ Nem mesmo um emprego para alfabetizar filhos de proletários, quando qualquer professora que *conhece um pouco mais do que o abc* tem uma vaga à sua espera numa escola. (UQ)

duro de ouvido → usa-se para descrever o indivíduo com pouca capacidade de compreensão, tido como teimoso; 'ouvido' refere-se à capacidade de apreender informações; dificuldade

para distinguir ou perceber os sons. ♦ - Mentira desse povo - pensou em voz alta, e Luiz Tatu, que estava mexendo no fogo e era *duro de ouvido*, achou que ele perguntara pelo aipim. (VPB)

esperto como um jegue (anta, burro, mula, toupeira etc.) → idiomatismo irônico por combinar o adjetivo 'esperto' com 'jegue', ou com outros animais que simbolizam 'ignorância'. ♦ O doutor Getúlio Vargas, sem lhe fazer desacato, é *esperto como um jegue* (...) (RAN-i)

idéia de jerico → 'jerico' é sinônimo de jumento e, por isso, é comumente usado em analogia com 'ignorância', assim como outros animais como anta, asno, besta, burro etc. ♦ P: – *Idéia* mais *de jerico* daquele homem. Não sei onde estava com a cabeça quando concordei com essa reunião de amanhã com Cândido Alegria. (PD)

macaquinhos no sótão → essa expressão significa ter pouco conhecimento e é um lusitanismo também usado no Brasil; trata-se de um bordão muito difundido nas histórias em quadrinho; 'sótão' refere-se à cabeça, parte do corpo humano muito usada em analogia à 'ignorância' ou à 'conhecimento'. ♦ (...) aos doze anos, cheio de *macaquinhos no sótão*, recebera a agonizante missão, da belíssima professora de língua portuguesa e literatura: fazer um trabalho (...) (OPI-i)

mandar voltar para a escola → usa-se com mais freqüência na forma imperativa, para descrição de um indivíduo ignorante, que não aprendeu o necessário para seu desenvolvimento intelectual. ♦ (...) e tem um doente que me *mandou voltar pra escola*! Voltar pra escola? Provocar num fórum que visa a troca de idéias é ridículo! (MAG-i)

miolo mole → 'miolo' refere-se ao cérebro, também uma parte do corpo humano usada em analogia com 'ignorância' ou com 'conhecimento'; descreve o indivíduo dotado de pouca inteligência. ♦ Eu respondi que sim. E disse que o meu novo apelido era "pão de fôrma": quadradão, casca grossa e de *miolo mole*. (NBN)

mula empacada → é comum utilizar-se 'mula' para representar alguém ignorante e teimoso e 'empacada' para descrever atitude comum aos eqüinos. ♦ Jo: – Política! Política me dá é dor de cabeça. Vocês são mais duros do que *mula empacada*. É por isso que fazem de nós gato e sapato. (AS)

não entender bulhufas (patavina) → 'bulhufas' e 'patavina' significam nada, coisa alguma; tais idiomatismos são usados para descrever o indivíduo ignorante e que não compreende nada sobre algo. ♦ Apesar de eu *não entender bulhufas* de japonês, as cenas das lutas antigas que foram mostradas a daigo, com certeza foi desta batalha. (ULTR-i) ♦ E o(a) lançador(a) demonstrava *não entender patavina* de francês, sua única referência lingüística para se localizar dentro do filme. (CRIY-i)

não entender (nem) de horta → esse idiomatismo significa ter pouco conhecimento, não entender de um determinado assunto; refere-se ao fato de um indivíduo não saber lidar nem mesmo com coisas consideradas simples, por isso a analogia com 'horta'. ♦ Esse Felipe carçudo *não entende nem de horta* e que ficar falando as coisas... Coitado ele é um babaca. (CNG-i)

não entender uma vírgula → essa expressão alude ao analfabetismo; diz-se daquele que não tem habilidade para leitura ou mesmo para o indivíduo pouco inteligente. ♦ Estava passando um telejornal. É engraçado ouvir e *não entender uma vírgula* do que a pessoa está falando. (AVEN-i)

não saber (nem) fazer a letra ó com a bunda → essa expressão, de caráter chulo, é usada para descrever o indivíduo dotado de pouca inteligência, pouca esperteza ou habilidade; faz alusão ao fato de um indivíduo não saber fazer nem mesmo coisas consideradas fáceis, como o fato sentar-se para formar ou desenhar a letra 'o' com o contorno das nádegas. ♦ É provável que *não saiba fazer a letra "ó" com a bunda*, está perfeito, você pode até se candidatar a algum cargo publico indicado pelo papai. (GLOB-i)

não saber (conhecer) o (nem) bê-á-bá → 'bê-á-bá' é uma variante de 'abc', ou seja, abecedário, cujo desconhecimento aponta alguém pouco instruído ou que não sabe o mínimo. ♦ (...) quanto saber ler e escrever. "Ficar fora disso é o mesmo que *não saber o bê-a-bá*", acrescenta (...) (PNB-i)

perfeito imbecil → relaciona-se tanto à falta de conhecimento de um indivíduo como à sua grosseria. ♦ Trate de compreender o outro, pergunte "porque é que pensas deste modo?" antes de insinuar "é um *perfeito imbecil* porque não pensa como eu". (GES-i)

pra burro (anta, jegue, jerico, mula etc.) só faltam as penas → essa expressão de caráter irônico é usada para acentuar a crítica à ignorância de alguém e à pouca informação que um individuo tem sobre algo; 'burro' pode ser substituído por outros animais que também não têm penas. ♦ – O senhor é diabético? / – E o político responde: não, sou prefeito da minha cidade!. Tem político que *pra burro só faltam as penas*. (NORO-i)

receber (levar, pôr, vestir, usar etc.) chapéu de burro → refere-se ao antigo hábito de punir um estudante pela falta de conhecimento, obrigando-o a usar um chapéu que imitava as orelhas do burro; expressão que descreve o indivíduo com pouco conhecimento. ♦ Quando conseguir responder tudo errado e *receber* o *chapéu de burro,* alcançou seu objetivo. (PAR-i)

rei dos imbecis → 'rei' pode significar principal ou líder; descreve o indivíduo que, diante de uma comparação com outras pessoas, é considerado o mais ignorante. ♦ Apagar o quadro-negro, um nome que acabou sendo dado também ao seu exército, e Ramsès, também conhecido como "*rei dos imbecis*" (...) (GEO-i)

sem visão → refere-se à pouca percepção de um indivíduo no que concerne ao conhecimento. ♦ Não passa de um bom vigarista, um oportunista, arrivista, isto é, um fresco metido a artista, sem perspectiva, *sem visão*. (GA)

ser chamado (rotulado, taxado) de asno → apresenta-se freqüentemente a analogia com 'asno', ou outros animais, para indicar 'ignorância'. ♦ Houve uma época em que morria de medo de *ser chamado de asno*. Quando não entendia alguma coisa, disfarçava. (INT)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ser curto das idéias → retrata o indivíduo com conhecimento muito limitado. ♦ R: – Será, enfim, uma legítima dama. / F: – Qual? Eu, não! Eu *sou curta das idéias*... leitura não entra na minha natureza, não. / R: – Não é leitura que eu quero que entre, não. (Já impaciente) (US)

ser fraco da cabeça (cuca) → usa-se para descrever tanto o individuo ignorante como aquele cujo comportamento ou raciocínio denota alterações patológicas. ♦ O Faísca, que *era fraco da cabeça* e do estômago, dava para chorar espetacularmente, lamentando-se com ânsias e suores frios dizia sentir um desgosto (...) (BIBV-i)

ser (parecer) uma anta → é comum a analogia com determinados animais como anta, asno, besta, burro, jegue, jerico, jumento, mula, toupeira etc., e 'ignorância'; esse idiomatismo descreve o indivíduo dotado de pouca inteligência. ♦ FAUSTÃO: Cara que tiver, hoje, US$ 300 milhões pra montar uma televisão, se montar uma televisão, *é uma anta*! Não vale a pena! Não sei se no Brasil, tem espaço para tanta rede! É muito desgastante. (INT)

ser uma besta quadrada → quando usado como adjetivo, 'quadrado' pode significar mal-educado ou ignorante; idiomatismo empregado para descrever de maneira pejorativa o indivíduo ignorante. ♦ Eles andaram falando em Brizola e Jango, queriam em resumo fazer o Brasil voltar à era da baderna, da qual Brizola era o capitão, e Jango, caudatário; sim, porque Jango *era uma besta quadrada*. (IS)

ser (parecer) uma múmia (ambulante, paralítica) → expressão que descreve tanto o indivíduo de pouca inteligência como aquele que não tem habilidade ou agilidade para lidar com algo. ♦ - Não tinha, precisava *ser uma múmia* para não entrar naquela. Todo mundo completamente louco, inclusive ele, aquela cafungação desenfreada, acabava pintando alguma coisa, era inevitável. (SL) ♦ Ou melhor, na falta de entonação. O candidato *parece uma múmia paralítica* repetindo palavras. Os nomes e os slogans são bizarros também. (COCA-i)

ser um asno (burro) chapado → 'chapado' aparece em alguns dicionários da língua portuguesa no sentido figurado como sinônimo de perfeito, aquele que não deixa dúvidas, como exemplo há *ser um mentiroso chapado*, por esse motivo há a comparação de determinados animais como anta, asno, besta, burro etc., e 'ignorância'; usa-se tal idiomatismo para descrever, de maneira pejorativa, o indivíduo ignorante. ♦ Eu... bem, falando francamente, eu *era um asno chapado* que entrara naquilo tudo de alegre, como o bestalhão que vai puxar o camarada, que grudou no fio de alta-tensão e acaba torrando junto com ele. (LC)

ter memória curta → 'memória' é a faculdade do ser humano de conservar e lembrar estados de consciência passados; expressão usada para descrever o indivíduo com pouco conhecimento ou aquele que não se lembrar de informações e fatos ocorridos. ♦ Doutor: – E o povo lá tem experiência? *Tem memória curta*. / Paulo: – Está experimentando. (MPF)

ter titica de galinha na cabeça → esse idiomatismos recorre a 'titica', excremento de aves, para se referir ao indivíduo pouco inteligente. ♦ Ou seja, eis aí mais uma daquelas declarações imbecis dadas por gente que só pode *ter titica de galinha na cabeça*. (IIS-i)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

trocar ouro por merda (lama) → expressão que recorre à imagem da 'troca' de algo de valor, no caso 'ouro', por algo sem valor, 'merda' ou 'lama', para descrever um indivíduo ou uma atitude considerada pouco inteligente. ♦ Cancioneiro rico como o nosso, plural e multicultural como os carregados das Minas, dos Pampas, da floresta, dos sertões, dos cerrados, dos agrestes, dos rincões distantes da regionalidade geral é *trocar ouro por merda* e fazer emergir um Brasil que, realmente, não pode ser levado a sério. (OIM-i)

CORAGEM X MEDO

coragem :

coragem de bicho do mato → relaciona-se à valentia e destemor dos vários animais selvagens, para indicar a coragem exacerbada de um indivíduo. ♦ Mas os velhos conhecimentos de luta romana e mais uns golpes aprendidos do Guima (que fora adido no Japão) ajudaram muito. O que decidiu mesmo foi a sua *coragem de bicho do mato*. (ALF)

encher-se de coragem → descreve a bravura de um indivíduo perante o perigo ou situação complicada; enfrentar alguém com mais força ou poder. ♦ O coração de Clarissa bate com mais força. Agora, sim, é Amaro. Vem de chapéu na mão, ar cansado, cabeça pendida, passos lentos. Clarissa *se enche de coragem*. (CLAR)

passar por cima do meu cadáver → designa o indivíduo extremamente corajoso; capaz de enfrentar grande situação de medo, risco, perigo, colocando à prova sua vida, por isso a alusão a 'cadáver'. ♦ Ele só vai entrar aqui se *passar por cima do meu cadáver*. Se ele aparecer não sei se vai conseguir voltar vivo, ameaçou João Gonçalves (...) (ANUO-i)

ser (alguém, autoridade, homem, jovem etc.) de peito → 'peito' refere-se ao ato de enfrentar algo ou alguém; tal idiomatismo significa ter muita coragem; ter bravura, intrepidez. ♦ (...) *é alguém de peito*, sem compromisso de mamar nas tetas do poder, botar a boca no trombone e estrondar que esse negócio de referência em saúde (...) (ODIA-i)

ser (ter) um rasgo de coragem (bravura) → 'rasgo' designa, entre outras coisas, ação nobre, magnânima, heróica; usa-se para descrever alguém extremamente corajoso. ♦ Uma vez, antes de tê-la como amante, pensara em elevar a família Cavalcanti; Seria um *rasgo de coragem*, um grande gesto. (PUR)

ser valente (corajoso) como um leão → usa-se 'leão' em alusão à 'coragem', para descrever aquele que é destemido, vigoroso; admite as variantes *ter a valentia (coragem) de um leão* ♦ Aliás... aquela flor de fala baixa e trato carinhoso *era*, entretanto, *valente como um leão*. Um dos seres mais bravos que já pôs os pés no mundo, enfrentaria um canhão de peito aberto. (CT)

sem medo e sem pressa → esse idiomatismo é utilizado em situações de bravura, para as quais é preciso destemor e paciência. ♦ Avançava *sem medo e sem pressa*, os grandes olhos límpidos cerrados através de si própria enquanto o homem se afastava com outro homem dentro de um táxi através da cidade (...) (LUS)

ter a (com) bravura de Aquiles (do cão) → refere-se ao grego Aquiles em analogia à sua coragem e bravura; usa-se na descrição daquele que é dotado de forte moral perante o perigo; intrepidez. ♦ (...) e ele nomeou general de nossas tropas o mais valente dos guerreiros, o mais vigoroso dos atletas, um herói que *tem a bravura de Aquiles* (...) (TEG)

ter (de) cabelo na(s) venta(s) → expressão empregada para se referir tanto ao indivíduo muito ativo, enérgico, vigoroso como ao corajoso, ousado, valente. ♦ Umas delas, nhá Catarina, cabocla *de cabelo nas ventas*, mais velha do que ele, uma bruxa feia, viúva, trouxera de quebra para o casamento uma filha boba. (ANA)

ter peito (uma peitaria) → usa-se para descrever o indivíduo que não tem ou não demonstra ter medo; destemido, valente; designa a firmeza de espírito para enfrentar dificuldades; coragem, ânimo, brio. ♦ (...) O trem não vai parar e ninguém vai *ter peito* de saltar dele andando. (UC) ♦ No porão da secretaria morava Domício, ex-expedicionário nem velho, nem moço, que pouco falava e *tinha uma peitaria* (...) (MPB)

ter raça (garra) → expressão comum para quem, agindo com perseverança e coragem, conquista o que deseja; indica bravura, coragem. ♦ As maçãs do rosto muito saltadas, os olhos arregalados, os dentes fortes e pontudos mastigando com força. / – Havia de *ter raça*! Continua ele. – Empregadinho do Viriato. (MAL) ♦ Patrícia Aleixo, empreendedora no Cariri, "Para ser empreendedor, é preciso *ter garra*, ser inteligente, dinâmico e sensível". (SEBR-i)

ter (com) sangue nas veias (na guelra) → refere-se a alguém corajoso; a variante 'nas veias' é mais freqüente do que 'nas guelras'. ♦ Retirem-se as mulheres com seus meninos pequenos, retirem-se os velhos que já não *têm sangue nas veias*... (OSP) ♦ (...) ...de sangue de peixe, ele *com sangue na guelra*. Podia ser um caranguejo ou um coração. (AVE)

tomar a peito → diz-se a um indivíduo que enfrenta determinada situação para a qual é preciso coragem; enfrentar sem medo. ♦ (...) mais se deveria *tomar a peito*, e procurar desde logo instalar muitos engenhos, que em breve tempo restaurassem as perdas daquela costa. (DRA)

medo:

borrar-se todo (nas calças) → descreve o indivíduo acometido de grande medo ou que está apavorado; trata-se de uma alusão à expressão denotativa, já que o grande pavor pode gerar evacuação involuntária; é comum o uso de analogias com escatologia na descrição daquele está apavorado. ♦ (...) teria sérios problemas, se não fosse parar na cadeia ou coisa pior: a humilhação de ter que tomar um litro de óleo de rícino e *borrar-se todo* (...) (CARM-i) ♦ Aquilo quando estava silêncio, chega se ouvia quase as armas respirar e um ar pesado, virgem. Amaro viu, ih, estava lá *se borrando nas calças*, carregando um cano curto. (SAR)

com o coração na (saindo pela) boca (na mão) → idiomatismo que se relaciona à aflição de um indivíduo medroso, uma vez que em situações apavorantes, observa-se normalmente o aumento da adrenalina, certa dificuldade para respirar e até taquicardia. ♦ Sônia aproximou-se mais, *com o coração na boca*: – Quem sabe Manolo piorara, estava morrendo. (BP) ♦ Como vocês conseguem controlar a ansiedade? Nós, que só assistimos, ficamos *com o coração saindo pela boca*... (TRID-i)

com o cu (cuzinho) apertado (na mão) → pode-se encontrar tal expressão para se referir a alguém que está com muito medo, apavorado; recorre às mesmas referências do

idiomatismo *borrar-se todo*; é muito o uso da linguagem obscena, mais precisamente à escatológica. ♦ Costurei o trânsito de ré e virei na primeira rua que entrei. Não sabia se me cagava ou ficava *com o cu apertado*. (COG-i) ♦ Os americanos passaram um ano inteiro *com o cu na mão* por causa do Bin Laden. (GRS-i)

dar frio na espinha → 'frio' significa, entre outras coisas, sensação causada por forte emoção; nesse caso tal emoção tem origem no medo, pavor, temor. ♦ A palmatória de ferro *deu-lhe* uma sensação de *frio na espinha*. Já ouvira falar dela, mas nunca a tinha visto. (TS)

de pernas bambas → emprega-se sinônimos de tremer em analogia com medo e arrepio, ou seja, ao tremor rápido e involuntário em conseqüência de uma reação ao frio, ao medo etc. ou devido a uma emoção intensa; nesse caso a referência é ao estremecimento das pernas. ♦ (...) os olhos protestantes da dona Mariana estavam prontos, e eu já tinha descoberto atrás dum arbusto as *pernas bambas* do seu Antônio (...) (U)

estar (andar, continuar, deixar, ficar etc.) assustado como um coelho → alude-se a 'coelho' para descrever o indivíduo amedrontado ou atemorizado; trata-se da demonstração de susto ou medo; diz-se daquele que é vacilante. ♦ O delegado *estava assustado como coelho*, piscava nervoso e repetia como falando sozinho: (...) (CBC)

fazer gelar o sangue (nas veias) → 'gelar' faz alusão à sensação experimentada diante um forte 'medo'. ♦ Antes de entrar, e movida por um pressentimento, espiei pela janela da sala do Rabi: ele estava ali, reunido com os discípulos. E o que dizia me *fez gelar o sangue:* (...) (ALE)

ficar branco (como cera) → usa-se a cor branca em alusão à palidez de um indivíduo proveniente de emoção negativa, mal-estar, torpor, diante de forte medo, pavor. ♦ Com dois socos na mesa, de virar a cuia de farinha, fiz o parente *ficar branco* de cera. (CL) ♦ Na sala os colegas me escolheram para falar em nome deles, o discutido na sala. *Fiquei* todo gelado na hora e *branco como cera*. Como me safar dessa? (FAEU-i)

ficar (deixar) de cabelo (pêlo) em pé → essa expressão deriva do verbo arrepiar-se e significa além de encrespar os cabelos, pêlos, penas etc., horrorizar-se, sentir calafrios ou arrepios provocados pelo medo; a variante *deixar de cabelo em pé* designina alguém ou algo que provoca medo. ♦ Parecia mão descorada fazendo para esperar, logo mandando embora, dizendo adeus. Ao seu gesto eu tiritava, *ficava de cabelo em pé*, fugia me vestindo na carreira (...) (BAL)

ficar todo arrepiado → também deriva do verbo arrepiar-se, que significa, entre outras coisas, horrorizar-se, sentir calafrios por conta de medo exacerbado. ♦ Pra quem nunca ouviu, cem chibatadas. Só de ouvir já dá pra *ficar todo arrepiado*. (CPB-i)

ficar transparente (de medo) → usa-se para descrever o indivíduo que por grande temor ou susto, fica muito pálido; por isso a alusão a 'transparente'. ♦ Nós dois na cozinha, Gabriel branco. Não, branco não, brancos já somos, ele *ficou transparente*, pálido. (NAME-i)

lei do silêncio → é comumente usado para descrever a não-denúncia de crimes e criminosos por medo de repressão, retaliação, vingança. ♦ Nas proximidades da residência da vítima, a conhecida *lei do silêncio* impera entre os moradores. Ninguém sabe, ninguém ouviu, nem, muito menos, viu nada. (JC)

morrer de medo → usa-se para descrever o medo exagerado de algo ou de alguém, pressupondo a possibilidade de morrer por causa do algum temor. ♦ Agora, Gonzinho, pelo amor de Deus não se aborreça, mas não venha direto do Centro que a mamãe *morre de medo* de micróbio de roupa de médico. (GAT)

não passar nem vento → expressão que representa a contração muscular do esfíncter de um indivíduo, diante de uma situação de aflição e grande medo. ♦ É impossível! Estou com tanto medo que meu cu fechou. *Não passa nem vento*, nem alfinete. Não passa nada. (STU-i)

sentir (dar, ter) um frio na barriga → 'frio' significa, entre outras coisas, sensação advinda de forte emoção; nesse caso tal 'emoção' tem origem no medo, pavor, temor etc. ♦ Até o padre-mestre, de natureza contemplativa e pachorrenta, perdeu a tramontana, teve medo, *sentiu um frio na barriga*. (TG)

ser macho (corajoso) como uma galinha (frango) → essa expressão de caráter irônico é usada para a descrever um indivíduo que se considera 'macho' ou 'corajoso' quando na verdade é covarde, medroso; por isso a comparação com 'galinha' e 'frango'. ♦ Parem de duvidar da masculinidade do Tôki, ele *é macho como uma galinha* choca. (PRV-i)

suar frio → 'suar' faz analogia com 'medo' por retratar a reação física de alguém que transpira em situações de tensão. ♦ O pobre rapaz da cor dos lacres, passou à da cera, começou a subir e descer o gogó engolindo em seco, a *suar frio* e a tremer das mãos e dos joelhos. (GAT)

ter cagaço → idiomatismo vulgar para descrever o estado de quem tem ou está com medo; apavorado; assustado, indica falta de coragem; covardia ♦ Esta putada *tem cagaço* de mim. Se tu entras na minha, já viu, né? Ninguém vai ter peito de pôr o bedelho com você. (BA)

ter medo até da (própria) sombra → diz-se do indivíduo que tem um medo exagerado; expressa a preocupação em relação a algo desagradável. ♦ Luxo é eu não levar você para minha casa, já que os homens daqui *tem medo até da sombra deles*. (COG-i)

ter medo que se péla → 'pelar' significa tirar o pêlo, ficar sem pêlo; trata-se de uma descrição exagerada das reações de alguém em conseqüência de forte sentimento de medo. ♦ Benfica também não está isento de culpas. Não só jogou mal como *teve* um *medo que se péla* da cor azul, tal como os lagartos têm do Benfica. (FPU-i)

tremer como (feito) vara verde → 'tremer' significa, entre outras coisas, agitar-se fisicamente, em razão de algum medo, de algum pavor; tal idiomatismo recorre à imagem de 'vara', ramo de árvore fino e flexível, para descrever o estado de aflição, medo, pavor etc. ♦ (...) homem *tremia como vara verde*, que tem fama de tremer muito, quando pouco depois nos

esbarramos por acaso na porta de saída e eu por acaso lhe desferi um violento soco à altura do ouvido (...) (AL)

tremer de medo → alude-se a uma possível reação física, embora exagerada, de alguém com bastante medo. ♦ De outra feita, ficara encalhado, em plena escuridão da noite, mulher e filhos a *tremer de medo* (...) (ANA)

tremer nas bases → devido a uma emoção intensa, esse idiomatismo significa intimidar-se, apavorar-se. ♦ E a seleção masculina de vôlei rodou diante dos argentinos porque *tremeu nas bases*. (DIN)

BIBLIOTECA

unesp

FELICIDADE X INFORTÚNIO

felicidade:

agora a coisa vai → esse idiomatismo frasal é usado para expressar otimismo, crença na possibilidade de realização; esperança. ♦ (...) mas se o senhor já tem assim uma eleita... *agora a coisa vai*. Já se declarou a ela? (US)

bons tempos → expressão cristalizada no plural para descrever determinado período de tempo em que prepondera a alegria e a satisfação. ♦ Depois ficava pensando nos *bons tempos* em que tivera ovos para vender. Não era nada não. Eram dois ou três mil-réis (...) (CAS)

com alegria no coração → usa-se 'coração' em analogia ao órgão do corpo humano que controla as emoções, como amor, ódio, alegria, tristeza etc.; indica estado de satisfação. ♦ Viva, assim, os dias de dezembro *com alegria no coração* e seja sempre feliz. (GZT)

como peixe na água → refere-se à alegria ou à sensação de conforto por se estar no lugar adequado, fazendo o que se quer; recorre-se à imagem de 'peixe na água', local evidentemente ideal para esse animal, em analogia à 'felicidade' ♦ (...) sente-se aqui *como peixe na água*? RS – Sinto-me bem. De resto dá-me imenso prazer ver as conseqüências do meu trabalho. (OEI-i)

como pinto no lixo → nesse caso se recorre ao ambiente perfeito para um pintinho ciscar e escontrar alimento em abundância; indica um indivíduo ou grupo de pessoas que goza de grande alegria. ♦ E o sambista não esconde que está feliz "*como pinto no lixo*", como já disse o companheiro mangueirense Jamelão, com a lembrança de seu nome. (ODA-i)

em estado de graça → deriva da expressão teológica que indica a condição daquele que recebeu a graça divina; por analogia, usa-se para descrever o estado de quem se sente extremamente feliz. ♦ Ele recitava, eu escutava. Um e outro, *em estado de graça*. Aquele soneto bem merecia ter sido a epígrafe de minha vida... (RI)

estar no céu com a bunda (cu) de fora → essa expressão indica bem-estar físico; por isso a analogia com 'céu' e com a falta de inibição em mostrar a região glútea; designa alegria, contentamento, felicidade. ♦ No mesmo ano, ela abre a turnê do show dos Rolling Stones, cuja emoção definiu com a seguinte frase: "*Estou no céu com a bunda* de fora". (CASS-i)

encontrar-se (alcançar, chegar, ficar, ir etc.) no sétimo-céu → usa-se 'céu', ou a variante 'sétimo-céu', para se referir à satisfação advinda de bem-estar físico e psicológico de um indivíduo. ♦ Quirino *encontra-se* agora *no sétimo-céu*, pisando num chão muito seu. (MAL)

estar numa boa → refere-se ao momento de felicidade de um indivíduo ou de várias pessoas. ♦ R: – Reclamando da vida à toa, boneco! Vocês *estão numa boa*, têm a vida que pediram a Deus... / B: – Ô! Um vidão! / R: – E vai me dizer que não é? Não tem patrão! (TGG)

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP - S. J. Rio Preto
BIBLIOTECA
T. 1339/05

fazer a festa → usa-se 'festa' em analogia com alegria, bem-estar, comemoração, felicidade; significa comemorar, alegrar-se. ♦ Depois de cento e vinte minutos de futebol, o time de Martorelli *fez a festa* na Ilha do Retiro. (PLA)

feliz como uma criança → usa-se 'criança' em analogia com 'felicidade', para representar alguém alegre, feliz, satisfeito etc. ♦ Permita que eu lhe apresente os meus sinceros cumprimentos, senhor. / S: (*Feliz como uma criança*) Obrigado, Wilson, obrigado. (SPI)

ficar um (nadar, viver num) mar de rosas → expressão utilizada para descrever o mar quando ele está sereno, sem fortes ondas e, por conseqüência, descreve também um período feliz, tranqüilo. ♦ Com viola e com garganta Faz a vida prazerosa Um prazer que se entrosa. Deixando rastros no vento Se a viola é sentimento Tudo *fica um mar de rosas* (...) (EXIB-i)

ganhar um bilhete de (na) loteria → refere-se ao sistema ou maneira de distribuir prêmios entre os indivíduos de um grupo por obra da eventualidade ou por sorteio; indica alegria, felicidade, satisfação etc. e não apenas sorte. ♦ O boato queimava-lhe a língua, ia alegre como se tivesse *ganho um bilhete de loteria*. (TSF)

procurar (achar, encontrar, preferir, ver etc.) o lado bom das coisas → essa expressão se refere a um indivíduo otimista. ♦ Jovial, entusiasta, *procura o lado bom* das coisas, é econômico, respeitador do bem alheio, tendo como constante preocupação, a de sua dignidade e do respeito a si mesmo. (PE)

saber levar a vida → descreve o modo prazeroso, pleno de felicidade e satisfação, como determinadas pessoas vivem. ♦ Mas os filhos, esses *sabem levar a vida*. Moram em palacetes. Seguidamente vão à Alemanha. São uns príncipes... (RIR)

ser (como) dia de festa → usa-se essa expressão para se referir aos momentos em que preponderam sentimentos positivos como alegria, felicidade, prazer, satisfação etc. ♦ D: – Que é que você quer! Quando eles vêem o pai *é dia de festa*... / B: – Dessa vez estão tendo fartão! (OEI-i)

ser feliz e não saber → refere-se a um indivíduo que enquanto feliz, não tem consciência dessa condição; em geral, lembra-se desse idiomatismo em momento de tristeza ou dificuldade, para expressar saudade do tempo venturoso. ♦ Tinha mais respeito entre a malandragem, o preso fumava e ficava quietinho no seu canto, pensativo, comia e ia dormir. Ninguém perdia a casa da família por causa da maconha. A gente *era feliz e não sabia*. (ECR)

ser (andar, estar, ficar, viver etc.) pra cima → idiomatismo de que se serve para a descrição do indivíduo simpático, otimista e bem-humorado e que, supostamente, pode exercer uma influência positiva. ♦ Não sei porquê mas quando chego perto de alguém eu sinto se ela *é pra cima* ou é down, e ele é totalmente down. (SALA-i) ♦ (...) e tenho que pensar em gosta de mim... quem me dá força, quem me faz *estar pra cima*... (GISE-i)

ter (levar) a vida que pediu a Deus → designa uma situação de extrema satisfação, contentamento; prazer advindo da realização do que se espera e deseja. ♦ – Vocês estão

numa boa, *têm a vida que pediram a Deus*... / B: – Ô! Um vidão! (TGG) ♦ (...) esboçou um sorriso complacente. Pela primeira vez na Terra, o Homem *leva a vida que pediu a Deus*. Livrou-se de tudo o que não gostava. (SUNS-i)

ter seus bons momentos → refere-se ao instante determinado de tempo em que predomina contentamento, bem-estar, satisfação. ♦ A diferença talvez esteja no fato de que tanto a Lótus, quanto a Mclaren já *tiveram seus bons momentos* - ao contrário da Copersucar. (VEJ)

ver o passarinho verde → usa-se para descrever a demonstração de muita alegria, sem motivo conhecido. ♦ Está só falando, contando vantagens e se rindo... Parece que *vê passarinho verde* toda hora... Parece bobo! (SA)

ver (estar) tudo azul (cor-de-rosa) → 'azul' e 'cor-de-rosa' são as cores mais freqüentemente usadas para simbolizar alegria, otimismo, felicidade. ♦ Tiro a sorte no bico dele, pago o estipulado pelo serviço, abro o raio do papelinho para *ver tudo azul*, tudo no maior favorecismo para mim. (NI) ♦ Foi uma tarde de muito trabalho com as artificiais e muita correria da chuva. *Está tudo azul* e de repente BOOM!!! cai aquela tromba d'água. (SERR-i) ♦ Podemos *ver tudo cor-de-rosa*, se assim desejarmos, basta usar a lente certa - e isto é liberdade. Liberdade é, antes de mais nada, direito de escolha. (NAVE-i)

ver a vida em cor-de-rosa → expressão que descreve um indivíduo, ou situação, ditoso, feliz, alegre; usa-se novamente 'cor-de-rosa' em alusão à felicidade; admite-se ainda a forma reduzida 'vida cor-de-rosa' combinada com outros verbos para indicar fortuna. ♦ Resolvi radicalizar e voltar a me apaixonar, a *ver a vida em cor-de-rosa*, a escrever poemas, a ouvir músicas pop de amor. Só que era tarde demais. (MUND-i) ♦ Embora, pela falta de concorrência da televisão, Hollywood impusesse seus modismos e filosofia de *vida "cor-de-rosa"*, havia muito mais espaço para os filmes europeus e de outras regiões do mundo. (DIN)

infortúnio:

abrir as comportas → 'comporta' é a porta móvel que contém as águas de uma represa, dique, açude etc.; por analogia, refere-se ao ato de chorar copiosamente. ♦ Ela sabia dar, sabia receber, sabia tudo. Especialmente sabia *abrir as comportas* de um homem que, um dia, decidiu fechá-las. (VI)

abrir a torneira → refere-se ao ato de chorar; usa-se para descrever o indivíduo que está triste, choroso ou melancólico. ♦ Se a bonificação vinha, Neco Rosa agradecia. Se não vinha, Neco Rosa *abria a torneira* (...) (NI)

abrir um (o) berreiro → 'berreiro' é tanto a seqüência de berros ou gritaria como o choro ruidoso; tal idiomatismo significa chorar muito. ♦ Pegou a bolsa, deu meia volta e saiu sem deixar rastro. Ele *abriu um berreiro*. Senti pena. (BL)

afogar as mágoas → essa expressão pode ser usada tanto para descrever alguém que está triste ou deprimido quanto o uso de bebida para aliviar a tristeza e amargura. ♦

Comentários nos corredores globais dão conta de que Mauricio Branco serviu para *afogar as mágoas* da moça de uma paixão mal acabada. (FSP)

andar (continuar, deixar, estar, ficar etc.) de asa caída → esse idiomatismo representa o indivíduo decepcionado, desanimado, acometido por depressão ou tristeza excessiva, em alusão a um passarinho que não pode voar. ♦ As dores do amor são das mais difíceis de suportar. Quem tem acompanhado meu *blog* sabe que ultimamente a borboleta tem *andado de asa caída*... (ASA-i)

andar (continuar, deixar, estar, ficar etc.) de nariz torcido → emprega-se para descrever o indivíduo que se frustra por não obter o que almeja; significa estar triste, desolado, envergonhado. ♦ (...) anda falando grosso não só por manifestação de soberania "de um governo de esquerda", cujo partido historicamente sempre *andou de nariz torcido* (...) (JOEL-i)

andar (continuar, deixar, estar, ficar etc.) jururu → usa-se para descrever o indivíduo que perdeu a alegria; triste, melancólico; diminuído no poder, na força ou no ânimo. ♦ Alguma coisa deve estar acontecendo Laila, para você *andar* tão *jururu*. (CEN)

aos prantos → a expressão usada no plural significa chorar muito, lastimar-se exageradamente, queixar-se, lamentar-se. ♦ Os algozes me arrastavam como escravo, me amavam, tocavam no meu corpo, iam às minhas partes. *Aos prantos*, supliquei muitas vezes, não sei de nada, já lhes disse tudo. (CNT)

cara de dia do juízo final → refere-se ao juízo final, o julgamento de mortos e vivos a ser feito por Deus no final dos tempos, segundo diversas crenças; usa-se para indicar a expressão facial de tristeza e decepção. ♦ (...) que *cara* é essa, como é que mesmo você, que parece uma bola de azougue, está aí com essa tromba de poucos amigos, *de dia do Juízo Final* ou da Sexta-feira da Paixão? (CON)

cara de sexta-feira (da paixão, santa) → refere-se ao segmento do Evangelho que trata do martírio de Cristo, significando sofrimento e tristeza excessiva. ♦ Sendo assim, naqueles tempos não havia nada de agradável no mundo, e grandes e pequenos andavam de cá para lá *com cara de sexta-feira*, carrancudos (...) (VIRT-i)

com o coração apertado → 'coração' é usado para a expressão de sentimentos positivos e negativos, como amor, alegria, ódio, tristeza; tal idiomatismo significa tristeza profunda, melancolia etc. ♦ E ao mesmo tempo, devagar, para não assustá-lo, ia examinando, *com o coração apertado*, as transformações por que ele passara desde nosso último encontro. (CCA)

como um dia de inverno → refere-se à estação mais fria do ano, em analogia com tristeza; usa-se para descrever desânimo, melancolia. ♦ Um ano passa *como um dia de inverno*, e parece que, a cada segundo, a morte vêm se aproximando, junto com o apodrecimento do meu corpo e da minha alma (...) (PAN-i)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

com (dar, estar com, ficar com etc.) um nó na garganta → refere-se à impossibilidade de falar por conta de forte emoção ou angústia excessiva. ♦ – Dei notícia da morte de tua mãe *com um nó na garganta*. Eu sei que vai doer muito no Capitão. (CA)

de cortar a alma (o coração) → usa-se para descrever uma emoção advinda de um acontecimento triste; o verbo 'cortar' é usado para expressar dor, sofrimento, tristeza. ♦ Vivo a liberdade que machuca. O sofrimento é *de cortar a alma*, mas os ouvidos foram tapados - silêncio hipotético no banheiro. (AVC-i) ♦ O que ontem aconteceu aqui é *de cortar o coração*. Estão dizendo que foi da janela do psicanalista que ela se atirou. (MP)

de farol baixo → descrição de um indivíduo amuado, decepcionado, deprimido, triste, quase sem forças, em analogia com a luz fraca de um farol ou lanterna baixa dos automóveis. ♦ Ferida exposta ou cansei das metáforas ou, foda-se, eu quero escrever sobre isso. Quer minar o meu dia é te ver assim, *de farol baixo,* como diz o meu pai. (LAM-i)

debulhar-se em lágrimas → refere-se ao ato de chorar muito, contínua e exageradamente. ♦ Jaque, que, ao ver-me *debulhado em lágrimas*, me perguntou se eu havia perdido algum membro importante da minha família e se necessitava de algum adiantamento para o enterro. (AL)

deixar (restar) apenas lágrimas → refere-se à tristeza como resultado único de um acontecimento infeliz. ♦ E, assim, por meio da laranjice, vão-se os filhos queridos de muitas mães, *deixando apenas lágrimas* que rolam no rosto do sofrimento humanitário. (ECR)

estar (andar, continuar, ficar, ser etc.) caído (de orelhas caídas) → usa-se o adjetivo 'caído' para significar infeliz, deprimido, desanimado, em semelhança ao cão que, quando triste, anda com as orelhas para baixo. ♦ Adamastor agachado num canto da cela. / P: (off) *Tá caído*, esbagaçado, desmilinguido... (PD) ♦ Um vulto cochila ao lado, triste, *de orelhas caídas*, ruminando as duras lidas do sol a sol - dia inteiro. (OIS-i)

estar (andar, continuar, deixar, ficar etc.) na fossa → indica o estado ou condição de quem se encontra deprimido, infeliz, triste, em referência à fossa, cavidade subterrânea, suja e escura. ♦ Algumas compridas, onde retrata seu dia, ou se abre, quando *está na fossa*. Outras vezes, apenas duas ou três linhas. (DE)

estar (andar, continuar, deixar, ficar etc.) na pior → usa-se tanto para descrever má situação financeira como emocional. ♦ *Estava na pior* quando apareceu o decorador. Conversa interessante, que melhorou quando ele se revelou inventor. (GD)

estar (andar, chegar, continuar, ficar etc.) na rua da amargura → refere-se à passagem bíblica que conta o trajeto percorrido por Jesus Cristo para o Calvário; por analogia, usa-se tal idiomatismo para descrever o estado de intensa aflição do espírito; sofrimento, tortura. ♦ Outras, mais frágeis, encontram-se como a revista "Turismo & Negócios", cujo publisher, Antônio Noya, *está na rua da amargura*. (GZT)

ficar com os olhos rasos d'água → refere-se ao ato de chorar ou lacrimejar; usa-se para a descrição do indivíduo choroso, por tristeza ou forte emoção. ♦ A bela mulata *ficou com os olhos rasos d'água*. Com ternura, afagou os espessos cabelos castanhos. (XA)

ficar com uma tromba → refere-se à tromba de alguns mamíferos; o idiomatismo significa expressão ou semblante fechado por conta de sofrimento ou mau humor. ♦ No lançamento da novela "Metamorphoses" (Record), no último domingo, o apresentador Raul Gil *ficou com uma tromba* enorme após a exibição do primeiro (...) (ILUS-i)

golpe para (no) o coração → aqui 'golpe' faz alusão a um acontecimento, articulado a 'coração' refere-se a sentimentos muito tristes. ♦ A morte do pai naquelas circunstâncias, longe da terra da família, foi um doloroso *golpe para o coração* de Camilo. (CAM-i)

não ser mais nada na vida → usa-se para descrever o estado deplorável no qual se encontra um indivíduo por conta de decepção, fracasso, perda de algo ou alguém. ♦ Se futebol desse pra ficar rico, ele não tava aí vivendo de biscate e bebendo pra esquecer que *não é mais nada na vida*. (IN)

quatro cavaleiros (mensageiros) do apocalipse → refere-se aos antigos escritos judaicos ou cristãos, em especial o último livro canônico do Novo Testamento, atribuído a São João, que contém revelações sobre o fim do mundo; expressão comum para a descrição de um período de dificuldade ou de indivíduos pessimistas e que difundem idéias negativas. ♦ Assim atravessou a mocidade, e a segunda mocidade, ficou madura, mas ao galope dos *quatro cavaleiros do apocalipse* da menopausa - arranjou seu Landru. (CF)

ser meio pra baixo → relaciona-se a baixo-astral, ou estado em que se encontra aquele que é triste, queixoso, deprimido, pessimista, desagradável ou maçante. ♦ Aldir fez umas coisas legais, mas a obra dele no conjunto, *é meio pra baixo*, de uma desesperança sem fim. (SAM-i)

triste até a morte → usa-se para descrever o indivíduo extremamente triste ou a falta de alento; depressão, desânimo, esmorecimento. ♦ Dulcíssimo Jesus, no Horto das Oliveiras *triste até a morte*, profundamente angustiado, oprimido de agonia, coberto de suor de sangue. (WEB-i)

vale (poço) de lágrimas → idiomatismo utilizado para retratar um lugar ou tempo de grande sofrimento; por extensão, a própria vida humana, sob uma perspectiva pessimista; há referência a acontecimentos bíblicos, tanto que 'vale de lágrimas' aparece na oração cristã "Salve-Rainha". ♦ E assim, com todas essas farsas e quase-tragédias, felizmente sem maiores conseqüências, vão escoando-se as horas e os dias neste *vale de lágrimas* que para nós é a derradeira das provações (...) (AL)

ver com maus olhos → usa-se tanto para indicar desaprovação como para descrever o indivíduo pessimista. ♦ Como ambos vinham de fora, costumavam se perguntar: será que só por não serem filhos do lugar eram *vistos com maus olhos*, incompreendidos? (OSD)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ver o fim de (alguém) → expressão que descreve a morte, derrota, destruição de algo ou de alguém. ♦ Fitando-me ainda, o olhar sempre duro, acrescentou: - Eu também *vi o fim de Gemar Quinto*. Amargava, na minha boca, a coalhada. (ML)

RAPIDEZ X LENTIDÃO

rapidez :

acelerar (apertar) o passo → significando apressar-se, o idiomatismo refere-se ao movimento progressivo da velocidade. ♦ Assim que conseguir cumprir o básico em relação à mão-de-obra, inclusive nas fábricas de São Leopoldo e Guarulhos, a Taurus planeja *acelerar o passo* no treinamento dos funcionários. (EX) ♦ Felipe saiu atrás e nós atrás de Felipe. Ela não queria nada, *apertou o passo* e entrou em casa, na quadra seguinte. (RO)

ágil (rápido) como um galgo → 'galgo' é o cão de pernas compridas, corpo alongado, abdome estreito, focinho afilado, extremamente ágil e veloz; esse idiomatismo é usado, pois, para descrever um indivíduo ágil e veloz. ♦ A autora, com seus noventa anos, aparece encantadoramente nas fotos, tão leve, alongada e *ágil como um galgo*... Ela comenta que o que tornava digna a imagem (...) (ARR-i)

a mil (cem, duzentos, trezentos, quatrocentos etc.) por hora → a expressão 'por hora', medida de velocidade, é precedida de uma indicação da distância percorrida, geralmente por veículo (terrestre ou aéreo); idiomatismo que indica, portanto, rapidez ou agitação. ♦ Ele está "*a mil por hora*", na Agência X, juntamente com a publicitária Cláudia Varassin. Como sempre irrequieto e cheio de idéias (...) (GAP)

andar (chegar, correr, passar, sair etc.) na velocidade da luz → assim como há a comparação com a velocidade do som em *quebrar a barreira do som*, é freqüente a analogia com a 'velocidade da luz' para designar 'rapidez'. ♦ (...) adolescente vive a expectativa de adquirir os super poderes que os membros de sua família têm para combater o crime: *andar na velocidade da luz (...)* (STBO-i)

ao correr da pena → usa-se para a descrição da rapidez com que se escreve algo. ♦ Estas notas foram escritas *ao correr da pena*; mas, entretanto, poderei desenvolvê-las se os interessados me provocarem. Escrevo em dia oportuno. (BRU)

a passos largos (de gigante) → pela imagem de enormes passadas chega-se ao deslocamento ligeiro. ♦ O Brasil, que está evoluindo *a passos largos* para ingressar na esfera dos países desenvolvidos, deve precaver-se contra a evidência de suas fraquezas. (VIS) ♦ Passou e hoje ficaram as trilhas por onde seus pés andavam *a passos de gigante* garimpando e descendo o "mar de morros" marginal do Paraíba do Sul. (FN)

avançar como uma onda → refere-se à imagem das ondas marítimas que quebram rápido e violentamente nos rochedos. ♦ A vanguarda de Diaz, comandada por Marcó, dissolve-se sob o fogo das peças raiadas, mas o grosso, vomitado pela mataria, *avança como uma onda*, a fim de romper o nosso centro. (HMB)

banho de gato → refere-se à aversão que os felinos sentem à água; usa-se tal idiomatismo para descrever um banho rápido. ♦ Ela desencolheu o ombro, interrompendo

imediatamente o *banho de gato* que o assovio tornara tão íntimo. Estava agora toda aprumada: (...) (CIC)

chegar (andar, correr, entrar, ir etc.) na toda → expressão que significa com rapidez, em alta velocidade. ♦ A polícia *chegou* com a sirene *na toda*, abrindo caminho na aglomeração. Corpo de Bombeiro não demorou muito. (FOH-i)

correr (chegar, entrar, ir, vir etc.) com tudo → 'com tudo' significa com muito empenho; aqui se usa para descrever movimentos rápidos e abruptos. ♦ Olha, você faz planos, confere? Todo mundo faz planos, certo? Pois bem: então você fez planos, briquitou, suou sangue, levantou tudo nos braços, *correu com tudo* (...) (LC)

correr (espalhar-se, ir, sair, vir etc.) como o vento → alude à velocidade do vento; designa algo ou alguém que se movimenta em alta velocidade. ♦ Súbito, súbito, *correu como o vento* sudoeste que vem do norte, o sopro da prosperidade espantou-lhes os cabelos. (FAB)

correr (andar, chegar, entrar, fugir etc.) como uma bala → refere-se à alta velocidade alcançada por uma bala de arma de fogo, significando com grande rapidez. ♦ *Correu* para o prefeito *como uma bala*. Distendeu o braço direito com toda a força e, com o punho fechado, golpeou-lhe duramente o olho. (UMS)

dois v (vai e volta) → assim como a expressão *um pé lá, outro cá*, essa expressão é utilizada para descrever um movimento de saída e retorno a ser feito com rapidez, desconsiderando o tempo entre o ir e vir. ♦ Isto tem *dois v (vai e volta)*. Um pé lá outro cá (rapidamente). (JANG-i)

em dois tempos → idiomatismo que significa rapidamente, ou em um curto período de tempo. ♦ Ele sabia que o Bom Jesus comprara a crédito as suas máquinas, mas com aquele preço de açúcar pagaria *em dois tempos*. (USN)

em largas passadas → é comum o uso de 'passo', ato de deslocar o apoio do corpo de um pé a outro, enquanto se anda, em analogia à 'rapidez' ou 'lentidão'; trata-se de um variante freqüente do idiomatismo *a passos largos (de gigante)*. ♦ *Em largas passadas* atravessou a varanda. Ao entrar na sala já trazia à mão o seu punhal. (ED)

em um segundo → refere-se a um curto espaço de tempo; rapidez na execução de uma ação; usa-se com mais freqüência após o verbo, porém não exclusivamente. ♦ O prato dava para dois, mas comi *em um segundo*. Salada, sem tempero, mas era salada. (FAV)

engatar a (uma) quinta velocidade (marcha) → refere-se à quinta marcha dos veículos automotores, usada no momento de grande velocidade; tal idiomatismo significa acelerar, apressar(-se) e admite variantes como *engatar a quinta* ou *engatar a quinta marcha.* ♦ A diferença entre o que eu disse há umas semanas atrás, é que agora *engatou a quinta velocidade*, e dirige-se a toda a força para a aniquilação total. (MUN-i)

entrar (andar, chegar, passar, sair etc.) como um furacão → refere-se à alta velocidade alcançada pelos ventos em caso de furacão, para expressar uma ação rápida. ♦ A

pantomima não teria fim, se Sílvia não *entrasse como um furacão*, reclamando contra o seu atraso. (CC-R)

feito (como) um tiro → alude à velocidade do disparo de uma arma de fogo e é usado para indicar rapidez. ♦ - Tá, Teodoro, pelo menos uma palavrinha sua em francês estava tardando, mas por favor dispense a ironia, disse Xavier que, no íntimo, aceitava, vagamente ébrio como se sentia, mesmo um elogio como aquele, direto, desfechado à queima-roupa, *feito um tiro*. (CON)

fornicar (agir, correr, fazer, transar etc.) como um coelho (galo) → a imagem de 'coelho' é freqüentemente associada à velocidade; essa expressão refere-se a uma rápida relação sexual; usa-se com menor freqüência a referência a 'galo'; também é comum a variante *rápido como um coelho* na indicação de rapidez. ♦ "Está quase na hora. Um patife daqueles deve *fornicar como um coelho*, bem depressa." (BOI)

ir num pé, voltar no outro → usa-se esse idiomatismo para descrever a rapidez na ação de 'ir' e 'voltar' a um lugar determinado; assim como as expressçoes *dois v (vai e volta)* e *um pé lá, outro cá*. ♦ *Foi num pé, voltou no outro*. Malaquias ainda relutou em aceitar o ajutório do major. (CL)

mais rápido que macaco → analogia à agilidade e ligeireza do 'macaco', para descrever o indivíduo que possui grande habilidade na realização de suas ações. ♦ E eles sabiam uma coisa que nós não sabíamos: correr pelo mato *mais rápido que macaco*. (REA)

mais rápido que os passos (deuses) → idiomatismo empregado para indicar extrema velocidade; é comum o uso de superlativos que enfatizam a rapidez de um indivíduo ou com que algo é feito. ♦ Vai chover?, pensou a mulher apressando-se de volta, mal teria tempo de encontrar doutor Lucas - mas o vento corria *mais rápido que os passos*, empurrava a saia para frente (...) (CIC) ♦ Ele os conseguia facilmente, acabados e a ponto da civilização, suprimindo a História, *mais rápido que os deuses* das gêneses criam os mundos e as criaturas. (ESF)

numa arrancada instantânea (só) → arranque é o ato ou efeito de começar o trabalho de uma máquina ou motor; usa-se tal idiomatismo para descrever a realização de uma ação com rapidez desde seu início. ♦ Só o vento continuava a ramalhar as árvores: sibilava forte, *numa arrancada instantânea*, e depois se aquietava, enquanto as folhas caíam. (TS)

numa passada (pé) só → 'passada', variante de passo faz analogia com 'rapidez' ou 'lentidão'; nesse caso descreve uma ação realizada com extrema rapidez. ♦ A imprensa tem servido de combustível para o trator do governo que, *numa passada só*, quer jogar na vala comum trabalhadores comuns (sem qualificação) (...) (ODI-i)

numa paulada (cajadada) só → essa expressão refere-se ao ato de fazer algo de uma só fez, sem interrupção; descreve um fazer contínuo e veloz. ♦ Nós ensaiamos por dois dias lá mesmo na Sonoviso. A gravação também só levou dois dias, *numa paulada só*, com o Toninho Barbosa na técnica. (CLIQ-i)

unesp

num passe de mágica → usa-se para realizar ou fazer algo com muita ligeireza. ♦ Em seguida, *num passe de mágica*, uma cama inflável surge dentro da piscina indicando o cenário onde os próximos capítulos eróticos do encontro irão se desenrolar. (FH)

num piscar (abrir e fechar) de olhos → refere-se à grande velocidade com que um indivíduo abre e fecha os olhos ao piscar; há ainda a variante menos usual *enquanto o diabo esfrega um olho*. ♦ - Não te preocupes com isso. Tive um problema semelhante e meu médico curou *num piscar de olhos*. (GAP) ♦ Nuvens não havia, Habacuc, e a águia, por alguma razão qualquer, não obedeceu ao meu comando: trouxe-me de volta, a estúpida ave, *num abrir e fechar de olhos*. (CEN)

num pulo → utiliza-se tal idiomatismo para descrever a realização de uma ação com rapidez. ♦ – Desculpe, senhor! respondi levantando-me *num pulo*. Estou às suas ordens, porém devo preveni-lo de que não entendo nada dessas máquinas. (ID)

num relâmpago (raio) → relaciona-se à alta velocidade de um raio ou um relâmpago para indicar um movimento muito rápido. ♦ Limpando o rosto com a manga da camisa, senti o trágico da situação. E se o bruto fugisse? *Num relâmpago*, apanhei o chicote e, quase sem transição, consegui agarrar, assustado, a rédea (...) (BH)

parecer que foge da polícia → usa-se a analogia entre fugir ou sair em alta velocidade para escapar da polícia e uma ação realizada estranha e rapidamente. ♦ Chegamos com os olhos arregalados e o dono, outro negro com o chapéu africano / jamaicano, nos disse um olá assustado: – *Parece que* vocês *estão fugindo da polícia*! (SCH-i)

passar (andar, chegar, entrar, fugir etc.) como um raio → refere-se à alta velocidade alcançada do raio; o idiomatismo faz alusão a essa rapidez. ♦ *Passei* por ele *como um raio* e me refugiei no Templo de Vulcano. Os policiais escalavam as altas paredes de perfis egípcios e hieróglifos. (GI)

passar (andar, chegar, correr, entrar etc.) num pau (só) → usa-se 'pau' para descrever movimento em alta velocidade. ♦ (...) mas, ao contrario do japonês... fiquei quieta pois não tive como ir até o motorista e mostrar o dedo, já ele *passou num pau* danado com o carro (...) (SAN-i)

pé na tábua → idiomatismo que expressa estímulo para se dirigir um veículo com maior velocidade ou para que se aumente a velocidade na realização de alguma ação. ♦ P: – Será da polícia ou é gente do Big Boss? / P: – Essa é a minha dúvida. / P: – Bom, seja quem for, vai ter que meter o *pé na tábua*... (MD)

pernas, pra que (quem) te quero → exclamação que expressa ação de fugir, de escapar com rapidez de algum perigo; em alusão às partes do corpo usadas para andar, correr ou fugir. ♦ Com tanta tocaia armada por aí, o freguês azula pelo primeiro atalho e... *pernas pra que te quero*... Ora se não é assim! Enfia a viola no saco... e adeus minhas encomendas... (OSD)

pisar no acelerador → refere-se ao ato de se aumentar a velocidade de um veículo; tal idiomatismo significa tanto aumentar a velocidade de um veículo quanto a de determinada

ação. ♦ Em sua posse, o senhor mencionou uma frase de Lula: "No caso da educação, é preciso *pisar no acelerador* e virar à esquerda". (ACS-i)

quebrar a barreira do som → relaciona-se à grande rapidez, em analogia à velocidade do som. ♦ Não quero testar nova tecnologia nenhuma. Vou *quebrar a barreira do som* em terra e entrar para o Guinness, o livro dos recordes", dispara Breedlove. (ISC-i)

rápido como uma lebre (coelho) → idiomatismo empregado na descrição de algo ou alguém extremamente veloz; por isso a analogia com 'lebre' ou 'coelho', tidos como animais ágeis, tanto que são usados em caça esportiva; trata-se de uma variante de *fornicar (agir, correr, fazer, transar etc.) como um coelho (galo)*. ♦ Cicinho bateu escanteio da direita e Luís Fabiano, *rápido como uma lebre*, cabeceou livre, Butrón espalmou e, no rebote, Fabão (...) (SAOP-i)

rápido e rasteiro → refere-se à grande velocidade na execução de uma tarefa; designa o ato de fazer algo com grande agilidade e rapidez. ♦ Aplicam ambos o chamado método *rápido e rasteiro*: fecham-se em seus gabinetes privados, trancam-se com ferrolho e trinco (...) (GTT)

sair (andar, chegar, entrar, fugir etc.) como uma flecha (foguete) → refere-se à alta velocidade alcançada por uma flecha, ou um foguete, ao ser posta em movimento, e significa com rapidez. ♦ O gavião, meu padrinho, já me deu inspiração: quando eu abrir a mão e soltar o beija-flor... vai *sair como uma flecha* que não há outra que alcance. (PEM) ♦ *Saiu* da sala *como um foguete*. Luiz sorriu, também feliz. Foi quando entrou o professor de Ciências. (ORM-R)

sair (entrar) como um louco → usa-se para descrever tanto a velocidade dos movimentos quanto o comportamento desorientado de um indivíduo. ♦ Ele *saiu como um louco*, abriu a porta com um empurrão e correu pela rua. Relampejava. Parou debaixo dum poste de iluminação. (ULS)

sair (correr, chegar, escapar, fugir etc.) como um peixe (bagre) ensaboado → recorre-se a 'peixe' para referir-se à agilidade e esperteza; o adjetivo 'ensaboado' enfatiza a idéia da dificuldade de se reter um peixe, que já é ágil, quando recoberto por sabão; é freqüente a variante *liso como peixe (bagre) (ensaboado)* ♦ *Saiu* de banda serpenteando *como peixe ensaboado*. Nem o Rio engarrafado foi capaz de detê-lo. Nas esquinas nas favelas não se fala de outro assunto (...) (BHM-i)

sebo nas canelas → usa-se 'sebo' em referência à lubrificação e, conseqüentemente, ao aumento da potência de uma máquina; 'canela' faz alusão à máquina humana, ou seja, a um indivíduo que corre velozmente. ♦ Veio a Rota, sirene esgoelando, pneus solfejando, os "policiais" desembarcaram distribuindo sarrafo sem piedade nem dó, e o povinho raio, *sebo nas canelas*, sumiu num trovoar (...) (EMC)

sem perder o fôlego → refere-se ao movimento de aspirar e expelir o ar, por meio das vias respiratórias, importante às práticas esportivas; indica rapidez e continuidade nos movimentos. ♦ Há pouco mais de um ano, o carioca Nelson Águia não sabia o que era subir um lance de escada *sem perder o fôlego* e sentir um aperto no peito. (IME-i)



ser ligeiro como um gato → usa-se referência à agilidade, celeridade, ligeireza, velocidade etc., em analogia à 'rapidez'; é comum também a comparação com animais que possuem essas qualidades, como 'gato'. ♦ (...) nesse mesmo momento e instante a velha Fermina entrou na roda, e *sendo ligeira como um gato*, varejou no Bonifácio uma chocolateira de água fervendo, que trazia na mão, do chimarrão que estava chupando... (CG)

ser um raio (um foguete, um relâmpago) → expressão usada para indicar um movimento muito rápido e relaciona-se à alta velocidade do raio, relâmpago ou foguete. ♦ A nossa consciência, segundo ela, *é um raio* da Consciência Universal e é trabalhando no mundo, através desta consciência individual (...) (STBO-i)

subir (ligeiro, rápido, veloz) como um macaco → comparação entre a destreza de um macaco ao subir em árvore e a rapidez de um indivíduo ao subir em algo; admite a variante, também freqüente, *ser mais rápido que (um) macaco* ♦ Ela se lembra de corno Vasco, quando menino, *subia* nas árvores *como um macaco* e ficava suspenso no ar, as mãos agarradas nos galhos. (MAL)

surgir (andar, cair, correr, descer etc.) como um meteoro (cometa) → utiliza-se esse idiomatismo para indicar 'rapidez', em referência à velocidade atingida por um meteoro. ♦ *Surgiu como um meteoro* e, *como um meteoro*, fez subir o desbalanço entre o que a nação tinha e o que podia gastar. (FSP)

vir (chegar, passar, ir, vir etc.) como uma nuvem → refere-se à passagem instantânea de uma nuvem levada pelo vento; por isso tal idiomatismo significa com rapidez e discrição; além disso, 'nuvem' faz alusão a grande quantidade de coisas ou pessoas reunidas. ♦ Quando chegou a derrama, os oficiais do fisco português caíram sobre o povo indefeso; o bando sinistro dos meirinhos *veio como uma nuvem* (...) (VB)

voar baixo → expressão que descreve a alta velocidade de veículos automotores. ♦ Deraldo meteu o parente dentro do carango, arrochou o pé no acelerador e desceu *voando baixo* a ladeira do Feitosa. (AG)

voltar (andar, chegar, correr, entrar etc.) num pé só → usa-se para descrever um movimento muito rápido; refere-se à realização de uma ação com extrema rapidez. ♦ *Voltei* pra casa *num pé só*. Parecia que o mundo estava mais colorido, mais luminoso, mais, mais. (VIO-i)

um pé lá, outro cá → essa expressão indica celeridade, descrevendo um movimento de saída e retorno feito com grande rapidez; também é freqüente a variante *ir num pé, voltar no outro*. ♦ O problema maior é de timing - espere muito e alguém o engole, vá depressa demais e seu negócio estabelecido desmorona. *É um pé lá, outro cá.* (SITC-i)

lentidão :

a fogo brando (lento, baixo) → 'brando' significa, entre outras coisas, de pouca intensidade, por isso o idiomatismo pode ser usado para indicar lentidão, falta de pressa de chegar ao fim de alguma coisa ou empreendimento etc; alude ao cozimento realizado lentamente;

também é freqüente a variante *a fogo lento*. ♦ Assim, parece claro que nenhum partido que se diga de oposição inclusive o partido de *fogo brando* do dr. Tancredo Neves - pode almejar vida longa se não fazer, na prática, oposição de verdade. (OI) ♦ É que o fino primo Vaz ia se consumindo pouco a pouco, *a fogo lento* da tísica e a irmã de minha Mãe padecia de nosofobia e nosomania. (BAL-R)

aos socos (soquinhos) → usa-se no plural para indicar morosidade na realização de determinada ação; descrever o movimento realizado de maneira descontínua, ou seja, com intermitências; aos solavancos. ♦ Os carroceiros cansados deitavam-se sobre elas, enquanto uma fieira de burros conduzia *aos socos*, na manhã escaldante. (MZ).

a passo de cágado (tartaruga) → há a analogia com a lentidão dos movimentos de animais como cágado, lesma, tartaruga etc., e um indivíduo que revela lentidão na maneira de agir e pensar; também são freqüentes as variantes antecedidas por verbos *marchar (andar, continuar, fazer algo, permanecer etc.) a passo de tartaruga*. ♦ Tudo tinha sido escamoteado como num passe de mágica. E eu ali de carro, *a passo de cágado*, pisando sobre ovos. (BPN) ♦ O Sr. fala como se estivéssemos em plena agitação. Mas as articulações revolucionárias *estão marchando a passo de tartaruga*... (DZ)

com o freio de mão puxado → em alusão ao freio de mão dos automóveis que, quando puxados, não permitem que o condutor dirija; designa o indivíduo lento e que se comporta vagarosamente. ♦ Só quando o sufoco passava é que ele chegava - e com a cara mais lisa do mundo. Ou é muita preguiça ou esse JB está jogando *com o freio-de-mão puxado*... (GREI-i)

de fala mole → usa-se tal idiomatismo para descrever o falar lento de um indivíduo. ♦ (...) um pugilista meio retardado *de fala mole* (...) (IS)

em doses homeopáticas → esse idiomatismo faz alusão ao método terapêutico da homeopatia; usa-se para descrever algo ou alguém que se mostra ou aparece lenta e gradualmente. ♦ (...) não temos notícias de mortes aos milhares em um dia, e nem de atentados à bomba nos trens, mas estamos sendo ameaçados *em doses homeopáticas*. (REDG-i)

espichar a preguiça → refere-se ao indivíduo extremamente lento em seus atos, em analogia com bicho-preguiça. ♦ (...) o frio úmido convidava a *espichar* um pouco *a preguiça*. (ANA)

estar (fazer, ficar) em banho-maria → recorre-se à imagem do 'banho-maria', que consiste em cozinhar algo dentro de um recipiente com água fervendo, para descrever uma ação realizada com grande lentidão, a ponto de protelar o resultado final. ♦ *Está* tudo *em banho-maria*, lamenta o padre José Pinto Geada, a quem o bispo da Guarda, D. António dos Santos, encarregou de acompanhar todo o processo (...) (FREI-i)

fazer à prestação → usa-se essa expressão para descrever algo que é feito com morosidade, com lentidão; por isso a analogia com o pagamento de contas à prestação, ou seja, o pagamento parcelado. ♦ O tradutor do Altavista tem lá os seus limites de texto, portanto, se quiser escrever algo extenso terá que *fazer à prestação*, copiando e traduzindo (...) (TODO-i)



o tempo (dia, semana, mês, ano etc.) custar a passar → enunciado idiomático utilizado para expressar 'demora', em geral, em situações de monotonia ou de ansiedade. ♦ Rezo o terço, multiplico minhas orações, mas o sono não vem e *o tempo custa a passar*. (BDR)

parecer (ser) um bicho-preguiça → o 'bicho-preguiça' ou simplesmente 'preguiça' é um animal das Américas Central e do Sul que vive na copa das árvores, onde são dificilmente notados devido aos movimentos lentos e à pelagem camuflada; a analogia com o indivíduo muito preguiçoso ou com lentidão de alguém é muito freqüente. ♦ Energia Desperdiçada. Se você está *parece um bicho-preguiça*, e isto virou rotina em sua vida, vá à luta! (PAPN-i)

passo de senador → é comum o uso de 'passo', ato de deslocar o apoio do corpo de um pé a outro enquanto se anda, em analogia à 'rapidez' ou 'lentidão'; nesse caso o idiomatismo recorre à imagem da morosidade do Senado brasileiro na execução de suas funções; descreve tanto o indivíduo vagaroso como uma situação que não se resolve logo. ♦ (...) a lebre se deixa ficar, enquanto a tartaruga sai, marchando. Em seu *passo de senador*. Devagarzinho, se esforçando pra se afastar do contendor. (ILH-i)

ser como uma lesma (tartaruga) → compara-se a lentidão da 'lesma' com a lentidão na maneira de agir e pensar de um indivíduo. ♦ "Um homem da minha raça não pode *ser* mole *como uma lesma*!" Rareavam as pescarias medianas. (DE)

RIQUEZA X POBREZA

riqueza :

acertar a vida → tal expressão indica que o indivíduo conseguiu o pretendido, no que concerne ao trabalho, ao dinheiro, ao sucesso; sugere essencialmente sucesso em empreendimento almejado. ♦ Talvez porque ela não tenha aparecido como prostituta e sim como alguém tentando *acertar a vida*. O público gosta de perdoar, avalia Vanessa. (EXCL-i)

andar (continuar, estar, ficar, ser etc.) bem de vida → descreve a situação do indivíduo possuidor de grande quantidade de dinheiro, posses, bens-materiais, propriedades etc. ♦ – "Sabe que agora ele *anda* muito *bem de vida*?", ela diz. / – "Está ganhando quase quatro contos de réis. O pior já passou (...) (UQ)

deixar (andar, estar, ficar, ser etc.) cheio da nota → 'nota' refere-se a dinheiro, daí a referência a alguém que tem ou está com muito dinheiro. ♦ O prêmio em dinheiro que vai *deixá* esse peão *cheio da nota*! E eu vou chamá... eu vou chamá o número 1, o primeiríssimo colocado desse rodeio de Treze Tílias... (ARA)

dono do cofre → a posse de um 'cofre', como local em que se guarda dinheiro ou objetos de valor, denota um indivíduo que é rico ou que, devido ao cargo, comanda o dinheiro de uma empresa. ♦ Incensou Roseana Sarney, fustigou Serra (amigo do *dono do cofre*), criou um pandemônio nas hostes governistas com vistas à sucessão presidencial. (REB-i)

dono do dinheiro → usa-se a expressão para referir-se ao indivíduo que tem grande quantidade de dinheiro ou posses. ♦ Para o *dono do dinheiro* que visa o lucro rápido, a ordem foi uma só: vende os títulos dos emergentes, diz o gerente da mesa internacional da corretora (...) (DNH-i)

encher os bolsos → é comum nos idiomatismos relativos à 'riqueza' a referência a bolsos, cofre, dinheiro, ouro etc.; usa-se para descrever tanto o indivíduo que ganhou ou recebeu grande quantidade de dinheiro como o lucro em determinado empreendimento. ♦ (...) a pirataria a que se refere Candotti não tem absolutamente nada a ver com o interesse coletivo, e sim, exclusivamente, com o interesse imediato e material dos piratas, os únicos a *encher os bolsos* com essa rapinagem. (EX)

endireitar a vida → usa-se esse idiomatismo tanto para descrever o ato de tomar boa direção, ficar direito como se estabilizar financeiramente por conta do dinheiro. ♦ De que servem dois contos? Eu posso lá *endireitar a vida* com dois contos? E segundo, porque li nos jornais que só em Pernambuco se pagam os prêmios. (BIB-i)

estar (andar, continuar, ficar, permanecer etc.) com a vida feita → refere-se à tranqüilidade advinda da estabilidade financeira, que não exige mais preocupação ou trabalho. ♦ (...) meu irmão é outro que vai casar logo logo, agora ele já está praticamente morando com a namorada, e *esta com a vida feita*, ganhando muito bem na Embraer (...) (DRIK-i)

estar (andar, continuar, ficar, viver etc.) montado no tutu (dinheiro, grana) → emprega-se para o indivíduo que tem ou está com grande quantidade de dinheiro; refere-se ainda à estabilidade financeira. ♦ Parece que ele *está montado num tutu* firme, com uma fortuna de 200 milhões de dólares, além de 166 milhões de dólares em propriedades, palácios em sua terra natal e um apartamento de mais de mil metros quadrados em Paris (...) (MAN)

fazer dinheiro → utiliza-se para descrever o ganho de dinheiro por meio de atividade profissional ou algum empreendimento. ♦ Mesmo côco, para nós tudo serve, o que a gente quer é *fazer dinheiro*. (ATR)

filhinho de papai → expressão usada para se referir ao indivíduo, geralmente adulto, que é sustentado pelo pai rico. ♦ À primeira vista poderá pensar-se que Siddharta era um *filhinho de papai*. O rei tentou mas não conseguiu. (BUD)

ganhar (gastar, pagar, ter, torrar etc.) rios de dinheiro → idiomatismo hiperbólico que é empregado para designar grande quantidade de dinheiro, posses, bens materiais etc. possuída por alguém. ♦ Advogados tributaristas estão *ganhando rios de dinheiro* aconselhando as empresas a peitarem o fisco. A Justiça não terá a menor capacidade de julgar as dezenas de milhares de processos contra o governo. (BEM)

ganhar (puxar) dinheiro a rodo → 'a rodo' significa em grande quantidade, à beça; é freqüentemente articulado com o verbo 'ganhar' e o substantivo 'dinheiro' na descrição do ganho de grande quantidade de dinheiro. ♦ (...) a bolsa de Moscou e Petrogrado não caiu um ponto sequer, e nos anos que se seguiram os investidores estrangeiros *ganharam dinheiro a rodo.* (OLAV-i)

ganhar (levar, possuir, roubar, ter etc.) uma nota preta → usa-se tal idiomatismo para indicar grande soma em dinheiro; ♦ Se der sorte, posso até *ganhar uma nota preta* no Show do Milhão, pois comprei a revista e decorei o que tem no CD. (OBSE-i)

isolar-se (ficar, trancafiar-se, trancar-se, viver etc.) na torre de marfim → refere-se ao lugar em que um indivíduo reside ou se aloja, caracterizado pelo extremo luxo, por despesas excessivas e por comodidades caras e supérfluas; pode ser usada também para descrever aquele que se isola das práticas mundanas ou a divisão de pessoas que não pertencem à mesma casta. ♦ (...) eles *se isolam na torre de marfim*, deixando de lado os problemas humanos, nacionais e coletivos, para armar essas pequenas charadas, piores ainda do que as de Quaderna (...) (PR)

lavar a égua (burra) → usa-se tal idiomatismo para descrever tanto a obtenção de grande lucro financeiro como a vitória em um jogo com grande vantagem sobre o adversário; admite-se a variante, menos usual, *lavar a burra.* ♦ Os malandros acabam sempre querendo fazer negócios maiores, dar as famosas 'tacadas', encher o bucho de dinheiro, *lavar a égua*, etc. (GUIA-i)

levar a vida que pediu a Deus → usa-se para descrever o indivíduo que goza de grande felicidade, devido especialmente à estabilidade financeira. ♦ Tostão *leva a vida que pediu a*

Deus. Mudou de um apartamento de cobertura em Belo Horizonte para uma casa num condomínio em Nova Lima, quase um bairro de BH. (ISTO-i)

levar (manter, ter) uma vida de luxo → refere-se à maneira de viver de um indivíduo, caracterizada pela ostentação, por despesas excessivas. ♦ Nem *levando uma vida* desregrada *de luxo*, nem no extremo ascetismo, nem riqueza demais, nem pobreza demais, ambas atrapalham a prática, e a solução encontrada foi o caminho no meio. (BUD)

nadar em (rios de) dinheiro (ouro) → a posse de 'dinheiro' ou 'ouro', ainda mais em quantidade suficiente para parecer um rio, revela grande riqueza material. ♦ Que camburão que nada! Enquanto a Secretaria de Segurança Pública de Alagoas continua atravessando a maior penúria, a de Pernambuco pelo que se vê está *nadando em dinheiro*. (GZT)

nascer com o cu (bunda, rabo) virado pra lua → expressão utilizada na descrição do indivíduo que possui muita sorte nos mais variados empreendimentos; designa ainda aquele que é bem-sucedido financeiramente. ♦ Encontrei a Lili na estação Mercado do Trensurb agora a pouco. E como disse o meu pai, quem *nasce com o cu virado pra lua* vai ter sorte a vida toda. (LACA-i)

nascer em berço de ouro → usa-se para descrever o indivíduo que nasce em família abastada. ♦ *Nasceu em berço de ouro*, nunca viu a cara da necessidade, é isso. Bem pensado, o desfecho até que demorou muito. (SE)

morrer (estar, continuar, ficar, ser etc.) podre de rico → relaciona-se a alguém milionário, como se estivesse ruído de tanto dinheiro. ♦ Morreu *podre de rico*, e como não deu em vida está dando em morte. Outros até, e não poucos, afirmavam estar o demônio naquele meio. (DEN)

ser (andar, viver) como o maior (grande) marajá → 'marajá' refere-se ao título dado aos príncipes feudais da Índia, atualmente trata-se de um título meramente honorífico; descreve-se, assim, o indivíduo que tem grande quantidade de dinheiro e posses mas que não tem atividade profissional regular ou que tem um bom emprego fixo; o uso mais freqüente é a variante *ser um marajá*. ♦ Conhecido nacionalmente *como o maior marajá* do serviço público em Alagoas, Mendes de Barros foi aposentado com um vencimento bruto ainda não oficializado. (GZT)

ser gente (família) de posses → 'posses' significa bens materiais, dinheiro; usa-se para descrever indivíduos que pertencem a famílias ricas ou tradicionais, em geral, devido ao montante que possuem. ♦ A exclusão da pecuária se justifica pela identificação entre a criação de animais de grande porte, *é gente de posses* (proprietários) de municípios (...) (FTPU-i)

subir na vida → diz-se daquele que por mérito próprio, ou não, conseguiu acumular dinheiro; emprega-se para indicar a mudança de uma classe social e econômica inferior para uma superior. ♦ O que vemos hoje é a preocupação primeira de ganhar dinheiro e *subir na vida* profissional e deixar o relacionamento familiar para quando sobrar tempo. (FAMI-i)



ter a galinha dos ovos de ouro → idiomatismo que indica o fato de se ter grande quantidade de dinheiro ou algo de grande valor e que interessa a outrem; a 'galinha dos ovos de ouro' está presente na fábula "João e o pé de feijão" e narra a busca do protagonista pela ave que bota ovos de ouro e que pertence a um gigante. ♦ (...) os estoques de madeira dura asiática estão diminuindo rapidamente, não seria equivocado dizer que o Brasil *tem a galinha dos ovos de ouro*. (NFLA-i)

ter dinheiro (bufunfa) nas mãos → diz-se daquele que possui grande soma de dinheiro líquido para gastar; 'bufunfa' também indica dinheiro. ♦ Mais a medida mais eficiente seria baixar a taxa de juros. Ninguém no Brasil *tem dinheiro na mão* para comprar um imóvel. (MAIU-i) ♦ (...) o meu plano é: antes do reveillon (*com a bufunfa na mão*) eu peço demissão (diz Danilo que a sensação é única) e sem avisar o papi! (ZOBL-i)

ter fundos → revela a existência de certa sustentação financeira; ♦ Como apóstolo, é naturalmente pobre, no sentido de não *ter fundos*, terrenos de reserva. Mas possui a verdadeira riqueza, aquele formidável e invulgar (...) (EPR-i)

ter seu pé-de-meia → esse idiomatismo designa o dinheiro economizado e reservado para uma eventualidade futura; pode também indicar o acúmulo exagerado de dinheiro, posses e bens materiais. ♦ Serão opções para o cliente mais conservador, que faz questão de *ter seu pé-de-meia* garantido, mesmo que isso signifique ganhos menores (...) (PREV-i)

ter a vida mansa → usa-se para caracterizar a maneira despreocupada de viver de um indivíduo por conta de sua estabilidade financeira ♦ (...) beleza e pureza - alguma coisa tão limpa e tão suave, além de qualquer desejo, apenas o sentimento da *vida mansa* daquela pele de um dourado pálido. (B)

tratar (andar, parecer, ser, viver etc.) como um paxá → 'paxá' refere-se ao título não hereditário dos governadores, no Império Otomano, adotado mais tarde por outros funcionários e dignitários civis ou militares; descreve o indivíduo que tem dinheiro e posses mas que não exerce atividade profissional regular; homem preguiçoso e que vive na ostentação. ♦ Sei que o senhor é pago pra suspeitar. Mas eu estou acima de qualquer suspeita. Em meu planeta, todo povo me respeita. Sou *tratado* assim, *como um paxá*. (GGI-i)

pobreza :

a coisa tá preta → essa expressão é usada para indicar, dentre diversas situações conflituosas, problemas de ordem financeira. ♦ Realmente *a coisa tá preta*, afinal um acordo de 5 pratas pagos em duas vezes já se constitui num estado galopante de pobreza (...) (CONJ-i)

com as mãos abanando → descreve o indivíduo sem o dinheiro que pretendia, sem aquilo que se esperava obter, daí a referência à ausência de algo nas mãos. ♦ Porque ele não vai reivindicar *com as mãos abanando*. (AP)

com o bolso(s) apertado(s) (vazios) → usa-se a referência a 'bolso apertado' ou 'vazio', para descrever a falta ou a pouca quantidade de dinheiro; dificuldades econômicas. ♦ *Com o*

bolso apertado, os consumidores só têm comprado pré-pagos, que geram uma receita muito baixa. (ISD-i) ♦ *Com os bolsos vazios* e gemendo de fome, perambulei de um lado para outro sob a chuva que começava a cair, em meio a criaturas estranhas que nem sequer se dignavam de encarar-me de frente (...) (AL)

com uma mão na frente e outra atrás → designa a falta de dinheiro, a penúria, caricaturando a situação de um indivíduo quem não tem nem roupa para se vestir. ♦ O azarado do seu Lulu saiu corrido para Ouro Preto, *uma mão na frente e outra atrás*. Andou aí a notícia que se matou. (SD)

comer pão com pão (nada) → alude ao ato de não rechear um sanduíche por falta de dinheiro; diz-se do indivíduo pobre, que 'passa fome'. ♦ Eu tinha ido com a Mercedes Batista para a Argentina. Eu fiquei um ano na Argentina *comendo* sanduíche de *pão com pão*. (ELZ-i)

de poucos recursos → 'recursos' aqui significa riqueza, indicando alguém com pouco dinheiro; admite as variantes *ter poucos recursos* ou *ser gente (família) de poucos recursos*. ♦ Os divertimentos, existentes então, acessíveis a uma família *de poucos recursos* como a nossa, eram poucos. (ANA)

estar apitando → idiomatismo que se refere à fome de um indivíduo geralmente pobre; indica a falta de recursos mínimos à subsistência. ♦ Hélio roda um molho de chaves e aperta o abdome com a outra mão. / H: – A barriga *está apitando*. (OAQ)

estar (ficar) a zero → essa expressão indica total falta de dinheiro; miserabilidade; usada para descrever pessoa jurídica, indica falência ou falta de dinheiro em caixa. ♦ Quanto à polêmica levantada pela sua afirmação de a Câmara *estar a zero* em disponibilidade financeira, considera que ela traduz os efeitos (...) (CMFU-i)

estar (andar, ficar, ter, viver etc.) com a conta descoberta → refere-se à conta bancária; usa-se tal idiomatismo para descrever uma situação de dificuldades financeiras. ♦ As taxas recebidas são bem inferiores às pagas para o banco. Não faz sentido ter dinheiro na poupança e *estar com a conta descoberta.*(VID-i)

estar com a corda no pescoço → indica o indivíduo que está em grande dificuldade financeira, por isso a alusão à possibilidade do suicídio por enforcamento. ♦ O Tiradentes devia ser o padroeiro do Brasil; *tá* todo mundo *com a corda no pescoço*! (RELT-i)

estar (andar, deixar, ficar, viver etc.) duro → dentre as mais variadas acepções de 'duro', em sua maioria de ordem negativa, essa é usada para indicar a falta de dinheiro. ♦ E embora possa *estar duro*, não vai te faltar um prato de comida. Pense demoradamente e com afinco sobre as coisas que você tem e agradeça. (UNIV-i)

estar liso → relaciona-se ao fato de não possuir nenhum dinheiro, nem para fazer o menor volume no bolso. ♦ (...) que nada falou Jésus, quando o cara *está liso* e querendo pegar mulher fica assim como ele está, não é só hoje que estou falando, já não é a primeira vez (...) (SD)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

estar na lona (osso) → possui diversos sentidos, em sua maioria de caráter negativo, e um deles designa o indivíduo sem recursos, sem dinheiro. ♦ Ora, *estar na lona*, ou seja, pobre, estar morando numa tenda de lona, já é uma situação de grande desconforto. (PERE-i)

estar (andar, continuar, permanecer, viver etc.) na maior pendura (dureza) → 'pendura' indica pessoa que empenha alguma coisa; descreve o indivíduo que enfrenta dificuldades financeiras constantes. ♦ Passo mais de seis anos em cima de uma máquina de costura, dia e noite ali, emendando uns panos, tô quase sempre *na maior pendura*. (GA) ♦ Eu *vivia na maior dureza* num barraco em Belford Roxo e tinha dois filhos pequenos para criar. (JOVE-i)

estar (andar, continuar, ficar, viver etc.) na (numa) pior → 'na pior' pode ser usado para descrever vários tipos de dificuldades nas quais um indivíduo pode estar; nesse caso, o idiomatismo significa em dificuldades financeiras, sem dinheiro. ♦ (...) gente que encontra na cadeia inimigos da rua e muitos outros que, '*estão na pior*', não conseguiram comprar um xadrez decente ou venderam o que possuíam. (ECR)

estar (ficar) na sarjeta → 'sarjeta' refere-se à condição de decadência e humilhação; estado de indigência; indica o estado de total pobreza, ignomínia, degradação. ♦ P: – Eu não sou igual a todo mundo! Não engulo, já disse! Vou até o fim! Quero ver seu pai *na sarjeta*! e ela também (NAM)

estar no bico do urubu → aplica-se tal idiomatismo para descrever o indivíduo que vive em extrema pobreza; a imagem do 'urubu', ave que se alimenta de carne em putrefação, representa a miséria dominante. ♦ Agora chegou a vez do pedágio e ele *está no bico do urubu*. Como a concessão não tem cláusula econômica, o contrato pode ser considerado nulo, disse. (MILE-i)

estar (andar, ficar) no fio da navalha → expressão usada para fazer alusão a uma situação de penúria limite ou à beira da falência. ♦ Uma das mais prestigiadas firmas de auditoria do mundo *está no fio da navalha* depois do rebentar dos escândalos ligados à contabilidade (...) (JNW-i)

estar (andar, ficar) no osso → emprega-se para falar de alguém sem dinheiro, em dificuldade financeira; pode se referir ainda à falência. ♦ Ela tem gordura para queimar na estrutura dos preços e dos lucros. Quem *está no osso* é o tomador de crédito na base e na ponta do sistema produtivo. (JOE-i)

estar no vermelho → tal expressão representa, nos mais variados contextos, a dificuldade financeira ou falta de dinheiro; é comumente empregada na área bancária para designar saldo devedor. ♦ *Estar no vermelho* é sentir a carga da obrigação, do dever, das exigências, dos débitos e um estado geral de endividamento. (ADVI-i)

estar (andar, continuar, ficar, viver) sem caixa → 'caixa' refere-se à seção de estabelecimentos comerciais, bancos, repartições públicas etc., onde são feitos pagamentos e recebimentos; indica grave crise econômica ou falência; dificuldades de ordem financeira; falta de dinheiro. ♦ Furnas *sem caixa*. A crise que afeta o setor de energia elétrica chegou a Furnas Centrais Elétricas (...) (EDT-i)

estar (andar, continuar, ficar, viver etc.) sem fundos → 'fundos' refere-se à concentração de recursos de várias procedências para qualquer fim; a expressão é utilizada para retratar a falta de dinheiro. ♦ Mas ó Ramirinho - disse Falua - por que é que vocês estão bebendo essa coisa hedionda? Se *estamos sem fundos* para o escocês podíamos pelo menos meter uma batida. (Q)

estar (andar, ficar, viver etc.) sem nenhum → usa-se para descrever alguém miseravelmente pobre, sem nenhum dinheiro. ♦ Zanzara de lá pra cá, dera crepe ali, tropicara depois - estava *sem nenhum*, desempregada. (MPB)

estar matando cachorro a grito → expressão que denota desespero devido a algum fato ou aflição por conta de grande dificuldade financeira em que se encontra um indivíduo. ♦ Ou é o seu salário que *está* de *matar cachorro a grito*, ou é o diretor de seu colégio que vive a sacanear todos eles (...) (JEX-i)

ir morar debaixo da ponte → pode se empregar para fazer referência a alguém extremamente pobre, em alusão àqueles que não possuem residência fixa para morar ou que residem sobre pontes ou viadutos. ♦ Tem que falar pro homem abaixar um pouco essa mensalidade, senão *vou morar debaixo da ponte*. Não é fácil mestre Egeu... (GA)

não (sem) receber (ficar, restar, sobrar, ter etc.) um níquel (centavo, puto, tostão furado, vintém etc.) → utiliza-se para descrever o não-recebimento do dinheiro que se esperava ganhar. ♦ Eu arraso com a saúde, dando duro das sete da manhã às seis da tarde, e no fim da quinzena *não recebo um níquel.* (NOD) ♦ Mas o pior foi quando Doris mandou fazer as contas. *Não lhe restava um centavo*. Tudo que Doris gerara até então, em trinta anos de trabalho (...) (SS) ♦ Tracei todos os planos para agarrar um milionário e agora estou apaixonada por Alonso que *não tem um vintém*, que vive explorando o dinheiro do Gentil, o automóvel do Gentil e que entrou para a Faculdade colando do Gentil. (I)

não ter fundos → usa-se para revelar a inexistência de sustentação financeira; trata-se de uma variante freqüente de *estar sem fundos*. ♦ Como apóstolo, é naturalmente pobre, no sentido de *não ter fundos* terrenos de reserva. Mas possui a verdadeira riqueza, aquele formidável e invulgar (...) (EPR-i)

não (sem) ter onde cair morto → para descrever o indivíduo pobre, desprovido do necessário; aquele de pouquíssimas posses. ♦ Não consegui porque eu tenho vergonha de voltar atrás, tenho vergonha de seguir em frente, tenho vergonha de perguntar, de receber, de pedir, perder, tenho vergonha de ser pobre, de ser fodido, tenho vergonha de *não ter onde cair morto*. (OMT)

passar necessidade → aplica-se na descrição do indivíduo que sofre com a extrema penúria, que não tem o mínimo necessário para sua subsistência. ♦ Saber que um parente está *passando necessidade* através do simples fato da nossa comida cair no chão. Que se assobiamos à noite estaremos chamando cobras. (GD)

pobre feito (como) Jó → em analogia com a figura bíblica Jó, usa-se tal idiomatismo para caracterizar aquele que é extremamente pobre e resignado. ♦ Diz que Tibúrcio nasceu *pobre feito Jó*, numa grota perdida do Arraial da Boa-Morte. (SD)

restar (deixar, ficar, levar, ter etc.) só a roupa do corpo → refere-se à falta de dinheiro e outros pertences; significa encontra-se em estado miserável ou com nenhum pertence. ♦ Tudo o que possuía foi destruído impiedosamente. *Só lhe restava* agora a *roupa do corpo*. (ORM)

sem eira nem beira → 'eira' é superfície plana, usada para manejo de cereais; 'beira' é borda, beirada, parte que circunscreve os limites; descreve o indivíduo desprovido de posses e sem recursos; nota-se na estrutura doidiomatismo rima e assonância. ♦ Os jornais no outro dia noticiaram "o caso do homem dos sessenta contos", relatando que um pobre diabo *sem eira nem beira*, desembarcado na Cental, enlouquecera repentinamente, dizendo-se roubado, em sessenta contos que trazia. (DEN)

sem nada pra pôr na geladeira → recorre-se à imagem da 'geladeira' vazia em analogia com falta de dinheiro para a compra de alimentos; indica dificuldade de ordem financeira; pobreza. ♦ Se o senhor sair aí fora com ele, vai chegar em um dos Serros *sem nada pra por na geladeira*!... (PD)

sem nenhum (não ter um) tostão (furado) → apesar de se referir à moeda feita de níquel, não mais corrente no Brasil, tal idiomatismo ainda é usado para indicar a falta de dinheiro. ♦ Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu *não tinha um tostão* para comprar pão. (QDE) ♦ Eu sou aquele que passava todos os dias na ida e vinda das minas, vestido com minha miséria, "ensujecido" das fumaças, *sem nenhum tostão furado* (...) (ACON-i)

sem (não ter) um gato pra puxar pelo (pro) rabo → expressão muito usada para se referir à falta total de posses de alguém, em alusão à ausência total de bens de ordem material. ♦ Então você encontra a moça na rua, praticamente na sarjeta, *sem um gato pra puxar pelo rabo*, sem plano de saúde (...) (RIE-i)

ser (um) menino de rua → refere-se à criança que vive nas ruas, em geral sem apoio ou qualquer vínculo familiar, que passa por muitas dificuldades financeiras; é freqüente a alusão a essa situação no idiomatismo comparativo *ser como um menino de rua*. ♦ Apesar de ser um Ravasco *fui menino de rua*. Andava com um punhal no cós, ameaçava quem quisesse me meter na traseira à força. (BOI)

ser um pé-rapado → o termo 'pé-rapado' indica aquele que não tem posses ou que está em um estado miserável; refere-se ao fato de um indivíduo não possuir sequer sapatos. ♦ Quando se *é um pé-rapado*, dizer que se está apaixonado por alguém nascido em berço de ouro e podre de rico, soa no mínimo como um golpe do baú. (CELE-i)

trapo (farrapo) humano → diz-se do indivíduo atingido por séria depressão física ou moral ou aquele que enfrenta grande dificuldade de ordem financeira; miserabilidade. ♦ Segunda ou terça-feira reaparecia em casa, desfigurado, sujo, transformado quase em *trapo humano*. (DEN)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

vender o pai e a mãe → essa expressão designa uma situação de grande desespero por conta de problemas de ordem financeira; recorre-se a uma imagem insensata, no caso, à venda dos pais, como solução a esses problemas. ♦ (...) era aquele gênero de criatura, como dizia numa sábia previsão, um ancião da sua terra que a tinha visto crescer, disposta a *vender o pai e a mãe* mesmo. (NEPT-i)

viver (andar, continuar, ficar, estar etc.) na (maior) pindaíba → refere-se ao indivíduo que está constantemente sem dinheiro. ♦ Era gente que *vivia na pindaíba* com cisma de pensamento, nas visagens e nos espantos, nada tendo a perder senão as esporas da penúria (...) (CJ)

viver de brisa → usa-se tanto para descrever a falta de dinheiro como a escassez ou falta de comida; descreve ainda desemprego ou uniões marcadas pela falta de recursos financeiros. ♦ Se Tibúrcio fosse dar ouvido a tanta patacoada, fechava a loja, desistia de fazer negócio e ia *viver de brisa*. (SD)

viver de migalhas (restos, sobras) → reforça a penúria de um indivíduo que sobrevive às custas de benéfices ou excedentes dos mais favorecidos. ♦ Enquanto isso, a pobre mulher que ficou sem uma perna, tem de *viver de migalhas* que sobram da mesa farta dos donos do poder (...) (OPO-i)

SERENIDADE X AGRESSIVIDADE

serenidade:

acalmar os ânimos → usa-se 'ânimo' também com o sentido de índole natural, gênio ou temperamento e, portanto, significa amainar o temperamento, pacificar. ♦ Mas o presidente também está preocupado com a reação dos militares e está empenhado agora em *acalmar os ânimos*. (JA)

andar (continuar, estar, ficar, pôr etc.) nas nuvens → designa tranqüilidade; é comum a analogia entre céu, nuvem etc. e 'serenidade'. ♦ O nosso querido Salim Maluf, então, está *andando nas nuvens*. Afinal, o então governador Montoro tentou achar provas da desonestidade dele e não achou nada. (BEM)

calma, Bete! → expressão utilizada para pedir calma a si mesmo, a um grupo ou a alguém; trata-se da solicitação de serenidade de ânimo ou de disposição; pedir relaxamento. ♦ E hoje me vejo aqui neste trono dourado, ao mesmo tempo muito cômodo e duro, clamando ao mundo que sou uma coitada pois, estando em Paris, estou longe da família e por isso não sou feliz. *Calma, Bete*. Repensa. (RAB-i)

como jacaré no sol → refere-se ao hábito do réptil de descansar ao sol; pressupõe tranqüilidade, despreocupação. ♦ Às vezes é melhor ficar, digamos, desarmado *feito jacaré no sol*. Quietinho. Quase morto. Assim haja a mira de uma linda observadora! (PRV-i)

como um anjo → alude à imagem de anjo, tido como sereno, tranqüilo; além de designar criança tranqüila ou quieta, pode ser usada para descrever equilíbrio, sensatez. ♦ M: Que importam também o mau gosto e o bom gosto? A morte não tem disto. Pode-se morrer com o rosto sereno, *como um anjo*, ou com um esgar e uma baba no canto da boca. (TPR)

em sintonia → estado de pessoas sintônicas, ou seja, que se encontram em harmonia ou correspondência com o meio. ♦ *Em sintonia* com esse novo ambiente permissivo às novidades, o psiquiatra paulista Franco da Rocha - fundador do conhecido hospital do Juqueri, que já foi o maior manicômio da América Latina - publicou, em 1920, um livro pioneiro (...) (OS)

estar (andar, ficar, sentir-se, viver etc.) em paz consigo mesmo → estado de espírito de uma pessoa que não é perturbada por conflitos ou inquietações; calma; quietude; tranqüilidade. ♦ Pois eu vou ficar com o moleque em vista - disse Salviano profundamente *em paz consigo mesmo*, tranqüilo e feliz. (ASS)

estar (andar, ficar, permanecer, viver etc.) no ar → refere-se à maneira serena de um indivíduo encarar as situações conflituosas ou mesmo a vida; indica despreocupação. ♦ Ela se sente leve, parece que *está no ar*. É como se estivessem rolando em patins sobre uma pista de cimento. (MAL)

ficar frio → situação daquele que sabe conservar a calma, controlar os sentimentos; significa ficar tranqüilo. ♦ Não consegui nunca ingurgitar a patriotagem nauseante do tal livrinho de

leitura e *ficava frio* quando o nosso Diretor, páginas abertas na mão, ia de lá para cá, de cá para lá (...) (BAL)

ir com calma → expressão que indica serenidade de ânimos ou de disposição, no modo de proceder em alguma situação; agir de modo tranqüilo. ♦ (...) – Eu acho que estão esperando que a gente comece a cuspir no chão, arrotar alto, partir pra porrada. Você não acha que eles estão esperando isso não? / B: – *Vai com calma*, Pedro. (TGG)

ir mais devagar (na vida) → com vagar, sem pressa, sem brusquidão; de maneira serena. ♦ O senhor só pensa no progresso lá de fora. Por isso é que dá tanto problema. Nesse atraso, tem que *ir mais devagar*, pensar mais no que o povo precisa. (COR)

não esquentar (muito) a cuca (cabeça) → usa-se com freqüencia no imperativo; indica um pedido de calma; tranqüilidade para lidar com determinada situação em que haja conturbação. ♦ – Mas ele explicou isso na reunião, menina. Você não se lembra?... / – Isso tudo é fogo de palha... *Não esquente a cuca* não. Já já ele se cansa... (ORM)

paciência de Jó → em analogia com a figura bíblica de Jó, caracteriza aquele que é extremamente paciente ou que suporta com resignação todos os males. ♦ Com uma *paciência de Jó*, o médico acompanhou a distância o preparo dos bálsamos, até se familiarizar com as formigações e conhecer as propriedades do malvarisco, do crajiru e de certas papoulas e raízes do mato. (REL)

sem abrir a boca para nada → tem o sentido conotativo de não reclamar, ou aceitar com resignação até mesmo o sofrimento ou a dor. ♦ Trabalha como bicho de carga, sem reclamar trabalho, *sem abrir a boca para nada*. (ML)

sentir-se (andar, estar, ficar, viver etc.) bem consigo mesmo → estado daquele que é ou está bem, que alcançou a tranqüilidade em seu próprio proveito. ♦ Quais algumas coisas que você pode fazer para *se sentir bem consigo mesmo*, apesar das mudanças que estão acontecendo em sua vida? (ADV-i)

sentir-se (continuar, estar, ficar, viver etc.) no paraíso (céu) → tanto 'céu' quanto 'paraíso' se referem a lugares agradáveis ou prazerosos em que prepondera a tranqüilidade. ♦ Com apenas um ano e meio de capiveiro, a equipe de Abel está *se sentindo no paraíso* com tudo que tem dado certo com o capivaral: ausência de doenças, curva de crescimento (...) (GL)

ter a cabeça no lugar → diz-se daquele que é centrado, em analogia à imagem da 'cabeça', centro do intelecto, como o centro do controle emocional. ♦ Também *tinha a cabeça no lugar*, um bom nariz para certas coisas e enxergava longe. A velhice só aumentava o seu prestígio. (AVL)

ter cabeça fria → Tanto 'ter cabeça' quanto 'ter cabeça fria', descrevem o comportamento centrado, equilibrado, ponderado, de um indivíduo; significa ser ajuizado, sereno; possuir tranqüilidade de espírito. ♦ Temos de *ter cabeça fria*. Senão, desesperados, estaremos entrando no jogo do Catete, que quer criar aqui uma situação de anarquia social, para depois enviar um de seus lambe-botas, com o título de interventor! (DZ)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

tirar o pé do acelerador → refere-se ao movimento de desaceleração que, no sentido conotativo, pode significar, entre outras coisas, a diminuição gradativa da ansiedade. ♦ É isso, está na hora de *tirar o pé do acelerador* e tomar carona em um jeito mais simples de viver. Porque não adianta falar de ecologia, se nós e nosso estilo de vida somos a maior, a grande, "impossibilidade ecológica", como diz o professor Genebaldo Freire Dias. (ARV-i)

agressividade :

acabar com (alguém) → causar dano físico ou moral a alguém; esgotar; exaurir; ♦ (...) cortei um cacete, e disse a meu filho: "Olhe, fique aqui me esperando. Aquele sucuiuiú está empanzinado. Vou *acabar com ele* nesse instante" (ALE) .

acabar com a raça (vida) de (alguém) → a expressão significa bater, matar, assassinar alguém; agredir física ou verbalmente; nessa expressão está embutido não apenas o desejo de agredir como também o de acabar com a reputação de alguém. ♦ Veio o tenente para conter seus subordinados, que já queriam *acabar com a raça dele* ali mesmo. Mas o tenente não relaxou a prisão: (...) (AG) ♦ Ele é tão grilado, tem tantos problemas, aqui ele estava legal, porra! (Começa a chorar) Isso vai *acabar com a vida* dele! Justamente agora que ele estava começando a ver as coisas de maneira diferente! (RE)

acabar com o sucesso de (algo/alguém) → arruinar a vida de alguém; desgraçar; também tem a intenção de acabar com a reputação de alguém. ♦ Caso eu fosse governo e quisesse *acabar com o sucesso* de uma repartição ou de qualquer organismo governamental, sem assumir qualquer tipo de iniciativa pública que me responsabilizasse pelo desastre que provocaria, faria uma coisinha só (...) (GRO-i)

acabar em pancadaria → 'pancadaria' refere-se ao tumulto resultante de confusão generalizada. ♦ As festas são um ponto de encontro fundamental para quem anda buscando amor. Sua festa de ontem fora um fracasso pois *acabou em pancadaria*: (...) (CRE)

acabar em sangue → usa-se nos casos de tumulto ou briga em que ocorra agressão física; 'sangue' se refere a ferimento, ou morte, resultante de agressão física. ♦ – Imagine, mamãe, se ambos tiram o mesmo cotillon? / – Cruz! Credo, Jesus! O baile *acabaria em sangue*. Alma do Padre Melo! - e acrescentou - suprima-se o cotillon. (S)

acertar (dar) no meio da cara → desferir um soco, tapa etc., no rosto de um indivíduo. ♦ Anna foi até lá fazer um escândalo. Deu porrada no Marvin, cuspiu no prato de Barbara e ainda lhe *acertou* um tapa *no meio da cara.* (FRE-i)

acerto de contas → em alusão ao dever de pagar pendências financeiras; tal idiomatismo descreve o castigo a alguém por agravo cometido; vingar-se. ♦ Tudo indica que foi um *acerto de contas* entre traficantes, disse um policial do batalhão de Santa Cruz, onde o caso foi registrado. (INRN-i)

amassar a cara de (alguém) → usa-se em casos tanto de ameaça de agressão quanto da agressão física propriamente dita. ♦ Teve vontade de *amassar a cara do patife* a murros. Mas estava mole, inerte, sem vontade. (MAL)

armar o barraco → ato que envolve desordem, tumulto, ou quebra da ordem estabelecida; causar confusão ou escândalo; incitar à briga. ♦ Como todo sagitariano (homem ou mulher), ela não é de *armar o barraco*, mas se resolver fazê-lo é melhor se esconder até a tempestade passar. (MAD-i)

arrancar (tirar) o fígado (sangue) de (alguém) → descreve a raiva, repulsa, ódio sentido por um indivíduo; é usada, em geral, em tom de ameaça, por isso a alusão ao ato de arrancar o fígado ou ao de provocar sangramento em alguém. ♦ Pois é, como agora já fodeu eo Eduardo Fischer - autor da campanha da Nova Schin - está doido pra *arrancar o fígado* do Nizan com os dentes (...) (PORA-i) ♦ Por que tinha ido buscar aquele porco? Só pra judiar do patrão com ferros, *tirar sangue dele* e não curar. Adiantara alguma coisa o serviço dele? (GRO)

arranjar (buscar, caçar, procurar, meter-se em etc.) encrenca → 'arranjar' indica provocação que resulta em confusão, conflito ou tumulto ♦ A atmosfera na rinha é quente, temperaturas altas, espécie de bolsa de valores, todos vulcões explodindo, frementes. Alguém desanda. Qual é a desse gaúcho enfezado? *Arranjar encrenca*? Com este dinheiro, vai poder ir a São Paulo de avião. (A)

baixar (descer) o sarrafo em (alguém) → 'sarrafo' é um pedaço de madeira estreito e comprido; refere-se ao instrumento que pode ser usado em agressões físicas. ♦ Então vi quando *baixaram o sarrafo* no coitado do Kurt, ele jogou os jornais pra cima, fecharam as pulseiras na munheca dele, levaram pro carro. (LC)

bater boca → designa um debate polêmico em que os indivíduos defendem pontos de vista contrários ou se agreidem verbalmente; signifca discutir. ♦ Mas ninguém reclama. Reclamar, *bater boca*, descer o morro - nada disso faz parte da etiqueta japonesa. (A)

bolo de gente → concentração desordenada de pessoas que provoca tumulto; 'bolo' pressupõe uma confusa aglomeração. ♦ Agora é que vai ser a desgraceira... Arrebanhado naquele *bolo de gente*, Coriolano mal respira de gogó tapado, como se já tivesse sido, pelas mãos de algum lodrento (...) (OSD)

briga de faca (foice) → é comum o uso de referências a instrumentos que podem ser usados como armas, no caso, 'faca' ou 'foice' em alusões a 'agressividade'. ♦ Para as autoridades, "Funana" torna-se sinônimo de "festas suspeitas onde se toca acordeãq", "música que gera bebedeira e *briga de faca*". (LOUD-i)

brigar (ser, discutir, ficar, viver etc.) como cão e gato → refere-se à relação de rivalidade existente entre algumas espécies animais, como cão e gato, ou gato e rato; significa brigar demasiadamente ou viver em conflito. ♦ – Vivem assim *brigando como cão e gato*. Acabam sempre aos abraços... Percebe? (MRF)

brigar como (uma) onça → usa-se 'onça' em analogia à ferocidade, valentia e coragem do animal ao enfrentar situação de risco; significa ter habilidade para brigar. ♦ Vi o rapaz *brigar como onça* e o velho nada fez. O cabra que matou o rapaz anda em Jatobá palitando os dentes. (CA)

unesp

brigar por nada → descreve o excesso de agressividade de determinados indivíduos ou daqueles que se agastam com facilidade, sem que haja motivo evidente. ♦ Uns calhordas, major! A gente *brigou por nada*, por um balaio de sem-vergonhas. (NI)

cada um virado para seu (um) canto (lado) → refere-se à indisposição existente entre duas pessoas. ♦ Mário e Marisa se deitam, *cada um virado para seu canto*. Estão de mal. Por motivo frívolo, mas estão de mal. E, se estão de mal, é bico seco...! (CLE-i)

chamar para brigar → incitar à briga; provocar. ♦ Ele me *chamou para brigar* e eu fui, confessou o menor, em seu depoimento ao delegado Carlos André, do 11° DP (...). (DIN) .

chutar o balde → usa-se para descrever a manifestação da agressividade que pode gerar confusão, discussão. ♦ "As pessoas hoje em dia têm uma tendência a não arriscar por medo do fracasso. Às vezes, porém, é absolutamente necessário *chutar o balde*", diz ele. (AG)

chutar o pau da barraca → esse idiomatismo designa aquele que deixa de medir as conseqüências de seus atos, talvez por frustração, talvez por raiva; expressa fúria. ♦ Se é pra arrasar tudo e *chutar o pau da barraca*, eu sou muito mais o George WC Bush que tem muito mais grana e armamentos pesados de última geração (...) (CASP-i)

colocar (botar, levar, segurar, trazer etc.) no cabresto → 'cabresto' é o arreio de corda ou couro usado para prender o animal à estrebaria ou para controlar sua marcha; por analogia, diz-se daquele que controla, subjuga o outro por meio do poder ou da força. ♦ "Não podemos ficar à mercê deste pessoal que nos *colocou no cabresto*. Nós precisamos ver a competência do Banco Central para negociar direito isto." (EST-i)

com garras (unhas) nas mãos → refere-se às unhas, recurvas e pontiagudas, que determinados animais possuem para se defender; em analogia à mão humana quando movida por certa violência. ♦ A garota estava lá, e *com garras nas mãos*! Com uma luta rápida, ela conseguiu prendê-lo, era mais forte do que ele... (MEM-i)

começar (acabar, fazer, sair, virar etc.) o quebra-pau → indica conflito violento; briga; discussão; é freqüente o uso do verbo 'quebrar' em alusão a 'agressividade'. ♦ Não sei por que, resolveram mandar os homens de volta, e aí *começou o quebra-pau*. No meio deles tem um cara que já andou com Lampião, era cangaceiro. (AF)

como Átila → alude à figura do bárbaro Átila que, juntamente com os Hunos, destruía tudo por onde passava; refere-se à agressividade excessiva de determinados indivíduos. ♦ Assim *como Átila* não deixou nada de pé por onde passou, as receitas mágicas dos neoliberais devastaram as economias dos países subdesenvolvidos (...) (ATH-i)

como dois animais → designa o comportamento agressivo de determinados indivíduos que, assim como alguns animais, podem se indispor uns com os outros; revela o lado animalesco das pessoas no trato de determinadas situações, inclusive nas relações sexuais. ♦ (...) "aquieta-te, imbecil, nada de desejos, nada de dor!", quem sabe minha carne teria ainda sensibilidade para provar a tua, *como dois animais* que se encontram num escuro da floresta (...) (TEG)



como dois cães (cachorros) (disputando o mesmo osso) → indica agressividade proveniente de disputas, muito comuns entre cães. ♦ Um sábio dizia que todo ser humano tem um lado bom e outro mau. Esses lados são *como dois cães* que vivem brigando. (EDI-i)

como um possesso → usa-se para caracterizar a agressividade e agitação de determinados indivíduos; em analogia à 'possesso', ou seja, àquele que se crê dominado pelo demônio; endemoniado. ♦ Suavemente, no princípio. Depois, à que o ódio crescia nos olhos do meu espectador, dancei furiosamente, como um doido, *como um possesso*. (GUI-i)

comprar briga → descreve casos em que há provocação ou incitação a uma discussão; indica meter-se em complicação sem necessidade; pode ser usada ainda para descrever uma pessoa não envolvida em determinada discussão que, na tentativa de defender o outro, acaba participando do conflito. ♦ Se a ordem for extrema, deverá soltar a faca com os demais. É uma família: mexeu com um, *comprou briga* geral. (ECR)

confusão dos diabos → usa-se em situações de grande confusão, em referência à figura negativa do 'diabo'. ♦ Brincávamos sempre nas ruas, fora do alcance do bastão ou detrás d'algum obstáculo. Meu grupo batia em retirada, numa *confusão dos diabos*. (AG)

crescer nos cascos → 'cascos' refere-se ao ato de julgar-se impotente para enfrentar o adversário em uma disputa; significa impacientar-se; irritar-se. ♦ (...) em raiva fingida, de ter emaranhado, pior do que cipó-de-cobra, as relações entre Sobradinho e Ponta Grossa dos Fidalgos: – Tutu é boa pessoa, é mulato respeitador, coronel. *Cresci nos cascos*: (...) (CL)

cuspir na cara → essa expressão pode tanto ser usada para expressar um indíviduo extremamente grosseiro e que maltrata as pessoas como o ato de ofender alguém. ♦ Quem é que vai dar um jeito nestes paulinhos vilhenas da vida, que vivem a *cuspir na cara* dos fotógrafos? (TRNU-i)

dar em (virar) briga → indica divergência que gera confusão. ♦ Nada aqui beira a filosofia ou a ideologia. Isso tudo *dá em briga* de croatas com sérvios, leninistas com stalinistas, marlenistas com emilinistas. Mulheres, alistem-se. (ELL)

dar na cara de (alguém) → descreve o ato de enfrentar alguém, por isso a analogia 'cara'; pressupõe agressão física. ♦ "Vejam só as armas deles, coisa do tempo da onça, porcaria. Isto é lá armamento! Só presta para *dar na cara deles*, igual a um chicote." (CJ)

dar o cavaco → 'cavaco' é a lasca ou farpa produzida pelo desbaste de madeira, que pode ser utilizada para a agressão física de alguém; significa irritar-se; exasperar-se; enraivecer-se. ♦ O filho é que na sua inocência *dava o cavaco*, engolia depressa o feijão e se dispunha a ir atender. Porém Reimundo requintava na maldade de conter-lhe a curiosidade: Não. (VER)

dar uma cortada em (alguém) → é usada quando um indivíduo interrompe a fala de alguém, impondo sua opinião; usa-se ainda para repreender. ♦ Ele entrou na sala, falaram o nome delê e fiz aquela piada mais velha que andar pra frente. O cara já *me deu uma cortada* e achei que ia rolar um atrito. (PLAY-i)



dar (passar) um corretivo em (alguém) → usa-se nos casos em que há uma agressão física premeditada, com o propósito de endireitar alguém; designa punição ou castigo de caráter disciplinar. ♦ Tá pensando que Rio de Janeiro é interior de Goiás... É um matuto que tá aí... Brigado viu gente... Pode deixá que nós *dá um corretivo* nele. (TGG)

dar uma fechada em (alguém) → tal idiomatismo descreve o comportamento inadequado de alguns ao dirigir; refere-se ao desrespeito a determinadas leis de trânsito. ♦ Então venha dar um passeio comigo! E foram os dois. O português dirigia mal pra cacete e vira e mexe *dava uma fechada em algum sujeito*. (NOS-i)

dar um couro em (alguém) → 'couro' refere-se tanto a pele como a chicote; significa espancar, surrar (alguém). ♦ Célia: – Só se peguei a carga de chato da tua mãe. Ela é que tinha muquirana, aquela roçadeira greluda. / Giro: – Tu me paga! Vou te *dar um couro,* bêbada sacana! (Célia e Giro se atracam numa briga violenta) (AB)

de derrubar porta → refere-se à força que um indivíduo dispensa para impor-se, em alusão à força necessária para o arrombo de uma porta. ♦ (...) até que o Doutor Juiz de Paz toque-toque-toque, com os nós dos dedos, *niente*, mais forte, coisa *de derrubar porta*, houve um silêncio, o Meritíssimo aproveitou-se para novas batidas (...) (SD)

debaixo de vara → agressividade exposta por meio da imposição da força, em analogia à mesma expressão, de ordem jurídica, que significa 'sob mandado judicial'. ♦ (...) e a ordem é irmos todos, sem exceção de um só, assistir a missa das sete horas, se necessário *debaixo de vara* e com metralhadora à vista. (AL)

declarar guerra → enfrentar determinada situação, aludindo ao sentido conotativo de 'iniciar uma guerra', ou seja, começar um conflito, uma briga. ♦ Em encontro com líderes religiosos Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que faria mais sentido o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, *declarar guerra* à miséria. (TRI-i)

descarregar (descontar) a raiva em (alguém) → diz-se do indivíduo que externa sua agressividade sobre outras pessoas. ♦ João de Deus precisa *descarregar em alguém a raiva* que lhe deu o pensar no progresso dos Gambás: – Seu Vasco, andei sabendo de boas do senhor. (MAL)

descer o braço (a lenha, o porrete etc.) → é comum o uso de 'braço', e de outras partes do corpo humano, ou o uso de objetos como 'lenha', 'porrete' etc., em idiomatismos que se relacionam à agressão física; significa bater. ♦ "Pô, o que é que há?" O cara olhou feio, querendo me *descer o braço*, mas saí fora e mandei-lhe um cruzado que acertou direto. Rapaz, o cara fez boing e despencou no cimento. (EX) ♦ Eles têm a missão de policiar disfarçadamente os colegas e, quando preciso, *descer-lhes a lenha* sem dar impressão de que é por ordem superior. (COT) ♦ Enrodilhado num ninho da Rua Henrique Schaumann, a cara suja na sola dos coturnos da polícia, o peito tuberculoso no fio do estilete dos manos dois os de crack, aguardava os encapuçados que pisam manso e *descem o porrete*, os boyzinhos que encharcam de álcool e tacam fogo. (CAV)

unesp

disputa (briga) de gato e rato → refere-se à relação de rivalidade existente entre animais como cão e gato, ou gato e rato; significa de brigar, discutir, indispor-se com alguém. ♦ As potências ficam brincando com a humanidade que nem uma *disputinha de gato e rato*, por um teco de queijo. (FAV)

distribuir socos → 'distribuir' tem sentido de desferir; lançar em diversas direções; significa desferir pancadas contra alguém. ♦ Avancei *distribuindo socos*. Vi um dente voando na direção de um lustre. Subi no palco e a confusão era generalizada. (GI)

dizer (falar, chamar de, soltar, xingar de etc.) nomes feios → 'nomes feios' refere-se a palavras ofensivas; injúrias; palavrões; designa agressão verbal; a variante *xingar (chamar) (alguém) de tudo quanto é nome* também é freqüente. ♦ Vinham-lhe desejos de fazer violências, *dizer nomes feios*, de portar-se como um cavalo. Sempre que discutia e lhe faltavam argumentos, palavras, ele tinha ganas de usar as patas. (TV)

dizer poucas e boas → usa-se em advertências severas, reprovação ou censura; significa repreender, ou seja, dizer, em poucas palavras, o que determinado indivíduo merece ouvir; ♦ Eu já tentei colocar um ponto final nesse relacionamento. Fiz de tudo, *disse poucas e boas*, bati com o fone no gancho, virei a cara, virei as costas.... (YASM-i)

encher (alguém) de porrada → designa o ato de espancar alguém; agredir fisicamente. ♦ Ele disse para o entregador de pizza, e o cara só não *o encheu de porrada* porque eu me meti no meio e levei as porradas por ele, o dr. Carvalho e o fabricante de espuma olhando para mim, para o celular, para o relógio, você está despedido (...) (OMT)

enfiar na cara de (alguém) → 'enfiar' tem sentido de bater ou forçar alguém, e 'cara' de enfrentar. ♦ A grande maioria faz faculdade e/ou trabalha. Vou imprimir esse tópico e *enfiar na cara* do próximo palhaço que comentar algo do gênero. (ASP-i)

engolir (alguém) vivo → descreve o momento de raiva excessiva ou a agressividade extrema de um indivíduo; supõe raiva exagerada, a ponto de 'engolir' alguém. ♦ (...) ficava horas esquecidas na porta do armazém da Comissão, olhando pra ele com olhos melados de piedade que parecia quererem *engolir vivo o moço* (...) (NOI-i)

engrossar (entornar) o caldo → uma das acepções conotativas dos verbos 'entornar' e 'engrossar' é ser descortês com alguém; tal idiomatismo significa causar desordem, confusão, conflito ou agir de modo grosseiro, estúpido, rude. ♦ Para *engrossar o caldo*, Israel, país favorável aos EUA e espremido entre inimigos muçulmanos, tende a sofrer mais ataques terroristas e militares. (AGEN-i)

entrar no couro → 'couro' refere-se à pele ou a chicote; significa ser espancado, ser surrado por alguém. ♦ Quando queriam voltar outra vez pr'as suas desordens, eu assobiava, e tornavam a tomar jeito de gente, com medo de *entrar no couro*, que se não eu chegava mesmo o pau! (AS)

entre tapas e beijos → usa-se para descrever relacionamentos conflituosos que oscilam entre carinhos e brigas, ou marcados por desarmonia. ♦ "A relação da Assembléia Legislativa

com o Ministério Público vai continuar como sempre foi: *entre tapas e beijos*", ironizou Pedro Eurico. (JC)

eriçar (ser) como um ouriço → caracteriza indivíduos agressivos ou irritadiços, em alusão ao mecanismo de defesa do ouriço, animal que possui o corpo recoberto por espinhos. ♦ *Eriçado como um ouriço*, falando pouco, esse bastardo de índios vivia mais nas dobras das montanhas, como uma cabra, que propriamente no vale. (ML)

esfolar (alguém) vivo → 'esfolar' refere-se ao ato de escalpelar determinado animal; esse idiomatismo é usado para descrever a excessiva agressividade de um indivíduo. ♦ Quis correr e ele me segurou quase quebrando meus ossos. Berrou bem no meu rosto e pude sentir o seu hálito pútrido. Meu Deus, o bicho ia *me esfolar vivo*! (REC-i)

esmagar o inimigo → 'esmagar' refere-se ao ato de destruir por completo; aniquilar. ♦ "Devemos basear-nos no princípio férreo que ensina: *esmagar o inimigo* servindo-se do próprio inimigo..." (COR-O)

espumar de raiva → 'raiva', nesse caso, é a doença infecciosa aguda comum em cães e gatos, e que pode ser transmitida ao homem; um dos sintomas dessa doença nos animais é a salivação excessiva que produz o que parece ser uma espuma; usa-se conotativamente para descrever o indivíduo que está muito nervoso. ♦ Através destes escritos sente-se o desgraçado a *espumar de raiva* e de aflição. E alguns deles chegam até a fazer-nos conjeturar que Pombal acabou o seu governo (...) (POM)

esquentar a cabeça → refere-se à perda da tranqüilidade devido à preocupação. ♦ Aquilo bulia com Perus. Não estava certo *esquentar a cabeça* de um infeliz com um apelido besta. E era um velho mais velho que Malagueta. (MPB)

estar em guerra declarada (aberta) → usa-se em casos de inimizade ou indisposição entre pessoas ou mesmo entre diferentes grupos de indivíduos partidários de uma mesma causa em oposição à de outros grupos; em alusão a guerra. ♦ O fato é que ambas as associações *estavam em guerra declarada*, o que implicava na divulgação de informações caluniosas dos dois lados. (COMC-i)

estar (andar, continuar, ficar, permanecer etc.) por conta → uma das acepções conotativas de 'por conta' é usada para designar alguém muito zangado, furioso, irado. ♦ Com o vazamento desse relatório, o pessoal do GAO deverá ter sorte parecida com a reservada a Saddam Hussein. Bush deve *estar por conta*. (TVT-i)

estar (deixar, ficar, ser, virar etc.) possesso → expressão utilizada para a indicação do estado agressivo e agitado de determinados indivíduos; em analogia à 'possesso', ou seja, àquele que se crê dominado pelo demônio; endemoniado. ♦ Padre: – Esse homem *está possesso*! Chamem a polícia! / Homem 2: – Vai embora daqui, senão eu te quebro a cara! (AS)

estar (deixar, ficar, ser, virar etc.) uma fera (arara, jararaca, leão, onça etc.) → emprega-se para descrever um indivíduo extremamente 'agressivo'; em analogia à 'fera', ou seja, aos animais ferozes, cruéis ou selvagens. ♦ Não, Mãe! Ele não *estava uma fera*, não! Ele estava só furioso, mas furioso mesmo, de verdade! (ANA) ♦ O cara *ficou uma arara*. Ele tomou o

disco e a carta, gritando que eu era um salafrário, sem-vergonha, um gago capado filho do macaco que tinha forjado o disco e a carta. (EX) ♦ Também tenho que correr, senão eu vou é apanhar. Minha mãe *está uma onça* comigo, tirei zero em redação. (VONT-i)

estar (deixar, ficar, ser, virar etc.) uma pilha (de nervos) → descreve um indivíduo irritadiço; nervoso; agitado. ♦ Ela me disse: – Minha casa não fica longe daqui, não. Mas eu tinha uns negócios pra acertar e marcamos encontro pra agora. Eu estou nervoso! *Estou uma pilha*! (PED)

falar umas verdades → idiomatismo que descreve o ato de elucidar ou esclarecer possíveis pendências existentes entre pessoas, dizendo-se o que é tido como verdade, em tom de repreensão. ♦ Aldeíde, desesperada, tenta terminar o trabalho. De repente, cansada de se humilhar, entra na sala de Marco Aurélio e diz que vai lhe *falar umas verdades*. (GBON-i)

fazer cenas → 'cena' é a unidade de ação de uma peça teatral; tal idiomatismo refere-se ao ato dissimulado de provocar escândalo ou mostrar-se ridículo; confusão para chamar a atenção. ♦ (...) se lançara irrefletidamente nos braços de Leonardo e de quem se saciara em um verão; da mulher de um industrial de Crefeld que *fizera cenas* de ciúmes em um jardim público. (WAS)

fazer o diabo a quatro → significa tanto fazer coisas extraordinárias quanto provocar confusão, briga, balbúrdia ou desordem; por isso a alusão a 'diabo', imagem comumente relacionada a aspectos negativos do homem. ♦ Podem me bater, me crucificar, *fazer o diabo a quatro* comigo. Mas não adianta, esse filme tem um poder incrível sobre mim. (TART-i)

fazer (alguém) ver estrelas → sentir uma dor muito forte; ficar atordoado, principalmente devido a golpe ou soco violento na cabeça que gera tontura ou desmaio; ♦ E levei um tapa do lado do ouvido que *me fez ver estrelas*... Protestei novamente e levei outro tapa (...) (SOS-i)

ficar tiririca → 'tiririca' é um tipo de erva-daninha que se espalha rapidamente em meio a algumas plantações; essa expressão significa enfurecer-se; irritar-se, em alusão à possível irritação que essa erva causa aos agricultores. ♦ Baleia achou que só havia uma coisa a fazer: voltarem para Pau Grande e Garrincha entregar-se a Amaro. Este daria um murro na mesa, *ficaria tiririca* e o obrigaria a casar, mas era o único remédio. (ETR)

ficar (andar, continuar, deixar, estar etc.) vermelho (amarelo, roxo, verde etc.) de raiva → usa-se com mais freqüência a cor vermelha para se descrever uma situação de nervosismo, raiva ou agressividade, em alusão à ruborização de um indivíduo; nesse caso, porém, há casos de expressões análogas, cristalizadas com outras cores, para indicar a abundância da raiva; a cor verde, por exemplo, refere-se à cor da bílis; a cor roxa refere-se tanto à cor violácea, comum em equimoses ou nódoas, resultantes de agressões físicas como ao enrubescimento. ♦ Gustavo *ficava vermelho de raiva* e dizia nomes feios quando a gente gritava: – Óia o Pé de Cachimbo, mamãe! (MAL) ♦ Paulo olha com certa ironia: – Você é um assassino!!! Paulo *fica amarelo de raiva*. Abre a mochila. Pega um canivete. (INES-i) ♦ – Não, não nego. Mas foi namorado de menina na aula de catecismo. ...*ficava verde de raiva*: (...) (VB) ♦ Foi despedir-se da tia e dos outros primos. Nem deu adeus ao Pareto

que, com a retirada do Ezequiel, retomara sua balda favorita de andar pra-lá-pra-cá do alpendre da cozinha ao seu gabinete, sacudindo os punhos, *roxo de raiva*, resmungando. (GAT).

fino como cobra (saco de estopa) → 'fino' refere-se à delicadeza, elegância, porém, no caso desses idiomatismos, é usado com ironia, tanto na comparação com 'cobra', em analogia com a pessoa de má índole, astuciosa e falsa, quanto com 'saco de estopa', saco feito com tecido da parte grosseira do linho em analogia com grosseria; há outras expressões irônicas, com esse mesmo sentido, formadas a partir da comparação de 'fino' com algo de aspecto negativo. ♦ Só uma vez põe na boca portuguesa uma frase impropriada: – "Estes marabás são velhacos e *fino como cobras*" (ATE-i) .

força bruta → indica brutalidade ou força; refere-se à maneira despótica no lidar com algo ou alguém. ♦ Por trás do caráter aparentemente aleatório das aventuras dessa turma, há um sentido comum (o que acentua seu caráter de fábula): diante da *força bruta*, a única arma válida é a inteligência. (FOS)

fulo da vida → 'fulo' é um termo usado para evitar o uso de 'puto', considerado de baixo calão; faz alusão à ira, raiva. ♦ Soltam aquela tremenda fera, que já vem bufando, *fulo da vida*, já devidamente espicaçado e irritado lá de dentro. Os toureiros se benzem e começa a corrida propriamente dita. (SC)

gentil como um rinoceronte (tubarão) bêbado (com dor de dente) → 'gentil' refere-se à delicadeza; fineza nas maneiras, porém, no caso desses idiomatismos, é usado com ironia, tanto na comparação com 'rinoceronte', mamífero de grande porte, quanto com 'tubarão', peixe predador; há outras expressões irônicas, com esse mesmo sentido, formadas a partir da comparação de adjetivos positivos com algo de aspecto negativo. ♦ Não ligue se pareço estúpido, eu sou estúpido mesmo. Ou, melhor colocando, sou *gentil como um rinoceronte bêbado*. (PJT-i)

guerra de nervos → situação conflituosa na qual predominam o nervosismo e o enervamento. ♦ Era o código do campo, aquele dente era a tecla da memória. Toda vez que era acionada, começava uma longa batalha: dor versus memória. *Guerra de nervos*. (AVI)

ir para cima de (alguém) → significa agredir fisicamente; precipitar-se com ímpeto. ♦ Isso! E ele sempre acabava fazendo. Depois que fazia, eu tinha vontade de *ir pra cima dele* de rebenque em punho. Mas isso era só no primeiro momento. (TV)

lavar roupa suja → usa-se para descrever situações de exposição de divergências particulares publicamente; discussão em público. ♦ O que também aconteceu é que o livro foi considerado como uma traição às mulheres por estar mostrando os problemas das mulheres ou, como falamos, *lavando roupa suja* em público. (MAN)

meter o braço → é comum o uso de 'braço', e de outras partes do corpo humano, em expressões relativas à agressão física. ♦ Dona Palmira mandou avisar o filho, com urgência e aflição, e o moço Lindomar se tocou de aranha, recomendado de *meter* até *o braço*, se preciso fosse. Ele estava sentado, mais tio Evaristo.(CRE)

moer (picar) de pancada → refere-se ao ato de sovar, espancar, alguém. ♦ P: – Deixa de ser orgulhoso, Tição! Não fosse nós tu tava *moído de pancada*!... / M: – Pedi nada. Dê seu jeito!... / B: – Vontade que dá é arrebentá esse fucinho... (TGG)

morder-se de raiva → significa atormentar-se com algum sentimento agressivo. ♦ E falou, sempre em voz sumida, que Jordão Tibiriçá não podia escutar meu nome que logo ficava branco, *mordido de raiva*, em vista de ter chegado ao conhecimento dele, por um leva-e-traz vendedor de passarinho (...) (CL)

morrer (dar, levar, prender, trazer etc.) no chicote → 'chicote' é o instrumento usado para golpear um animal ou para castigar uma pessoa; por analogia, diz-se daquele que controla; subjuga por meio do poder ou da força. ♦ D: – Não tem saída, mascate. Se não lhe compram, *morre no chicote*. Lhe ofereço a vida. / A: – Pra mim, o que vale, é viver como homem. Um homem não se vende. (GCC)

mostrar com quantos paus se faz uma canoa → refere-se ao ato de castigar ou repreender alguém. ♦ Oras, estou ficando cheio disso. Mas na dúvida é só colocar suas namoradas na minha frente e vou *mostrar com quantos paus se faz uma canoa*. (LEFE-i)

não deixar nada de (em) pé, - pedra sobre pedra → refere-se à grande agressividade de algo ou alguém que resulta em uma total desordem ou ruína. ♦ Assim como Átila *não deixou nada de pé* por onde passou, as receitas mágicas dos neoliberais devastaram as economias dos países subdesenvolvidos (...) (ATH-i) ♦ Pelo espanto da assistência, *não deixou pedra sobre pedra* da imagem da conquista da América do Sul como encontro de culturas, (...) (ICAM-i)

não saber brincar, - aceitar brincadeira → refere-se ao indivíduo que não se entretém com jogos ou brincadeiras; designa seriedade constante ou agressividade excessiva. ♦ T: – Quer mais? / P: – *Não sabe brincar*, canalha? / T: – Eu não estava brincando. / P: – Vai ter forra. / T: – Você não é de nada. / P: – Você não perde por esperar. (DO) ♦ (...) se o pessoal daqui *não aceita brincadeira*, me desculpe Edinho, (...) (AMVI-i)

o pau comeu (– come, – está comendo, – vai comer etc.) → usa-se mais freqüentemente no passado, porém há a possibilidade de outros tempos verbais; tal idiomatismo significa confusão ou briga, entre duas ou mais pessoas. ♦ "E a partir daí, então, *o pau comeu*, com os poderosos Araújo, prepotentes agindo no extermínio. Foi uma luta feia e braba, com tiros e emboscadas de todos os dois lados. (CJ)

o pau quebrou (– quebra, – está quebrando, – vai quebrar)→ usa-se mais freqüentemente no passado, porém há a possibilidade de outros tempos verbais; esse idiomatismo significa confusão ou briga, entre duas ou mais pessoas; tal expressão deriva de *quebrar o pau*. ♦ O suspense trouxe o silêncio... e o *pau quebrou*. Não temos dados dos detalhes da contenda, o que se sabe, porém, é que depois os dois tomaram champanha juntos e tornaram-se grandes amigos. (CAP)

o tempo fechou (– fecha, – está fechando, – vai fechar) → usa-se com mais freqüência no passado, para descrever confusão ou briga surgida repentinamente, porém há possibilidade de outros tempos verbais; trata-se de uma variante de *fechar o tempo*. ♦ Lá dentro o padre

fazia o seu sermão orientando os fiéis. De repente, gritos, correria, balbúrdia, e *o tempo fechou* na maior pancadaria. (CAP)

passar (dar) um pito em (alguém) → usa-se para repreender alguém por algo considerado inadequado ou inconveniente. ♦ Tivesse perguntado ao médico local, dr. Pedro Siqueira, se não era perigoso fazer isso, ele a teria proibido e *lhe passado um pito*. (ETR)

passar (dar) um sabão em (alguém) → esse idiomatismo é usado para designar uma repreensão com o intuito de corrigir alguém; significa chamar a atenção de alguém que fez o que não devia. ♦ Hoje tive que dar uma bronca, sabe, *passar um sabão em duas pessoas* que gosto muito... (PINC-i)

pegar fogo → causar estardalhaço, confusão; refere-se ao ato de discutir sobre determinado assunto ou a troca de ofensas. ♦ O debate está *pegando fogo*. Os conservadores acusam os editores e os libertários de pregar a dissolução da família, de ultraje ao pudor e de inimigos da boa moral. (PO)

pegar (segurar) os cornos do touro (boi) à unha (pelos chifres) → a expressão 'à unha' significa com as próprias mãos; combinada com verbos como 'pegar' ou 'segurar', núcleos da expressão, descreve a agressividade proveniente da força, valentia; diz-se daquele que enfrenta situação difícil sem temor. ♦ Marga - olha aqui, minha gente, se vocês não quiserem ver a realidade de frente, se não quiserem *pegar os cornos do touro à unha*, face-to-face, então o problema é de vocês, cambada de avestruzes. (MPF)

pegar (alguém) pelo colarinho → refere-se ao ato de agredir alguém por meio do estrangulamento, e não necessariamente pelo colarinho ou gola da roupa que se está usando; significa agredir, pressionar alguém. ♦ Podemos estar seguros disso, porque o bom senso nos diz que ninguém pode *pegar pelo colarinho todos os sobreviventes* daquela classe de 1924. (UADL-i)

pular no pescoço de (alguém) → usa-se para indicar raiva, ódio, repulsa a um indivíduo, em geral, em tom de ameaça; por isso a alusão ao ato de estrangular alguém. ♦ Controlar impulsos é uma tarefa difícil para todos nós: quem, por exemplo, já não teve vontade de *pular no pescoço de alguém* que fala algo (...) (FALE-i)

punir (agredir, bater, dar, socar etc.) com mão leve → refere-se à agressão física sem causa justificável; indivíduo excessivamente irritadiço. ♦ Ouvira o óbvio, adivinhou tudo o que estava atrás da tragédia do casal. Uma careta de riso fácil demais, cínico. Enigmático. Os narcotraficantes *puniram* o casal *com mão leve*. (COT-i)

quebrar a cara de (alguém) → desferir um golpe contra o rosto de alguém. ♦ – Olha, aquela alemãzinha está me irritando. Eu é que vou lá *quebrar a cara dela*. (BE)

quebrar (baixar) o pau → usa-se 'quebrar' para indicar agressão física ou confusão, em associação com 'pau' significa bater, brigar, confusão, discussão etc. ♦ – O Estado está com dois repórteres. Já *quebrou o* maior *pau*. / – E agora, como é que está? / – Tranqüilo. Mas pode *quebrar o pau* de novo. (AF) ♦ *Baixo o pau* em todo mundo para que dance conforme a minha música. Pau no nobre, pau no padre.(CID)



quebrar os ossos → usa-se 'quebrar' para indicar agressão física ou confusão; nesse caso, alude-se à fratura dos ossos em casos de acidente, significando agredir propositadamente. ♦ (...) assem-me nas grelhas bem temperadas, *quebrem-me os ossos*, joguem-me às feras das arenas pagãs, que todos esses martírios cairão sobre mim como um orvalho embalsamado!... (VB)

rachar (a cabeça) no meio → freqüentemente 'rachar' relaciona-se à agressão física; significa bater. ♦ (...) e disse que se elas não tomarem alguma atitude, a minha mãe me autoriza a quebrar a cara da guria, mas de *rachar no meio*! (MET-i)

ranger (mostrar) os dentes → refere-se ao comportamento, comum em determinados indivíduos, de ranger os dentes por conta do sentimento excessivo de raiva; indica ameaça. ♦ E se revira e *range os dentes* e levanta a cabeça e puxa o ar e busca conversa e espia os lados e fica arretado porque todo mundo não está indo com ele e arroxeia os beiços (...) (SAR)

responder (andar, chegar, receber, tratar etc.) com quatro (sete) pedras na mão → 'pedra' alude a instrumento de agressão ou a palavras agressivas, em analogia com o ato de atirar pedras contra alguém; tal idiomatismo revela a agressividade excessiva de determinados indivíduos. ♦ Carlos explicou: " – Ela disse que tem tentado ser compreensiva, estendendo a você a mão da amizade e do bom conselho e que você responde *com quatro pedras na mão*." Protestei: "- Nem ela me ofereceu a mão da amizade e do bom conselho nem eu jamais respondi *com quatro pedras na mão*." (A)

rodar a baiana → analogia com a dança, comum no carnaval, em que mulheres fantasiam-se com indumentária das negras e mestiças da Bahia, incluindo balangandãs, bata, brincos, colares, saia longa e rodada etc.; usa-se para descrever reclamação ou briga, seguida de escândalo. ♦ Imediatamente ele *rodou a baiana*, deu chilique e ordenou que todos fossem presos. Mas numa noite escura, Maximus tentou fugir e foi capturado. (OPRT-i)

rosnar como um cachorro → 'rosnar' é o som surdo emitido por alguns animais em sinal de ameaça; usa-se esse idiomatismo para descrever a agressividade de um indivíduo, como para indicar irritação ou raiva. ♦ – Venham ver a lua! Convidava ele, *rosnando como um cachorro* desconfiado. Clarissa metia o olho no telescópio. Seu Leocádio, explicava tudo: – A lua é um satélite da terra. O que você está vendo são crateras dos vulcões extintos (...) (A)

sair (acabar em, começar, fazer, virar etc.) um arranca-rabo → descreve casos em que há uma situação conflituosa entre indivíduos; briga; confusão. ♦ O médico confirmou seu mau gênio e daí *saiu um arranca-rabo* que ainda está dando muito pano para mangas. Quando perdeu o lugar de cirurgião, prejudicado-no seu interesse, o homem virou uma fera. (BPN)

sair (soltar) faísca dos (pelos) olhos (narinas, nariz, ventas) → usa-se nos casos em que um indivíduo exterioriza sua raiva e a deixa evidente; a variante mais freqüente é *sair (soltar) faísca*. ♦ *Saia faísca do olhinho* miúdo do bicho. Muito era de pensar que toda essa apoquentação fosse causada pela presença de algum gambá, da maior embirração dele.

(CL) ♦ Nesse quesito, a unidade partidária está indelevelmente comprometida, vez que a bancada está rachada. Promete *sair faísca*. (GAP)

sair no tapa (braço, porrada) → usa-se em casos de briga entre duas pessoas ou em conflitos generalizados. ♦ É claro que o garçom já ia *sair no tapa*, quando o cara, quase chorando, pediu muitas desculpas, falou que aquilo era um gesto incontornável que ele tinha e - por isso mesmo - carregava na consciência um complexo desgraçado. (RO) ♦ Houve até madama disfarçada que quis *sair no braço* com os guardas. Contornada a primeira dificuldade, que foi serenar os ânimos das "valentes" senhoras (...) (RO)

sentar a mão na cara de (alguém) → é freqüente o uso de 'mão' ou 'braço', ou mesmo objetos como 'lenha', 'porrete', 'sarrafo' etc., em idiomatismos que descrevem o ato de agredir fisicamente alguém. ♦ Camile sussurrou enquanto via Gina entregar os livros que carregava a Harry. – É melhor mesmo eu sair daqui ou vou *sentar a mão na cara do Potter*... (CAMI-i)

ser casca-grossa → usa-se tal idiomatismo para a descrição de um indivíduo extremamente grosseiro e rude, por isso a analogia com a espessura grossa de algo. ♦ Eu respondi que sim. E disse que o meu novo apelido era "pão de fôrma": quadradão, *casca-grossa* e de miolo mole. (NBN)

ser esquentado (estourado) → idiomatismo usado para descrever o indivíduo irritadiço; irascível; que perde a paciência com facilidade. ♦ Antes de dar boa noite, o padre promete que vai segurar o major Sotero até amanhã. Se conseguir (o major *é esquentado*, pode ser que não consiga). (SE) ♦ Nem me fala... só isso que me dá medo... Otávio *é estourado* p'ra esses negócios... (EN)

ser uma fera → usa-se 'fera' na descrição do indivíduo excessivamente agressivo; autoritário; bravo. ♦ – Meu pai *é uma fera*. Tenho que dizer onde vou, com quem saio e a que horas volto. Até a aula noturna de inglês ele controla. (CH)

ser (dar, fazer, provocar etc.) um show de pancadaria → essa expressão é usada para descrever tumulto ou confusão generalizada que passa a ser centro do interesse das pessoas que ali se encontram, como se fossem espectadores de um show. ♦ (...) pegou o rebote e quase empatou na tentativa de encobrir o goleiro alemão. Depois disso, o que se viu *foi um show de pancadaria*. (ESPO-i)

soltar fogo pela boca (pelos olhos) → assim como faísca, também 'fogo' é usado para descrever agressividade; refere-se à reação de fúria ante um acontecimento. ♦ Na estrada, muito longe das garras de Bimbim Cardoso e do sargento Leitão Bodó, Agapito quis saber que mágica tinha sido aquela de Bentinho *soltar fogo pela boca*. (NI)

soltar os cachorros em (cima de) (alguém) → usa-se 'cachorro' para descrever a agressividade de um indivíduo; significa dirigir-se a alguém de maneira agressiva, em tom ríspido ou com palavras insultuosas; vociferando. ♦ O negócio ficou e agora quando eu esqueço as pessoas reclamam. Quando tem uma cagada, você fala na hora, né? Outro dia apareceu uma tremenda fumaça no palco e você *soltou os cachorros*! (INT)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

só não chamar de santo → usa-se essa idiomatismo para designar ofensa verbal; tem caráter irônico e indica que um indivíduo só utilizou palavrões para se dirigir ao outro. ♦ (...) uma carta de um de seus lideres, do Rio Grande do Sul, com mais de trezentas linhas, onde com afrontas e desaforos, *só não me chamou de santo* ou servo de Deus (...) (PAZC-i)

subir o sangue à cabeça → significa ficar exasperado, enfurecido, colérico; refere-se ao enrubescimento do indivíduo nervoso. ♦ E ele nem pôs o pé em cima: deu uma passada para trás, e foi uma chifrada só... Depois, o Calundu sungou a *cabeça*, e *o sangue subiu-lhe* atrás, num repuxo desta altura. (SA)

subir pelas paredes → descreve um momento de agitação ou de extrema irritação de um indivíduo. ♦ Podia *subir pelas paredes*, virar a casa de pernas para o ar. Se as crianças incendiassem a casa, sairia de perto para não se queimar. (REA)

ter a mão pesada → indica força nas mãos; em alusão à brutalidade no trato de determinadas situações. ♦ Deus não pode ser vingativo, *ter a mão pesada*... Ele é Pai, não é Padrasto, dizem. (CRIT-i)

ter (ser, ser do) pavio curto → irritar-se com facilidade; ser explosivo. ♦ Na ofensiva, em busca de capitalizar novas adesões, Regis Cavalcante, naturalmente, embora *pavio curto*, continuará com discurso equilibrado, tentando escapar dos torpedos deflagrados pelo deputado João Caldas. (GZT)

ter sangue quente → 'sangue quente' é o sangue dos vertebrados superiores, de temperatura uniforme e que independe do meio externo; refere-se à agressividade de um indivíduo em determinada situação; variante freqüente é *ferver o sangue*. ♦ Confirmando a fama de *ter sangue quente*, Brasil e Argentina são as duas seleções com mais jogadores expulsos na história das Copas: oito cada um. (EDUV-i)

tirar a pele (o couro) de (alguém) → o sentido conotativo do idiomatismo, o de agredir fisicamente, deriva-se do denotativo, ou seja, o ato de escalpelar alguém; tal fato era comum em certas lutas do passado e, além disso, exibia-se o escalpo, couro cabeludo arrancado do crânio, como troféu da disputa; significa tanto explorar alguém como agredir fisicamente. ♦ O senhor não acha que as pessoas deveriam se amar mais ? O mundo tá muito violento, cada um querendo *tirar a pele do outro* (...) (HOT-i) ♦ E ainda mora nas terras de seu Aires e pensa que é Alencar. Os Aires podendo *tirar o couro daquele negro*, dão é liberdade e agora quer moça branca para se casar (...)" (DIN)

tratar como um cachorro (animal, bicho, cão etc.) → há a comparação entre tratamento que alguns indivíduos recebem e os maltratos sofridos por determinados animais; significa maltratar; causar lesão física; mutilar; machucar. ♦ E: (Levanta-se e apanha linha) – Foi *tratada como um cachorro*. Gente do tipo daquele padre tanto faz, tanto ameaça, que as pessoas vão ficando duras, perdem o coração. (OAQ) ♦ "Você fica maluco com os médicos. Um é a favor de cortisona, um te *trata como animal*, outro aconselha massagem, você acaba tendo de tomar decisões por conta própria, baseado no bom senso." (VEJ)

trazer de (levar na) rédea curta → 'rédea' é a correia presa ao freio do animal de montaria que o cavaleiro usa para cavalgar; usa-se essa expressão com o sentido de submeter alguém



por meio do poder ou força. ♦ Tonho, o casado, lhe faltavam os dois dentes da frente, falava com a boca cheia de língua e a toda hora estava dizendo: "Minha esposa Firma..." Claro, sempre ouvi dizer que a Firma o *trazia de rédea curta*. (MMM)

vai engrossar (encarar)? → usa-se com mais freqüência na interrogativa; refere-se ao ato de fazer frente a um indivíduo para revidar uma provocação ou simplesmente para desafiá-lo. ♦ T: – Já te avisei. / P: – Que é? *Vai engrossar* por quê? É bicha mesmo. / T: – É melhor você deixar de frescura comigo. / P: – Quem tem frescura é você, que é bicha. / T: (Avança para Paco): Canalha! / P: (Pega o porrete) – Vem! Vem, viado! (DO)

xingar (chamar) (alguém) de tudo quanto é nome → agressão verbal em que não se pode definir com precisão o vocabulário insultuoso ou injurioso usado no destrato de alguém, também é freqüente a variante *dizer (falar, chamar de, soltar, xingar de etc.) nomes feios*. ♦ – Tem um porém... / – Tião: Qual ? / Jesuíno: – Se a greve for certa, o pessoá vai *xingá a gente de tudo quanto é nome*! (EN)

SUCESSO X FRACASSO

sucesso :

acertar o pé (a mão) → 'acertar' indica, entre outras coisas, ser bem-sucedido ou atingir o resultado ou o efeito esperado; significa sair-se bem na busca de um resultado, um objetivo. ♦ No restante do jogo, o Vasco tentou chegar ao empate, principalmente em lances pelo lado direito, sem conseguir no entanto *acertar o pé* ou sendo infeliz. (VASC-i) ♦ Se *acertar a mão* aí, todo mundo presta atenção a qualquer coisa que você colocar na trama", opina Glória Perez. (TVPR-i)

chegar (continuar, ficar, estar, viver etc.) com tudo em cima → usa-se para descrever tanto o vigor físico e a beleza como a fama, a popularidade ou o sucesso. ♦ Tem um estúdio na Vila Madalena, se a gente ensaiar tudo antes, chegar lá *com tudo em cima*, hum, acho, especulava, cofiando a barba. (EMC-R)

como um astro (artista) de cinema → recorre-se com freqüência à imagem de artistas, em especial aos de cinema, para a analogia com o sucesso alcançado por alguém. ♦ Já o sertanejo estadunidense é apresentado *como astro de cinema* (sem o cheiro do estábulo), artista de televisão, o último grito da moda, com todo o (...) (NOVM-i)

dar a receita da vitória (do sucesso) → usa-se 'receita' numa alusão a fórmula ou indicação especial para se alcançar um resultado; refere-se à maneira de se alcançar notoriedade. ♦ Perdeu a ansiedade diante dos sanduíches, bolos e sorvetes, e *dá a receita* completa *de sua vitória* no livro Jane Fonda (...) (VEJ)

dar certo (dar-se bem) na vida → descreve um bom resultado; êxito, triunfo. ♦ Nós achamos que nem todo adolescente se preocupa em *dar certo na vida*, muitos só querem se divertir, ter roupas de grifes famosas (...) (ING-i)

dar uma guinada (na carreira) → 'guinada' é a mudança súbita e radical num comportamento, numa situação, num movimento; refere-se à mudança positiva em uma carreira ou ao sucesso advindo de mudanças. ♦ Face a essa resistência e também a interesses políticos e técnico-científicos de governos e de corporações, os bancos *dão uma guinada* nos rumos da política de financiamento (...) (AMN) ♦ Ninguém melhor que o próprio profissional para dizer qual a hora propícia para *dar uma guinada na carreira* (...) (MARC-i)

de arromba → usa-se freqüentemente na adjetivação positiva de algum acontecimento, tido como sensacional, estupendo. ♦ – Delegado, como você já ouviu falar, este ano o carnaval vai ser *de arromba*. E o "Misto Carnavalesco Bela União", haja o que houver, terá de fazer bonito. (SE)

em cima da pinta → indica sucesso profissional ou realização de um intento; pode ser utilizada também para se referir ao aspecto externo de alguém ou de algo. ♦ *Em cima da*



pinta. Souza Cruz aproveita inauguração de fábrica no Sul para revitalizar antiga convivência e aprofundar o diálogo com a comunidade regional. (ABE-i)

estar com tudo e não estar prosa → usa-se para descrever o indivíduo com boa auto-estima, que se valoriza, que está satisfeito com seu modo de ser e demonstra confiança e felicidade. ♦ Na próxima edição, você ficará sabendo quem *está com tudo e não está prosa* no cenário da música mundial. (FLOR-i) ♦ Por falar em Osmar Dias, o senador paranaense *está com tudo e não está prosa*. Pelo menos é o que se pode deduzir dos rasgados elogios feitos pelo ministro da Saúde José Serra (...) (GAP)

estar de arrasar → designa o indivíduo que se encontra em um momento de grande sucesso ou alguém que está bem-vestido, preparado para chamar a atenção de outrem. ♦ Depois de muitas atualizações um novo endereço está no ar. Temos um servidor melhor. O novo endereço *está de arrasar,* com muitas novas modificações! (RPGC-i)

estar (chegar, ficar, permanecer, viver etc.) no auge do sucesso (da moda) → expressão que descreve o grau máximo de sucesso alcançado por algo ou alguém; há variantes freqüentes como *estar no auge* ou *estar no auge da moda*. ♦ O número de Virgínia está *no auge do sucesso*, o público vibra entusiasmado incontrolável. (CHU) ♦ Música ritmada e que *está no auge da moda*. Olga, vestida com uma blusa juvenil decotada, dança. (F)

estar no seu dia (de glória) → esse idiomatismo indica um período de tempo marcado por satisfação, prazer, fortuna; admite ainda a variante *estar no seu dia de sorte*, que designa um período de alegria combinado com sorte. ♦ Costuma arriscar muitas bolas e quando *está no seu dia*, ganha pontos incríveis e transforma-se num jogador perigoso. (UOLJ-i) ♦ Seu rosto reflete um brilho triunfal. Ela *está no seu dia de glória* e de felicidade plena. Ela é a noiva. (MNL-i)

fazer-se sozinho (na vida) → descreve o indivíduo que, por esforço próprio, atingiu os objetivos e alcançou o sucesso. ♦ Nunca chorou miséria. Nasceu pobre e *se fez sozinho*. Nunca foi pesado a quem quer que seja. Nem ao padrinho que o criou. (SE)

fazer um (seu) nome → diz-se daquele que goza de grande notoriedade advinda de muito esforço e trabalho; ser conhecido por competência. ♦ E isso não basta para *se fazer um nome* aos olhos dos contemporâneos, que exigem algo mais apimentado. (ESS)

incendiar os palcos → para descrever o grande sucesso de um grupo musical, peça teatral etc.; tornar vivo, caloroso; animar. ♦ Depois de *incendiar os palcos* germânicos, recentemente Angela "Deep" se apresentou no Espaço Off em São Paulo (...) (COO-i)

ir de vento em popa → diz-se de algo ou alguém que está conseguindo alcançar os objetivos; com circunstâncias a seu favor; com prosperidade. ♦ Gente do asfalto, que só conhecia fazenda de remotas visitas aos avós, o casal não se arrependeu, pois a criação de trutas *vai de vento em popa* (...) (GL)

ir longe → usa-se na descrição do indivíduo que alcança o que pretende; diz-se daquele que se supera ou que concretiza os próprios objetivos. ♦ Disse Pantaleão consigo mesmo: "Que político! Este menino *vai longe*, e que Deus o proteja." (AM)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

lugar da moda → designa o lugar que mais desperta interesse em um dado momento. ♦ Nós temos que sair mais vezes. Ir a outros lugares, aos *lugares da moda*. Li no jornal que a juventude freqüenta uma boate, que dizem que é uma loucura! (F)

lugar do burburinho → refere-se a um lugar interessante, bastante procurado por muitas pessoas; daí a idéia de 'burburinho', ou seja, lugar mais comentado em um dado momento. ♦ A Mostra é para o cinema a mesma coisa que o São Paulo Fashion Week é para a moda! É o *lugar do burburinho*, (...) (TRP-i)

marcar época → diz-se de algo ou alguém que se faz notar; evidenciar-se; sobressair-se. ♦ *Marcou época* a presença do economista argentino Raúl Prebisch na Cepal, onde formulou uma teoria do desenvolvimento econômico da América Latina. (ACL)

estar (andar, continuar, ficar, permanecer etc.) por cima da carne-seca → esse idiomatismo significa ter domínio sobre uma situação; designa o indivíduo que goza de popularidade, que faz sucesso. ♦ A primeira coisa a fazer no Bar do Batista é conhecer esse piauiense que começou na vida por baixo e hoje *está por cima da carne seca*. (PAUD-i)

remar (nadar) a favor da maré (corrente) → indica o indivíduo que tomou a direção adequada para alcançar o sucesso ou o que se espera dele. ♦ Algumas dicas O ditado de que é mais fácil *remar a favor da maré* vale, sem dúvida alguma, na bolsa de valores. (HOME-i)

senhor (dono) da situação → usa-se para exprimir popularidade, fama; diz-se daquele que alcançou notoriedade, em analogia com a condição de quem adota uma facção política que está no poder. ♦ Genésio, mais *senhor da situação*, dava ordens para segurarem o homem de um jeito e de outro, para que o virassem de bruços... (GRO) ♦ (...) isso dá raiva pois ninguém gosta de ver um ser humano se entregar; mas ele, se fortalece com a perda passando a ser o *dono da situação* (...) (UNDE-i)

ser a bola da vez → emprega-se para designar o indivíduo que está em evidência no momento; por isso a alusão à modalidade da sinuca na qual a bola, conforme numeração e regras estabelecidas, deve ser encaçapada. ♦ No ano em que o turismo começaria *ser a bola da vez*, o jornal britânico "Financial Times" destacou ontem a dificuldade do Brasil em conquistar visitantes. (UOLC-i)

ser conhecido na praça → usa-se para descrever o indivíduo que tem prestígio em determinado grupo de pessoas. ♦ No início teve dificuldades, mas a maior, conta Ernesto, foi a de *ser conhecido na praça* e de conquistar a confiança da nova clientela. (SOLU-i)

ser (algo/alguém) do momento → refere-se a algo ou alguém que está em consonância com o gosto, com os costumes atuais; que é encarado com aprovação ou afeto pelo público em geral. ♦ Se tinham algum antepassado ilustre, e o que pensava da crise européia. *Era herói do momento*, cumpria noticiá-lo. (JT)

ser o rei da cocada preta → essa expressão indica que o indivíduo goza de muita satisfação; diz-se daquele que é extremamente contente; pode significar também soberba se for usada

com verbos pronominais como: achar-se ou sentir-se. ♦ E foi aí que os dois competidores caíram na real... ou melhor, viram quem é que *era* o legítimo, o verdadeiro, o autêntico *rei da cocada preta.* (PAUD-i)

ser um arrasa-quarteirão → 'arrasar' significa, entre outras coisas, chamar a atenção; essa expressão significa fazer sucesso; o termo 'arrasa-quarteirão' é usado em alusão àquele que, por conta da grande beleza ou sucesso, chama a atenção de um quarteirão de pessoas. ♦ Os 15.600 caudalosos versos da "Ilíada" de Homero *são um arrasa-quarteirão* milionário, de elenco estelar e belo espetáculo visual. (PASSA-i)

subir (andar, estar, ficar, viver etc.) na crista da onda → refere-se à posição de destaque na vida social, profissional, política etc; daí a alusão ao lugar mais alto em uma onda. ♦ Valdemar tinha vários amigos em posição privilegiada, *subindo na crista da onda* revolucionária que sacudira o país. (BH)

ter cartaz → significa fazer sucesso em determinado meio ou ter popularidade; em alusão aos cartazes usados para promover e divulgar peças de teatro, filmes, festas etc. ♦ Eles são meninos de cidade pequena que parecem arder na existência, não apenas tentando *ter cartaz* em festivais maiores que o Senseless Things. (SLID-i)

tirar (algo) de letra → refere-se à conquista com facilidade de algo ou alguém que se deseja; ter destreza e habilidade. ♦ Vado não vou nem me afobar. Vou *tirar de letra*! Puxo uma palha e te deixo aí na tara. (NC)

tirar o pé da lama (lodo) → diz-se do indivíduo que consegue sair de uma situação de inferioridade material, em alusão à viscosidade da 'lama' e do 'lodo', e alcança sucesso e estabilidade; melhorar de vida, de situação. ♦ Afinal, quando Bacalau estava com a fome, sabia muito bem pedir e sempre lhe arranjavam algum para que o vagabundo se endireitasse, *tirando o pé da lama.* (MPB) ♦ Concluíra que havia chegado a sua hora de "*tirar o pé do lodo*", isto é, livrar-se por uns tempos da vidinha pacata, segura mas medíocre e monótona que levava em Antares. (INC)

viver (estar no) seu momento de glória → expressão utilizada para a exaltação de um indivíduo ou obra famosa; são freqüentes as variantes *estar no seu dia (de glória)* e *ser (algo/alguém) do momento*. ♦ Aqueles seres anônimos, aprisionados numa boate, *vivem seu momento de glória.* (MEN)

fracasso :

andar pra trás → assim como o verbo retroceder, esse idiomatismo significa não levar adiante um intento, um desejo, um plano; voltar atrás; desistir. ♦ Quero ver você não chorar, não *andar pra trás*, nem se desfazer do que traz (...) (PERS-i)

a vaca vai (foi) pro brejo → recorre à imagem da vaca presa em um brejo, ou atoleiro, para ter o significado conotativo de projetos que não deram certo; malograr-se, frustar-se. ♦ O entendimento nacional reclama linguagem clara. Palavras adequadas e correção gramatical. Do contrário, a crise se agrava e a *vaca vai pro brejo*. E nunca mais que sai. (BPN)

dar com os burros n'água → essa expressão recorre à imagem do burro diante de um obstáculo, para designar o indivíduo malsucedido; fracassado. ♦ Faz muito tempo que ele não dá as caras por aqui. *Deu com os burros n'água*. Saiu-se mal (...) (PORT-i)

dar cupim (crepe) → usa-se esse idiomatismo para descrever derrota, tal qual algo tomado por 'cupim' que fica todo corroído. ♦ O atual administrador Antônio de Carvalho, segundo as denúncias, estaria fazendo as compras e ele mesmo realizando os pagamentos. Tem tudo para *dar cupim*. (ANU-i)

dar em água de barrela (bacalhau) → expressa 'fracasso' em analogia com a impureza de uma água suja ou de mau cheiro. ♦ Se eu tivesse seguido meus primeiros impulsos, tudo teria *dado em água de barrela*. No entanto, policiei-me, refleti. (JM)

dar murro em ponta de faca → designa aquele que insiste em fazer algo que será infrutífero, que não tem possibilidade de se concretizar; investir em algo já fadado ao insucesso. ♦ Sabe-se de sobra que nosso país não pode ser intimidado. O que conseguem, com essas ameaças estúpidas, é *dar murro em ponta de faca*. (CUBA-i)

dar-se mal → idiomatismo que significa não ter êxito após alguma tentativa. ♦ – Filhos da puta, como podem dizer uma coisa dessas. Eu, um patriota, aliado de americanos. Vão *se dar mal*, muito mal. Filhos da puta... (GI)

deixar (acabar, estar, ficar, sobrar etc.) em frangalhos → 'frangalhos' significa, entre outras coisas, pessoa ou coisa que se mostra gasta, acabada, arruinada; descrever o indivíduo que não tem sucesso em um empreendimento. ♦ O "socialismo africano" da Tanzânia de Julius Nyerere *deixou* a economia do país *em frangalhos*. Muitos intelectuais ocidentais saudaram-se como uma ideologia "nativa" do Terceiro Mundo. (VEJ)

dever (perder) até as calças (as cuecas) → diz-se daquele que tem excesso de dívidas ou obrigações; extrema dificuldade financeira advinda de falência, fracasso, derrota etc. ♦ No limiar da restauração, ao tempo em que nos. Livramos do jugo espanhol, estamos arruinados e *devemos até as calças* à Inglaterra, ora pois. (CID)

entrar areia → refere-se ao surgimento de um imprevisto que dificulta ou impossibilita a realização de algo que foi desejado ou planejado. ♦ Voltando a sua pergunta. Estou com dois projetos teatrais dos quais prefiro não falar para não *entrar areia* (...) (TRA-i)

estar (chegar, deixar, continuar, ficar etc.) à beira do precipício (abismo) → 'precipício' pode significar perigo grave e iminente; descreve além do indivíduo em desespero, aquele que está às vésperas de um acontecimento trágico. ♦ Tem o aspecto dum homem que *está à beira do precipício*. A qualquer hora pode perder o equilíbrio e cair... (FAN)

estar (chegar, descer, ficar, ir etc.) no fundo do poço → 'poço' é um local profundo e escuro; recorre-se a essa imagem para simbolizar uma situação extremamente difícil e precária, da qual é difícil se livrar. ♦ Pior não fica. Devemos *estar no fundo do poço* da imoralidade e corrupção. (BEM)

unesp

ficar no chão (na terra) → usa-se buraco, chão, terra, ou o verbo cair etc., em analogia com 'fracasso', derrota, perda; esse idiomatismo pode descrever alguém que se encontra moralmente derrotado. ♦ O importante é que podemos *ficar no chão* como somos sem ficar fazendo carão ou tipo que não somos, nem tão pouco precisamos ter que subir nos outros (...) (SON-i)

ficar para trás → alude ao perdedor em uma disputa e se referir a alguém que tem menos méritos que outrem; diz-se também daquele que está desatualizado em determinada área. ♦ (...) o Governo se anime a promover a "revolução azul" na pesca nacional. "Ou fazemos isso ou vamos *ficar para trás* na pesca mundial", prevê. (CB)

fodido e mal pago → expressão de baixo calão usada para descrever o indivíduo que não encontra saída para um problema ou aquele que está em péssima situação financeira; arruinado. ♦ Todo mundo *fodido e mal pago*, dançando e vivendo uma felicidade construída a base de álcool e aditivos químicos, sem que nem porquê. (SAIA-i)

ir para o brejo → usa-se esse idiomatismo para referir-se à falta de êxito ou a não concretização de algo; 'brejo' aqui representa um local indesejado; a variante mais próxima é *a vaca vai (foi) pro brejo*. ♦ Zefa (Brincando): – Então tô mudando de profissão! Vamo lá! / Palhaço (Imitando): – *Vamo pro brejo*, isso sim. (COR)

ir para o buraco → 'buraco' dá idéia de local onde um indivíduo está, em analogia com 'fracasso', derrota, malogro, falta de êxito. ♦ Talvez como o Capra coloca no seu livro, o ponto que ele cita, tem que chegar o momento em que se tem de preocupar com a qualidade de vida do todo, porque senão nós todos *vamos para o buraco*. (POL)

ir por água (correnteza) abaixo → refere-se a expectativas que não se sustentam, como que derrubadas por grande volume de água ou que naufragaram. ♦ Nos primeiros dias após a morte de Espiridião tudo pareceu *ir por água abaixo* na Monte Alegre. (GRO)

nadar (remar) contra a maré (corrente) → designa um investimento em algo controverso; ficar contra a opinião geral e contra obstáculos poderosos; tem o sentido oposto de *remar (nadar) a favor da maré (corrente)*. ♦ "Se você *nadar contra a maré*, é mais difícil. Em vez de combater as drogas, vamos oferecer mais alternativas", ressalta. (NOOL-i)

não ir longe → expressão utilizada que representa a estagnação de um indivíduo; sua falta de progresso; 'longe' alude a um competidor que se destaca. ♦ Tibério olhou para o amigo e pensou : "Aposto como esse *não vai longe*..." Quando chegou a Antares a notícia de que as Forças Armadas, sob o comando do Ministro da Guerra, tinham acabado de dar um golpe de Estado (...) (INC)

perder (dever) (até) as cuecas → idiomatismo que relata exagerada escassez; perda de todas as posses; usa-se também como variante de *dever (perder) até as calças*. ♦ – Vai a dois contos! Se eu perder, paro o jogo. / Tiririca: – Parar o jogo? Parava nada, aquele não parava. *Perdia as cuecas*, perdia os cabelos, mas o jogo não parava. (MPB)

perder terreno → descreve o persistente fracasso de alguém, em vários setores, que se vê forçado a recuar pois não consegue sustentar seus propósitos. ♦ Afinal, os investimentos

por loja são relativamente altos e ninguém vai querer arriscar-se a *perder terreno* para a concorrência crescendo a passos de tartaruga. (EX)

perder tudo na vida → diz-se daquele que não tem mais a quem recorrer; designar a falência em algum empreendimento ou a perda do que se almejava ou possuía. ♦ "A pior falência é a do homem que perdeu o entusiasmo. Se o homem *perder tudo na vida*, menos o entusiasmo, ele voltará a ter sucesso". (AJUD-i)

ser um joão-ninguém (zé-mané) → tanto 'joão-ninguém' quanto 'zé-mané' são referências ao anonimato de alguém ou à sua pouca importância em determinado contexto; significa ser um fracassado; os nomes próprios 'joão' e 'zé' (abreviatura de 'josé') estão entre os mais comuns do Brasil e por isso são usados com esse sentido depreciativo. ♦ Deus lhe devolverá seu respeito próprio! Você pode pensar que *é um joão-ninguém* sem valor, que você não interessa a ninguém. (ESBI-i) ♦ R: O povo é burro, ele acredita no que os "autistas" falam, cara o Gilberto Barros *é um zé mané*, a Band é tosca, a Globo pior ainda, (...) (CCRO-i)

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apresentamos neste capítulo nossas observações a respeito do conjunto final de EIs que dispusemos onomasiologicamente, definimos e contextualizamos.

6.1. A importância das concordâncias para a significação dos idiomatismos

A utilização de córpus eletrônicos em pesquisas de cunho lexicográfico revelou-se indubitavelmente valiosa nesta pesquisa, tanto para a demonstração do idiomatismo em um contexto real quanto para acrescentar importantes informações concernentes à significação e uso de cada EI.

Muito embora tenhamos procurado estabelecer a maioria dos conceitos aos quais uma EI pode se referir, ocorreram casos em que foi a concordância o melhor balizador para ratificar, ou retificar, a significação dos idiomatismos levantados.

Para ilustrar tal fato, tomemos como exemplo as EIs *dar tempo ao tempo* e *encontrar seu rumo*. *A priori*, ambas foram agrupadas em torno do conceito 'serenidade', ou seja, ao conceito que se refere à qualidade daqueles que são ou estão serenos, calmos, plácidos, tranqüilos. Porém, na busca por concordâncias, pudemos constatar que esses idiomatismos não se referiam ao conceito mencionado ou a qualquer um dos conceitos com os quais nos propusemos a trabalhar.

Para a EI *dar tempo ao tempo,* encontramos, entre outras, a seguinte concordância: "Não é hora, portanto, de elogiar ou criticar, mas sim de *dar tempo ao tempo*. Observar como as novas peças se movimentarão no tabuleiro do xadrez administrativo (...)" (Gazeta do Paraná, 12.09.2000 – retirada do córpus do Laboratório de Lexicografia). Assim percebemos que não há mesmo referência à 'serenidade', pois significa esperar com paciência por solução futura. Portanto, a EI poderia ser alistada, em uma pesquisa mais ampla, no grupo do conceito 'paciência'.

O mesmo ocorreu com o idiomatismo *encontrar seu rumo*: a concordância "(...) as práticas da formação e do funcionamento dos sindicatos teriam de *encontrar seu rumo* numa espécie de evolução natural, assim como no organismo os órgãos se desenvolvem

naturalmente." (ROLIM, F. C. O que é pentecolismo – retirada do córpus do Laboratório de Lexicografia) não confirma que se trata de uma EI relacionada ao conceito 'serenidade', mas à adequação já que significa alcançar equilíbrio ou estabilidade financeira; evoluir adequadamente.

Percebemos caso semelhante com a EI *com unhas e dentes*. Provavelmente, por se tratar de um idiomatismo formado por dois substantivos muito recorrentes em EIs voltadas à 'agressividade', como acontece com 'unha', em *pegar (os cornos do) touro (boi) à unha; com garras (unhas) nas mãos* etc., e 'dentes', em *ranger (mostrar) os dentes*, pressupomos que *com unhas e dentes* também poderia se referir ao mesmo conceito. Porém, com o auxílio das bases textuais, percebemos que não havia ocorrências com essa conotação. Por meio da concordância "Raimundo é de espírito muito combativo e defende *com unhas e dentes* o direito de expressão do poeta popular. Autor de muitos folhetos, ele é um verdadeiro repórter a nível popular. (LUYTEN, J. M. 5. ed. São Paulo, Brasiliense, 1983 – retirada do córpus do Laboratório de Lexicografia)", confirmamos que tal idiomatismo poderia ser agrupado no conceito 'vontade' e não em 'agressividade'.

6.2. A tipologia textual das concordâncias selecionadas

Além das observações expostas, no que diz respeito à importância das concordâncias para a Lexicografia, não poderíamos deixar de fazer menção aos tipos de textos e o modo como se dão as ocorrências dos idiomatismos nas concordâncias.

Verificou-se que, como as EIs são muito mais utilizadas na linguagem oral, os textos que buscam proximidade com a oralidade são evidentemente os que as contemplam com muito maior freqüência. Por isso, grande parte das concordâncias apresentadas se inserem em peças de teatro, roteiros de filmes, de novelas e na literatura, em especial nos diálogos. Por exemplo, encontramos para o idiomatismo *estar numa boa* a concordância "R: – Reclamando da vida à toa, boneco! Vocês *estão numa boa*, têm a vida que pediram a Deus... / B: – Ô! Um vidão! / R: – E vai me dizer que não é? Não tem patrão!". Ela foi extraída (como se pode confirmar nas Referências Bibliográficas das Concordâncias, na sigla TGG), de um diálogo de texto feito para a televisão, de autoria de Gianfrancesco Guarnieri. Por esse motivo optamos por selecionar trechos de diálogos, separando as falas com as barras ("/").

Essa observação também pode ser confirmada em uma consulta às Referências Bibliográficas das Concordâncias, pois aí constam nomes de teatrólogos, como Plínio Marcos, de revistas especializadas, como a "Revista de Teatro", de autores de telenovelas, como Dias Gomes e Manoel Carlos, de telenovelas, como "Pedra sobre pedra" ou "A estória de Ana Raio e Zé Trovão", de diretores de cinema, como Cacá Diegues, de autores de obras literárias, como Érico Veríssimo ou Ariano Suassuna e outros, todos muito importantes para o estudo da língua portuguesa do Brasil.

No que concerne à busca por concordâncias na Internet, também podemos descrever os principais tipos de textos nos quais se constata a grande maioria dos idiomatismos. São os chamados 'diários virtuais', ou *bloggers*, tão difundidos atualmente na Internet e que se caracterizam por serem registros de acontecimentos pessoais do dia-a-dia, escritos por pessoas como se fossem diários e para que outros os leiam. Isso também se constata nas Referências Bibliográficas das Concordâncias, uma vez que a maioria alista endereços eletrônicos particulares que registram os tais 'diários virtuais'.

Por exemplo, a concordância para o idiomatismo *andar (estar, ficar, ser) de asa caída*, que se refere ao conceito 'infortúnio', é "As dores do amor são das mais difíceis de suportar. Quem tem acompanhado meu *blog* sabe que ultimamente a borboleta tem andado *de asa caída...*". Nota-se uma referência direta ao tipo de serviço usado na Internet, no caso "blog", e que se trata de uma descrição dos sentimentos de uma pessoa, em um determinado dia. A sigla e a referência relativas à concordância são:

ASA-i asadeborboleta.blogspot.com/2002_10_01_asadeborboleta_archive.html

O principal problema da utilização da Internet como córpus e da retirada de trechos de textos de seu domínio reside no fato de que não há garantia de que tais endereços eletrônicos continuem por muito tempo disponíveis às consultas. Porém, esse não é um problema exclusivo dos *bloggers*, mas de toda informação retirada de sites da Internet.

Devido à dinamicidade da Internet e à grande quantidade de informações disponibilizada a cada instante na rede, não é possível se assegurar a permanência dos textos de que retiramos as concordâncias. Por esse motivo priorizamos o uso do LL da Unesp de Araraquara que, embora não possua a mesma quantidade de informações da Internet, garante a procedência das obras que estão catalogadas em sua base textual.



6.3. Aspectos pragmáticos dos idiomatismos

Apesar de determinadas EIs terem elementos comuns em sua constituição, isso não significa que se refiram a um mesmo conceito. Por exemplo, *dar na cara* concerne à 'agressividade' e *não dar na cara,* a 'esconder'. Nota-se, pois, que o acréscimo de um elemento a uma EI pode mudar seu sentido, mas nem sempre a introdução de um advérbio de negação irá conferir à EI um sentido oposto.

Da mesma forma, o idiomatismo *armar o barraco*, ou a variante registrada no Houaiss (2001) *armar uma barraca*, também se refere ao conceito 'agressividade', sendo usado para descrever desordem, tumulto, ou quebra da ordem estabelecida; confusão; escândalo; incitação à briga. Porém, se mudarmos o gênero do substantivo, do masculino para o feminino, teremos um idiomatismo com um sentido totalmente diverso: *armar a barraca* é uma EI usada em referência à excitação sexual masculina e nada tem a ver com 'agressividade'.

Às vezes, a simples contração de preposição e artigo mudam o sentido de uma expressão. É o que ocorre com a EI *filhinho de papai*, cristalizada dessa maneira, é utilizada com freqüência para se referir ao indivíduo, geralmente adulto, que é sustentado pelo pai abastado. Se contrairmos a preposição 'de' com o artigo masculino 'o', para gerar *filhinho do papai*, a expressão perderá a idiomaticidade. Essa mudança altera tanto o sentido da expressão quanto a sua conotação. *Filhinho do papai* é simplesmente uma maneira carinhosa de um pai tratar um filho e também pode ser empregada pela mãe, desde que se mude o substantivo de 'papai', para 'mamãe'.

Há casos, no entanto, de EIs que não alteram totalmente seu sentido, porque dividem, ao menos em parte, a significação com outros idiomatismos. São as que se relacionam a um mesmo conceito, mas que possuem sutis diferenças que norteiam seu uso. Por exemplo, *quebrar a cara de (alguém)*, *quebrar o pau*, *quebrar os ossos*, referem-se à 'agressividade', mas, em uma análise mais apurada, constatamos que a primeira é usada para descrever o ato de desferir um golpe contra o rosto de um indivíduo ou para desmascarar, desconcertar ou surpreender alguém com atitude inesperada; já a segunda pode tanto ser usada para descrever agressão física quanto para confusão ou discussão; a terceira é usada para intensa e proposital agressão física. Em todos esses exemplos as EIs fazem alusão à agressividade, por meio do uso do verbo 'quebrar'.



Percebemos, assim, que há alguma regularidade nos idiomatismos no que concerne às suas referências e analogias, construídas com base nos substantivos, verbos, adjetivos etc., que os constituem.

6.4. Elementos recorrentes na constituição dos idiomatismos

Desde o levantamento dos idiomatismos, até a busca por concordâncias, observamos que há referências muito comuns entre EIs agrupadas em cada conceito. Detectamos, em um só conceito, significativa incidência de um mesmo verbo ou grande ocorrência de idiomatismos de matriz comparativa. Então, achamos apropriado apresentar essas características constantes na constituição das EIs porque elas podem tanto sugerir modelos de construção para novas formações idiomáticas quanto orientar e esclarecer o próprio uso dos idiomatismos.

É importante lembrar que essas observações somente puderam ser feitas por causa da perspectiva adota para essa proposta de dicionário. A orientação onomasiológica dos idiomatismos nos permitiu levantar quais características são mais recorrentes e, por conseqüência, a quais motivações o falante recorre na criação de novas EIs.

A imagem mais incidente no conceito 'amor', por exemplo, usada como alusão a esse sentimento, é a do substantivo 'coração', como ocorre com os idiomatismos *chegar (alcançar, tocar) ao (até o) coração; de coração; de todo o coração; falar ao coração; ir direto ao coração; no fundo do coração; ter bom coração; trazer (ficar, levar) no coração; voz do coração*. Nota-se, contudo, que seu uso não está restrito apenas a referências a esse conceito, mas às mais diversas formas de manifestação dos sentimentos, como em *com o coração apertado* e *com o coração na mão*, referindo-se ao conceito 'medo', *de cortar o coração*, que se reporta ao conceito 'tristeza' e *golpe para o coração*, que concerne ao conceito 'infortúnio'.

Outra parte do corpo humano utilizada em diversos idiomatismos é cabeça, ou crânio, miolo etc. Percebe-se que são referências ao centro do intelecto, da memória e da compreensão do homem. As EIs *a cabeça não é só para separar as orelhas; memória (cabeça) invejável; abrir a cabeça; ser um crânio; ter alguma coisa (algo) na cabeça*, referem-se ao conceito 'inteligência', porém *cabeça de melão; miolo mole; cabeça dura; cabeça oca* remetem à 'ignorância'. Há ainda referências à 'serenidade': *não esquentar (a*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

cabeça); ter a cabeça no lugar; ter cabeça (fria), e à 'agressividade': *esquentar a cabeça* e *o sangue subir-lhe à cabeça.*

Desse modo, observamos que 'inteligência' e 'serenidade' dividem parte do mesmo campo semântico, e poderiam ser agrupadas em um conceito como 'discernimento' . O mesmo ocorre com os conceitos 'ignorância' e 'agressividade', que podem se referir à 'falta de discernimento'.

Fato similar acontece tanto com o grupo de conceitos positivos 'felicidade', 'riqueza' e 'sucesso', como com o de negativos 'infortúnio', 'pobreza' e 'fracasso'. Os conceitos positivos estão inter-relacionados entre si, por compartilharem aspectos de suas significações e porque não há uma delimitação precisa entre o sentido de um e o dos outros dois, e, por oposição, com os conceitos negativos, e vice-versa. É possível notar essas inter-relações com mais clareza nas definições dos conceitos levantadas nos dicionários de língua portuguesa, para a posterior organização onomasiológica dos idiomatismos alistados. 'Felicidade' se refere ao estado de bem-estar ou de consciência feliz, satisfação, contentamento; 'riqueza', à grande quantidade de bens materiais, dinheiro ou posses; e 'sucesso', à fama, a êxito, triunfo ou bom resultado; à pessoa ou coisa vitoriosa, popular.

No que diz respeito ao par de conceitos opostos 'conhecimento' e 'ignorância', verificamos que, no primeiro, são muito recorrentes verbos que se referem ao ato de ser ou estar informado, como conhecer: *conhecer (ler, saber) de trás pra frente (diante); conhecer a máquina; conhecer a toada; conhecer as manhas; conhecer como um doutor; conhecer os bastidores; conhecer os macetes*; entender: *entender do riscado;* e saber: *nascer sabendo; saber (conhecer) de cor e salteado; saber (ter) nas pontas dos dedos*. Quanto ao segundo, são freqüentes EIs de matriz comparativa, *burro como uma porta*; EIs irônicas, *esperto como um jegue (burro, toupeira)*; e referências a animais, como: *asno (burro) chapado; besta quadrada; burro (mula) empacado; burro carregado de ouro (de relíquias); burro chucro; chamar de asno; idéia de jerico; mula empacada; usar (levar, pôr, vestir) chapéu de burro*. Acreditamos oportuno lembrar que, como determinados animais já se referem à 'ignorância', em pelo menos uma das acepções da grande maioria dos dicionários de língua portuguesa do Brasil, decidimos que não são idiomáticas expressões como 'ser um burro (anta, asno, jegue, mula, toupeira)', pois a conotação concentra-se integralmente nos nomes desses animais, com valor de adjetivos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Com relação ao conceito 'ódio', em oposição ao 'amor', são constantes as EIs de matriz negativa, que têm em sua constituição advérbios de negação e de exclusão, como, não, nunca, nem: *não (nunca) ir com a cara de (alguém); não me desce; não me vai; não poder nem ver; não poder ver (alguém) nem pintado (de ouro); santo não bate com o de (alguém)* etc. Muito embora se perceba que o advérbio de negação seja mais freqüentemente usado em referências a conceitos negativos, como *não conhecer (saber) (nem) o bê-á-bá*, que se refere ao conceito 'ignorância', ou *não ter (restar, sobrar) um centavo; não ter (sem) um gato para puxar pelo rabo; não ter onde cair morto; não ter um vintém*, que se referem a 'pobreza', há EIs que não têm necessariamente significado negativo, como é o caso de *não esquentar (muito) a cuca (cabeça)*, referente ao conceito 'serenidade', embora esse último apresenta-se em número reduzido.

Já no par de conceitos 'beleza' e 'feiúra', predominam EIs de matriz comparativa. Em 'beleza' compara-se o indivíduo considerado belo com imagens que remetem ao ideal de perfeição e beleza. Assim, temos: *belo (bonito, lindo) como o dia; belo (bonito, lindo) como o menino Jesus; belo (bonito, lindo) como um deus; belo (bonito, lindo) como um príncipe; belo (bonito, lindo) como uma pintura; bonito como bicho de Deus; bonito como um doutor.* Encontram-se ainda referências à vestimenta: *como madrinha (padrinho) de casamento; vestido como um dândi, - em dia de missa; com roupa de missa (de sair).*

Em 'feiúra', também preponderam EIs de matriz comparativa, porém as comparações são com o que se considera imperfeito e feio ou com o que provoca repugnância ou medo, como nos idiomatismos *como o cão (chupando manga); como o capeta; feio como a necessidade; feio como a peste; feio como noite de trovões (tempestade)*; *feio como uma trombada (de caminhões).*

No conceito 'confiança', usa-se 'palavra' em alusão à garantia. Trata-se do sentido de 'declaração', já que a palavra também pode ser considerada uma garantia ou um contrato. Por exemplo: *acreditar na palavra; dar a palavra; palavra de rei; ser de palavra.* Porém, 'palavra' é ainda utilizada em idiomatismos que se referem ao conceito 'traição', como é o caso de *quebrar a palavra,* em que se faz referência à ruptura, à trangressão de um contrato, regulamento ou norma.

Outra observação a respeito do conceito 'traição' é a diversidade de imagens com que são construídas as referências. Alguns exemplos seriam 'rato' ou 'cobra', ou a alusão ao relato bíblico da traição cometida por Judas Iscariotes contra Jesus, que gerou o idiomatismo *ser (como) um Judas.* Contudo, convém ressaltar que os idiomatismos agrupados pelo conceito 'traição' são usados para descrever vários tipos de traição, dentre as quais, aquela que se dá em relacionamentos amorosos: *botar (pôr, meter) chifre em (alguém)*; *dar (umas, outras, suas) escapadas; enfeitar a testa de (alguém); pular (a) cerca;* aquela que ocorre entre pessoas dos mais variados interesses, como em: *dar (levar) uma punhalada (facada) em (alguém) (no coração, nas costas); dar um chute (bicudo, pontapé) no traseiro; golpe baixo; golpe sujo; jogar (alguém) aos leões*; ou aquela inscrita no âmbito profissional, como em *jogar (alguém) aos leões* ou *puxar o tapete.*

Sobre o par 'coragem' e 'medo', verificamos que o primeiro inclui substantivos como 'coragem' e 'bravura', em partes constituintes de idiomatismos; por exemplo, *bravura de Aquiles (do cão); coragem de bicho do mato; encher-se de coragem; rasgo de coragem (bravura)*. E, em geral, as EIs abarcadas por esse conceito referem-se ao ato de enfrentar tanto uma situação complicada ou que inspira medo quanto alguém com mais força ou poder, como em *ter peito* ou *ter uma peitaria.*

No que concerne ao conceito 'medo', observamos que se empregam com freqüência sinônimos do verbo 'tremer' ou 'arrepiar(-se)', em alusão a 'medo', ou seja, ao estremecimento ou rápido tremor, involuntário, que surge em conseqüência de uma reação ao frio, ao medo, ou devido a uma emoção intensa. É o caso dos idiomatismos *dar frio na espinha; de cabelo (pêlo) em pé; ficar (estar) de pernas bambas; ficar (todo) arrepiado; frio na barriga; tremer como vara verde; tremer de medo; tremer nas bases.*

Os idiomatismos referentes ao conceito 'felicidade', quando não descrevem 'otimismo', como é o caso de *agora a coisa vai; procurar o lado bom das coisas; ser pra cima*, têm como característica comum a incorporação de substantivos ou adjetivos positivos, ou seja, por palavras que incluem a noção de bem; bom; favorável. É o que ocorre com as EIs *bons tempos; com alegria no coração; fazer a festa; ser (como) dia de festa*, e outros.

Por outro lado, os que se referem ao conceito 'infortúnio', descrevem ou a expressão do indivíduo tomado por sentimentos negativos, por meio do choro, das lágrimas, como *abrir a torneira; abrir as comportas; abrir o (um) berreiro; afogar as mágoas; aos*



prantos; com os olhos rasos d'água; debulhar-se em lágrimas; deixar (restar) apenas lágrimas; vale (poço) de lágrimas; ou por meio de comportamento melancólico, expressão facial de tristeza ou angústia, como em *andar (deixar, estar, ficar etc.) na fossa; andar (deixar, estar, ficar etc.) na pior; andar (estar, ficar, ser) de asa caída; andar (estar, ficar, ser) jururu; cara de (dia do) juízo (final); cara de sexta-feira da Paixão; com um nó na garganta; com uma tromba; estar (bem) caído; de farol baixo,* e outros.

Podemos utilizar o conceito 'infortúnio' para descrever a grande variabilidade de verbos na associação a determinados idiomatismos. Para ilustrar tomamos o idiomatismo *na pior*. A princípio, para que pudéssemos encontrar com mais facilidade uma concordância para tal EI, decidimos por reduzi-la a uma estrutura mínima, ou seja, procuramos apenas por *na pior*. Porém, após uma verificação das ocorrências encontradas, antes mesmo da seleção de uma concordância, constatamos que há certa regularidade na quantidade de verbos que lhe podem ser associados. Portanto, embora haja uma estrutura mínima conotativa, cristalizada e indecomponível, sempre há uma associação dessa estrutura a um verbo, explícito ou subentendido, e que pode ser articulada tanto com verbos comuns, como com os de ligação. Por isso, achamos por bem apresentar tal EI da seguinte maneira, *estar (andar, continuar, deixar, ficar etc.) na pior*.

Vale lembrar que optamos por apresentar, fora dos parênteses, o verbo que aparece na concordância, e dentro, outros quatro, totalizando a indicação de cinco possíveis combinações. Confirma-se, assim, a cristalização da EI *na pior*, sempre antecedida por um verbo. O mesmo ocorre com *estar (andar, continuar, deixar, ficar etc.) na fossa*, também referente ao conceito 'infortúnio', ou com *passar (andar, chegar, entrar, fugir etc.) como um raio* e *passar (andar, chegar, correr, entrar etc.) num pau (só)* que se referem ao conceito 'rapidez'.

Ainda em 'rapidez', percebemos que a grande maioria das EIs abarcadas por esse conceito apresenta verbos de movimento em sua estrutura, como é o caso de *passar (andar, chegar, entrar, fugir etc.) como um raio; avançar como uma onda; chegar (andar, correr, entrar, ir etc.) na toda; correr (chegar, entrar, ir, vir) com tudo; correr (espalhar-se, ir, vir) como o vento; correr (andar, chegar, entrar, fugir etc.) como uma bala; entrar (andar, chegar, passar, sair) como um furacão; ir num pé (voltar no outro); sair (andar, chegar, correr, entrar etc.) como um foguete; sair (andar, chegar, entrar, fugir etc.) como uma flecha; sair (entrar) como um louco; sair como um peixe (bagre) ensaboado; subir (ligeiro,*

rápido, veloz) como um macaco; surgir (andar, correr) como um meteoro; vir (chegar, passar, ir, vir) como uma nuvem; voar baixo; voltar (andar, chegar, correr, entrar etc.) num pé só.

Há também referências ao ato de andar, como em *a passos de gigante; a passos largos; acelerar o passo; apertar o passo; em largas passadas; mais rápido que os passos; numa passada (só).* Nota-se o uso de adjetivos como 'rápido', 'ágil' ou 'ligeiro', em: *ágil como um galgo; ligeiro como um gato; mais rápido que macaco; mais rápido que os deuses; mais rápido que os passos; rápido e rasteiro;* e o uso das partes inferiores do corpo humano, em analogia a movimento, como é o caso do idiomatismo frasal *pernas, pra que te quero!*, e dos idiomatismos *pé na tábua* e *sebo nas canelas.*

Nas EIs abarcadas pelo conceito 'lentidão', surgem muito freqüentemente referências a animais cujos movimentos são lentos, como 'cágado', 'tartaruga' e outros. Por exemplo, *a passo de cágado (tartaruga)*. No caso desse idiomatismo, optamos, assim como em muitos outros, por apresentar a concordância também da variante pois ambas são consideradas muito freqüentes. Porém, no caso de uma EI considerada variante, para a qual não foi possível localizar concordância, achamos por bem contemplá-la, entre parênteses, na mesma entrada de sua variante devidamente ilustrada por uma abonação. Trata-se de *rasgo de coragem (bravura)*, que se refere ao conceito 'coragem' ou *trocar ouro por merda (lama)*, que se refere à 'ignorância'.

As referências mais freqüentes nos idiomatismos abarcados pelo conceito 'riqueza' são 'dinheiro': *fazer dinheiro; ganhar (gastar, nadar em, pagar, ter) rios de dinheiro (a rodo); nadar em dinheiro (ouro); ser o dono do dinheiro*, e suas variantes, como 'grana', *estar (andar, continuar, ficar, viver etc.) montado no tutu (dinheiro, grana)*, 'nota', *estar (andar, ser etc.) cheio da nota*, e 'ouro', *nascer em berço de ouro*; ou o adjetivo 'rico', *podre de rico*, e os locais em que se guarda o dinheiro, como 'bolso', *encher os bolsos* ou 'cofre', *ser o dono do cofre*.

Quanto ao conceito 'pobreza', também é freqüente o uso de 'dinheiro', ou de suas variantes, porém em associação à preposição 'sem', para marcar a ausência, privação, falta, como se pode notar nos idiomatismos *andar (estar, ficar, viver) sem nenhum (tostão, centavo, níquel, vintém etc.); andar (estar, viver) sem caixa; andar (estar, viver) sem fundos; não (sem) receber um níquel (centavo); não ter (sem) um gato para puxar pelo rabo; não (sem) ter onde cair morto; sem eira nem beira; sem nada pra pôr na geladeira* etc.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O conceito 'serenidade' tem como característica marcante o uso do verbo 'acalmar' ou do substantivo 'calma', *acalmar os ânimos; calma, Bete!; ir com calma*, dos substantivos 'paciência' e 'paz', *estar (andar, ficar, sentir-se, viver etc.) em paz consigo mesmo* e *paciência de Jó*, além de referências a imagens que se crêem tranqüilas, isentas de agitações, como é o caso de 'anjo', 'céu', 'nuvem', 'paraíso': *andar nas nuvens*; *como um anjo; estar (sentir-se, viver) no céu (no paraíso)*.

Sobre o conceito 'agressividade', podemos dizer que é aquele que mais contempla idiomatismos em nossa pesquisa e, certamente, um dos que mais abrange EIs em toda a fraseologia do português do Brasil.

São inúmeras as peculiaridades que caracterizam esse conceito. Podemos começar citando os verbos mais freqüentemente empregados para a descrição do ato de agredir, bem como para caracterizar agressão (verbal ou não), agressor, confusão, discussão, maltrato e provocação, que são: 'acabar', 'acertar', 'amassar', 'baixar', 'bater', 'chutar', 'derrubar', 'descarregar', 'descontar', 'descer', 'encher', 'enfiar', 'entrar', 'esfolar', 'esmagar', 'espumar', 'esquentar', 'meter', 'moer', 'morder-se', 'pegar', 'quebrar', 'rachar', 'ranger', 'rosnar', 'sair', 'sentir', 'soltar', 'tirar', 'tratar' e 'xingar', entre outros. Como exemplo citamos os idiomatismos: *acabar com a raça de (alguém); brigar como (uma) onça; descer a lenha; esfolar vivo; moer de pancada* e *sentar a mão*.

Há, ainda, um grande número de referências a animais, como onça, arara, cobra, rinoceronte, tubarão, touro, cachorro, ouriço, para a descrição tanto do comportamento agressivo ou irritadiço de um indivíduo como para comparar o tratamento dado a alguém e o mesmo dado a um animal. Por exemplo, os idiomatismos *estar (ficar) uma arara; gentil como um rinoceronte (tubarão) com dor de dente (bêbado); rosnar como um cachorro; tratar como um cachorro* e *ser como um ouriço*.

Atente-se, ainda, para as associações a brigas ou relacionamentos entre animais, caracterizados por disputa ou rivalidade, como é o caso de 'cão e gato', 'dois animais', 'dois cães' em, por exemplo: *brigar como cão e gato; como dois animais; como dois cães (cachorros) (disputando o mesmo osso)*. Sobre as partes do corpo dos animais, são recorrentes referências às garras, como em *com garras nas mãos*.

Com relação às partes do corpo humano mais usuais na construção dos idiomatismos de tal conceito, encontram-se 'braço', 'cabeça', 'cara', 'couro', 'dente', 'mão',

'nervo', 'osso', 'pele', 'rosto' e 'unha'. Como exemplo, temos os idiomatismos *descer o braço; dar na cara; ranger (mostrar) os dentes; guerra de nervos; quebrar os ossos.*

Também é muito freqüente o uso do substantivo 'raiva', como em *espumar de raiva*, de 'força', como em *força bruta*, de 'guerra', como em *declarar guerra*, de 'sangue', em *acabar em sangue*, de 'faísca', em *sair (soltar) faísca dos (pelos) olhos*, e das cores 'roxo', em *com o (um) olho roxo*, de 'verde', em *verde de raiva*, e de 'vermelho', em *vermelho de raiva.*

A característica, todavia, mais marcante nos idiomatismos concernentes ao conceito 'agressividade' é o uso de nomes de objetos que podem ser utilizados como armas para agressão física; é o caso de 'cabresto', 'cavaco', 'chicote', 'couro', 'faca', 'foice', 'lenha', 'pau', 'pedra', 'porrete', 'rédea', 'sarrafo' e 'vara'. Exemplos dessa particularidade são as EIs *baixar o pau; baixar o sarrafo; briga de faca (foice); colocar (levar, trazer etc.) no cabresto; com quatro (sete) pedras na mão; dar (o) cavaco; descer a lenha; descer o porrete; morrer (trazer) no chicote* etc.

Por fim, notamos que quando uma EI é polissêmica, ela deve constar em todos os conceitos; por exemplo: a EI *passar para o outro lado* está alistada no conceito 'traição', mas, se tivéssemos trabalhado o conceito 'homossexualismo', ela também deveria integrá-lo. Para isso, evidentemente, a concordância apresentada teria que estar em conformidade com essa acepção e a nuança, suficiente para desambigüizar esse outro sentido.

Em suma, somente a observação atenta e a análise das particularidades dos idiomatismos alistados em torno de um mesmo conceito, com o qual compartilham ao menos parte de sua significação, podem indicar as variações admitidas e recorrentes e as que eventualmente venham surgir. E é a onomasiologia que chega a nos revelar informações não apenas da organização social e dos costumes de um povo, de seu contexto histórico, mas também da natureza psicológica das escolhas dos falantes.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atentos para a importância dos dicionários, bem cultural transformado em bem de consumo, é oportuno afirmar a pertinência de se investir em pesquisas criteriosas para a elaboração dos mais variados tipos de obras lexicográficas.

Todas as línguas dispõem de meios objetivos para expressar os acontecimentos, sentimentos, idéias. Cabe ao usuário, porém, decidir a maneira pela qual pretende relatar suas experiências. Não são poucas as vezes que, em seu discurso, o indivíduo lança mão de combinações fixas, dentre as quais destacamos as EIs, para se comunicar mais expressiva ou pitorescamente. Os idiomatismos atendem aos incessantes apelos de ironia, exagero, persuasão, comicidade e de fortes cargas emocionais. Sem falar nos efeitos estilísticos a que recorrem especialmente os publicitários, inclusive com a freqüente ruptura da idiomaticidade.

Essa constante reincidência dos idiomatismos na comunicação cotidiana, ou mesmo na literatura, respalda a necessidade de estudos, de natureza diversa, que possam analisá-los cientificamente, sistematizando suas construções, evidenciando seus elementos lexicais constituintes, constatando sua ampla ocorrência etc.

As EIs constituem um importante fenômeno do léxico das línguas e um dos mais eficazes recursos imagéticos originados pela subjetividade, criatividade e herança cultural do homem.

Um dicionário de idiomatismos da língua portuguesa do Brasil, sob uma perspectiva onomasiológica, cujo modelo-piloto foi a proposta dessa pesquisa, revela-se ao nosso ver, extremamente útil por facilitar o estabelecimento das relações analógicas entre as EIs, fator importante para a explicitação de seu significado e de seu aspecto pragmático.

Finalmente, esperamos concretizar tal dicionário, dando continuidade ao projeto em nossos estudos de doutorado, o que enriquecerá o mercado fraseológico brasileiro, para usuários da língua portuguesa, daqui e do exterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AICHELE, G. et al. **A Bíblia pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ALVAREZ, M. L. O. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba:** estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada na Área de Ensino/Aprendizagem de Segunda Língua e Língua Estrangeira) Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp.

AZEVEDO, D. **Grande dicionário francês-português.** 11. ed. Lisboa: Bertrand, 1989.

AZEVEDO, D. **Grande dicionário português-francês.** 8. ed. Lisboa: Bertrand, 1988.

BABINI, M. **Onomasiologie et dictionnaires onomasiologiques**, São José do Rio Preto: Beatriz, 2001.

BALDINGER, K. Semasiologia e onomasiologia. Tradução de Ataliba T. de Castilho. **Alfa**. São Paulo, v. 9, p. 7-36, 1966. Original francês.

BALLY, C. **Traité de stylistique française.** 3. ed. Paris: Klincksieck, 1961.

BARBOSA, A. L. **Dicionário de química.** 2. ed. Goiânia: Cultura e Qualidade, 2000.

BORBA, F. S. **Dicionário de usos do português do Brasil.** 1. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BÍBLIA Sagrada. **Novo testamento.** Tradução de Pe. Antonio Pereira de Figueiredo, v. 4, São Paulo: Editora AGE, 1962.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística:** teoria lexical e lingüística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, M. T. C. **O vocabulário da língua e dicionários.** [S.l.:s.n.], 1992.

BIVAR, A. **Dicionário geral e analógico da língua portuguesa.** vol I. Porto: Editora Ouro Ltda, 1948.

BOUTIN-QUESNEL, R. et al. **Vocabulaire systématique de la terminologie.** Québec: Publications du Québec, 1985.

CAMARA Jr., J. M. **Dicionário de lingüística e gramática.** Petrópolis: Vozes, 1981.

CARAMORI, A. P. **É o bicho:** é bestiale dicionário de expressões idiomáticas no domínio dos animais com equivalências em italiano e respesctivas listas temáticas. São Paulo, 2000. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Italiana) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

CORBIN, D. Le monde étrange des dictionnaires (4): la créativité lexicale, le lexicographe et le linguiste. **Lexique**, n. 2, p. 325-353, 1983.

DUALIBI, R. **Dualibi das citações**, São Paulo: Mandarim, 2000.

FALCÃO, P. C. S. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em inglês com nomes de animais**. São José do Rio Preto, 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI:** o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GREIMAS, A. J., COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica.** São Paulo: Cultrix, 1979.

GREIMAS, A. Idiotismes, proverbes, dictons. **Cahiers de lexicologie**. Paris, n. 2, p.41-61, 1960.

HEGER, K. Les bases méthodologiques de l'onomasiologie et du classement par concepts. **Travaux de Linguistique et de Littérature**. Strasbourg: Klincksieck, p. 7-32, 1965.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

POTTIER, B. **Sémantique générale.** Paris: PUF, 1992.

POTTIER, B. La subduction, la métaphore et les lexies. **Cahiers de lexicologie**. Paris, v. 1, n. 50, p.209-218, 1987.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. **Dicionário de comunicação.** São Paulo: Ática, 1987.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. Trad. Clóvis Barleta de Morais. **Alfa**. São Paulo, v. 28, supl., p. 45-69, 1984. Original francês.

REY-DEBOVE, J. **Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains**. Paris: Mouton, 1971.

RIOS, T. H. C. **Idiomatismos português-francês-espanhol com nomes de partes do corpo humano**. São José do Rio Preto, 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista.

RONCOLATTO, E. **Expressões idiomáticas do português e do espanhol da Colômbia:** análise, classificação e equivalências, Assis, 2001. Tese (Doutorado em Letras: Filologia e Lingüística Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

RONCOLATTO, E. **Estudo contrastivo das expressões idiomáticas do português e do espanhol.** Assis, 1996. Dissertação (Mestrado em Letras: Filologia e Lingüística Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral.** 2ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970.

SERRA E GURGEL, J. B. **Dicionário de gíria** – modismo lingüístico – o equipamento falado do brasileiro. 3. ed. Brasília: s.e., 1995.

SILVA, M. C. P. **Estudo comparativo dos substantivos mais freqüentes em dicionários bilíngües francês-português e português-francês.** Araraquara, 2002. Tese (Doutorado em Letras - Lingüística e Língua Portuguesa) Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista.

SOUSA, J. M. **Dicionario de lexicografía práctica.** Barcelona: Vox, 1995.

SPITZER, C. **Dicionário analógico** - tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa. São Paulo: Globo, 1936.

TAGNIN, S. E. O. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

TAGNIN, S. E. O. A tradução dos idiomatismos culturais. **Trabalhos de lingüística aplicada**, n. 11, p. 43-52, 1988.

TRISTÁ, M. A. **Fraseología y contexto.** Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

ULMANN, S. **Semântica:** uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VALE, O. A. **Expressões Cristalizadas do Português do Brasil**: uma proposta de tipologia. Araraquara, 2001. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Unesp.

XATARA, C.; OLIVEIRA, W. L. **Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões** francês-português / português-francês. São Paulo: Cultura, 2002.

XATARA, C. M.; OLIVEIRA, W. L. **Dicionário de falsos cognatos** francês-português / português-francês. São Paulo: Schimidt, 1995.

XATARA, C. M. **As expressões idiomáticas de matriz comparativa.** Araraquara, 1994, 140 p. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista.

XATARA, C. M. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês.** Araraquara, 1998, 253 p. Tese (Doutorado em Letras: Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DAS CONCORDÂNCIAS

A Angela ou as areias do mundo. FARIA, O. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.
AB Abajur lilás. MARCOS, P. São Paulo, Global, 1979.
ABE-i aberje.com.br/antigo/revista/n28/artigod.htm
AC Auto da compadecida. SUASSUNA, A. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.
ACL Audiologia clínica. LACERDA, A. P. Rio de Janeiro, Guanabara, 1976.
ACM Aqueles cães malditos de Arquelau. PESSOTI, I. 2. ed. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994.
ACON-i www.aconfraria.com.br/cronicas/cronica65.htm
ACS-i mec.gov.br/acs/asp/ministro/ uparq/2003.7.17.10.4.59.pdf
ADV-i advir.com.br/psicologia/comunicandoesperanca/CE-JS-02.html
ADVI-i www.advir.com.br/gparj/Palestra1.doc
AF A festa. ANGELO, I. São Paulo, Summus, 1978.
AG A Gazeta, Vitória, 1993.
AGEN-i www.agendasaude.com.br/materias/index.asp?cod=181
AGO Agosto. FONSECA, R. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.
AID Ai de ti Copacabana. BRAGA, R. 200 Crônicas escolhidas. 2. ed. Rio de Janeiro, Record, 1978.
AJO-i anjosdeprata.com.br/abs/03espelho.html
AJUD-i www.ajudasdevida.hpg.com.br/outros/frases.htm
AL A lua vem da Ásia. CARVALHO, C. 3. ed. Rio de Janeiro, Codecri, 1977.
ALE Além dos marimbus. SALES, H. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1961.
ALF O alferes, PROENÇA, M, C. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
ALOD-i www.alodag.com.br/Piadadodia24Index.htm
AM Ajudante de mentiroso. JARDIM, L. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.
AMN A Amazônia no espaço brasileiro.
AMVI-i www.americanavip.com.br/ asp/forum/display.asp?messageNo=5&threadID=977
ANA Anarquistas, graças a Deus. GATTAI, Z. Rio de Janeiro, Record, 1979.
AN-i an.uol.com.br/1998/jan/16/0col.html
ANJ-i anjosdeprata.com.br/ubirajara/03feio.html
ANON-i anonimato.net/misslex/archives/2003_07.html
ANU-i an.uol.com.br/1999/fev/27/0alc.html
ANUO-i an.uol.com.br/1998/fev/04/0ger.htm
AP A província do Pará, Belém, 1980. Diversas edições.
APX-i apaixonada.motime.com/1063054153
ARA A estória de Ana Raio e Zé Trovão. CARUZO, M. & BUZZAR, R. Nov. Rede Manchete, 1991.
ARR-i arvoredobem.com.br/yoga/yoga_curso_livros.html
ARV-i arvoredobem.ig.com.br/toquesdealma/materias/1/0001-0100/28/28_01.html
AS A semente. GUARNIERI, G. São Paulo, M. Moho, s/d.
ASA-i asadeborboleta.blogspot.com/ 2002_10_01_asadeborboleta_archive.html
ASP-i aspdesign.no/nightwish/forum/ topic.asp?TOPIC_ID=7375
ASS Assunção de Salviano. CALLADO, A. 1. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1954.
ATE-i geocities.com/Athens/Olympus/3583/dramaturgo.html
ATH-i geocities.com/Athens/Styx/1652/dinovo6/6art2.html
ATR A transamazônica. MOTT, O. B. São Paulo, Atual, 1986.
AVC-i avacalhando.blogger.com.br/
AVE Ave, palavra. ROSA, J. G. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.

AVEN-i www.avenidabrasil.blogger.com.br/ 2003_10_01_archive.html
AVI A vida secreta dos relógios. CYTRYNOWICZ, R. São Paulo, Scritta, 1994.
AVL A velhinha de Taubaté. VERISSIMO, J. F. Porto Alegre, L&PM, 1983.
B A borboleta amarela. BRAGA, R. 4. ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1963.
BA Barrela. MARCOS, P. São Paulo, Global, 1976.
BAL Balão cativo. NAVA, P. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
BB Balé branco. CONY, C. H. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
BDR. O braço direito. RESENDE, O. L. Editora do autor:Rio de Janeiro, 1963.
BE O beijo não vem da boca. BRANdDÃO, I. L. Rio de Janeiro, Global, 1985.
BEA-i thebeatles.com.br/entrevista-paul-lpa.htm
BEM Embrulhando o peixe. SEMLER, São Paulo, Best Seller, 1992.
BH Balbino, O homem do mar. LESSA, O. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.
BHM-i bohemians.blogger.com.br/2003_08_01_archive.html
BIB-i biblio.com.br/templates/arturazevedo/fritzmac.html
BIBV-i www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/autores/ aluisioazevedo/mulato/08.html
BL Blecaute. PAIVA, M. R. São Paulo, Brasiliense, 1986.
BOI Boca do inferno. MIRANDA, A. São Paulo, Cia. das Letras, 1989.
BOOK-i virtualbooks.terra.com.br/padregabriel/Mulher_Presente_de_Deus_ou_de_Grego.htm
BP Brasileiro perplexo. QUEIROZ, R. Rio de Janeiro, Edição do Autor, 1963.
BPN Bom dia para nascer. RESENDE, O. L. São Paulo, Cia. das Letras, 1993.
BRU Os bruzundangas. BARRETO, L. São Paulo: Editora Brasiliense, 1923
BRUN-i brunastyle.blogger.com.br/2003_06_01_archive.html
BRV-i brv.xuxe.nom.br/brvclub/bg11.html
BUD O que é budismo. ROCHA, A. C. São Paulo, Brasiliense, 1984. (Col. Primeiros Passos, v. 113)
CA Cangaceiros. REGO, J. L. 5. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.
CAM-i camilianos.org.br/scamilo/sc06.html
CAMI-i www.alianca3vassouras.com/fics/caminhoqueescolhi/ caminhoqueescolhi3.html
CAP O que é capoeira. AREIAS, A. São Paulo, Brasiliense, 1983. (Col. Prinieiros Passos, v. 96)
CAPC-i www.cacp.org.br/o%20beijo%20e%20as%20religioes.htm
CAP-i capricho.abril.com.br/especiais/ depoimentos/depoimento15.html
CARM-i www.carmezini.com.br/salva.htm
CAS Cascalho. SALLES, H. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1966.
CASP-i cassetaeplaneta.globo.com/
CASS-i groups.msn.com/cassiaelleracervo/suapginadaweb.msnw
CAV Eles eram muitos cavalos. RUFFATO, L. 1ª ed. Boitempo Editorial:São Paulo, 2001.
CB Correio Brasiliense, Brasília, 22.07.1979.
CBC O conto brasileiro contemporâneo. BOSI, A., org. São Paulo, Cultrix, 1977.
CC Cobra cega. PEREIRA, L. M. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954.
CCA Crônica da casa assassinada. CARDOSO. L. Rio de Janeiro, Bruguera, 1959.
CCE-i cce.ufsc.br/~nupill/literatura/semana.html
CCI Caixa de cimento. ESCOBAR, C. H. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
CCRO-i www.canal-cronica.com.br/modules/newbb/viewtopic.php?post_id=1355&topic_id=44&forum=12
CELE-i www.tvglobocelebridade.blogger.com.br/ 2003_09_07_archive.html
CEN Cenas da vida minúscula. SCLIAR, M. Porto Alegre, L&PM, 1991.
CEN-i cinemaemcena.com.br/crit_editor_filme_respostas.asp?comentario=1695&codfilme=195
CF Chão de ferro. NAVA, P. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
CG Contos gauchescos e lendas do sul. LOPES, S. 5. ed. Porto Alegre, Globo, 1957.
CH Chagas, o cabra. MENDES, S. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
CHA Chapadão do Bugre. PALMÉRIO, M. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.
CHA-i cha-tice.blogger.com.br/2003_11_01_archive.html
CHE-i cherry73.blogger.com.br/2003_05_01_archive.html
CHOR-i www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/ samba-choro.0108/0157.html
CHU Chuvas de verão. DIEGUES, C. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977. Roteiro do filme.

CIC A cidade sitiada. LISPECTOR, C. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
CID A cidade dos padres. SILVA, D. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
CJ Capitão jagunço. DANTAS, P. São Paulo, Brasiliense, 1959.
CL O coronel e o lobisomem. CARVALHO, J. C. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
CLAR Clarissa. VERISSIMO, E. ed. 47. Editora Globo:1933 – série paradidática.
CLE-i clesio.net/anteriores/lumone/textos.html]
CLIQ-i www.cliquemusic.com.br/br/entrevista/ entrevista.asp?Nu_Materia=2721
CLQ-i cliquemusic.com.br/br/Servicos/ ParaImprimir.asp?Nu_Materia=1999
CLX-i clubedexadrez.com.br/news/ art.asp?cmd=view&articleid=1166
CMFU-i www.cm-fundao.pt:8080/Conteudo/Servicos/ Assembleia/Acta_6_2003.doc
CNG-i cangerevirtual.com.br/mural/ default.asp?PagePosition=20
CNP-i canalporto.ws/modules/newbb/ viewtopic.php?topic_id=26&forum=5
CNT Contos da repressão. ANGELO, I. Rio de Janeiro, Record, 1987.
COB Corpo de Baile. ROSA, J. G. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
COCA-i www.cocadaboa.com/archives/003023.php
COE-i contoseroticos1.hpg.ig.com.br/ categorias/Hetero/5986.html
COG-i cocagelada.blogspot.com/ 2002_03_03_cocagelada_archive.html
COMC-i www.comciencia.br/entrevistas/igor.htm
CON Concerto Carioca. CALLADO, A. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
CONC-i concursos.correioweb.com.br/ forum/viewtopic.htm?fid=30&tid=49791&page=12
CONJ-i conjur.uol.com.br/textos/22846/
COO-i geocities.com/coisasdosoutros/FOGO.html
COP-i copy-paste.blogspot.com/ 2003_03_09_copy-paste_archive.html
COR Coronel dos coronéis. SEGALL, M. Rio de Janeiro, MEC/Funarte, 1978.
COR-O Resposta do novo acadêmico. CORREIA, V. Serviço de Documentação da Biblioteca Municipal de S.Paulo. São Paulo, 1955.
CORU-i www.corujando.com.br/historias/01%20aidualc.html
COT Contos de aprendiz. ANDRADE, C. D. 1. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1951.
COT-i cotianet.com.br/joao_barcellos/rio.html
CPB-i cp288.com/blog_2/2001_04_01_historicopolicial.html
CR Cabra das Rocas. HOMEM, H. São Paulo, ÁtiCa, 1973.
CRE O crepúsculo do macho. GABEIRA, F. 5. ed. Rio de Janeiro, Codecri, 1980.
CRIT-i br.groups.yahoo.com/group/mensagens_cristas/ message/470
CRIY-i www.criticos.com.br/new/artigos/ critica_interna.asp?artigo=460
CT O caçador de tatu. QUEIROZ, R. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.
CUBA-i www.cuba.cu/gobierno/discursos/2002/por/f080302p.html
DE Os 18 melhores contos do Brasil. TREVISAN, D. Rio de Janeiro, Block, 1968.
DEN Dentro da vida. PRATA, R. São Paulo, Clube do Livro, 1953.
DESV-i desvendar.com/diversaoearte/ contosdavofia/conto10.htm
DIN Diário do Nordeste. Fortaleza, 12/09/2000.
DIN-i diariodonordeste.globo.com/1999/09/17/060002.html
DM Os dez mandamentos. Vários autores. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
DNH-i www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u75723.shtml
DO Dois perdidos numa noite suja. MARCOS, P. São Paulo, Global, 1979.
DRA Descobrimento do rio Amazonas. CARVAJAL, G., ROJAS, A., ACUÑA, C. Ano do original: 1941 São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre:Editora Nacional, 1941.
DRIK-i blogdadrikatinha.blig.ig.com.br/
DZ Domingo Zeppelim. MORAES, V. Rio de Janeiro, MEC, 1978. vol. II.
ECR Estação Carandiru. VARELLA, D. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
ED Emissários do diabo. LEMOS, G. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
EDI-i www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20021011/pri_opi_111002_171.html
EDT-i estado.estadao.com.br/editorias/ 2001/04/28/cad331.html
EDUV-i www.newwaveschool.com.br/alunos/eduardovive/curiosidades.htm

ELL Elle, São Paulo, Abril, 1989. Diversas edições.
ELZ-i www2.uol.com.br/uptodate/elzasoares/port9.html
EM Estado de Minas, Belo Horizonte, ed 17.02.1981, 1993/94. Diversas edições.
EMOV-i ememoveio.tabuleiro.net/2015/201501.html
EN Eles não usam black-tie. GUARNIERI, G. São Paulo, Brasiliense, 1966.
EPR-i espirito.org.br/portal/download/ pdf/reformador-2000-09.pdf
EPT-i eptv.globo.com/noticias/1603200419155775.asp
EQUI-i www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/ noticias/ult263u160.shtml
ESBI-i www.estudosdabiblia.net/200214.htm
ESD-i estado.estadao.com.br/editorias/ 2003/08/17/cad025.html
ESF A Esfinge. PEIXOTO, A. ed.12. Editora Clube do Livrinho Ltda: São Paulo, 1978
ESO-i terra.com.br/esoterico/monica/ colunas/2003/03/04/001.html
ESPO-i mundial2002.esportes.terra.com.br/noticia/ 0,4238,OI28837-EI221,00.html
ESS O Estado de São Paulo, São Paulo, 22.12.1956. Suplemento literário.
EST-i estado.estadao.com.br/editorias/03/05/22/editoriais002.html
ETD-i estado.estadao.com.br/jornal/suplem/fem/99/04/24/fe03.html
ETR Estrela solitária. CASTRO, R. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.
EUJ-i eujaseinamorar.blogspot.com/ 2003_09_01_eujaseinamorar_archive.html
EX Exame, 1993. Várias edições.
EXCL-i exclusivo.terra.com.br/interna/ 0,,OI118463-EI1118,00.html
EXIB-i www.usinadeletras.com.br/ exibelotexto.phtml?cod=5264&cat=Cordel
F O fardão. PEDROSO, B. Rio de Janeiro, Saga, 1967.
FA Fatos e Fotos, Rio de Janeiro, Bloch, 1993. Várias edições.
FAB Fábulas fabulosas. FERNANDES, M. Rio de Janeiro, Nórdica, 1963.
FAEU-i www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/1180.doc
FALE-i www.educacional.com.br/falecom/ psicologa_bd.asp?codtexto=108
FAMI-i www.clickfamilia.org.br/ homem/index_lista_resultado.asp?ID=623
FAN Fantoches. VERISSIMO, E. Porto Alegre, Globo, 1956.
FAV Feliz ano velho. PAIVA, M. R. São Paulo, Brasiliense, 1982.
FH Favela high-tech. LACERDA, M. São Paulo, Scritta, 1993.
FI Ficção e ideologia. CUNHA, F. W. Rio de Janeiro, Pongetti, 1972.
FIL-i filosofiaclinica.com.br/Filosofia%20Clínica%20-%20artigos/ mj/mjprin.html
FINA-i financenter.terra.com.br/Index.cfm/ Fuseaction/Secao/Id_Secao/1953
FISI-i www.fisiculturismo.com.br/ forum2/viewtopic.php?start=15&t=44463
FLOR-i floridareview.com/ed366/falando.htm
FN Folclore nacional. ARAUJO, A. M, São Paulo, Melhoramentos, 1964.
FNS A voz do coração. FONSECA, C., BASTOS, R.
FO Forró no engenho da Cananéia. CALLADO, A. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
FOH-i folhanet.com.br/entrelinhas/eta.html
FOLH-i folhanet.com.br/entrelinhas/bonita.html
FOS Folha de S. Paulo. 18.dez.1998.
FPU-i foruns.publico.pt/showthread.php?threadid=16271
FRE-i fredleal.com/extras/otamanhodafelicidade.html
FREI-i www.freipedro.pt/tb/130100/gua1.htm
FSP Folha de S. Paulo, São Paulo, 1.1.1979; CD-Rom 1994/95.
FSP Folha de São Paulo, São Paulo, 1986. Correspondência, várias edições.
FTPU-i ftp.unb.br/pub/UNB/dan/F.3-22RBA/sessao2/dantona.pdf
G Os guaxos. LESSA, O. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1959.
GA Gota d'água. HOLLANDA, C. B. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
GAE-i gazetaesportiva.net/porondeanda/futebol/felix.html
GAP A Gazeta do Paraná. 12.set.2000.
GAT Galo das trevas. NAVA, P. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981.
GBON-i www.gilbertobragaonline.com/vt/cap15.html

GCC Guerra do Cansa Cavalo. Luis O. São Paulo, Cons. Est. de Cultura, 1965.
GD O ganhador. BRANDÃO, I. L. São Paulo, Global, 1987.
GE A grande estiagem. GONDINI FILHO, I. Rio de Janeiro, Dramas e Comédias, 1955.
GEO-i geographia.blogspot.com/ 2003_03_02_geographia_archive.html
GES-i gesbanha.pt/mais/destaques/bom_senso.html
GGI-i gilbertogil.com.br/letras/extra2.html
GI Galvez, O imperador do Acre. SOUZA, M. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
GISE-i www.giselecosta.blogger.com.br/
GL Globo Rural. Rede Globo de Televisão ns. 8, 15, 17, 18, 43.
GLOB-i globoforum.globo.com/Globo.com/GloboForum/0,6993,UY0-1219-13%7C217%7C1966763%7C1,00.html
GRE A greve dos desempregados. BELTRÃO, L. São Paulo, Cortez, 1984.
GREI-i www.greia.com.br/copa0707.html
GRO Grotão do café amarelo. MARINS, F. F. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1969.
GRO-i //br.groups.yahoo.com/group/politica-br/message/2615
GRS-i grosseria.tk/asp/dsp_noticia.asp?cd_noticia=384
GTT *Um gato na terra do tamborim.* DIAFÉRIA, L. São Paulo, Símbolo, 1977.
GUIA-i www.guiarh.com.br/ARTIGO189.htm
GUI-i terravista.pt/Guincho/2482/bunuel.html
GZT Gazeta Alagoas. Maceió, 2000.
HEA-i geocities.com/Heartland/Valley/2571/mensagemje.html
HLI-i geocities.yahoo.com.br/historiaslibertinas/menageMasculino/visitaInesperada.html
HMB Historio Militar do Brasil. BARROSO, Ano do original: 1935 São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1935.
HOME-i www2.uol.com.br/infopessoal/noticias/ _HOME_OUTRAS_183687.shtml
HOT-i hotbook.com.br/con01jmm.pdf
HUM-i humanistas.blogspot.com/ 2003_06_08_humanistas_archive.html
HUMO-i humortadela.uol.com.br/piadas/piadas_racas_3.html
I Irene. BLOCK, P. Rio de Janeiro, Talmagráfica, 1953.
IC A Ilha de Circe (Mister Sexo). BETHENCOURT, J. São Paulo, Brasiliense, 1966.
ICAM-i www.instituto-camoes.pt/revista/impholanda.htm
ID O ídolo de Cedro. BORGES, D. São Paulo, Livres Artes, 1965.
IIS-i www.iis.com.br/~cat/infoetc/564.htm
ILH-i terravista.pt/ilhadomel/5682/fábulas.html
ILUS-i www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ooops/
IME-i terra.com.br/istoe/1750/medicina/ 1750_chave_da_vida_01.html
IN A invasão. GOMES, D. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1962.
INC Incidente em Antares. VERISSIMO, E. São Paulo, Globo, 1996.
INES-i www.geocities.com/jornaldarede/inesquecivel_ep2.htm
ING-i integrando.com.br/interando/indice/ 6-jun99/adolescencia%20lucia.html
INRN-i noticias.terra.com.br/brasil/interna/ 0,,OI257929-EI316,00.html
INT Interview, São Paulo, ns. 157/161, Inter Ed., 1993.
INU-i inutilidadesemgeral.blogspot.com/
IS Isto é, São Paulo, n. 252, Ed. Três, 18.8.1982
ISC-i terra.com.br/istoe/ciencia/140024.html
ISD-i terra.com.br/istoedinheiro/209/moeda/
ISTO-i www.terra.com.br/istoe/1769/economia/ 1769_sonho_mudou_02.htm
JA Jornal de Alagoas, Maceió, 1992. Várias edições.
JANG-i jangadabrasil.com.br/revista/marco64/especial6413.asp
JAN-i jangadabrasil.com.br/julho23/pa23070b.html
JC Jornal do Comércio, Recife, 06.03.1981; 13.09.2000. Recortes.
JEX-i jornalexpress.com.br/noticias/detalhes.php?id_jornal=7737&id_noticia=115
JM A janela e o morro. LIMA, G. E. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.

JNW-i janelanaweb.com/manageme/andersen.html
JOE-i estado.estadao.com.br/colunistas/ joelmir/2002/04/joelmir020416.html
JOEL-i www.joelmirbeting.com.br/ noticias.asp?IdNews=24216&IdGnews=2
JOVE-i www.samba-choro.com.br/artistas/jovelinaperolanegra
JT João Ternura. MACHADO, A. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.
JTE-i jt.estadao.com.br/noticias/99/08/28/sa5.html
KCR-i members.tripod.com.br/kocher/port/port_f01.html
KHO-i geocities.yahoo.com.br/khosta_2000/a.html
LACA-i laca.blogspot.com/2003_08_01_laca_archive.html
LAGO-i lagoinha.com/forum/forum_ver.asp?SalaCodigo=74
LAM-i lamentira.huevoluciona.com/chega/
LC Lobos e cordeiros. LOPES, E. São Paulo, Moderna, 1983.
LEFE-i www.lefebvre.blogspot.com/ 2002_12_01_lefebvre_archive.html
LOUD-i www.loude-lievre.org/pages/capvert/cap05.html
LUDM-i ludmille.blig.ig.com.br/inicial.html
LUS O lustre. LISPECTOR, C. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
MAD-i madhouse.blogger.com.br/2003_06_22_archive.html
MADO-i madorlando.blogger.com.br/2003_06_01_archive.html
MAG-i geocities.yahoo.com.br/magatown2/disse4.html
MAI-i casadamaite.com/vida/faq/info/info76.html
MAIU-i an.uol.com.br/2004/mar/02/0eco.htm
MAL Música ao longe. VERISSIMO, E. Porto Alegre, Globo, 1956.
MAN Manchete, Rio de Janeiro, ns. 1027/1222, Bloch, dez. 1971/dez. 1975.
MARC-i www.marciobamberg.com.br/ portal_conteudo_noticia_01.html
MAUR-i www.monica.com.br/mauricio/cronicas/cron211.htm
MD Mandala. GOMES, D. Rede Globo de Televisão, 1988.
MEM-i //members.fortunecity.com/manzonni/arkady.html]
MEN Meninas da noite. DIMENSTEIN, G. São Paulo, Ática, 1992.
MET-i metalgirl.blig.ig.com.br/inicial.html
MILE-i www.milenio.com.br/milenio/noticias/ntc.asp?Cod=4303
ML Memórias do Lázaro. ADONIAS FILHO. 3. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.
MMM Memorial de Maria Moura. QUEIROZ, R. São Paulo, Siciliano, 1992.
MNL-i minasdeleitura.com.br/livros/000596.html
MOED-i www.terra.com.br/istoedinheiro/209/moeda/
MON-i mondoredondo.blogger.com.br/ 2003_08_01_archive.html
MP A morte da porta-estandarte. MACHADO, A. J. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.
MPB Malagueta, Perus e Bacanaço. ANTONIO, J. 4. ed. Civilização Brasileira, 1976.
MPF Murro em ponta de faca. BOAL, A. São Paulo, Hucitec, 1978.
MRF. Marafa. REBELO, M. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1966.
MUND-i www.mundodejuliana.blogger.com.br/
MUN-i mundode.com/Economia/antigas/futaniqui.html
MZ Marco zero 2, Chão. ANDRADE, O. 2 ed, 1974.
NAM Novo Amor. CARLOS, M. Rede Globo de Teelevisão, 1982/83.
NAME-i nameyourgame.blogspot.com/ 2002_09_22_nameyourgame_archive.html
NATA-i www.ecclesia.pt/liturgia_dia/anoc/natal/missa_dia.htm
NAVE-i br.groups.yahoo.com/group/Naveluz/message/8654
NAV-i navedapalavra.com.br/contos/encarnacao.html
NBN Nos bastidores da notícia. GARCIA A. São Paulo, Globo, 1991.
NC A navalha na carne. MARCOS, P. São Paulo, Senzala, 1968.
NCO Ninho de Cobras - Uma História Mal Contada - (A escalada do terror na noite de uma ditadura).
NEA-i nead.unama.br/livros/pdf/autodabarca.pdf
NED-i diariodonordeste.globo.com/2001/08/05/060007.html
NEPT-i neptuno.uevora.pt/ambio/122002/msg00160.html

NFLA-i www.netflash.com.br/ecologia/eco-nomia.htm
NI Um ninho de mafagafes cheio de mafagatinhos. CARVALHO, J. C. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972. (Coleção Sagarana, V. 91)
NOD Nó de quatro pernas.TOURINHO, N. Revista de Teatro, Rio de Janeiro, n. 457, 1986.
NOI-i ig.com.br/paginas/novoigler/livros/luzia_homem_domingos_olimpio/ cap16a18.html
NOOL-i www.noolhar.com/eleicoes/jovens/184983.html
NORO-i www.diariodonoroeste.com.br/edicao/ 2003/01/15/carona.htm
NOS-i nossaregiao.com.br/jornaldaliberdade/site-liberdade/humor/humor.html
NOV Nova, São Paulo, Abril, jun. 1978.
NOVM-i novomilenio.inf.br/idioma/cpmlista.htm
OAQ O aquário. CASSTRORO, L. P. Rio de Janeiro, José Álvaro, 1970.
OBI-i observatoriodaimprensa.com.br/ caixa/cp220120032.html
OBSE-i observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/ artigos/da090420034.htm
ODA-i odia.ig.com.br/odia/odiad/cd110922.html
ODIA-i www.odiarionf.com.br/abril/21042003/ opiniao/direta.html
ODI-i observatoriodaimprensa.com.br/ caixa/cp240620035.html
OEI-i cm-oeiras.pt/Revista/2002_06/entrevista2.html
OEP O Estado do Pará, Belém, 1992. Várias edições.
OEST-i oeste.info/noticias/show.asp?nid=4334
OI O Imparcial, São Luís, 20.12.1979, p. 7.
OIM-i observatoriodaimprensa.com.br/artigos/fd020420034.html
OIS-i oisaojose.com.br/jul02/culturajul02.html
OLAV-i www.olavodecarvalho.org/semana/08242002epoca.htm
OM Ópera do malandro. HOLLANDA, C. B. 3. ed. São Paulo, Cultura, 1980.
OMT O matador. MELO, P. 1. ed. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.
ONE-i oneworld.org/ccj/artigos/cebi/070402.html
OPI-i opio.com.br/elucubrando.asp
OPO-i www2.opopular.com.br/anteriores/ 07ago2003/Mail/cartas.html
OPRT-i www.operestroika.com.br/article.php?sid=5
ORM Orminda.GARCIA, J. B. 6 ed. Capivari, EME, 1994.
ORU-i oruminante.com.br/LstTxt.asp?CodTxt=342
OS Os servos da morte. ADONIAS FILHO. 2. ed. Rio de Janeiro, GRD, 1965.
OSD Os desvalidos. DANTAS, E G. C. São Paulo, Cia. das Letras, 1993.
OSP O Sargento Pedro. MARQUES, X. ed. Convênio com o instituto nacional do livro, Ministério da educação e cultura, 1976.
PAN-i pangloss.blogger.com.br/2003_10_01_archive.html
PAO O pão de cada dia. PIÑON, N. Rio Janeiro, Nova Fronteira, 1994.
PAPN-i www.paponosso.com.br/Pages/Papo_Antigo.asp?artigo=442
PAR-i pards.hpg.ig.com.br/monkey_island_4.html
PASSA-i www.passaportebrasil.com.br/ - 43k
PAUD-i www.paudabarraca.com.br/paginas/servicos.htm
PAZC-i br.groups.yahoo.com/group/Paz-de-Cristo/message/695
PD Pedra sobre pedra. Rede Globo de Televisão.
PE Práticas escolares. D'ÁVILA, A. São Paulo, Saraiva, 1954. vol. 3.
PED Pedro pedreiro. PALLOTTINI, R. Revista de Teatro, Rio de Janeiro, n. 458, 1986.
PEL A pena e a lei. SUASSUNA, A. 2. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1975.
PEL-i peloburacodafechadura.blig.ig.com.br/
P-EM O Estado de Minas, Belo Horizonte, 1992. Propagandas.
PERD-i www.oficinadeteatro.com/ textos/Perdoa-me%20por%20me%20traires.doc
PERE-i www.filologia.org.br/pereira/ textos/aorigemdasfrases2.htm
PERS-i www.persocom.com.br/brasilia/querover.htm
PESC-i www.pesca.com.br/sabe/
PFV Paixão e fim de Valério Caluete. ARAÚJO, J. G. Rio de Janeiro, Agir-MEC, 1978.

PIC-i picarelli.com.br/o_povo_na_tv/report23122002a.htm
PINC-i www.pinconsciente.blogger.com.br/
PJT-i pjtsalina.codigolivre.org.br/news/linux/130508.html
PLA Placar, 1989. Várias edições.
PLAY-i www.players.com.br/ forum/topic.asp?TOPIC_ID=36817&whichpage=2&ARCHIVE=
PLU-i publico.pt/cmf/autores/tomasMann/paixao.html
PNB-i pernambuco.com/diario/2003/09/20/info11_0.html
PO O que é pornografia. MORAES, E. R. & Lapeiz, S. M. São Paulo, Brasiliense, 1984. (Col. Primeiros Passos, v. 128)
POL Políticas de preços da energia no Brasil. Brasília, Senado Federal, 1991.
POL-i polosopostos.globo.com/
POM O Brasil na administração pombalina. PEDROSO, A. S., São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1940.
PORA-i www.circulando.com/poraodounabomber/ 004_03marco/marco1.htm
PORT-i portrasdasletras.folhadaregiao.com.br/ expressoesinteressantes.html
POS-i polzonoff.com.br/artigos/archives/000370.html
PR A pedra do reino. SUASSUNA, A. 3. ed Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
PREV-i www.terra.com.br/istoedinheiro/228/onde_investir/ 228_previdencia_para_todos.htm
PRV-i prosaeverso.com/col/cissa/ um_macho_com_seus_botoes.html
PS O que é psicanálise. CESAROTTO, O. & LEITE, M. P. S. São Paulo, Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos, v. 133)
PUR Pureza. REGO. J. L. Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olympio, 1937
Q Quarup. CALLADO, A. 2. ed. São Paulo, Círculo do Livro, 1974.
QDE Quarto de despejo. JESUS, C. M. São Paulo, Paulo de Azevedo, 1960.
QUER-i querocasar.blogger.com.br/2003_07_20_archive.html
RAB-i rabiola.gmxhome.de/TscTscTsc/flavia/1.html
RAN-i ranchodaamizade.tripod.com.br/ranchodaamizade/id5.html
RE A resistência. AMARAL, M. A. S. Rio de Janeiro, MEC/DAC/Funarte, 1978.
REA Realidade, São Paulo, Abril, 1968. Várias edições.
REB-i rebelion.org/brasil/030808braga.html
REC-i orecifeassombrado.com.br/1cont-mon.html
REDG-i redeglobo6.globo.com/ RJTV/0,19125,VRV0-3119-45724-20040316-391,00.html
REI O Rei de Ramos. GOMES, D. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
REL Relato de um certo Oriente. HATOUM, M. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.
REL-i releituras.com/ivanangelo_menu.asp
RELT-i www.releituras.com/rduailibi_frases03.asp
RI Imprensa, São Paulo, Imprensa Graf. Ed., 1989. Várias edições.
RIE-i rienafaire.blogspot.com/ 2002_07_01_dropsdafal_archive.html
RIR Um rio imita o Reno. MOOG, V. S. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
RO Rosamundo e os outros. PONTE PRETA, S. 2. ed. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1963.
RPGC-i www.rpg.com.br/ modules.php?name=News&file=article&sid=762
RV Roda viva. HOLLANDA, C. B. Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.
S Serras azuis. LIMA, G, F. 3. ed. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1976.
SA Sagarana. ROSA, J. G. Rio de Janeiro, José Olympio, 1951.
SAIA-i www.justasullengirl.blogspot.com/
SALA-i www.salamaleico.blogger.com.br/2003_06_01_archive.html
SAM-i samba-choro.com.br/s-c/tribuna/ samba-choro.0010/0235.html
SAN-i sanomundodalua.blig.ig.com.br/
SAOP-i www.saopaulofc.com.br/news.php?cod=2583
SAR SargentoGetúlio. RIBEIRO, J. U. 7. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
SC Seria cômico se não fosse trágico. RANGEL, F. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
SCH-i samba-choro.com.br/debates/1020131846
SD Sete dias a cavalo. BORBA FILHO, H. Porto Alegre, Globo, 1975.
SE Os sete pecados capitais, ROSA, J. G. Rio de Janeiro, Civilizaçao Brasileira, 1964.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

SEBR-i www.sebraepb.com.br/
SEC-i secrel.com.br/jpoesia/papeisdooutono2.html
SECR-i www.secrel.com.br/jpoesia/elucin01.html
SERR-i serradamesa.com.br/estancia.htm
SI-O Senador Pedro Simon - Discursos e Projetos 1993. Discurso de Pedro Simon, Brasília, 1995.
SITC-i www.sit.com.br/SeparataCP0011.htm
SL O sorriso do lagarto. RIBEIRO, J. U. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
SLID-i www.slidet.pop.com.br/verve/nme01.htm
SOLU-i www.solucoesweb.com/empreendedores/ entrevistas.asp?cod=42
SON-i sosni.com.br/erick/2002/erick39.html
SOP-i sopavirtual.blogger.com.br/2003_08_01_archive.html
SOS-i sosserve.net/amiz1h21.html
SPI Spiros. JOCKMAN, S. Brasília, Mec Seac, 1977.
SS Saudades do século XX. CASTRO, R. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.
STAR-i www.terra.com.br/cinema/starwars/notic47.htm
STBO-i www.stb.org.br/lojafenix/palestra60.htm
STU-i stuffbox.blogger.com.br/2003_04_01_archive.html
SUNS-i www.geocities.com/SunsetStrip/Alley/1290/sinesio.htm
SVDB-i www.svdbrasil.org/ biblico/mostrar.asp?name=3advento.htm
T O telefone amarelo. ANISIO, F. R. J. São Paulo, Rocco, 1979.
TA O que é tarô. URBAN, P. São Paulo, Brasiliense, 1992. (Coleção Primeiros Passos, v. 263)
TA-O Discursos - Aurélio Lira Tavares. ANAIS DA CAMARA DOS DEPUTADOS. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do IBGE, 1970.
TART-i www.tartablog.blogger.com.br/2003_06_01_archive.html
TEG Teatro de G. Figueiredo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964. Quatro peças.
TER-i terebentina.blogger.com.br/2003_04_20_archive.html
TG Tocaia grande. AMADO, J. Rio de Janeiro, Record, 1984.
TGG Teatro de G. Guarnieri. São Paulo, Hucitec, 1988. Texto para TV.
TMOR-i timor.no.sapo.pt/dictcrocodilo.html
TODO-i www.pontonet.com.br/todosartigos/080498jc.asp
TPR Tragédia para rir. FICUEIREDO, G. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1958.
TRA-i tribuna.inf.br/anteriores/2003/ julho/03/bis.asp?bis=cultura03
TRB-i tribunadaimprensa.com.br/anteriores/2001/dezembro/28/coluna.asp?coluna=machado
TRBU-i www.tribunadonorte.com.br/anteriores/ 030305/natal/natal2.html
TRID-i atribunadigital.globo.com/saladeentrevista/ rodrigaovolei.htm
TRI-i tribuna.inf.br/anteriores/2003/marco/18/noticia.asp?noticia=internacional04
TRNU-i www.tribunadaimprensa.com.br/anteriores/ ontem/bis.asp?bis=marciog
TRP-i tripsession.blogger.com.br/
TS Tambores de São Luis. MONTELLO, J. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
TSF Terras do sem fim. São Paulo:Livraria Martins Editora, 1957.
TV O tempo e o vento - O continente. VERÍSSIMO, E. Rio de Janeiro, Globo, 1956. Tomo II.
TVPR-i www.tvpress.com.br/circuitointerno.htm
TVT-i tv.terra.com.br/jornaldoterra/interna/ 0,,OI36488-EI2413,00.html
U Um copo de cólera. NASSAR, R. São Paulo, Livraria Cultura, 1978.
UADL-i www.univ.com.br/acmm/Diversos/Leituras/ Como_mentir/TXT/CAPITULO-01.htm
UC O último carro. NEVES, J. Rio de Janeiro, MEC, 1976.
UFP-i ufop.br/jufop/159/opiniao.html
ULTR-i www.ultraman.com.br/faq.htm
UMS Um lugar ao sol. VERÍSSIMO, E. 1978.
UNDE-i www.underweb.com.br/artigos.asp?cod=718
UNIV-i www.universiabrasil.net/nextwave/ver_materia.jsp?materia=117&subcanal=19
UNM Um nome de mulher. LOVADA, M. C. TV Manchete, 1985.
UOLC-i an.uol.com.br/2003/ago/23/0opi.htm

UOLJ-i an.uol.com.br/2001/jul/17/0esp.htm
UQ A última quimera. MIRANDA, A. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.
US Um sábado em 30. MARINHO, L. Revista de Teatro, Rio de Janeiro, n. 453, 1963.
USN Usina. REGO, J. L. 1973.
VAN-i vaniadiniz.pro.br/ea_causo6.html
VASC-i www.vascaonet.com.br/noti_031103_03.htm
VB Uma vida em flor de Dona Beja. VASCONCELOS, A. 5. ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1988.
VEJ Veja, São Paulo, Abril, 1979. Várias edições.
VER Veranico de janeiro. BERNARDO, E. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
VES O valete de espadas. MOURÃO, G. M. Rio de Janeiro, Guanabara,1965.
VI Vinte histórias curtas. DINES, A. Rio de Janeiro, Antunes, 1960.
VID-i editoravida.com.br/vida_negocios/business_03.asp
VIEW-i correioweb.com.br/ forum/viewtopic.htm?fid=30&tid=49791&page=12
VIO-i eptv.globo.com/viola/violeiros-mazinho.asp
VIRT-i virtualbooks.terra.com.br/freebook/infantis/ como_o_acucar_veio_ao_mundo.htm
VIS Visão, São Paulo, Ed. Visão, 39/40, 1970.; 26.05.1975.
VONT-i vontade.de/ler/rew_txt.htm
VP A vila de prata. MONIZ, E. Revista dos Tribunais, São Paulo, MEC, 1956.
VPB Viva o povo brasileiro. RIBEIRO, J. U. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
WAS WASSERMANN, J. trad. Otávio de Faria e Adonias Filho. Victor Civita, 1982
WEB-i an.locaweb.com.br/Webindependente/comdeus/passos.html
XA O xangô de Baker Street. SOARES. J. 1. ed. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.
YASM-i www.yasmin.hpg.ig.com.br/Ocompanheiroinseparavel.html
ZOBL-i www.zobles.blogspot.com/

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, A. **O dialeto caipira:** gramática e vocabulário. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, Brasília: INL, 1982.

BALDINGER, K. **Teoria Semántica**: hacia una semántica moderna. Madrid: Alcalá, 1970.

BÁRDOSI, N. Problèmes posés par le traitement lexicographique des figés dans les dictionnaires français. **Fremdsprachen Lehren und Lernen**, n. 21, p.104-116, 1992.

BEVILAQUA, C. R. Tipologia e dicionário. **Cadernos do Instituto de Letras da UFRS**. Porto Alegre, n. 10, p. 17-22, 1993.

BIDERMAN, M. T. C. A unidade lexical e o lema do dicionário de língua. **Corpo e Voz,** Sériencontros, ano XV, n. 1, p. 71-6, 1997.

BIDERMAN, M. T. C. **Dicionário contemporâneo de português.** Petrópolis: Vozes, 1992.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. **Alfa**. São Paulo, v. 28, supl., p.1-26, 1984.

BIDERMAN, M. T. **Teoria lingüística:** lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BORBA, F. S. **Organização de dicionários:** uma introdução à lexicografia. São Paulo: Ed. Unesp, 2003. 356 p.

BOYSEN, G. Les informations du dictionnaire bilingue - équivalents ou champs sémantiques? **Cahiers de Lexicologie**. Paris, n. 66-57, p. 45-9, 1990.

CAMARGO, S., STEINBERG, M. **Dicionário das expressões idiomáticas metafóricas** inglês-português. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.

CASCUDO, L. C. **Locuções tradicionais no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, Natal: UFRN, 1977.

DANLOS, L. Les expressions figées. **Langages**, n. 90, p. 23-38, 1988.

DANLOS, L. La morphosyntaxe des expressions figées. **Langages**, n. 63, p. 53-74, 1981.

DARBELNET, J. Dictionnaires bilingues et lexicologie différentielle. **Langages**, n. 19, p. 92-102, 1970.

DÉBYSER, F. De meilleurs dictionnaires bilingues? **Le français dans le monde**. Paris, n. 159, p. 37-42, 1981.

DIAZ, O. Observations sur les expressions lexicalisées. **Cahier du Centre Interdisciplinaire des sciences du langage**. Toulouse, n. 5, p. 139-152, 1984.

DUFAYS, J.-L. Dictionnaires, clichés et doxa: voyage en stéréotypie. **Le français aujourd'hui**, n. 94, p. 27-35, 1991.

DUVAL, A. Nature et valeur de la traduction dans les dictionnaires bilingues. **Cahiers de Lexicologie**. Paris, n. 56-57, p. 27-33, 1990.

ETTINGER, S. Formación de palabras y fraseología en la lexicografía. In: HAENSCH, G. et al. **La lexicografía:** de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, p. 233-58, 1982.

FERREIRA, A.B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

FUCHS, C. **La paraphrase.** Paris: PUF, 1982.

GROSS, M. Les limites de la phrase figée. **Langages**, n. 90, p. 7-22, 1988.

GROSS, M. Les nominalisations d'expressions figées. **Langue Française**, n. 69, p. 64-84, 1986.

GROSS, M. Une classification des phrases "figées" du français. **Revue québécoise de linguistique.** Montréal, v. 2, n. 11, p. 151-185, 1982.

HAENSCH, G. et al. **La Lexicografia:** de la lingüística teórica a la lexicografia práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HEGER, K. **Teoría Semántica:** hacia uma semántica moderna. vol. II. Madri: Alcalá, 1974.

LODOVICI, F. M. M. **Elementos constitutivos dos idiomatismos no português do Brasil.** São Paulo, 1989, 262 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas: Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas) - Pontifícia Universidade Católica.

MAGALHÃES JR., R. **Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos**. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.

MORGAN, J. R. **Expressões idiomáticas inglês-português**. Ed. C. Q., s.d.

NASCENTES, A. **Tesouro da fraseologia brasileira**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

PICOCHE, J. **Précis de lexicologie française**. 2. ed. Paris : Nathan, 1992.

PUGLIESI, M. **Dicionário de expressões idiomáticas** - locuções usuais da língua portuguesa. São Paulo: Parma, 1981.

REY, A. Les écarts culturels dans les dictionnaires bilingues. **Lexicographica**, n. 2, p. 33-42, 1986.

RIBEIRO, J. **Frases feitas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. Correspondência idiomática intra e interlínguas. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**. v. 2, n. 2, p. 93-100, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

SABINO, F. **Lugares-comuns**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

SERPA, O. **Dicionário de expressões idiomáticas** inglês-português / português-inglês. 4. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

SILVA, D. **A vida íntima das palavras:** origens e curiosidades da língua portuguesa. São Paulo: Arx, 2002.

SILVA, E. C. **Dicionário de locuções da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Bloch, 1975.

SIGNER, R. **Dicionário brasileiro** francês-português / português-francês. São Paulo: Oficina de Textos, 1998.

XATARA, C. M. Les expressions idiomatiques: de la marginalitè à la reconnaissance. **Français dans le monde.** Paris, 319, jan/fev. 2002.

XATARA, C.; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. As dificuldades na tradução de idiomatismos. **Cadernos de Tradução.** Florianópolis, n. 8. p. 183-194, 2001/2.

XATARA, C. M. O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. **Trabalhos de Lingüística Aplicada.** Campinas, jan.jun. 2001.

XATARA, C. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa.** São Paulo, v. 42, (n. esp.), p.147-158, 1998.

ZAVAGLIA, C. **Os cromônimos no italiano e no português do Brasil:** uma análise comparativa. São Paulo, 1996, 292 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

ZULUAGA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt : Peter D. Lang, 1980.

FONTES DO PIP

ALBOUZE, P. **Les idiomatics francés-portugués / portugués-francés**. Paris: Seuil, 1990.

AMARAL, A. **O dialeto caipira:** gramática e vocabulário. 4.ed. São Paulo: HUCITEC, Brasília: INL, 1982. 195p.

ANAYA, M. S. **Mil modismos y origen de muchos de ellos** con la equivalencia en frances e ingles. Salamanca, 1988. 255p.

AZEVEDO, D. **Grande dicionário francês-português**. 10.ed. Lisboa: Bertrand, 1988. 1499p.

AZEVEDO, D. **Grande dicionário português-francês.** 4.ed. Lisboa: Bertrand. 1975.

BERNET, C., RÉZEAU, P. **Dictionnaire du français parlé.** Le monde des expressions familières. Paris: Seuil, 1989. 382p.

BIDERMAN, M. T. C. **Dicionário contemporâneo de português.** Petrópolis: Vozes, 1992. 965p.

BRETAUD, R., MATTOS, J. P. J. **Dicionário de idiomatismos francês-português / português-francês**. Rio de Janeiro: Marques-Saraiva, 1990. 257p.

CAMARGO, S., STEINBERG, M. **Dicionário das expressões idiomáticas metafóricas inglês-português.** São Paulo: McGraw-Hill, 1987. 228p.

CAMPOS, A. M. **Dicionário francês-português de locuções**. São Paulo: Ática, 1980. 301p.

CASCUDO, L.C. ***Locuções tradicionais no Brasil.*** 2.ed. Rio de Janeiro: FUNARTE / Natal: UFRN, 1977, 236p.

CELLARD, J. **Ça mange pas de pain!** Paris: Hachette, 1982. 285p.

DICTIONNAIRE Encyclopédique électronique. Paris: Hachette, Saint Denis: Franklin Electronic Publishers, 1995.

DUNETON, C., CLAVAL, S. **Le bouquet des expressions imagées** - encyclopédie thématique des locutions figurées de la langue française. Paris: Seuil, 1990. 1378 p.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GERMA, P. **Dictionnaire des expressions toutes faites.** Montréal: Libre Expression, 1987.

GIRARD, S. **Dictionnaire des expressions animalières français-anglais-espagnol-allemand-italien**. Bromley: Harrap, 1989.

GRÉVERAND. **Nom d'un chien!** Les animaux dans les expressions du langage courant. Paris-Gembloux: Duculot, 1988.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAFLEUR, B. **Dictionnaire des locutions idiomatiques françaises.** Berne: Petre Lang, 1979. 661p.

LAIR, M. **On ne prête qu'aux riches.** Paris: Acropole, 1991.

LAIR, M. **A la fortune du pot.** Paris: Acropole, 1989.

LE NOUVEAU petit Robert. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris: Robert, 1996.

MAGALHÃES JR., R. **Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos.** Rio de Janeiro: Documentário, 1974.

MORGAN, J. R. **Expressões idiomáticas inglês-português.** Ed. C. Q., s.d. 222p

NASCENTES, A. **Tesouro da fraseologia brasileira**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966. 316p.

PUGLIESI, M. **Dicionário de expressões idiomáticas** - locuções usuais da língua portuguesa. São Paulo: Parma, 1981. 309p.

RAMEAU, L., WEIL, S. **Trésor des expressions françaises.** Paris: Belin, 1981.

REY, A., CHANTREAU, S. **Dictionnaire des expressions et locutions**. 2.ed. Paris: Robert, 1994. 888p.

RIBEIRO, J. **Frases feitas.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

ROLAND, P. **Skidiz.** Coll. Outils. Paris: Hachette, 1977. 87p.

SABINO, F. **Lugares-comuns.** 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1984. 171p.

SERPA, O. **Dicionário de expressões idiomáticas inglês-português / português-inglês.** 4.ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982. 373p.

SIGNER, R. **Dicionário brasileiro francês-português / português-francês.** São Paulo: Oficina de Textos, 1998. 481p.

SILVA, E. C. **Dicionário de locuções da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Bloch, 1975. 419p.

SPITZER, C. **Dicionário analógico:** tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa. 3.ed. Porto Alegre: Globo, 1952. 389p.

TYBERG, S. **D'où vient cette expression?** Bélgica: Chantecler, 1995. 165p.

VIGERIE, P. **La symphonie animale** - les animaux dans les expressions de la langue française. Paris: Larousse, 1992.

XATARA, C. M., OLIVEIRA, W. A. L. **Dicionário de falsos cognatos francês-português / português-francês**. São Paulo: Schimidt, 1995. 233p.

ANEXO

abandonar
abandono
abortar
acabar
acalmar (-se)
acaso
aceitar
acesso
acobertar
acolher
acomodar
acompanhar
aconselhar
acontecimento
acordar
acreditar
acrescentar
adequação
adequar
adiantar
adiar
adivinhar
adoção
adulto
adversidade
afeto
afinidade
agilidade
agir
agitação
agourar
agradecer
agredir
agressividade
agrupar
ajudar
ajustar
aleatório
alegria
alho
aliar-se
aliviar
alojar
altura
amadurecer
amar
amarelo
ameaçar
América
amizade
amor
andar
anedota
angústia
ânimo
anonimato
ansiedade
antigo
antipatizar
anti-social
ânus
apaixonar-se
apanhar
aparecer
aparência
apaziguar
apegar-se
apelar
apoiar
apostar
apreço
aprender
apresentar
apressar
aprisionar
aprofundar
aprontar
aprovação
aproveitar
aproximar
argumentar
arma
armadilha
arrepender-se
arriscar
arrogância
arrumar-se
assaltar
assanhamento
assassinar
assemelhar (-se)
assiduidade
associar
assumir
assunto
assustar
atentar
atenuar
ater-se
atirar
atrair
atrapalhar
atrever
atual
ausência
austeridade
autocrítica
auto-estima
autorizar
avaliar
avareza
avisar
azar
azul
barato
barba
barriga
bater
beato
beijar
beleza
bem-vestido
bens
bisbilhotar
bissexualidade
boca
bom-gosto
bondade
boxe
branco
brega
brevidade
brigar
brincar
bunda
buscar
cabeça
cabelo
cadeia
caixão
calar
calça
caligrafia
calma
calor
calvície
campanha
cansar
cantar
capacidade
caráter
cargo
carinho
caro
carregar
casamento



castigar
cedo
celibatário
cemitério
cérebro
certeza
chatear
China
chorar
chuva
cinema
cintura
circunstância
cirurgia
cismar
ciúme
cobrar
cocaína
colaborar
coluna vertebral
combinar
começar
comemorar
comer
comodidade
comparecer
complementar
completar
comportar-se
comprar
compreender
compreensão
comprometer (-se)
comprovar
concluir
concordar
concorrer
condenar
condição
confiança
confirmar
conflito
conforto
confrontar
confundir
conhecer
conhecimento
conquistar
conscientizar
conseguir
consentir
conseqüência
consertar
considerar
consolo
constranger
continuidade
contorcer
contraditório
contradizer
contragosto
contrapartida
contrariar
contrato
controlar
conversar
coragem
correr
corrigir
corromper
corrupção
costumar
covardia
cozinhar
credibilidade
crença
criança
criticar
cuidar
culpar
cumprimentar
curar
curiosidade
dançar
dar
debater
decepcionar
declarar
decote
dedicar
defecar
defeito
defender
definir
delegado
delicadeza
demitir (-se)
démodé
demorar
dente
denunciar
depender
depreciar
depressão
derrotar
desabafar
desacreditar
desafiar
desagradar
desanimar
desaparecer
desaprovar
descansar
descobrir
descomprometer
desconfiar
desconhecer
desconsiderar
descontrair
descontrolar
descuidar
desejar
desentender
desequilíbrio
desestabilizar
desestimular
desfazer
desinteressar
desistir
desmoralizar
desmotivar
desobedecer
desorganizar
desorientar
despedir-se
despreocupar
despreparo
desprezar
desregrado
desrespeitar
destacar
destituir
destruir
desviar
desvincular
detalhar
determinar (-se)
Deus
dia
diabo
diferença
difícil
dificuldade
difundir
dilema
diminuir
dinheiro
direção
direito

unesp

diretamente
dirigir (-se)
discernir
disciplinar
discordar
discrição
discriminar
discussão
discutir
disparidade
dispersar
disponibilizar
disputar
distância
distrair (-se)
divertir
dívida
doçura
doença
dominar
dor
dormir
economizar
educar
efêmero
efetuar
eficiência
elegância
eliminar
elogiar
eloqüência
emagrecer
embriaguez
emocionar (-se)
emprego
encerrar
enfrentar
engordar
engraçado
enojar (-se)
entender
enterro
entregar
envolver
equilíbrio
equivocar-se
errar
esbanjar
esbravejar
escala
escandalizar
escassez
esclarecer
escolher
esconder
esconderijo
escrita
esfaquear
esforçar-se
esgotar
esnobar
especialidade
espécie
espelhar-se
esperança
esperar
esperteza
espionar
espiral
esquecer
esquecimento
esquivar-se
essencial
estabelecer
estado
estagnar
estar
estatura
estimular
estrábico
estranhar
estudar
eventual
evidente
exagerar
exaltar
exatidão
exceção
excedente
excentricidade
excesso
excitar (-se)
exercitar (-se)
exibir
exigir
expandir
experiência
expiação
explicar
expulsar
extravagância
extremismo
exuberância
face
facilidade
facilitar
falar
falência
falhar
falsidade
faltar
fama
família
familiarizar-se
fanhoso
farrear
fartura
fé
febril
fechar
fedor
feiúra
felicidade
ferir (-se)
fiado
fidelidade
fila
fim
fingir
flagrar
flexibilidade
fofocar
folgar
força
forçar
forma
formalidade
fornecer
fortalecer
fracasso
fragilidade
fragmento
fraqueza
frieza
frio
fugir
fumar
fundamental
gaguejar
ganância
garantir
garganta
gastar
gastos
generosidade
genialidade
gentileza
glorioso
gostar



governar
grande
grandiosidade
gratuidade
gravidez
gritar
grosseria
grupo
guardar
gueto
habilidade
hesitar
heterossexualidade
higiene
hipocondríaco
hipocrisia
homem
homenagear
homossexualidade
honestidade
honrar
hora
humano
humildade
humilhar (-se)
humor
idealizar
idéia
idiotice
idolatrar
ignorância
igreja
igualdade
ilegalidade
iludir (-se)
imagem
imaginar
imbecilidade
imediatismo
iminência
imitar
imobilidade
imoral
imortalizar
impaciência
imparcialidade
impedir
impensável
impiedoso
implicar
implorar
impolidez
impor (-se)
importância
impossibilidade
imposto
impotência
imprecisão
impressão
impressionar (-se)
imprevisível
improvisar
imprudência
impunidade
inabilidade
inaceitável
inacreditável
inadequação
inalcançável
inativo
incapacidade
incerteza
incisivo
incitar
incluir
incomodar
incomparável
incompatibilidade
incompleto
incompreensível
incomum
inconseqüência
inconstância
inconveniência
incredulidade
indecisão
indelicadeza
independer
indeterminar
indicar
indireto
indisciplina
indiscrição
indistinto
inesperado
inexatidão
inexperiência
infância
inferioridade
inferno
inflexibilidade
influenciar (-se)
informalidade
informar
infortúnio
infundado
ingenuidade
ingratidão
início
inimizade
injustificável
inquietar (-se)
insatisfação
insegurança
insistir
insônia
inspirar (-se)
instinto
insuficiente
insuportável
integral
integrar
inteiro
intelectual
inteligência
intencionar
intensidade
interessante
interessar (-se)
interminável
intervir
intimidade
intolerância
intransigência
intrometer-se
introspecção
intuir
invadir
inveja
inverter
investir
involuntário
ir
ira
ironizar
irrelevante
irresponsabilidade
irritabilidade
irritar (-se)
isolar (-se)
Jesus
juízo
julgar
jurar
justiça
juventude
ladrão
lamentar
lavar-se

legalidade
lembrar
lentidão
ler
levantar
liberar
liberdade
liderar
ligar
limitar
limpar
literalidade
livrar (-se)
localizar
loiro
lucrar
ludibriar
lugar
luto
maçã
machucar (-se)
maciez
maçom
maconha
madrugada
magoar
magreza
maioria
maldade
mal-humor
mancar
maneira
manhã
mania
manifestar (-se)
manual
maquiar (-se)
mar
marca
marginalidade
massificar
masturbar (-se)
mau-caráter
mau-trato
medo
membro
memorizar
menstruação
mentir
mentira
merecer
meticulosidade
mimar
mínimo
misturar
mobilidade
moda
modelo
molhar
moral
morrer
mostrar (-se)
motivar
motivo
mudança
muito
mulher
multidão
nada
nadar
não-aceitar
não-acrescentar
não-agredir
não-colaborar
não-enfrentar
não-esclarecer
não-evidente
não-garantir
não-pagar
não-participar
não-perceber
não-prejudicar
não-realizar
não-usual
nariz
nasal
nascer
natural
náusea
neblina
necessitar
negro
neutralidade
ninguém
nitidez
nobreza
noite
normalidade
notoriedade
novidade
nublado
nudez
número
nunca
obedecer
obesidade
objetivar
obrigar (-se)
obscuro
observar
obsessão
obsoleto
obstáculo
obstruir
ociosidade
ocultar
ocupar (-se)
odiar
ódio
oferecer (-se)
ofertar
oficializar
olhar
olheiro
olho
ombro
omitir (-se)
ondular
opinar
opor-se
oportunidade
oportunismo
orçar
ordenar
orelha
órgãos sexuais
orgulhar-se
orgulho
origem
oscilar
ostentar
otimismo
ousar
ouvir
paciência
pacífico
pactuar
paixão
palavra
paralisar
parar
parceiro
parceria
parcialidade
parecer (-se)
paridade
parir
participar
particularizar



partilhar
partir
passado
passear
patentear
paz
pé
pecar
peculiar
pedir
pêlo
pênis
pensar
pequeno
perambular
perceber
perder (-se)
perfeição
perigo
permanecer
permitir
perna
perseguir
perseverar
persistir
personalidade
persuadir
pertencer
perturbar
pescador
pesquisar
pessimismo
pessoal
pessoalmente
piedade
pior
planejar
pobreza
poder
policial
polidez
ponderar
pontualidade
popularidade
portar (-se)
posicionar (-se)
postar-se
pouco
prazer
precisar
preço
preconceito
pré-estabelecer
preferir
preguiça
prejudicar
prender
pré-nupcial
preocupar (-se)
preparar (-se)
presenciar
presentear
preso
pressionar
presteza
prestígio
pretexto
prevenir (-se)
prever
primavera
primordial
principal
priorizar
prisão
privilegiar
processar
procurar
profissionalizar
progredir
projetar
prometer
promiscuidade
promover (-se)
pronto
proporcionar
prosseguir
prostituir-se
proteger (-se)
provar
provisório
provocar
proximidade
público
pureza
puxa-saco
qualidade
quantidade
quase
quebrar
questionar
raça
raiva
rapidez
raridade
razão
reagir
realidade
realizar
reaparecer
reatar
reavaliar
rebaixar
recepcionar
recomeçar
recompensar
reconciliar
reconhecer
recorrer
recriminar
recusar
redirecionar
reencontrar
refazer (-se)
referir-se
refinamento
refletir
refrescar
refugiar (-se)
região
regra
regrar
reincidir
rejeitar
relacionar (-se)
relembrar
relevante
relevar
religião
remorso
render-se
repetir
reprovar
reputação
reservar
resguardar-se
resistência
resistir
resolver
respeitar
respeito
responder
responsabilizar (-se)
ressaca
ressarcir
ressurgir
restringir
reter
retificar
retirar (-se)



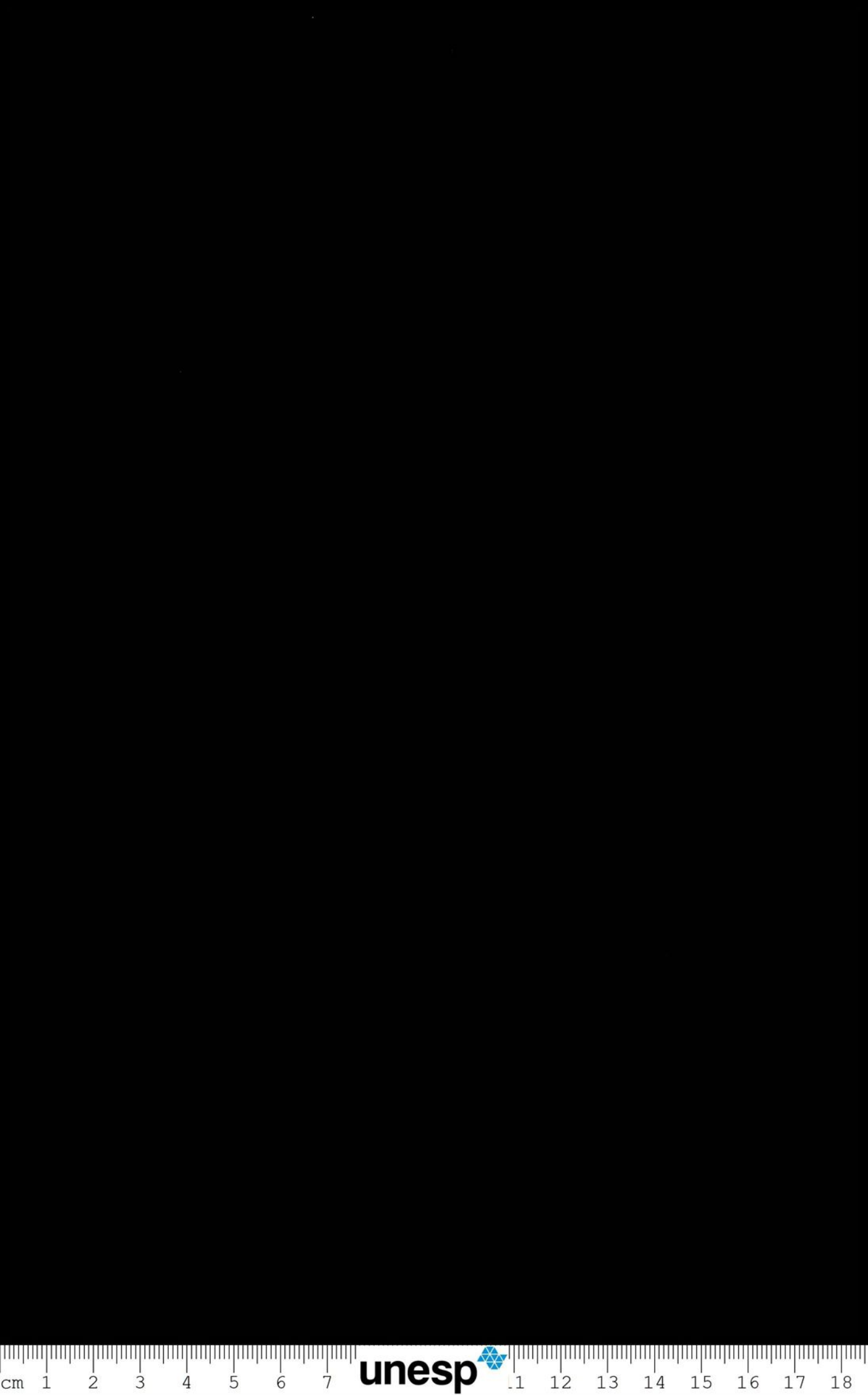
retornar
retribuir
retroceder
revelar (-se)
rever
reverenciar
revidar
revigorar (-se)
reviver
rezar
ridicularizar
rigidez
riqueza
rir
rivalizar
romantismo
roncar
rotina
rotular
roubar
ruborizar
ruim
ruivo
rural
saber
sabor
saída
sair
salário
salvar (-se)
sanidade
sapato
satisfazer (-se)
saúde
sede
segredo
seguir
segurança
segurar
seio
selecionar
semelhança
sempre
sensatez
sensibilizar (-se)
sentir (-se)
seriedade
sexo
sigilo
silenciar
simpatizar (-se)
simplicidade
simultâneo
sinalizar
sintonizar
soberba
sociedade
socorrer
sofisticação
sofrer
solicitude
solidariedade
solidarizar-se
solteiro
solucionar
sorrir
sorte
sovinice
sozinho
suar
subestimar
subitamente
subjulgar
submeter (-se)
subornar
sucesso
suficiente
sujar
superar
superestimar
superficialidade
supervalorizar
suporte
suposição
surdez
surpreender (-se)
sustentar
sutileza
tarde
táxi
teimosia
telefonar
tempo
tendência
ternura
testar
timidez
tocar
totalidade
trabalhar
trabalho
trafegar
trair
tranqüilidade
treinar
tristeza
tudo
único
unir
urinar
usual
utilizar
vagina
vaidade
valentia
valioso
valor
vangloriar (-se)
vanguarda
vantagem
velho
velocidade
vencer
vender (-se)
vento
Vênus
verão
verdade
vergonha
vermelho
versão
versatilidade
vestido
vestir (-se)
viagem
viajar
vício
viés
vigiar
vingar (-se)
vinho
violência
virgindade
visibilidade
visionar
visível
vítima
vitória
vivência
viver
voltar
volume
voluntário
volúvel
vomitar
vontade
votar
voz
vulnerabilidade

ABSTRACT

This work was designed to contribute with the phraseologic studies by presenting a model for Brazilian Portuguese idiom dictionary from an onomasiologic view, because there are already lexicographic works on the market dealing with idioms in a semasiological way which enumerate as many idioms as possible, as they are so abundant in oral and written language. It is extremely important to display the analogous or synonymy relations between the idioms which belong to the same fields. We thus decided to select the twenty most productive concepts in Portuguese from a phraseological view. These concepts, which were dichotomicaly gathered, are: 1. love / hate; 2. beauty / ugliness; 3. trust / betrayal; 4. knowledge / ignorance; 5. courage / fear; 6. happiness / misfortune; 7. speed / slowness; 8. wealth / poverty; 9. serenity / aggressiveness; 10. success / failure. We were able to verify that, although many idioms subsumed under the same concept are basically synonyms, their use is governed by the nuances that distinguish them. This fact was demonstrated by corresponding usage found in electronic sources, in order to clarify the information included in de definition for each idiom, and, in this way, to legitimate it

KEY-WORDS: lexicology, phraseology, idioms, onomasiology

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18


cm 1 2 3 4 5 6 7
unesp
11 12 13 14 15 16 17 18